



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FRANCIS DEON KICH

“COMO FAZER SEXO COM HOMENS TRANS”: arquivamento sobre práticas e materialidades em narrativas de *youtubers*

Recife

2020

FRANCIS DEON KICH

“COMO FAZER SEXO COM HOMENS TRANS”: arquivamento sobre práticas e materialidades em narrativas de *youtubers*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Leila Fontes Vieira.

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

K46c Kich, Francis Deon.
“Como fazer sexo com homens trans” : arquivamento sobre práticas e materialidades em narrativas de *youtubers* / Francis Deon Kich. – 2020.
202 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Leila Fontes Vieira.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2020.
Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Sexo. 3. Transexualidade. 4. Homens trans. 5. Comportamento sexual. I. Vieira, Luciana Leila Fontes (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-215)

FRANCIS DEON KICH

“COMO FAZER SEXO COM HOMENS TRANS”: arquivamento sobre práticas e materialidades em narrativas de *youtubers*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Aprovada em: 23/03/2020

BANCA EXAMINADORA

Participação via Videoconferência

Profa. Dra. Luciana Leila Fontes Vieira (Orientadora/Presidente)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Profa. Dra. Paula Sandrine Machado (Examinadora externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Participação via Videoconferência

Profa. Dra. Dinamara Garcia Feldens (Examinadora externa)
Universidade Federal de Sergipe

Participação via Videoconferência

Profa. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Profa. Dra. Marion Teodósio de Quadros (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

OBSERVAÇÃO: A defesa em epígrafe foi realizada integralmente, por videoconferência, envolvendo a Banca Examinadora e o(a) discente, através de recursos de videoconferência, que possibilitaram realizar a discussão acadêmica sobre o objeto de estudo, com som e imagem. A defesa assim ocorreu, em virtude da suspensão das atividades acadêmicas presenciais, adotada pelo Consórcio Pernambuco Universitatis e os Institutos Federais do Estado de Pernambuco, por período indeterminado (UPE, UFPE, UFRPE, IFPE, IFR Sertão, UNICAP e UNIVASF), considerando a pandemia do novo Coronavírus (COVID-19).

À minha mãezinha, Dona Agila Dorotêa Deon Kich, com quem aprendi a ver além das aparências.

AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de agradecer aos afetos que me acompanharam durante esses quatro anos de trabalho. Os primeiros responsáveis pela minha formação, mãe e pai que incondicionalmente me apoiaram em todos momentos de necessidades e apostaram em minha formação como modo de ser uma pessoa melhor no mundo, para o mundo e para mim. Agradeço aos dois por me nutrirem do amor necessário para entender a vida. Jalu pelos conselhos profissionais e acadêmicos. Lari pelo cuidado que teve com meu corpo e com minha alma. Douglas por me ensinar a ser um irmão melhor.

Agradeço aos meus amigos de Aracaju, todos com um lugar especial no meu coração. André meu grande amigo que mesmo à distância preservou o vínculo de amizade fundamental nesse processo. Agradeço à Dani também pelo carinho, amizade e vínculo construído antes de sair de Aracaju, pelo cuidado com meu apartamento e outros processos. Agradeço à Luiza e ao Márcio pela amizade e apoio nos processos de transição. Ao Elder Magno que sempre me incentivou a assumir minha identidade psicólogo/sexólogo/pornográfico e eu acrescento pornológico agora. Ao Duda, por ajudar nas reflexões sobre meu projeto de tese. Ao Gil, companheiro e amigo que deu apoio fundamental para entrar no doutorado no ano de 2016.

Agradeço a parceria de Luciana Vieira, orientadora que, para além da atividade de orientação, virou parceira intelectual e grande amiga. Apoiou minha mudança de tema e sempre me incentivou no universo acadêmico, profissional, político, afetivo. Pessoa com estofo teórico, domínio epistemológico e perspicácia didático-pedagógica para com o processo de orientação. Profissional que contribuiu diretamente na construção de políticas públicas para a população LGBTQI+ expressas pelo credenciamento do espaço Trans do Hospital das Clínicas da UFPE e da Diretoria LGBT da UFPE. Aproveitando o ensejo, agradeço a Madalena, companheira de Lu, que também se tornou amiga querida para a qual nutro profundo afeto. Agradeço à Lu pela compreensão, escuta, orientação e por me ensinar o ofício da pesquisa. Agradeço à Fatima Lima, por ter me apresentado a Luciana.

Ao meu amigo recifense Társio Benício que me brindou com seu vídeo sem saber que eu estava utilizando essa metodologia. A Luca Scarpelli, Gabriel Viana, Kaito Felipe, Bruno Alves e Thiago Peniche, pela coragem que tiveram em abordar uma temática que gera tanto debate, de uma forma positiva ou não. Sem o trabalho de vocês não teria realizado essa tese e principais sujeitos que endossaram minhas convicções sobre a necessidade de debater essa temática. Ao Eric pelo diálogo profundo que tivemos nos pátios da UFRGS e que ajudou a

direcionar o modo de pensar essa tese direto. À Sofia Favero que contribuiu com questões importantes no meu texto.

Ao Leo Tenório, grande amigo que fiz em Recife, pelo início de toda a conversa sobre o tema e que me levou a ampliar o conceito de sujeito sexual. Ao meu meio irmão Noah, que corajosamente tem se engajado na batalha ontológica de se afirmar em uma cidade de interior do RS. Adriana Lohana, que trouxe a vivência trans para dentro do meu cotidiano. Fernando Valeriano, querido amigo com quem, mesmo à distância, pude dialogar muito sobre meu trabalho. Matheo Bernardino, parceiro de profissão e colega de troca intelectual à distância por zap que vem estudando o mesmo objeto desta tese.

Minhas colegas de orientação Giovana Meimberg, Dani Rabelo e Sâmela Araújo. Todas se transformaram em parceiras profissionais e amigas. Dani minha chefinha do coração, Gio minha parceira de restaurante universitário, trabalho no Hospital das Clínicas da UFPE e de cerveja, Sâmela, mesmo distante, uma parceira de trabalho. Meu agradecimento para as três.

Ao corpo docente do PPGPSI, professores que engrandeceram essa tese no curso de sua construção durante as disciplinas. Ao João e Werik pelo profissionalismo, disponibilidade em resolver nossas pendências sempre presentes nas demandas que levávamos. Aos colegas de aula do doutorado e do mestrado que contribuíram sempre para o desenvolvimento das discussões aqui presentes.

Nati Mafalda, amor que construí entre maternagens e “tapas na cara”, de quem recebi amor, carinho, franquezas (mesmo quando doía) e cuidado em momentos de fragilidade subjetiva, física, financeira e teórica. Adelle e Raissa, minhas amadas e queridas amigas, não pudemos estar muito tempo juntas, mas os momentos em que estivemos foram de grande intensidade. Flávio, amizade cuidadosa sempre presente para ajudar em todos os momentos que houve necessidade, sem medir esforços, assim como Cícera pelo cuidado que tiveram com Petit. Debora pela doçura, amizade e defesa em momentos de conflitos. Agradeço ao Rodolfo, feliz encontro que tive em Recife, pelo carinho e afeto dado durante essa jornada.

Mari, Greg e Be, obrigado pelo carinho que generosamente me deram assim em momentos que precisei me sentir em família, vocês me deram isso. Mariana sempre presente em momentos em que estive doente, não foi apenas uma colega, mas uma mãe que me cuidou com o carinho de uma cuidadora. Thereza, que mesmo não me conhecendo se dispôs em me ajudar em um momento de necessidade.

Laerte, grande irmão, homem guerreiro e colega de pós-graduação que tive a honra de dividir não apenas o apartamento, mas a vida, as angústias, as alegrias. Uma das amizades mais preciosas que pude fazer nas andanças pelo Nordeste.

Minhas três amigas do grupo Dildotopia: Inauã, Jandira e Priscila. Inauã, irmã que encontrei em Lajeado e que quase não tenho palavras para expressar a importância que tem na minha vida. Sua amizade, seu afeto e parceria intelectual fizeram de você uma das pessoas mais importantes nesse processo de escrita. Minha gratidão não se coloca em texto. Jandiro, amiga e companheira por me confiar o prefácio de seu livro o que celebrou uma parceria intelectual e política que vem crescendo e ajudando a me desconstruir como sujeito cisgênero. Amigo que sinto muito orgulho de estar próximo. Priscila, amiga e profissional que me acolheu em sua rede afetiva e profissional, fazendo-me acreditar no potencial que tenho, transformou-se em uma referência/espelho de dedicação à docência para mim.

Luti, Tiago e Theo, amizade sincera que tive a oportunidade de reencontrar depois de anos de formado e que me acolheram durante o período do sanduíche em Porto Alegre, não apenas pela estadia, mas pelas trocas intelectuais e debates que ajudaram a construir essa tese.

Ao grupo do NUPSEX, pela oportunidade que tive de expor minhas ideias, especificamente a troca que pude realizar com Raquel e Helen. Agradeço a minha orientadora da mobilidade na UFRGS, Paula Sandrine Machado pelo acolhimento, cuidado, atenção, sugestões de direcionamentos que foram fundamentais para o andar da tese. Agradeço também a Henrique Nardi pelas contribuições realizadas nos encontros junto à Paula, assim como Carol Reis pelo aceite na disciplina como docente.

Aos componentes da minha banca de qualificação, ao querido professor Luiz Felipe Rios que infelizmente não pode participar da segunda parte da defesa, mas que teve preciosas contribuições para a condução da tese. Professora Tatiana Lionço que também fez apontamentos importantes para a elaboração do trabalho final. Aos professores Vivian Matias dos Santos, Marion Teodósio de Quadros e Cristina Amazonas que gentilmente aceitaram participar da segunda fase de avaliação desta tese. Professora Jaileila, grande inspiração intelectual, de pesquisadora, de docente que se transformou em grande amiga nesse processo. Elegante, phinah, bonita e inspiradora como sempre. Karlinha, profe querida que esteve sempre junto em momentos de luta, para além dos muros acadêmicos.

Jurema Brites, minha amiga de longa data, orientadora de pesquisa na época da graduação. Meu profundo agradecimento pelas inquietações teóricas que incutiu na minha vida. Elas estão presentes até hoje no meu fazer intelectual e se refletem nesta tese.

Coletivo Vale Diferença de afirmação LGBTQIA+ que tive a oportunidade de participar da criação na minha querida cidade de Lajeado, feliz notícia que tive a oportunidade de me agregar, fato que me fez acreditar que é possível sonhar com uma sociedade com menos homofobia, mais democrática e que essas questões podem ser realizadas em espaços como no interior brasileiro. Também agradeço o acolhimento no coletivo Rli/POA especialmente para Roselita, Marquinhos, Taline e Marlene, pessoas que tem ajudado a consolidar minhas convicções no que concerne a me afirmar como sujeito político, afetivo e sexual não mono. Sanga Lajeado CEEB liderado pelo Bruno, sempre acolhedor e que me ajudou em momentos de tensão.

Ax bunitax Dênis (Denoka) e Paulo (Paulete). Pela amizade, apoio e lealdade ética que tiveram comigo em momentos de necessidade. Carinho, alegria e gargalhadas dadas juntas após momentos de ressaca marítima. Paulete, minha assídua assessora de TI. Denoka, minha confidente sempre presente em momentos de solidão. Amo voceix.

Pela generosidade de trocas realizadas junto aos componentes do grupo CEM/CNPq/Univates, especificamente na figura da amiga Fabiane Olegário, pela troca e discussão sobre arquivo assim como Angélica Vier Munhoz.

Ao grupo de amigos do coração Lageagito composto por Mariana, Liara, Shana, Ramon, Dani, Helen, que novamente me acolheram em Lajeado e que sempre me deram força nesse processo. Meu agradecimento especial à Tuti pelo cuidado, carinho, presença, campings, parceria, gordices e cachaças me apresentando meu novo amigo Rodrigo.

Ao Nono pela parceria na leitura cuidadosa e cuidado editorial com meu trabalho, amigo que reencontro também ao final da tese e (re)consolidação de uma amizade. A Sylvie e Anja, grandes amigas que generosamente traduziram de forma primorosa os resumos da minha tese.

Agradeço de coração à Maris e Cris, pela amizade boemia onde sempre discutíamos sobre nossas questões de vida, inquietações teóricas e políticas. Às gurias da biblioteca do Centro Cultura da Univates sempre atentas, sorridentes e prestativas com minhas necessidades.

Ao Régis que chegou no final de um processo para me ajudar a fechar essa fase e iniciar uma outra de muita felicidade com ele. Chegou para dar brilho à minha tese debatendo teoricamente, sugerindo possibilidades de discussões, contribuindo na criação do layout das figuras e formatação do trabalho, dando potência, deixando-me seguro em momentos de insegurança. Por encher meu coração de alegria e amor, muito obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender a sexualidade dos homens trans através da análise de seis vídeos do *YouTube* sobre como fazer sexo com eles. Para tanto, investigamos as contribuições contemporâneas que permitem a subversão de concepções naturalizadas sobre corpo e sexualidade; interrogamos se as narrativas dos homens trans subvertem a sexopolítica desconstruindo verdades estabelecidas sobre corpo, sexualidade, prática sexual e desejo; analisamos as estratégias que possibilitam suas práticas sexuais, assim como delineamos o lugar ocupado pelas materialidades na cena sexual. O método utilizado situa-se numa perspectiva qualitativa, de inspiração arquivística. As falas foram transcritas e foram realizadas capturas de *frames* a partir das quais se realizou uma análise discursiva. A cisnormatividade compulsória é interrogada enquanto modelo de regulação da sexualidade dos homens trans. Disforia, sentidos sobre corpo sexuado e uso de materiais próstéticos constroem uma paisagem sexual que compõe a vida erótica dos homens trans. Constatou-se que há um empenho na superação ontológica da cisheteronormatividade compulsória por meio da afirmação de um sujeito sexual e por uma releitura do corpo sexuado. As materialidades entram como constitutivas do corpo, da cena e da paisagem sexual borrando as fronteiras dos binômios natureza-cultura; homem-máquina; atividade-passividade. Por fim, concluiu-se que as práticas sexuais dos homens trans analisadas desvelam a naturalização do carácter ficcional da cisheteronormatividade como referência para se pensar a sexualidade humana.

Palavras-chave: Sexo com homens trans. Corpo sexuado. Contrassexualidade.

ABSTRACT

The present research is aimed at understanding the sexuality of transsexual men through an analysis of six videos available at YouTube about how to have sex with them. For this purpose, we investigated the contemporary contributions, which allow the subversion of the naturalized conceptions about body and sexuality; we interrogated, if the narratives of transsexual men subvert sex politics by deconstructing established truths about body, sexuality, sexual practice and desire; we analysed the strategies, which enable their sexual practices, and we outlined the site occupied by materialities in the sexual scene. The method was applied from a qualitative and archival-inspired perspective. The statements were transcribed, which was realized in form of *frames*, from which was done the discursive analysis. Compulsory cis-normativity is questioned as a model for regulation of the sexuality of transsexual men. Dysphoria, senses about the sexed body and the use of prosthetic materials build a sexual landscape that makes up the erotic life of transsexual men. It was found that there is a commitment in overcoming the ontological compulsory cis- heteronormativity through the affirmation of a sexual subject and through a rereading of the sexed body. The materialities are involved like a constitutive of the body, the scene and the sexual landscape, blurring the boundaries of the binomials nature-culture; man-machine; activity-passivity. Finally, it could be concluded that the sexual practices of the analysed transsexual men reveal the naturalization of the fictional character of the cis-heteronormativity, as a reference for thinking about human sexuality.

Keywords: Sex with transsexual men. Sexed body. Contrassexuality.

RESUMÉ

Cette étude a cherché à comprendre la sexualité des hommes trans à travers l'analyse de six Vidéos YouTube sur la façon d'avoir des rapports sexuels. À cette fin, nous avons enquêté sur les contributions qui permettent la subversion des conceptions naturalisées sur le corps et la sexualité ; nous nous demandons si les récits des hommes trans subvertissent la sexopolitique en détruisant les vérités établies sur le corps, la sexualité, les pratiques sexuelles et le désir ; nous analysons les stratégies qui rendent leurs pratiques sexuelles possibles, ainsi que la place occupée par les matérialités de la scène de sexe. Par conséquent, nous étudions les contributions qui permettent la subversion des conceptions naturalisées sur le corps et la sexualité; nous nous demandons si les récits des hommes trans subvertissent la politique sexuelle en déconstruisant les vérités établies sur le corps, la sexualité, la pratique sexuelle et le désir; nous analysons les stratégies qui rendent possible leurs pratiques sexuelles, ainsi que nous délimitons le lieu occupé par des matérialités dans la scène sexuelle. La méthode utilisée se situe dans une perspective qualitative, d'inspiration archivistique. Les discours ont été transcrits et des images ont été capturées à partir desquelles une analyse discursive a été effectuée. La cisnormativité obligatoire est questionnée comme modèle de régulation de la sexualité des hommes trans. La dysphorie, les sens sur le corps sexuel et l'utilisation de matériaux prothétiques construisent un paysage sexuel qui compose la vie érotique des hommes trans. . Il a été constaté qu'il existe un engagement en faveur du dépassement ontologique de la cis-hétéronormativité obligatoire par l'affirmation d'un sujet sexuel et par une relecture du corps sexué. Les matérialités entrent comme constitutives du corps, de la scène et du paysage sexuel, brouillant les frontières des binômes nature-culture ; homme-machine ; activité-passivité. Enfin, il a été conclu que les pratiques sexuelles des hommes trans analysés révèlent la naturalisation du caractère fictif de la cis-hétéronormativité comme référence pour la réflexion sur la sexualité humaine.

Mots-clés: Sexe avec des hommes trans. Corps sexué. Contrassexualité.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 – Bruno Alves, 82
- Imagem 2 – Gabriel Viana, 83
- Imagem 3 – Kaito Felipe, 85
- Imagem 4 – Luca Scarpelli, 87
- Imagem 5 – Társio Benício, 89
- Imagem 6 – Tiago Peniche, 91
- Imagem 7 – Captura de frame 1: Thiago Peniche, 116
- Imagem 8 – Captura de frame 2: Thiago Peniche, 118
- Imagem 9 – Sequência de captura de frame – vulva, 126
- Imagem 10 – Társio Benício fala sobre crescimento do clitóris, 127
- Imagem 11 – Bruno Alves fala sobre crescimento do clitóris, 128
- Imagem 12 – Thiago Peniche fala sobre sua orientação sexual, 141
- Imagem 13 – Dildos e brinquedinhos de Kaito, 150
- Imagem 14 – Dildo 1 de Kaito, 151
- Imagem 15 – Dildo 2 de Kaito, 153
- Imagem 16 – Dildo 3 e cinta de Kaito, 155
- Imagem 17 – Prótese de Gabriel, 157
- Imagem 18 – Bases de contato periginecomorfa, 159
- Imagem 19 – Base de acoplamento em sulco, 161
- Imagem 20 – Múltiplas materialidades de Kaito, 162
- Imagem 21 – Foto sobreposta ao vídeo de Thiago, 165
- Imagem 22 – Gabriel apresentando o Packer, 166
- Imagem 23 – Funções do Packer, 169
- Imagem 24 – Estrutura do Packer, 170
- Imagem 25 – Base do Packer, 171
- Imagem 26 – Os outros sentidos de uma cinta, 176
- Imagem 27 – Os outros sentidos de uma cinta II, 177
- Imagem 28 – Cueca e tecnologia, 178
- Imagem 29 – Binder e disforia, 182

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Vídeos sobre sexualidade dos homens trans, 79
- Quadro 2 – Caracterização social dos Homens Trans Youtubers, 92
- Quadro 3 – Caracteres corporais dos Homens Trans Youtubers, 93
- Quadro 4 – Materialidades corporais orgânicas enunciadas, 97
- Quadro 5 – Materialidades corporais externas não orgânicas enunciadas, 98
- Quadro 6 – Materialidades figurativas enunciadas, 99
- Quadro 7 – Similitudes materiais clitóris-pênis, 129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Materialidades de alçagem
CID	Classificação Internacional das Doenças
CF	Captura de <i>frame</i>
CENO	Materialidades corporais externas não orgânicas
CORG	Materialidades corporais orgânicas
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
F	Materialidades faladas
FIG	Materialidades figurativas
HO	Materialidades que homologizam o pênis
IC	Materialidades integradas ao corpo
M	Materialidades demonstradas
MI	Materialidades que mimetizam o pênis
MO	Materialidades móveis
PDP	Materialidade que planificam a região dorso-peitoral
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	CAMPO EPISTEMOLÓGICO	26
2.1	Posicionamento epistemológico	26
2.2	Aspectos históricos sobre a sexualidade	28
2.3	Sobre o corpo sexuado	30
2.4	Sobre uma teoria do corpo	36
2.5	Corporeidade contrassexual: contribuições de Beatriz/Paul Preciado	38
2.6	Desgenitalizar: do dildo ao <i>packer</i>	40
2.7	Sexo/gênero como tecnologias	45
2.8	Estudos Trans e Transmasculinidades	49
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	66
3.1	Natureza e sujeito da pesquisa	68
3.2	(Contra) Procedimentos de análise: arquivamento e arquivização	70
3.3	O Arquivo “Como fazer sexo com homens trans” no <i>YouTube</i>	71
3.4	Ferramentas digitais ou sobre <i>packerar</i> os vídeos	75
3.5	Visualização do material (arquivo faz)	78
3.6	Análise das transcrições	78
3.7	A entrada nos arquivos	79
3.7.1	<i>Bruno Alves</i>	80
3.7.2	<i>Gabriel Viana</i>	82
3.7.3	<i>Kaito Felipe</i>	84
3.7.4	<i>Luca Scarpelli</i>	86
3.7.5	<i>Társio Benício</i>	88
3.7.6	<i>Tiago Peniche</i>	90
3.8	Panorama de arquivamento	92
4	DAS PRÁTICAS SEXUAIS DE HOMENS TRANS	100
4.1	O lugar da disforia na cena sexual	101
4.2	Reinventando corpos	113
4.3	Orientação sexual e posições sexuais: um convite à desconstrução	135
5	AS MATERIALIDADES NÃO ORGÂNICAS NA CENA SEXUAL DOS HOMENS TRANS	147

5.1	Dildos e brinquedinhos.....	149
5.2	<i>Packer</i>.....	164
5.3	Cuecas e cintas (<i>strapon</i>)	174
5.4	<i>Binders</i> e Camisetas	181
6	IMPRESSÕES (E) AFETIVAS: SOBRE CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
	<u>REFERÊNCIAS</u>	192

1 INTRODUÇÃO

Um homem com um corpo másculo, músculos hipertrofiados, bigode grosso acompanhado de uma barba ruiva e disforme. Sua pele é branca, “riscada” com várias tatuagens de cor esverdeada que valorizam seu peitoral desenvolvido, seus braços são grossos, abdômen trincado e pernas definidas, trapézio largo, veias saltam sobre as mãos e o pescoço, ele é um homem careca e usa jeans e couro. Encontramos na internet algumas fotos suas segurando um charuto em meio aos dentes, pálpebras levemente rebaixadas com olhar de sedução em meio a outros homens e mulheres. Ele faz filmes pornográficos e essas imagens são de Buck Angel, a primeira referência de corpo masculino trans que lembro de ter visto e que me chamou a atenção pelo acentuado componente erótico.

O menino trans nasceu em 1972, no estado da Califórnia/EUA, e ficou conhecido internacionalmente pelo trabalho artístico visual articulado com ativismo trans, em 2005, já adulto. Utilizando o próprio corpo, o trabalho do ator e produtor pornô provocam reflexões a respeito das normas de gênero e sexualidade ao mostrar outra forma de uso dos prazeres que subvertem a lógica das práticas sexuais cisheteronormativas. No contexto da militância transmasculina, ele utiliza com frequência sua célebre frase: “Minha vagina é poderosa”, que funciona como uma provocação ao sistema falocêntrico de supervalorização do pênis. Nos filmes de Angel, podemos assistir a uma diversidade de práticas que deslocam e tencionam os “papéis sexuais”, em que todos/as envolvidos/as penetram e são penetrados por Angel, utilizando vários recursos materiais, além do mais explorado: o próprio corpo.

Essa imagem de Buck Angel provocou as minhas reflexões sobre como a presença de uma subversão das práticas sexuais permite articular, ou desarticular, lógicas baseadas em normatizações de orientação sexual e identidade de gênero. Por fim, ela amplia as possibilidades de uso dos prazeres sexuais que podem ser pensados como “reverso das formações institucionais da sexualidade” (MORLAND, 2013, p. 9) para além de uma genitalização. Por meio da indústria pornográfica, Buck Angel parece ter alavancado um novo debate sobre a masculinidade trans, sem dispensar um caráter estruturante do lugar do corpo nesse processo dentro de uma reflexão sobre práticas eróticas. O dildo poderia comparecer como espécie de prótese na construção corporal tecnológica, mas também um homem com vagina. Este caso por si só não seria suficiente para dizermos que o corpo trans não confirma o

falocentrismo. Mas pode ser que aquilo que mais desestabiliza essa questão esteja na reivindicação de um homem com vagina de ser reconhecido como homem.

No espaço da internet brasileira podemos encontrar uma publicação de Leonardo Tenório, homem transexual que desenvolve um manual intitulado “Como chupar um homem trans”. Entendo que isto tem uma dimensão política que não pode deixar de demonstrar o seu caráter. A dimensão política afirma o gozo do homem trans. Mas é importante pensar que há a dimensão da objetificação. Frente a essas problemáticas, como olhar para uma realidade que não tem volta? Se trata de uma realidade que não tem retorno pelo simples fato de que surge, assim como surge um sujeito político, surge um sujeito sexual no âmbito das redes sociais e na internet.

O meu¹ interesse por questões sobre a transexualidade teve início quando cheguei ao nordeste brasileiro, especificamente à capital sergipana Aracaju. Lá, tive a oportunidade de conhecer a professora Dra. Fatima Lima (UFRJ) que me apresentou as discussões acerca do assunto. Esse interesse despertado me levou ao mestrado sobre socialização de mulheres transexuais. Desde então, a temática passou a estar mais presente no meu cotidiano e se ampliou para um projeto de seleção de doutorado sobre despatologização das transidentidades. Como os desejos se deslocam, durante o curso de doutorado acabei por dar outro rumo à discussão do tema. Eu tive um grande desejo de trabalhar com questões sobre práticas sexuais e, acessando conteúdos sobre o universo trans, uma em particular me instigou no momento em que me deparei com vídeos eróticos de homens transexuais. Pude observar o deslocamento do meu próprio desejo por corpos trans ou, como ensina Vergueiro (2015), inconformes², questão essa que me provocou algumas inquietações. Desta constatação, redesenhei minha tese de doutorado no âmbito das discussões sobre as práticas eróticas, corpo erótico e prazer sexual.

Com minha inserção neste campo de discussão, venho aprendendo a problematizar o fato de ser um homem cisgênero e pensar a implicação disso em meu trabalho. Uma das coisas que aprendi foi que minha performatividade me coloca em uma posição de privilégio em relação aos homens trans. Meus marcadores sociais de diferença estão dentro de um padrão que me

¹ As leitoras/leitores do trabalho notarão meu posicionamento em primeira pessoa do singular em diversas passagens. Foi um modo que encontrei, sem a intenção de ferir regimentos acadêmicos, para deixar claro que, embora a produção do conhecimento seja feita através da conjunção de ideias de autores consagrados, aqui eu assumo a responsabilidade pelo meu modo de interpretar o tema da pesquisa. Mesmo quando as frases não são construídas em primeira pessoa do singular ou com alguma impressão de impessoalidade, eu assumo todos os riscos e... potencialidades!

² Ao longo do seu trabalho, Viviane Vergueiro (2015) utiliza o termo gêneros e corpos “inconformes” para distinguir pessoas cisgêneras e transgêneras. Penso que a autora usa esse termo para realizar uma diferenciação didática, uma vez que reconhece que todos os corpos e gêneros fazem parte de um sistema de normas produzidas culturalmente. Posto isto, tomo de empréstimo esse uso do termo.

confere inúmeros privilégios: minha cor, minha classe social e também o fato de nem sempre performar o estereótipo da “bicha pintosa”. Esses atributos me distanciam das violências que acometem grupos como mulheres, homens transexuais, travestis, não binários e outros. Entretanto, o que me aproxima um pouco dos homens trans, penso, pode ser o fato de sermos pessoas que vivenciam masculinidades dissidentes: eu, por ser homem cis, *gay*; eles, por serem homens transexuais. Mas a principal aproximação está no fato de que somos atravessados pelas mesmas normativas sexopolíticas que subjetivam nossas masculinidades, o que atinge tanto homens transgêneros como cisgêneros, questão que está no contexto das discussões sobre a sexualidade humana.

Frente a isso, buscarei entender nesta tese a sexualidade como a articulação de elementos que assumem o caráter de um arranjo conceitual. Dessa forma, penso a sexualidade e, conseqüentemente, as práticas sexuais como efeitos de dispositivos de poder, saber e prazer (FOUCAULT, 2004) que produzem códigos que são internalizados (ROSE, 2011) e interpretados como algo que sempre estiveram presentes, dando a sensação de existência de uma essência (BUTLER, 2003).

O corpo sexuado é um espaço onde se experimentam os prazeres e no qual a experiência erótica acontece. Este corpo é efeito de um processo de se fazer ser, em que as materialidades do corpo são significadas (PRECIADO, 2011) tomando elementos não biológicos como prolongamentos próprios. Isso significa dizer que esse corpo está integrado ao seu entorno, de modo que as práticas eróticas expressam aspectos interpessoais, intrapessoais e sociais dos sujeitos (GAGNON, 2006).

Os estudos da transexualidade foram iniciados no campo médico-psiquiátrico e deram origem ao termo “transexualismo” em 1949. A inserção da palavra gênero no campo das ciências da saúde contribuiu para a patologização da transexualidade (BENTO, 2008; LIMA; CRUZ, 2016). No Brasil, o Conselho Federal de Medicina vem regulamentando as práticas cirúrgicas da transexualidade desde 1997 (NERY; COELHO; LOPEZ, 2016), embora a projeção midiática da transmasculinidade tenha aparecido no cenário nacional por meio dos livros de João Nery e de reportagens na mídia televisiva a partir de 1985.

Entre os anos 2005 e 2014, a transmasculinidade ganharia visibilidade social e política no país (ÁVILA, 2014; FREITAS, 2014). Seguindo a reflexão de Ávila (2014) cabe questionar: por que motivo não teria sido ela anteriormente estudada uma vez que estudos sobre as transexualidades e a travestilidade são realizados há quase 20 anos no Brasil? Uma pista nos é fornecida por Almeida (2012) ao problematizar que tal invisibilidade se deu por conta de uma

lógica social que pauta modos de sentir, pensar e agir baseados no que se entende por falocentrismo (conceito de que a masculinidade emana do pênis). Nesse sentido, Halberstam (2008) complementa que a masculinidade não é exclusividade dos homens, assim como não faz parte somente da cisgeneridade (FREITAS, 2014).

No Brasil, a interface entre os movimentos sociais de afirmação e setores acadêmicos favoreceu a emergência de novos sujeitos políticos como os homens trans. Com a ampliação da comunicação digital nos anos 1990 e 2000, eles começam a ter visibilidade no cenário nacional. Entretanto, como sujeitos sociais e políticos, aparecem somente em 2014 (ÁVILA, 2014), invisibilidade atrelada ao falocentrismo vigente (HALBERSTAM, 2012).

Atualmente, a transexperiência masculina se distancia da visão médica, de modo que estudos situam a masculinidade como algo não exclusivo de homens cisgêneros (ÁVILA, 2014). A transmasculinidade se apresenta de forma plural em diferentes grupos de indivíduos, não havendo apenas uma forma de experimentação desta performatividade (MONTEIRO, 2017). A disponibilização de hormônios distribuídos pelo Sistema Único de Saúde – SUS – já é uma realidade. A testosterona aparece nesse contexto como chave de acesso à masculinidade, uma vez que, com ela, é possível a alteração da voz, o crescimento de pelos e a redistribuição de gordura pelo corpo, o aparecimento de barba e o aumento da libido e da agressividade, ou seja, atributos tidos socialmente como masculinos e que conferem orgulho aos homens trans (ÁVILA, 2014; FREITAS, 2014). A hipertrofia muscular também funciona como uma estratégia de acesso à masculinidade, pois está associada à virilidade. Essas modificações podem levar ao modelo hegemônico que desperta desejo mesmo quando a passabilidade³ for quebrada (DUQUE, 2013).

Os principais trabalhos sobre transexualidade masculina (ÁVILA, 2014; CAMPBELL, 2017; FREITAS, 2014; MONTEIRO, 2017; NERY; MARANHÃO, 2013) confirmam a internet como importante campo de aprendizado na vida dos homens transexuais. Neste contexto, os *youtubers* desempenham um papel pedagógico que concerne socialização de experiências e abordagem de uma série de questões próprias de suas práticas sexuais. O *cyberespaço* se torna, desde então, um importante espaço pedagógico e de sociabilidade para este grupo, sendo, conseqüentemente, um profícuo campo de pesquisas acadêmicas (ÁVILA, 2014; FREITAS, 2014; MONTEIRO, 2017; NERY; MARANHÃO, 2013).

³ Como nos ensina Tiago Duque (2016), passabilidade corresponde a uma categoria êmica que trata da experiência, intencional ou não, de passar pelo outro sexo.

A revisão da literatura que realizei sobre transmasculinidades apontou três áreas de concentração da produção até o momento, sendo que mais de 50% das publicações encontradas dos trabalhos versam sobre processos identificatórios, seguida por 20% de publicações que se concentram na área da saúde (despatologização das identidades trans e hormônios). O terceiro grupo é composto de temáticas mais heterogêneas (30%) que versam sobre a transexualidade no âmbito da internet, do pseudo-hermafroditismo e das artes. Dentro deste grupo, há duas únicas teses de doutorado que versam sobre aspectos conjugais, orientação sexual e experiência erótica, sendo que a experiência erótica entra nesses trabalhos como subitem de uma discussão mais ampla.

Por mais que a vivência erótica e o erotismo sejam pautas bastante disseminadas em vários setores, quando falamos de estudos relacionados aos trans, grande parte dos trabalhos focam nas experiências de mulheres transexuais e travestis, de modo que o debate sobre transmasculinidades está predominantemente situado no âmbito da produção identitária, dos direitos humanos e da saúde. São discussões que possuem inegável valor para denunciar abusos e relações assimétricas de poder, mas que deixam de lado um aspecto de grande importância para a vida dos sujeitos: a vivência erótica na dimensão do corpo sexuado, o que, a meu ver, justifica a produção desta tese.

Se essas relações se articulam a partir de relações de poder, e poder e saber formam lados da mesma moeda (FOUCAULT, 2012), nos interessa pensar como que os homens trans desarticulam as formações cisheteronormativas nas relações que estabelecem com pessoas cisgêneras e, principalmente, com um modo de pensar cisgênero. Frente a uma normatividade que hierarquiza pessoa transexual e pessoa cissexual, negociações podem ser feitas para a desarticulação da norma e produção de outras alegrias, sensualidades (VERGUEIRO, 2015) e sexualidades.

No debate sobre transexualidade, insurgem timidamente algumas discussões sobre a relação entre corpo e prazer sexual, trazendo à baila a figura do homem trans como sujeito sexual e do erotismo. Se por um lado os estudos anteriores perpassaram um forte componente de denúncia sobre a objetificação dos corpos trans, por outro sugerem possibilidades de desconstrução dos modelos cisheteronormativos das práticas afetivosexuais. A grande procura por vídeos pornográficos de pessoas trans (MEDEIROS; PINHEIRO; MACEDO, 2018) demarca a existência de possibilidades de desejo fora do marco cisheteronormativo e pode evidenciar como as questões de sexualidade não se inserem apenas numa dinâmica de genitalização das relações.

Acredito que a genitalização também ganha força à medida que se polarizam transgeneridade e cisgeneridade. Não é incomum percebermos a existência de um imaginário que as separa e isso pode ter consequências nas práticas eróticas e no desejo. O termo cisgênero foi instituído pelos movimentos sociais transfeministas e transgêneros (BONASSI, 2017) com o objetivo de diferenciar pessoas que se identificam com o sexo/gênero atribuído ao nascimento daquelas que buscam modificações por meio de técnicas, próteses, performatividades e procedimentos legais.

Com relação às experiências eróticas dos homens trans, o corpo aparece como local de articulação de relações e princípios sociais (MONTEIRO, 2012). A presença da hipervalorização do corpo sarado e a desqualificação do oposto geram dificuldades afetivosexuais e insegurança (ÁVILA, 2014).

A confirmação da masculinidade do parceiro/a também se dá na relação sexual em que tocar/visualizar as genitálias é determinante para o reconhecimento identitário (BENTO, 2006). O uso dos sentidos funciona como estratégia para desvincular a sexualidade da genitalização, mesmo assim alguns objetos que entram na cena sexual podem também ser percebidos como ameaças que geram angústias, uma vez que quem os utiliza pode ser lido como deficiente ou diminuído quanto à sua virilidade – visão que reforça o poder patriarcal de beleza do homem *gay* cisgênero e compõe uma ditadura da masculinidade viril (PAMPLONA, 2017). A passabilidade (experiência intencional ou não de passar pelo sexo outro) é importante na construção do erotismo (DUQUE, 2016) e faz parte de uma batalha ontológica de luta social pela afirmação (LOMANDO, 2014) e representa um agradável momento de trégua (ALMEIDA, 2012). Existem diferenças geracionais e regionais quanto às possibilidades e restrições de uso dos papéis sexuais (FREITAS, 2014; BARBOSA, 2015), nomenclaturas de papéis e percepções sobre a origem da orientação sexual que diferem e geram tensões entre grupos de movimentos sociais LGBTQIA+ (CORDEIRO, 2016).

A única tese de doutorado dedicada inteiramente ao assunto foi a de Andressa de Freitas Ribeiro (2018). A pesquisadora problematizou a relação entre gênero e desejo, desenvolvendo a noção indicial (reconhecimento externo) e a sensitiva (autoconhecimento) do corpo e como elas se relacionam com os desconfortos. A autora discorre sobre o deslocamento das posições e o papel da vivência homossexual na validação da identidade transmasculina demonstrando a comunicabilidade entre sexo, gênero e desejo.

Acompanhando os resultados dessa e de outras pesquisas sobre vivências eróticas articuladas com valores e significados de ideal de masculinidade (DUQUE, 2013; ÁVILA,

2014; LOMANDO, 2014; RIBEIRO, 2018), meu estudo se propõe a evidenciá-los e discuti-los a partir de narrativas de *youtubers* transmasculinos sobre suas próprias experiências.

Estudos apontam que homens transexuais constroem sua masculinidade de várias formas, e os ciberespaços têm uma grande importância nesse processo. Este é locus de encontro entre pares, articulações políticas, desabafo sobre vivências de transfobia, aprendizado e acompanhamento de processos de modificações corporais, uso de testosterona, *binders*, *packers* e tudo o que envolve a vivência transmasculina (ÁVILA, 2014; FREITAS, 2014; MONTEIRO, 2017; MARANHÃO; NERY, 2015).

Considerando que as pesquisas sobre a transmasculinidade apontam para uma invisibilidade desses estudos (ÁVILA, 2014; ALMEIDA, 2012; FREITAS, 2014; HALBERSTAM, 2008), as questões relacionadas à sexualidade e às práticas eróticas dos homens transexuais são em menor medida encontradas. Tomando os estudos de Beatriz/Paul Preciado e de Judith Butler como ponto de partida teórico, busco compreender o que emerge do discurso de homens trans sobre suas práticas sexuais. Acredito que analisar tais narrativas permite não fazer uma tipificação das práticas sexuais dos homens trans, mas evidenciar o quanto a sexualidade humana se produz nas relações coletivas entre os sujeitos.

Trabalhar com uma população historicamente objetificada, de maneira que não haja uma espetacularização da sua experiência ao modo dos *freak shows*,⁴ é meu grande desafio, pois tal objetificação se converte em abjeção transformando pessoas em coisas a serem estudadas, problema que alcança inclusive a forma como os próprios pesquisadores têm abordado essa questão.

O contexto dos estudos sobre o prazer erótico pode contribuir para a espetacularização da experiência com forte componente transfóbico, caso não sejam conduzidos com cuidado. A essa preocupação se soma a de fazer com que esta tese não espelhe um trabalho de sexologia clássico, em referência a aportes dedicados aos discursos biomédicos. Tratar essa discussão de forma neutra, não política e descomprometida com os efeitos que narrativas e lugares de fala provocam no âmbito mais amplo e nos grupos estudados não é o propósito deste trabalho.

Esta pesquisa, acredito, contribui para a ampliação do debate no campo acadêmico (psicologia, educação e ciências sociais) dada a escassez de estudos sobre as vivências eróticas e práticas sexuais de homens trans no *YouTube* que demarquem a dimensão erótica do corpo e por ser uma narrativa que produz um conhecimento localizado e descolonial (VERGUEIRO,

⁴ Exposições de humanos ou animais que possuíam alguma anomalia, deformidades ou mutações genéticas causando a espetacularização do diferente.

2015) construído pelos seus maiores interessados, os próprios homens trans. Sua relevância se deve também ao fato de abordar aspectos positivos enquanto potência de vida e prática de liberdade.

A produção de prazer, gozo e orgasmo é componente da sexualidade humana atrelada às materialidades. Embora não seja uma questão exclusiva da psicologia, esta tese se propõe a ser uma fonte a mais de pesquisa para a compreensão das idiossincrasias de um grupo considerado minoria dentro de outras minorias. Nesse sentido, busquei a ampliação dos saberes sobre as práticas sexuais humanas por meio da transmasculinidade. Esse panorama me permite pensar sobre como esta tese pode contribuir com o debate sobre as questões sexuais dos homens trans para além das agruras cotidianas e enfatizar aquilo que produz felicidade, prazer e satisfação. Além disso, trata-se de mais um trabalho que versa sobretudo a respeito da sexualidade humana.

Deste modo, me interessa compreender como que homens transgêneros se constroem como sujeitos sexuais e eróticos e o que isso fala de suas práticas de produção de prazer sexual. Assim, me interrogo sobre o que esses homens transexuais estão falando, que discursos são produzidos e o que esses sujeitos podem nos ensinar em termos de práticas sexuais. Frente a uma cultura genital de valorização falocêntrica, como os homens transexuais agenciam seus corpos e masculinidades no contexto de negociações eróticas?

No capítulo um, ocupo-me em investigar as contribuições contemporâneas que possibilitam uma subversão das concepções naturalizadas sobre corpo e sexualidade. Para isso, apresento a perspectiva epistemológica adotada tomando como base as contribuições sobre sexualidade em Michel Foucault (2004; 2007; 2009; 2010) e as de corpo em Thomas Laqueur (2001). Com as contribuições de Beatriz/Paul Preciado (2002; 2014; 2011; 2017), penso a contrassexualidade. Ao final do capítulo, apresento os estudos sobre transmasculinidades e o que eles falam sobre as questões relacionadas às práticas sexuais e ao erotismo.

No capítulo dois, construo os procedimentos metodológicos que situam o trabalho dentro de uma perspectiva qualitativa. Analiso os vídeos do *YouTube* com a lente do conceito foucaultiano de arquivo (FOUCAULT, 2008). Para Foucault, o arquivo é e faz ao mesmo tempo. Assim, os vídeos sobre “como fazer sexo com homens trans” são materialidades que produzem corpos sexuais de homens trans disponíveis na rede. Também tomo como inspiração os processos de arquivamento e arquivização (AQUINO; VAL, 2018). Buscou-se entender o que os homens trans enunciam quanto às suas práticas sexuais e o lugar dado às materialidades na cena sexual, entendendo a internet como artefato cultural (SHAH, 2005) dentro do qual o

YouTube emerge como campo de estudos sobre a sexualidade dos homens trans. Cada vídeo foi analisado como obra intelectual. Foram realizadas transcrições e captura de *frames* para levantar os enunciados que constituem os discursos próprios dos homens trans sobre as suas sexualidades. Apenas vídeos em que os homens trans falam sobre como se faz sexo com homens trans foram selecionados, resultando um total de seis.

No capítulo três, são analisadas as estratégias que possibilitam as práticas sexuais dos homens trans. A compreensão sobre a disforia assume papel de fundamental importância para a realização, ou não, da cena sexual. Os sentidos sobre corpo sexuado, masculinidade, papéis sexuais e orientação sexual são problematizados quanto ao seu caráter cisheteronormativo. Os homens trans ensinam estratégias que contribuem para desconstruir sentidos de modo a reposicionar modelos e lugares relativos ao corpo sexuado.

No capítulo quatro, o lugar ocupado pelas materialidades não orgânicas na prática sexual dos homens trans *youtubers* é investigado. Uma classificação sobre essas materialidades foi realizada em termos de suas origens – corporal/não corporal; se mimetizam (*packers*) ou homologizam (demais dildos) o pênis; orgânicas e externas ao corpo – para isso, descrevi as características físicas e os usos das materialidades narradas por eles na cena sexual. Outras materialidades protéticas (camisetas, *binders*, cintas e cuecas) também acabam performando corpos sexuados de modo que os conceitos butlerianos de performatividade e o conceito precidiano de prótese se articulam para compor a cena sexual e o corpo sexuado dos homens trans. No decorrer do capítulo, são demonstradas como essas materialidades, além de performar corpo sexuado dos homens trans, deslocam ontologias corporais sustentadas por um modelo cisheteronormativo. Com as materialidades, os *youtubers* conseguem demarcar a fusão das fronteiras sobre binarismos relacionadas ao papel sexual (ativo/passivo, natural/artificial, corpo/prótese, natureza/cultura).

2 CAMPO EPISTEMOLÓGICO

Neste capítulo, apresento inicialmente a perspectiva epistemológica aqui adotada e, em seguida, através das obras de Michel Foucault (2007 [1984, 1985, 1988]; 2009; 2010; 2013) e Thomas Laqueur (2001) busco os elementos essenciais para uma construção possível de uma história da sexualidade que considera possibilidades diferentes dos modos de sentir, pensar e agir, delineando, assim, uma dimensão social e material da sexualidade. Posteriormente, utilizo as contribuições de Beatriz/Paul Preciado (2002; 2014; 2011; 2017) para trabalhar a contrassexualidade. Por fim, situo o campo de estudos da transexualidade e transmasculinidade e as questões sobre sexualidade e erotismo.

2.1 Posicionamento epistemológico

Eleger uma teoria ou metodologia é eleger uma visão localizada e parcial de um conhecimento situado (HARAWAY, 1995) que não pode ser separada do(a) pesquisador(a). Sendo assim, importa definir o sujeito social, seus marcadores sociais de diferença, suas necessidades e como ele situa suas implicações a ponto de entender qual é o lugar do pesquisador(a) para os próprios sujeitos da pesquisa (BRAH, 2006). Não falo de uma lógica de conhecimentos universais, identitárias, passíveis de controle e previsão, próprias de um pensamento binário, mas com fronteiras subjetivas e objetivas da experiência humana, pautadas por uma perspectiva interseccional (NOGUEIRA, 2011). Isso significa que, quando pertencas grupais distintas (gênero, sexualidade, classe, raça, etc.) se intersectam, resultam em padrões mais complexos de desigualdades, devendo ser apreciadas em uma rede mais complexa e reflexiva. Sendo assim, minha posição teórica acompanha as reflexões sobre sexo e gênero de autores como Donna Haraway, Judith Butler, Paul/Beatriz Preciado e Michel Foucault.

Piscitelli (2002) ao debater os pensamentos de Haraway (1991) e Butler (2003) ponderou que para Haraway (1991) os estudos feministas privilegiaram o caráter construído e histórico do gênero, deixando de lado o sexo e a natureza, mantendo a ideia de homem e mulher essencializada, característica do conhecimento ocidental. Ela aponta o esmaecimento dos limites entre o corpo natural e o corpo máquina como alternativa para quebrar as dicotomias que constituem o pensamento ocidental e as fronteiras entre a ideia de humano e animal, organismo e máquina, físico e não físico. Assim, o poder explicativo e político do gênero valeria se explicasse outras categorias. Butler (2003) desafia o caráter imutável do sexo com a pesquisa

genealógica para mostrar como ele também foi construído, assim como o gênero se constitui como aparelho de produção através do qual a natureza sexuada se estabelece como pré-discursiva. Ela entende gênero como estilização repetida do corpo que se constitui por atos realizados em um meio regulatório que, se preservado no tempo, dá a aparência de ser uma substância natural. Esta aparência reificada pela disciplinarização dos corpos produz a falsa estabilidade da heterossexualidade e a regulação a situa como marco da reprodução. Assim, atos e gestos produzem efeitos de substâncias, mas são performáticos e intencionais, ou seja, construções manufaturadas conservadas pelos signos corporais e outros meios, processos que constroem imagens sobre a noção de pessoa e que definem modos de sentir, pensar e agir.

Conforme Castro (2016), a experiência é vista para Foucault como uma correlação entre as dimensões da cultura, do saber, das normatividades e as subjetividades. O autor fala da prática ou *ethos* grego (CASTRO, 2016) enquanto uma “forma histórica de subjetivação” para a qual estão colocados três elementos: o jogo de verdade, que constitui o âmbito das práticas discursivas; as relações de poder, envolvendo os outros; e a ética, em relação a si próprio. Foucault pensa a experiência como *ethos* grego, modo voluntário de sentir, pensar e agir no processo de conduzir-se. A homogeneidade corresponde aos sentidos dos estudos das práticas que irão mapear o que e como se faz e os modos de racionalidades ou regularidades que organizam o fazer. A sistematicidade e o entrelaçamento das relações de saber, poder e ética são descritos como elementos da experiência e o caráter recorrente da generalidade, não como algo que atravessa a história, mas como recorrências, como configurações históricas singulares (CASTRO, 2016). O pensamento é um modo de ação que implica verdadeiro e falso, rechaço e aceitação de regras, relação consigo e com os outros.

Rose (2011) pensa a noção de sujeito a partir do conceito deleuziano de dobra ou prega, como aquilo que está dentro, dobradura do exterior, internalidade que não se reduz à interioridade, invaginação que incorpora sem totalizar, que internaliza sem pretensão de unificação do *self*: Não é representação de estado interno, é sim resposta a uma história de identificação.

Foucault (2008) fala do domínio da ética como constituição de si mesmo enquanto sujeito moral, compreendido pelos códigos de prescrição e pela moral da ética em que estão situados os modos de subjetivação. A liberdade está em livrar-se do tipo de individuação atrelada ao “Estado”. A escrita de si ganha lugar quando a pessoa (no caso deste estudo, a/o transexual) executa a sua própria regulação e controla o passo a passo da sua constituição/transformação corporal e subjetiva. “Escrever-se” é formar a ética e a estética da

existência a partir do que sabe o sujeito da sua própria experiência (aqui, sexual). Para localizar esse discurso no âmbito da ética, podemos defini-lo como prática de liberdade, uma vez que o comprometimento com a estética de si implica em saber quem são os adversários nesse jogo de poder. Uma escrita de si que não se enquadra nos objetivos de uma adequação, mas que fale de resistência e de como manter-se em uma posição de resistência, tal como agora propomos com o recurso discursivo.

2.2 Aspectos históricos sobre a sexualidade

A biopolítica deu-se na passagem do poder soberano para o poder de Estado, no século XVII, por meio da arte de governo, ou seja, pela estatização do biológico enquanto tomada de poder do homem como ser vivo. Para tanto, foram acionados mecanismos sutis que resultaram no aparecimento da população como problema político, científico e biológico.

[...] que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo, o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise de injunções o investiram (FOUCAULT, 2007 [1988], p. 33).

Os mecanismos da biopolítica situam-se no campo das previsões, estatísticas e medições globais, de modo que ela não está preocupada em abranger a disciplina, mas na regulamentação mais global (FOUCAULT, 2010), como os saberes sobre a sexualidade, cujo silenciamento nunca foi absoluto, que guardou uma determinada função da revelação.

A sexualidade no Ocidente não é o que se cala, não é o que se é obrigado a calar, mas é o que se é obrigado a revelar. [...] não é a censura que é o processo primário e fundamental. [...] se é verdade que, em certos períodos, o silêncio ou certas regiões de silêncio, ou certas modalidades de silêncio, foram de fato requeridos mesmo como a confissão era requerida, em compensação podemos perfeitamente encontrar épocas nas quais se acham justapostas tanto a obrigação da revelação estatutária, regulamentar, institucional da sexualidade, como uma enorme liberdade no nível de outras formas de enunciação da sexualidade (FOUCAULT, 2010, p. 144-145).

A exemplo, o problema da masturbação que perpassou as questões da arquitetura, das disposições dos lugares e das coisas, uma vigilância institucionalizada da caçada aos cantos escuros, especificamente em países católicos e protestantes, de modo que será “a própria masturbação, praticamente sem nenhum vínculo nem com os comportamentos normais da sexualidade nem mesmo com os comportamentos anormais, o principal motivo das degenerações dos homens” (FOUCAULT, 2010, p. 203).

O papel supletivo e condicional da anatomia patológica do fim do século XVIII identificava no corpo a causalidade lesional, deste modo a sexualidade explicou uma etiologia histórica com responsabilidade no próprio sujeito: “se você está doente, é porque quis; se seu corpo foi atingido, é porque você tocou” (FOUCAULT, 2010, p. 210). A evidência de que a criança se masturba incita a necessidade de vigiá-la, bem como a retirada dos intermediários (cuidadores, amas, agregados) que figuravam como ameaça. Uma aplicação direta do corpo dos pais sobre o corpo dos filhos fez com que a sexualidade da criança consubstanciasse o núcleo restrito, duro, maciço, corporal, afetivo da família-célula no lugar da família relacional, com seu espaço corporal, com seu espaço afetivo, espaço sexual (FOUCAULT, 2010).

Essa família nuclear instrumentalizou a medicina que vigia, que se utiliza do dispositivo da confissão para contar e reconhecer o mal, iniciando uma perseguição à masturbação, o que Foucault (2010) chamou de caça às bruxas dos séculos XVI-XVII. Outro discurso extrafamiliar, científico e confessional entrou em ação, em que, sob a licença da medicina, essa família produziu o normal e o anormal em termos de sexualidade. A criança deveria ser entregue para a educação do Estado, mas com regras advindas das ciências médicas, pedagógicas e psicológicas. Havia um tipo de educação chamada de natural, que consistia na relação com os pais, sem intermediários, e que colocava a criança fora do risco de masturbação somada à educação estatal. Ao mesmo tempo em que os pais assumem a educação natural, cedem ao Estado que as eduque tecnicamente.

A sexualidade das crianças, a meu ver, diz muito menos respeito às crianças do que aos pais. Em todo caso, foi em torno dessa cama duvidosa que nasceu a família moderna, essa família moderna sexualmente irradiada e saturada, e medicalmente inquieta (FOUCAULT, 2010, p. 222).

A sexualidade passa a ter territórios específicos, com atores específicos, de modo que se criam os lugares para as sexualidades periféricas, não normalizadas, e que deverão ser negadas, expulsas e caladas. As dissidências ocuparão outros lugares para não incomodar: *rendez-vous* e casas de saúde, subjugados sempre ao triplo decreto da interdição, inexistência e mutismo, discurso repressivo que se sustenta pela fácil dominação frente à concomitância com o capitalismo, que colocou a sexualidade para dentro da ordem burguesa.

Nesse contexto, se observa uma inserção da sexualidade na ordem produtiva, de modo que a dissipação do prazer, entendido como futilidade em termos produtivos, apontará sua incompatibilidade com o trabalho, sendo devidamente gerenciado. Não obstante, o que se falará sobre a sexualidade estará atrelado à sua causa política, uma vez que o sexo se inscreve no futuro.

Para Foucault (2010), não se tratava de revelação das verdades nem das mentiras a respeito da sexualidade, mas principalmente aquilo que incita a vontade de saber. O autor não diz que não existem repressões sexuais, que elas não são produzidas essencialmente pela sua negatividade, mas pela produção de discursos, pelo poder e pelo saber, tecendo o modo como o sexo tem sido colocado em discurso. Ele observou uma explosão discursiva que gerou uma polícia dos enunciados e do controle das enunciações, o que estabeleceu regiões de silêncio absoluto ou de tato e discrição.

O projeto de colocação do sexo em discurso, não apenas de confessar, mas fazer do desejo um discípulo, fez passar tudo que era relacionado ao sexo pelo crivo da palavra com objetivo de reconversão espiritual e retorno a Deus. Nesse sentido, para além da censura, as práticas confessionais guardaram um interesse político. Tais processos são constitutivos das subjetividades dos sujeitos.

Para Castro (2016), com base em Foucault, existem quatro funções que a ideia de sexo engendrou ao dispositivo de sexualidade: a primeira é o agrupamento, em uma única unidade, de aspectos anatômicos, funções fisiológicas, sensações, condutas e prazeres, que funciona por uma relação causal. A segunda se deu pelo avizinhamento da sexualidade com as ciências biológicas e fisiológicas, o que permitiu atribuir a noção de normalidade. A terceira função foi a formulação de leis de opressão e proibições, função produtiva que ficou mascarada. A quarta é o ponto imaginário e fixo do sexo pelo qual o homem há de passar para alcançar a própria inteligibilidade.

[...] o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo da sexualidade e por seu funcionamento [...]. É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo da sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história) (FOUCAULT, 2007 [1988], p. 169-170).

2.3 Sobre o corpo sexuado

Segundo Tomas Laqueur (2001), representações e aspectos políticos condicionam a ideia de corpo masculino e feminino. A experiência sexual perpassa os sentidos a respeito do corpo: tecidos que constituem os caracteres sexuais secundários e modos de obtenção de prazer a partir dos lugares que cada um ocupa no cenário social. O autor construiu uma reflexão para as diferenças ou não entre corpos masculinos e femininos desenvolvendo a teoria do modelo do

sexo único, que predominou até o século XVIII, em que a ideia de ser humano se baseia no ser masculino e não nos dois sexos.

O modelo do sexo único foi sustentado pela convicção de haver um conjunto de princípios, entre os quais: “Os humanos são a espécie animal mais perfeita e o homem é mais perfeito que a mulher devido ao «excesso de calor»” (GALIEN apud LAQUEUR, 2001, p.60); seres semelhantes gostam de seres semelhantes; variações do gênero se expressam como variações de um só sexo; o homem tem sêmen, por isso único responsável pela reprodução; a concepção resulta do depósito do sêmen masculino; o pai representa a cultura e a civilização, de modo que, se a mulher tivesse o mesmo princípio de movimento que o homem tem, não haveria por que existir o homem. A vagina foi considerada o pênis invertido, o útero, o escroto, a vulva, os prepúcios, assim como os ovários, seriam considerados testículos não desenvolvidos.

Ainda segundo sua teoria, a mulher como pessoa não existia, ela seria um macho menor, versão não evoluída do homem ou invertida, um homem imperfeito que possui os mesmos órgãos sexuais, no entanto em lugares errados devido à falta de calor vital. Sendo assim, o corpo é entendido como efeito do grau de perfeição metafísica em que o calor vital, substância exclusiva do homem, gera as sementes de vida unicamente responsáveis pela procriação (LAQUEUR, 2001).

Já o modelo dos dois sexos se caracterizou por uma relação de horizontalidade, oposição e descontinuidade entre dois sexos distintos. Essa ideia passou a ser difundida sobretudo a partir da Revolução Francesa, onde a diferença foi pensada em termos de uma essência diferente e não de evolução. A essência justifica desigualdades onde existe um aparato reprodutivo diferente. Há, nesse momento, a ideia de que a reprodução ocorria de modo independente do coito ou do prazer, assim como a separação mente-corpo, diferenças binarizadas, e ambos, homens e mulheres, são considerados responsáveis pela procriação. No entanto, essa passagem não acontece como comumente se esperaria, uma evolução científica, mas por condições de contingenciamentos que favoreceram a construção de tais diferenças.

A história da anatomia durante a Renascença sugere que a representação anatômica masculina e feminina depende da política cultural de representação e ilusão, não dá evidência sobre os órgãos, canais ou vasos sanguíneos. Nenhuma imagem, verbal ou visual, dos ‘fatos da diferença sexual’ existe independentemente das alegações anteriores sobre o significado dessas distinções (LAQUEUR, 2001, p. 92).

Ao comparar a vagina feminina com o pênis masculino⁵ pela técnica de dissecação, em 1559, Columbus Renaldus afirmou ter descoberto o clitóris, o que gerou a alegação de que a mulher teria dois pênis. Laqueur conclui que na modernidade haveria menos espaço para superstições, imaginações e ficções como fontes de explicação dos fenômenos. Ao mesmo tempo, a relação entre diferentes corpos, assim como a diferença entre cosmos e corpo, foi reduzida ao plano da natureza, diferente do que era pensado até então. “No mundo da explicação reducionista, o que importava era o fundamento simples, horizontal e imóvel do fato físico: o sexo” (LAQUEUR, 2001, p. 191). Assim, tais mudanças não ocorrem em decorrência de avanços científicos, tampouco pela construção de novas teorias do conhecimento, mas pelo embate político por poder esmaecendo as explicações transcendentais.

[...] quase tudo que se queira dizer sobre sexo – de qualquer forma que o sexo seja compreendido - já contém em si uma reivindicação sobre o gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder (LAQUEUR, 2001, p. 23).

A influência de aspectos culturais e políticos foram mais importantes do que a própria noção de ciência que utilizamos atualmente, o que nos permite pensar que a relação entre sexo e gênero, como conhecidas hoje, nem sempre existiu.

O olhar sobre o corpo sexuado foi sendo constituído no cenário ocidental do século XX em termos de representações científicas e midiáticas. Para tanto, discursos foram produzidos e surgiram questões relacionadas à liberdade do corpo e da sexualidade. A erosão do pudor terá a nudez como virtude na infância e na adolescência das mulheres e no casamento. Os interditos – mostrar pernas e joelhos, urinar em público, gestantes mostrarem a barriga, se despirmos na toalete – respondiam a uma sexualidade cristã, não pecaminosa, com objetivos de reprodução (SHON, 2008).

No período entre 1900 e 1940, a publicidade explorou o corpo feminino (cartões postais, cartazes, cinema). Na década de 1930, a sexualidade foi apresentada em uma vasta filmografia, colocando a nudez em pauta, e observa-se o surgimento da cirurgia estética. O corpo foi mostrado por meio das roupas – moda e turismo balneário -, aspectos que reabilitam o corpo em sua dimensão sexuada. Em 1946, surge o biquíni e, em 1964, mulheres praticam *topless* em nome da liberdade e para não estragar o bronzado. Após 1960, os direitos sexuais entram em cena, signo da comercialização do corpo sexuado. Na produção literária também há uma

⁵ Utilizar os termos vagina feminina ou pênis masculino não é uma redundância, sobretudo no contexto de uma pesquisa sobre gênero e sexualidade, através da qual, os significados de corpo e sexualidade se transformam ao longo do tempo e em diferentes contextos socioespaciais.

proliferação de conteúdo pornográfico, entretanto não será pela escrita, mas pela imagem que a pornografia irá se dissipar.

Preciado (2017) pensou uma política das visualidades (através do museu) em que estão presentes muros, buracos no muro, janelas, cortinas, portas – abertas e fechadas – e acessos. O tecnolho, referência à irrupção da fotografia e do cinema, apresentou os primeiros filmes chamados de *stag films* (filmes para solteiros, *blue movies* ou *smokers*), curtas-metragens de 3 a 10 minutos – silenciosos, com corpos nus em contato físico, em atividade genital com penetração vaginal – feitos por homens heterossexuais para homens heterossexuais.

A pornografia funciona como uma “prótese masturbatória de subjetivação e de caráter visual” (PRECIADO, 2017, p. 29). Houve um distanciamento das mulheres com relação às técnicas masturbatórias audiovisuais, ao passo que proporcionou, inevitavelmente, a sexualização entre homens heterossexuais. A imagem em movimento surge atrelada às noções de normal e patológico para demonstração dos desviados, deformados e dos incapacitados em fotos coloniais, momento de invenção das identidades enquanto tipologias visuais.

A sexologia moderna e as intervenções sobre o corpo não pretendiam tratar do assunto em termos de anormalidade e normalidade, mas traçar um quadro mais amplo. Fora do marco reprodutivo conjugal, o interesse está apenas no prazer, na produção dos orgasmos e de como buscá-los (SHON, 2008). A liberdade do corpo e da sexualidade passou pela liberação gestual, pela dissociação da sexualidade reprodutiva do prazer e pelos direitos sexuais. Também passou pela legitimidade de sexualidades diferentes e pelo combate à violência.

Sobre as orientações sexuais e os percursos da sexologia, a liberação da homossexualidade não aconteceu de forma linear, havendo avanços e recuos em diferentes países, desenvolvendo diferentes culturas homossexuais. Na década de 1920, se desenvolve a literatura gay e o que se chama de “cena homossexual”, ou seja, o desenvolvimento de uma cultura homossexual com localização (Londres, Nova Iorque, Paris e Berlim) e espaços definidos (bares, clubes, saunas, associações). Entretanto, tal cultura se apresenta de diferentes modos, nos diferentes países. Nas décadas de 1930 e 1940, ainda havia ações de punição e exclusão dos serviços públicos de homossexuais nos EUA. Na França, lutas por liberação sexual ocorrem de forma igualitária para heterossexuais e homossexuais. Entretanto, uma misoginia interna se esboça à medida em que mulheres lésbicas são ignoradas, subentendendo-se a mulher com sexualidade autônoma.

No pós-2ª Guerra Mundial, a discriminação por corpos homossexuais passa a ser científica, colocada na classificação da Organização Mundial da Saúde – OMS –, o que admitiu

tratamentos como eletrochoque e lobotomia. Até 1954, a questão permanece discreta, somente vindo à tona com as revoltas do *Stonewall Inn* em 1969, em Nova Iorque. Em 1974, a homossexualidade sai da classificação da *American Psychological Association* e associações políticas vão se formando nos demais países. Em 1979, 800 pessoas participam da primeira Parada do Orgulho *Gay* em Paris. As leis repressivas na França são desmontadas em 1985. Em 1999, 250.000 pessoas participaram da Parada do Orgulho *Gay* de Paris.

O impacto da AIDS fortaleceu a comunidade *gay* em 1999, que conquista o Pacto Civil de Solidariedade, reivindicando a indiferença e criticando o consumismo americanista. Explode a prostituição masculina na França e a banalização da homossexualidade. A liberação dos costumes favorece comportamentos e representações não conformistas. Penetra na moda e na publicidade a figura do corpo masculino, sugerido pelos *gays* como um corpo viril, esportivo e musculoso e importado da Califórnia nos anos 1990, liberando os componentes femininos da masculinidade, desfazendo clássicas divisões de gênero.

A sexologia e as ciências sexuais chegam na gestão dos corpos pela medicina, de modo a delimitar tudo o que fugia à sexualidade ordinária reprodutiva (onanismo, doenças venéreas, aberrações sexuais), uma protosexologia iniciada por Richard von Kraft-Ebing, Havelok Ellis e Magnus Hirschfeld empenhada na busca de tipificação das práticas sexuais⁶ não mais como pecado, mas em termos de normalidade e anormalidade. Com esses discursos, a sexualidade passa do silêncio e vergonha para o prazer (SHON, 2008).

Conforme Alain Giami (1999), é o zoólogo Alfred Kinsey que iniciou as pesquisas sobre comportamento sexual (conceito dele) em 1930, na Universidade de Indiana, e abordou os atos em detrimento dos aspectos mentais. Ampliou e sistematizou a dissociação entre orgasmo e reprodução, sendo o orgasmo o principal ou único aspecto que caracteriza todos os atos sexuais. Sua contribuição foi colocar no mesmo plano todas as formas de práticas sexuais. O orgasmo foi entendido como fenômeno distinto, podendo ser reconhecido em homens e mulheres. Como unidade concreta, ele permite determinar frequências e incidências. Proveniente da masturbação, coito e carícias, ou de qualquer outra origem, o orgasmo promove uma liberação fisiológica de excitação sexual do sujeito, entretanto, o significado social pode variar conforme o tipo de atividade provocada (GIAMI, 1999).

⁶ Ao longo dessa tese, o leitor verá a recorrência dos termos sexualidade, práticas sexuais, práticas eróticas, termos que se comunicam à medida em que não ocorrem isoladamente. Assim, quando eu estiver utilizando qualquer um desses termos, muito embora a literatura traga elementos que permitem estabelecer uma separação, minha intenção é de apresentá-los a partir daquilo que possuem de similar.

O casal Masters e Johnson desenvolve a ideia de ‘ciclo da resposta sexual’ psicofisiológica em 1960. O orgasmo é elevado a nível natural e como ponto único que se desenvolve a partir de um instinto biológico integrado como processo autônomo e fundamental da espécie humana. O instinto sexual se tornou carácter da função erótica e inverte a relação entre função procriativa e erótica, colocando-a em primeiro plano. Eventos como gravidez, parto e pós-parto são considerados obstáculos fisiológicos para a resposta sexual da mulher. Note-se que a tecnologia do orgasmo começa com a descoberta da pílula e da publicação do ‘*Human Sexual Response*’, em 1966, que aborda a dissociação da função procriativa da função erótica junto a terapias sexuais e tratamentos farmacológicos de impotência masculina em 1980. Sua obra está dividida em duas épocas, uma que visa fundar o orgasmo heterossexual no seio da sexualidade conjugal na qual a homossexualidade não é mencionada (marginalizada, vista como responsável pela insuficiência masculina ou fragilidade feminina). A unidade é o casal heterossexual que constitui sua base. Há uma equivalência generalizada das práticas e das reações sexuais entendidas como obtenção do orgasmo em zonas e práticas não genitais (GIAMI, 1999).

O princípio de equivalência generalizada das práticas e reações sexuais traz a presença de zonas e práticas não genitais. No livro ‘*Homosexuality in Perspective*’ de 1979, os autores apontaram os limites do trabalho sobre heterossexualidade associando a homossexualidade com masturbação, felação, cunilíngues e coito anal, cujo argumento biológico e genético foi utilizado para a estabilização desse princípio. Assim, contribuíram para desfazer a polaridade homossexual/heterossexual de modo que a abertura para o homossexual e o aumento do repertório sexual dos heterossexuais acentuaram a dissociação entre funções eróticas e de reprodução. Eles estudaram a bissexualidade e reconsideraram as diferenças entre as orientações sexuais, lançando mão da escala H-H de Kinsey para recrutar participantes. Neste momento, abandona-se o modelo canônico de ato sexual pela compreensão da homossexualidade. Eleva-se ao *status* de origem fisiológica, independente do sexo, uma infinidade de práticas que permitem chegar ao orgasmo. A heterossexualidade deixa de ser considerada universal para ser uma categoria entre outras. A concepção de casal se estende para homossexuais dos dois sexos, que são reconhecidos na clínica do orgasmo não para serem curados da homossexualidade, mas para tratar das disfunções, passando a tratar a sexualidade não mais associada ao casamento, mas fora dele.

Em meio à emergência do feminismo, Hite (1977) recoloca a questão da dissociação e acrescenta a masturbação clitoriana. Em 1972, ela realiza uma enquete feita por meio de revistas

e constata que a masturbação clitoriana é a principal prática para se alcançar o orgasmo, diferentemente do coito. Orgasmos clitorianos são mais intensos que os vaginais, o que a leva a questionar a centralidade e a desenvolver a ideia de que o modelo reprodutivo serve para explorar as mulheres, discussão ampliada pelas feministas radicais que consideram o coito como forma de violência de homens contra mulheres. A associação entre risco e coito acirra a ideia do seu caráter nefasto e suscita a exclusão do contato sexual de troca de fluidos sexuais.

2.4 Sobre uma teoria do corpo

O corpo possui lógicas sociais, culturais e técnicas, “gestos codificados em vista de uma eficácia prática ou simbólica” (LE BRETON, 2012, p. 39) que correspondem a ações, sequências e sincronias musculares e que possuem uma função específica mudando de cultura para cultura (marcha, corrida, mãos em repouso, rebolar ou não), de modo que o gesto é significação e valor. As técnicas como ação tradicional eficaz em relação ao corpo seriam o instrumento mais antigo e natural do homem (MAUSS, 1974), classificadas segundo distintas especificidades: sexo, idade, rendimento.

A técnica do corpo “atinge seu melhor nível quando se torna uma somatória de reflexos e se impõe imediatamente ao ator sem esforço de adaptação ou de preparação de sua parte” (LE BRETON, 2012, p. 43). Com relação à sexualidade, as posições dos amantes também mudam de sociedade para sociedade, o que o autor chama de uma *ars amandi* em que estão incluídas a duração de trocas, as possibilidades de escolhas dos parceiros etc. O autor parte de Davis Efron (1972), que apresenta três coordenadas do movimento do corpo: 1) espaço/temporal - que se relaciona com a amplitude gestual e como se desenvolvem, a forma, os membros utilizados e o ritmo; 2) interativa - que corresponde ao tipo de interação com os interlocutores, espaço ou objetos que fazem parte desse contexto; 3) linguística. Efron empenhou-se em desconstruir a questão da gestualidade como algo genético ou racial no contexto nazista, mas por “um fato de sociedade e de cultura e não de natureza congênita e biológica destinada a lhe impor aos atores” (LE BRETON, 2012, p. 44). A ideia de cinésica em que “o uso da língua no ato da fala e o uso do corpo na interação revelariam os mesmos princípios de funcionamento” (LE BRETON, 2012, p. 46). Assim, não seria possível pensar o significado físico do gesto fora do contexto da troca como se fosse um dicionário de gestos ou uma associação de significados.

Pesquisadores que buscam uma universalidade sobre esses sentimentos não chegam a um acordo com relação a número e natureza de tais emoções, de modo que “os sentimentos que mencionamos, a maneira como repercutem e são expressos fisicamente em nós, estão

enraizados em normas coletivas implícitas” (LE BRETON, 2012, p. 52). As inscrições corporais operam como marcação social e cultural do corpo por meio de uma modelagem simbólica, de uma físis-semântica, que não se confunde com a psicossomática, mas com a noção de que existe, no corpo, uma cultura e uma eficácia simbólica.

O corpo sexuado se constitui também como um corpo erótico, que é substrato e objeto de desejo e que deverá ser investido de uma determinada caracterização e construção de um capital erótico com finalidades de obtenção de prazer. Situado em uma rede de relações, toma em consideração modos de subjetividade que se inscrevem em sistemas de significados que vão além de uma concepção de essência do que é o sexual.

Tomando como base o conceito de capital cultural em Bourdieu (1979), que se apresenta incorporado, institucionalizado e objetivado, Pestana fala do capital erótico que “valoriza os atributos estéticos dos indivíduos” (2015, p. 162) e que se relaciona com questões como morfologia, vestimenta, formas físicas, atração e habilidades sexuais.

Em contrapartida, Foucault (2007 [1984]) pensa a Erótica como campo para interrogação ética frente aos usos dos prazeres (CASTRO, 2016) no domínio de si e do amante (e no domínio do si e do amado) e não acerca do tipo de relações entre um cidadão livre adulto e um adolescente, mas na possibilidade de converter-se em senhor dos seus prazeres. Para isso, constitui-se um princípio de isomorfismo entre relações sexuais e relações sociais.

O erótico pode se apresentar como um circuito com outros sistemas, a exemplo de gênero e sexualidade (PARKER, 1991), bem como com normas de sexualidade (PARKER, 1991; RIOS, 2012; RUBIN, 1998), que negocia com as hierarquias de gênero que se inscrevem nas ideias de atividade e passividade. Neste sistema, a norma é a busca pelo prazer através dos corpos, mesmo que para isso se quebrem códigos pertencentes aos dois sistemas. Não se deve ver o erótico como essência do sexual, liberto da cultura, uma vez que e prazeres, práticas representações eróticas também são construídas culturalmente e variam de sociedade para sociedade (PARKER, 1991).

Outra função do erotismo está em desvencilhar o homem de sua animalidade, a sexualidade da vida humana da vida animal, ou seja, a diferença que se dá na relação com a interdição e transgressão. Nesse sentido, o “desejo do erotismo é o desejo que triunfa no interdito” (BATAILLE, 1987, 165). A consciência de morte, assim como a passagem de uma sexualidade livre para uma sexualidade envergonhada, faz nascer o erotismo. Não se trata de uma coisa ou um fato concreto, mas de uma experiência interior situada na intimidade, proveniente de uma ruptura do habitual com o erótico. A transgressão, que só existe por haver

interdições, marca a profunda relação entre erotismo, interdito e transgressão (BATAILLE, 1987).

As relações eróticas podem estar articuladas com risco, diferença e prazer, sendo que o desejo se faz daquilo que incita, provoca e demarca a diferença. Os marcadores sociais de diferença (raça, classe, gênero, e eu acrescentaria transexualidade) funcionam como tensores libidinais para além da desigualdade e da hierarquia social colocadas, produzindo prazer sexual (PERLONGHER, 2008).

Esses estudos estão centrados mais nas práticas sexuais (sem distinguir heterossexuais de homossexuais), não separam gênero e sexualidade em decorrência da sua complexidade e se apresentam como estudos interseccionais. O foco está no acionamento que as práticas produzem, como deslocamentos, inversões e paródias, em relação ao que se entende como identidade de gênero e orientação sexual com fins de compreender as ‘novas formas de erotismo’. A base legítima de sua realização é o consentimento que tangencia posições de vulnerabilidade que implicam em desigualdades e definem os ‘limites da sexualidade’, dimensão que direciona possibilidades de ampliação ou restrições normativas sexuais com relação ao que é abusivo e considerado normal e constitutivo do erótico (GREGORI, 2014).

2.5 Corporeidade contrassexual: contribuições de Beatriz/Paul Preciado

Para Preciado (2014), há um fundamento que sustenta a ideia de um contrato social chamado ‘Natureza’ que tem, por consequência, um arranjo que permite o subjugamento de um corpo a outro. Sua desconstrução se dá pela análise crítica de que as diferenças de sexo e gênero são produzidas de forma heterocentrada, cujas performatividades normativas se inscrevem nos corpos pensados como verdades biológicas (BUTLER, 2001). A substituição do contrato chamado ‘Natureza’ pelo contrato contrassexual tem duas conotações: uma negativa, que concerne à desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero, e uma positiva, que é o proclame da equivalência, não igualdade, dos ‘corpos-sujeitos falantes’ dedicados à busca do saber-prazer, da produção de formas alternativas de saber e prazer da sexualidade moderna, funcionando como tecnologias de resistência ou como contradisciplina sexual. Nesse sentido, a sexualidade é uma tecnologia.

O corpo contrassexual não se reconhece como de homens e mulheres, masculino e feminino, homo e heterossexual, mas fora desses marcos, como corpos falantes. O dildo não é somente um pênis de plástico, ao passo que o pênis é um dildo de carne. Corpos falantes se reconhecem como possibilidades de acessar todas as práticas significantes, mas também há a

renúncia da identidade sexual de suas práticas sociais, jurídicas e econômicas. A expressão ‘no princípio era o dildo’ remete à sua antecedência ao pênis.

La contrasexualidad afirma que el deseo, la excitación sexual y el orgasmo no son sino los productos retrospectivos de cierta tecnología sexual que identifica los órganos reproductivos como órganos sexuales, en detrimento de una sexualización de la totalidad del cuerpo (PRECIADO, 2002, p. 20).

O autor defende que a sociedade seria beneficiada se a ideia de ‘história da humanidade’, que sustenta uma ideia de natureza, fosse rebatizada pela ‘história da tecnologia’. Sexo e gênero seriam, então, aparatos inscritos nesse sistema tecnológico complexo, e a natureza seria percebida como efeito da negociação das fronteiras corpo/máquina (HARAWAY, 1995), mas também órgão/plástico. Não se trata da ideia de algo por vir, mas a leitura do término do corpo moderno, reflexão que se insere em duas temporalidades: uma lenta e outra fractal. A lenta corresponde àquela em que parece nunca haver modificações e na qual as tecnologias sexuais parecem fixas, consolidada na ideia de Natureza, e as tentativas de mudança são vistas como psicoses coletivas. Já a fractal ocorre no agora, onde as contrasexualidades acontecem (PRECIADO, 2002).

O estudo das contrasexualidades se dá pelas transformações tecnológicas dos corpos sexuados e generificados em que não se rechaçam as construções psicológicas e sociológicas, mas as restituem como mecanismos, estratégias e usos de um sistema mais amplo. Não apenas o gênero, mas o sexo e a sexualidade são tecnologias sócio-políticas complexas. Epistemologicamente, Preciado filia-se à ideia de heterossexualidade como regime político em Wittig, nos dispositivos sexuais em Foucault, na identidade como performatividade em Butler e na política do *cyborg* em Haraway. Seu trabalho “tiene como tarea prioritaria el estudio de los instrumentos y los aparatos sexuales y, por lo tanto, las relaciones de sexo y de género que se establecen entre el cuerpo y la máquina” (PRECIADO, 2002, p. 21).

Preciado define ‘sistema heterossexual’ como o aparato social de produção do masculino e feminino que funciona por divisão e fragmentação do corpo, de modo que órgãos e zonas erógenas, com alta intensidade e sensibilidade motriz, são recortados e passam a ser identificados como centros naturais e anatômicos das diferenças sexuais. Para ele, o sexo, enquanto órgão e prática, não é nem biológico nem pulsão natural, mas tecnologia de dominação heterossocial, que reduz o corpo a zonas erógenas em decorrência de uma distribuição assimétrica de poder entre gêneros e faz coincidir efeitos com órgãos e sensações com variações anatômicas. A diferença sexual é uma operação tecnológica de redução de partes do corpo a seu isolamento para fazer delas significantes sexuais.

El cuerpo es un texto socialmente construido, un archivo orgánico de la historia de la humanidad como historia de la producción-reproducción sexual, en la que ciertos códigos se naturalizan, otros quedan elípticos y otros son sistemáticamente eliminados o tachados (PRECIADO, 2002, p. 23).

A tarefa da contrassexualidade é identificar espaços errôneos e reforçar o seu poder de desvio do heterocentrado. Não se trata de discriminação positiva (feminina ou neutra), tampouco de trocar os termos nem desfazer as marcas do gênero, mas de sacudir as escrituras do sexo e do gênero e suas instituições, bem como de modificar os lugares de enunciação.

Los órganos sexuales como tales no existen. Los órganos, que reconocemos como naturalmente sexuales, son ya el producto de una tecnología sofisticada que prescribe el contexto en el que los órganos adquieren su significación (relaciones sexuales) y se utilizan con propiedad, de acuerdo a su “naturaleza” (relaciones heterosexuales) (PRECIADO, 2002, pp. 26-27).

2.6 Desgenitalizar: do dildo ao *packer*

As dinâmicas da genitalidade se apresentam de muitas formas: pelo exame ocular, para dizer se é menino ou menina; pela divisão de banheiros; em políticas públicas, onde determinadas ações constituem-se a partir da genitália dos sujeitos; na militância, quando o debate sobre quem é o sujeito do feminismo com relação à entrada das mulheres trans; nos nomes de perfis virtuais de *sites* de relacionamento e agenciamento sexual, enfim, são muitos os espaços e setores que produzem uma classificação e organização dos sujeitos a partir da genitália.

Na hierarquia das relações cisheteronormativas, a presença de um pênis ou de uma vagina pode acionar os significados de descrédito, discrepância e diminuição nas relações sexuais entre homens transgêneros e cisgêneros. Dizer que a genitalidade é dinâmica significa assumir que existe uma negociação com relação ao uso dos códigos: para ofender uma pessoa, a chamamos de ‘*pau no c**’; dizer que algo é bom: ‘*do caralho*’; caracterizar alguma coisa geograficamente inacessível: ‘*no c* do mundo*’; qualificar uma aula como enfadonha: ‘*a aula está um c**’. Genitais não são expostos, mas aparecem em contextos privativos: ‘*mostra o teu que eu mostro o meu*’, o que pode ser considerado um elemento de barganha entre os sujeitos que estão descobrindo sua sexualidade.

Para Preciado (2014), todo sexo heterossexual é fálico e todo sexo fálico é heterossexual, de modo que a ‘lógica’ voltada para o falo também é heterossexual. Assim, o dildo não é a representação do falo, porque falo não existe. Falo é apenas uma ‘hipóstase’ do pênis em que a diferença sexual natural é uma questão de centímetros. O dildo não é disruptivo

porque permite que a lésbica adentre ao paraíso do falo, mas masculinidades e feminilidades estão sujeitas a tecnologias sociais e políticas de construção e controle.

Na versão brasileira do mesmo livro, Preciado (2014) define sexo como tecnologia biopolítica: “sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre os corpos, os instrumentos, as máquinas, os usos e os usuários” (p. 79). A lógica heterossexual se torna a lógica do dildo quando passa ao órgão sexual a capacidade de diferenciação entre os gêneros e os sexos. O pênis está para a sexualidade assim como Deus está para a natureza. Nesse sentido, Preciado (2014) sugere que “a invenção do dildo supõe o final do pênis como origem e diferenciação sexual” (p. 80) e acrescenta:

É preciso dinamitar o órgão sexual, aquele que se fez passar pela origem do desejo, por matéria-prima do sexo, aquele que se apresentou como centro privilegiado, no qual se toma o prazer ao mesmo tempo em que se dá, e como reservatório de reprodução da espécie (PRECIADO, 2014, p. 80).

O dildo é operação de recorte e cola localizado no limiar entre corpo e objeto inanimado, é um deslocamento para além de objeto que substitui a falta. Tudo é dildo, inclusive o pênis. Relacionado às tecnologias de repressão e produção do prazer, ele intersecciona também a tecnologia dos implantes protéticos.

A evolução da prótese no século XX, pós-1ª Guerra Mundial, coincide com o *boom* da fabricação de vibradores e com o desenvolvimento de próteses na área médica. A reconstrução protética do corpo masculino representou a passagem de uma economia de guerra – figurada pelo soldado – para uma economia do trabalho, figurada pelo trabalhador industrial, transição essa efetuada pela prótese. Não se trata da reconstrução do pênis, mas da mão que trabalha. Jules Amar, na França, desenvolveu uma série de membros artificiais, de caráter funcional e não mimético. Serviam para a reconstrução do corpo natural, de modo que o corpo masculino é incorporado pela máquina como instrumento ou terminal humano. O dildo fará algo parecido com o braço do trabalhador em série (PRECIADO, 2002).

O dildo-vibrador “*ha evolucionado como una prótesis compleja de la mano lesbiana, más que como una imitación del pene*” (PRECIADO, 2002, p. 86). A eletrificação e mecanização buscou na mão masturbadora a eficácia retirada pela repressão do onanismo. A mão e o vibrador são interruptores do circuito sexual que permitem uma reconexão entre órgãos sexuais – orgânicos – e órgãos não sexuais – inorgânicos – de modo que o dildo/vibrador corresponde a um híbrido da mão e do vibrador. Ele se afasta de uma mimese-pênis, mas figura como um prolongamento do corpo se fazendo como uma terceira mão. Essa experiência vai além de um efeito psicológico ou fantasmático, mas abre possibilidades de incorporações e

descontextualizações. Nesse sentido, o *speculum* e o pênis aproximam-se, um por ser instrumento de representação na medicina, e o outro, o único órgão legítimo com privilégio para penetração no leito conjugal. Dispositivos a serviço do biopoder, mão e dildo aparecem como linhas de fuga, sendo o dildo a extensão sintética da mão masturbadora que conhece o tato e a penetração (PRECIADO, 2002).

Desde 1979, são realizadas cirurgias pênis-vagina com resultados muito próximos ao que se considera ‘normal’ e funcional. Embora com altos riscos (como o comprometimento da motricidade do local onde foi retirado o tecido), os resultados cosméticos são satisfatórios. Mesmo com tais resultados, não é utilizado o termo construção vaginal, mas sim ‘invaginar’ o pênis, como se ele tivesse um ‘devir vagina’. Dois modelos ilustram esse processo: o hermafrodita original, que fundamenta a sexualidade masculina heterossexual, cujo plano da discursividade médico-heterossexual coexiste com a feminilidade através da possibilidade de inversão (como se o pênis tivesse um devir que garante sua ‘passagem natural’ de pênis para vagina). Já o modelo ‘gonodal’ (que foi necessário para construir a diferença por meio do termo) supõe o binário e diferenciado, ou seja, não se confunde nem com hermafrodita nem com intersexual. Guardada a mitologia heterossexual da diferença sexual em que o homem é um macho não vivíparo (precisa de útero para reprodução), mas possui uma filiação hermafrodita vegetal e animal inferior, a masculinidade se realiza a partir de um modelo hermafrodita em que a passagem pênis-vagina é natural. A especificidade está na supressão do útero com fim reprodutivo - sexo de aparência ‘normal’, diferente do sexo ‘gonodal’ – no entanto, possui em germe os órgãos da fêmea, pois tem uma fisiologia dupla e o modelo irreversível de transformação da feminilidade (transformação de um pedaço de braço/perna para a ‘construção’ do pênis prostético). O termo ‘construção’ corrobora a ideia de que a vagina não tem um devir pênis. São os truques das técnicas de produção da masculinidade e feminilidade que levam às seguintes questões: por que há essa assimetria? Quais são os processos de reversibilidade e irreversibilidade? Qual relação entre masculinidade/heterossexualidade e hermafroditismo? (PRECIADO, 2014).

Há um modelo de construção de gênero pelo qual a tecnologia sexual opera na redução ou erradicação de qualquer ambiguidade sexual. Nesse sentido, a tecnologia sexual é uma mesa de operações ‘abstrata’ onde há uma delimitação dos órgãos que podem ser reprodutivos ou não; sexuais ou não; perceptíveis ou não. Na relação entre boca e ânus, ambos dão coerência ao sistema digestivo, mas raramente ao reprodutivo. Nesta mesma dupla, define-se masculinidade

e feminilidade não por dados biológicos, mas por apriorismos anatômico/políticos, “imperativo que impõe a coerência do corpo como sexuado” (PRECIADO, 2014, p. 128).

As técnicas podem ser visuais, discursivas ou cirúrgicas. A pergunta ‘é menino ou menina?’ desvela a fixação de uma ordem empírica que ocorre pela fragmentação e dissecação do corpo. A cirurgia de mudança de sexo funciona como uma segunda mesa de operações, sendo a própria reatribuição a prova de que ‘identidade’ sexual normal é sempre produto de tecnologia biopolítica como se o primeiro nível de atribuição sexual (médica/jurídico/familiar) na sua relação com a ordem socioanatômica produzisse uma mesa de operações intermediária onde se corrigem casos atípicos e problemáticos quando o corpo questiona a ordem heterossexual. Ninguém escapa da mesa (PRECIADO, 2014).

Os termos invertido, travesti, transexual e intersexual são nomes que falam da ‘arrogância do discurso heterocentrado’ em que se assentaram as instituições jurídicas, médicas e educativas nos últimos dois séculos. As operações (vaginoplastia/faloplastia, remoção dos seios, pomo de adão, aumento do clitóris, histerectomia) parecem resolver os problemas, mas evidenciam “construções teatrais da verdade natural dos sexos” (PRECIADO, 2014, p. 129). Esse conjunto de reatribuições não é senão uma segunda fragmentação do corpo, não mais violenta que a primeira, só mais cara.

Uma fragmentação do corpo se produz pelo exame de ecografia, tecnologia célebre por ser descritiva, que atua também como prescritiva quando diz se somos meninos ou meninas. Ela opera dentro de um ideal científico que visa evitar a ambiguidade e coincidir o nascimento com a atribuição sexual. O próprio nome efetiva e reitera a interpelação (tem caráter de moeda de troca) e tem por efeito delimitar órgãos e funções – bem como seu uso normal e perverso. A interpelação performática não é apenas performativa, mas tem efeitos prostéticos: faz corpos. Esta atribui masculinidade e feminilidade e é a mesma que faz com que órgãos sexuais gerem a totalidade do corpo. A partir dos órgãos não sexuais, é impossível reconstruir a totalidade como sexuado, de modo que “o corpo só tem sentido como sexuado, um corpo sem sexo é monstruoso [...] os órgãos sexuais não são somente órgãos reprodutores, no sentido de que permitem a reprodução sexual da espécie, e sim que são, também e sobretudo, ‘órgãos produtores’ da coerência do corpo como propriamente ‘humano’” (PRECIADO, 2014, p. 131).

Protocolos de gestão para intersexualidade datam de 1955, a partir das teorias desenvolvidas por Money e pelo casal Hampson, e fazem parte de uma ‘Teoria da atribuição do sexo’. Para o primeiro, gênero e identidade sexual repousam em bases construtivistas, uma vez que são modificáveis até os 18 meses de idade. Tal teoria repercutiu sem crítica pela

comunidade científica e somente foi contestada em 1978 por Suzane Kessler e atualmente pelo movimento intersexual. Preciado acusa Money como prescritivo em termos de psicologia trans. Afirma que o modelo de corpos sexuais que temos é o produto de um estilo preciso que se pode chamar moneísmo. Seu sucesso se realiza pela combinação de duas linguagens epistemológicas: análise cromossômica e juízo estético. No caso de uma pessoa atribuída XX, será submetida à cirurgia de supressão dos tecidos que podem ser confundidos com pênis, de modo que a construção da vulva começa aos 3 meses. Se parecer com um pênis-clitóris, se realiza a mutilação do clitóris. Posteriormente, a operação do ‘canal vaginal’ deverá ter capacidade de abrigar um pênis adulto (heterossexualidade compulsória). Nos casos em que já há similitude morfológica, a cirurgia é realizada em bebês entre um e quatro anos de idade. O canal vaginal se fixa geralmente depois do crescimento e da harmonização do corpo púbere. Todavia, esse processo não se destina somente à construção de um órgão, mas também à prescrição de práticas sexuais se considerarmos a vagina como o único orifício a receber um pênis. A violência contida nessas operações permite evidenciar a afirmação de Monique Wittig: que as lésbicas não têm vagina. Preciado (2014) usa essa frase para dizer que uma nova ordem anátomo-política vem sendo demandada pelos movimentos intersexuais, diferente da ordem heteronormativa.

No caso de atribuição masculina, que contém um Y, é verificado se o tecido fálico é sensível ao tratamento com andrógenos para aumentar o microfalo ou micropênis. Contudo, um juízo visual pode relegar análises cromossômicas em que critérios de longitude, tamanho e aparência substituem os critérios cromossômicos. A cirurgia vem resolver a contradição entre combinações cromossômicas e aparências visuais, no entanto a regra de ordenação das cirurgias intersexuais é visual e não cromossômica, portanto não se visualiza fora do sistema heterocentrado.

Para Money, Green e Ehrhardt (apud PRECIADO, 2014), a intersexualidade é uma evolução ou regressão patológica do feto, qualificado como ruim, inacabado ou malformado. Quanto ao primeiro, não se trata de um terceiro sexo, mas da reafirmação de uma ordem sexual. Kessler (apud PRECIADO, 2014) afirma que os critérios não são científicos, mas estéticos, porque é a visão e representação que assumem o papel de produção das verdades. Do ponto de vista contrassexual, estético e científico, eles são uníssonos em matéria de atribuição do sexo, pois dependem de uma política visual: o que não for desenvolvido suficientemente será designado como feminino.

A denominação do órgão não é em função da sua descrição, mas daquilo que se quer fabricar, seu nome tem valor prescritivo. Quando geneticamente menino, mas o tecido genital não é sensível ao tratamento, a coerência entre corpo sexuado e identidade sexual pode ser alcançada sem o centro gerador, onde sexo é igual a órgão sexual, ou então uma ordem sexual alheia à coerência dos órgãos. Os autores pensam que é mais prudente evitar uma crise de identidade de um macho com micropênis, ou de pequeno tamanho, atribuindo-o nascido com o gênero feminino, em que o microfalo se define como pênis-clitóris, que será seccionado em vagina. Deduz-se que, em Money, o masculino e feminino não estão definidos geneticamente, mas esteticamente. Na ausência de um pênis de tamanho adequado e bem formado, a maioria dos intersexuais são atribuídos como femininos.

Sexo como tecnologia pode ser contraditório porque retoma novidade, melhoria, mudança. Mesmo com caráter sócio/histórico, o sistema sexo/gênero é descrito como estável e resistente a mudanças. Por isso, a natureza parece ser resquício após a tecnologia ter construído o corpo. Preciado (2014) demonstra que a palavra *techné*, arte de fabricar, está em oposição a *physis*, que corresponderia à natureza, outros pares de oposição mediados pelo instrumento. Parece ser o sexo o último resquício da natureza por conta da forma de se pensar a tecnologia.

Tanto as narrativas positivistas como as antitecnológicas dizem que o corpo vivo é como natureza, e a máquina é como algo inanimado. Caracterizada essa separação binária e platônica, Preciado (2014) busca em Donna Haraway a discussão sobre o Hu-mano – animal que utiliza instrumentos em oposição aos primatas e às mulheres. A ideia de tecnologia como “totalidades dos instrumentos que os homens fabricam e empregam para fazer coisas” (HARAWAY, 1998, p. 9) corrobora com a ideia intocável de natureza humana e diferença sexual, também utilizada como comparação (grau de racionalidade e progresso) entre povos, categoria-chave que estrutura espécie, gênero, raça e cultura.

2.7 Sexo/gênero como tecnologias

O debate essencialismo *versus* construtivismo se torna falso para a contrassexualidade, pois, no construtivismo, homem e mulher são ideais culturais, não havendo nada natural. No essencialismo, as diferenças dependem de estruturas físicas (biológicas) ou psíquicas (psicanalíticas) invariantes para além da cultura e história. Para ambas, existe “a crença segundo a qual o corpo resguarda um grau zero, ou uma verdade última, uma matéria biológica (o código genético, os órgãos sexuais, as funções reprodutivas) ‘dada’” (PRECIADO, 2014, p. 157).

A ideia de tecnologia remove essa contradição, pois até mesmo as tecnociências ignoram o que é mecânico e orgânico, ao passo que intervêm nas modificações e fixações das estruturas do ser vivo. Mesmo na biopolítica foucaultiana, a biotecnologia trabalha sobre os corpos e estruturas sociais de modo que fica difícil saber onde começa o corpo natural e a tecnologia artificial. O interesse de Preciado “é precisamente essa relação promíscua entre a tecnologia e os corpos. Se trata de estudar de que modos específicos a tecnologia ‘incorpora’ ou, dito de outra forma, ‘se faz corpo’” (PRECIADO, 2014, p. 158).

O robô corresponde a um “mecanismo automático capaz de realizar uma operação que demandasse uma escolha elementar” (PRECIADO, 2014, p. 159), de modo que o objetivo é produzir algo capaz de substituir a força de trabalho humana, como se fosse um operário artificial com capacidade de se movimentar e agir. Isso passa pela ideia de um homem reduzido a um autômato, estabelecendo paradoxalmente um corpo preso à máquina e ao órgão. Embora mecânico (universo dos instrumentos e aparelhos artificiais) e orgânico (natureza) têm sido usados como opostos, nem sempre o foram. A palavra ‘órgão’ vem de *ergon*, peça que ligada à outra produz um processo regulado. Somado a *techné*, em que toda arte necessita de seus instrumentos, o *orgon* se realiza também como tecnologia textual de codificação e decodificação. É também instrumento que facilita uma atividade, como o martelo que prolonga a mão, o telescópio que prolonga o olho, o avião que transporta rapidamente, mas não são tidos como membros vivos, mas como próteses, suplemento de palavra como o prefixo, ou membro artificial. Assim, o robô catalisa os paradoxos natureza/cultura; humano/animal; alma/corpo; macho/fêmea.

Na ideia cartesiana de homem-máquina e animal-máquina, encontramos uma redução do biológico a interações eletromagnéticas e mecânica complexa, ao passo que os autômatos e máquinas servas se comportam como humanos. A industrialização inverteu a metáfora da máquina que transforma em sujeito um organismo, ao passo que os operários figuram como órgãos conscientes ajustados aos órgãos inconscientes do mecanismo. O resultado dessa ligação entre membros naturais e mecânicos é o trabalho. O robô é uma transferência de via dupla: algumas vezes a máquina é usada como parte do corpo (prótese) e outras o corpo humano é integrado pela máquina. Da imagem do homem-máquina, do corpo como totalidade mecânica, se passa à imagem ameaçadora da máquina viva, mulher, monstro, máquina que antecipa o ciborgue.

Os estudos de Mary Louise Roberts e Roxane Pachase (1994, apud PRECIADO, 2014) sobre a reconstrução da masculinidade por meio da reabilitação de soldados no entreguerras,

inspirados no modelo do robô pelo qual se reabilita a força de trabalho, mostraram a masculinidade prótese. Jules Amar (1917, apud PRECIADO, 2014) desenvolve prótese não com finalidade estética, mas funcional para o trabalho industrial, e pretende em ‘A prótese e o trabalho dos mutilados’ explicar o fenômeno de Weir Mitchell – percepção de membro amputado ou membro fantasma – reconstruindo a prótese mecânica.

Há uma masculinidade tecnologicamente construída. Se o inválido é reconstruído com a ajuda da prótese, é porque o corpo masculino é pensado na lógica do robô, de modo que, na gestão tayloriana, o corpo masculino tem em si constituído a prótese (braços e pernas que trabalham e pedalam). Isso ocorre com recorte de gênero na medida em que é para os homens que se desenvolvem as tecnologias prótesicas e não para as mulheres. No entanto, a reabilitação será dos órgãos industriais e não sexuais, de modo que, para Jules Amar (1917, apud PRECIADO, 2014), não se confunde um amputado (que sofre mutilação de órgão destinado ao movimento) com o impotente (incapacitado de reprodução). Diferente das outras partes do corpo, os órgãos sexuais ficaram à margem da reprodução prótese, havendo uma ameaça à posição natural de poder do homem: se o órgão sexual pudesse ser prótesicamente construído, poderia também ser desconstruído, deslocado ou até mesmo substituído.

No estatuto da prótese, está presente o desejo do instrumento de se incorporar à memória, de modo a sentir e agir por si. Dotada de incorporação alucinatória, rompe com o modelo mecânico, sendo assim difícil estabilizar a prótese em uns lócus (orgânico/mecânico), pois pertence ao mesmo tempo a um corpo vivo e pode ser relegado à ordem de objeto – separável, desenganchável, substituível. Tal estatuto (*borderline*) impede que se estabeleça limites precisos entre o artificial e o natural. Não se pode pensar a relação corpo-máquina como agrupamento de partes anódinas, articuladas conjuntamente e que têm função específica, de modo que a prótese ultrapassa a ordem mecânica. Dessa forma, as tecnologias agem como suplementos das funções naturais, e a prótese inaugura um pós-humano, pois “não substitui somente um órgão ausente; é também a modificação e o desenvolvimento de um órgão vivo com a ajuda de um suplemento tecnológico” (PRECIADO, 2014, p. 164).

São exemplos de próteses: telefone (como prótese do ouvido); televisão (como prótese do olho e do ouvido); o cinema (como prótese do sonho); a arquitetura; os meios de transporte. Todos esses podem ser próteses complexas, ligadas a outras próteses em uma lógica de conexão crescente em que “o corpo parece se fundir com os órgãos prótesicos dando lugar a um novo nível de organização e gerando uma continuidade orgânica-inorgânica” (PRECIADO, 2014, p. 165).

Preciado (2014) traz que Georges Teyssot (1997) fez uma teoria geral das incapacidades que ocorrem quando um objeto criado para suprir uma determinada necessidade física termina por criar, por meio de um complexo sistema de comunicação, uma relação de dependência a ponto de produzir um sentimento de incapacidade se não estiver conectado a ele. Um exemplo é a máquina de escrever, criada para pessoas cegas inicialmente, mas que se generalizou como prótese de escritura, mudando a maneira de se comunicar. A incapacidade dos não videntes é tão estruturante que fazemos a mesma coisa – fantasia de cegueira para aprender a escrever, a ponto de que:

[...] cada “órgão” tecnológico reinventa uma “nova condição natural” na qual todos nós somos incapazes. Melhor ainda, cada nova tecnologia recria nossa natureza como incapaz com relação a uma nova atividade que, por sua vez, necessita ser tecnologicamente suprida (PRECIADO, 2014, p. 165).

O mesmo ocorre com as tecnologias de reprodução heterossexual, que terminam por produzir outras muitas formas de reprodução. Nesse sentido, a proposta de Preciado é a de que

[...] o sexo e o gênero deveriam ser considerados como formas de incorporação protética que se fazem passar por naturais, mas que, em que pese sua resistência anatômico-política, estão sujeitos a processos de transformação e mudança constantes (PRECIADO, 2014, p. 166).

Desta maneira, as materialidades tomam um importante lugar nessa discussão à medida em que elas participam do processo de construção de subjetividades. A pesquisa de Flavia Novais (2017) apresenta o pensamento de Annemarie Mol como fundamento teórico para se pensar a rede estabelecida pela testosterona entre os homens trans. A autora não trata essa materialidade (hormônio) como ponto de partida, mas como essas materialidades outras se apresentam como atores que possuem significados e usos e como elas performam masculinidades. Para Clarke (2010), os objetos não possuem essência, mas sim são efeitos de tecnologias e afetados por nossas interações de modo que não podem ser qualificados nem como naturais nem como biológicos. Será com o conceito de coordenação, extraído de Annemarie Mol (2002), que Novais (2017) pensará a materialidade. A ideia de coordenação permite que os materiais trabalhem juntos.

Nesse sentido, Mol (2002) apreende as materialidades a partir da passagem de concepção de uma realidade dada para a pesquisa praxiográfica, o que significa dizer que é na dimensão das práticas que os objetos existem e são produzidos. Sua produção é feita a partir de arranjos múltiplos e heterogêneos em que o pesquisador buscará conhecer as conexões locais e parciais entre o objeto e a realidade. A autora desenvolveu o conceito de ontologias múltiplas para pensar as materialidades, o que significa que não existe uma verdade interior a qualquer tipo de materialidade, mas se deve buscar compreender as relações de contingência que elas

estabelecem com outros objetos e outras práticas e discursos, diferentemente de uma verdade universal iluminista (MOL, 2002). Desse modo, preservar o binarismo é conservar a subalternidade de determinados grupos, impedindo-os de ter acesso a tecnologias (textuais, discursivas, corporais) de modo que “o movimento mais sofisticado da tecnologia consiste em se apresentar exatamente como ‘Natureza’” (PRECIADO, 2014, p. 168).

2.8 Estudos Trans e Transmasculinidades

O primeiro uso do termo ‘transexualismo’ foi realizado pelo médico e sexólogo David Oliver Cauldwell, em 1949, no artigo ‘Psychopatia transexualis’. O caso Georges Jorgensen, ex-soldado americano que passou a se chamar Cristine, e as pesquisas do endocrinologista Harry Benjamim e sua publicação intitulada ‘O Fenômeno Transexual’ de 1953 levantaram o debate sobre a transexualidade. Trabalhos realizados pelo psicólogo e sexólogo John William Money e o psiquiatra Robert Jesse Stoller introduziram a palavra gênero para diferenciá-la de sexo no campo das ciências da saúde (LIMA; CRUZ, 2016).

Para as ciências médicas e psiquiátricas, a principal característica da transexualidade reside numa suposta discordância entre o genital designado ao nascimento e a experiência de gênero, sendo compreendida pela presença de um provável ‘conflito’ com as normas de gênero (BENTO, 2008). Elas a descrevem como uma experiência em que o sujeito revela o intenso sentimento de não consonância com o sexo anatômico, não se tratando de um distúrbio delirante, tampouco de algo que tenha bases orgânicas (CASTEL, 2001). São perspectivas que patologizam conflitos e sentimentos de inadequação, uma vez que localizam apenas no sujeito a origem dos sofrimentos sem problematizar as experiências vividas no campo social.

Procedimentos cirúrgicos iniciaram-se no Brasil em 1997, no âmbito particular, a partir da autorização regulada pela resolução do Conselho Federal de Medicina – CFM – nº 1.482. No sistema público, os procedimentos foram regulamentados apenas em 2008, através das portarias nº 1.707 e nº 457 do Ministério da Saúde que instituem e regulamentam procedimentos de saúde relacionados a identificações dos sujeitos pelo Processo Transexualizador - através do SUS (NERY; COELHO; LOPEZ, 2016). Tais iniciativas contemplaram as demandas de mulheres transexuais, ao passo que, posteriormente, foram inseridas as demandas de homens transexuais e travestis.

Em 2013, a portaria nº 2803 foi redefinida e ampliada, incluindo procedimentos que passaram a contemplar os homens transexuais por meio de uma compreensão de saúde situada sob a égide do diagnóstico psiquiátrico F64, disponibilizando procedimentos cirúrgicos de

mamoplastia masculinizadora e da histerectomia. Em 1985, o lançamento do livro de João W. Nery, 'João ou Joana: erro de pessoa', posteriormente publicado sob o título 'Viagem Solitária', abriu espaço para uma série de entrevistas em programas de TV. O ano de 1997 foi um marco para ampliação do acesso à comunicação digital que promoveu trocas de experiências, informações no âmbito interpessoal e a articulação política de vários segmentos populacionais, em especial dos homens trans (ÁVILA, 2014). Entre 2008 e 2009, vimos explodir uma série de reportagens sobre Thomas Beatie e Rubem Noé, denominados de 'homens grávidos'. Ambos os casos foram veiculados por reportagens midiáticas de maneira a espetacularizar, dando ênfase ao crescimento abdominal, à ausência de mamas e à presença de barba e pelos (FREITAS, 2014).

No entanto, o aparecimento da transexualidade masculina como expressão de sujeitos sociais e políticos no Brasil acontece já em 2005 por meio da representatividade em atividades como o ENTLAIDS, onde o ativista Xande Peixe se torna referência em transexualidade masculina no Brasil. O mesmo preside a Parada do Orgulho LGBT em São Paulo, assim como representante internacional na *Red Latino Americana de Hombres Trans en el Activismo*. Integrou também o fórum Paulista de Travestis e Transexuais além do grupo que formou o PTSUS. Tal ativismo no Brasil, se aprofundou por volta dos anos de 2010 e 2014 (ÁVILA 2014; FREITAS, 2014), tendo o processo transexualizador, no SUS, papel fundamental. Em 2011 foi criado o Núcleo de Apoio a Homens Trans – NAHT –, em 2012 a Associação Brasileira de Homens Trans – ABHT – e em 2013 o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades – IBRAT –. A dispensação gratuita de antirretrovirais para HIV e o primeiro ano da Parada do Orgulho LGBT em São Paulo também foram aspectos importantes para ampliar a visibilidade das transmasculinidades no país (ÁVILA, 2014).

Halberstam (2012) e Almeida (2012) concordam que a invisibilidade dos homens trans esteve associada ao falocentrismo presente na experiência masculina por meio de uma coextensão entre masculinidade, pênis e privilégios sociais, o que justifica os poucos estudos e publicações acadêmicas sobre transmasculinidades.

Em decorrência desses fatores, o ciberespaço foi apontado como um importante *locus* de sociabilidade dos homens trans, se tornando uma profícua estratégia metodológica para pesquisas (ÁVILA, 2014; FREITAS, 2014; MONTEIRO, 2017; NERY; MARANHÃO, 2013). A distribuição de informação midiaticamente, assim como a produção das imagens geradas pelos próprios sujeitos, é o que se caracteriza pelo termo '*mediascapes*' (APPADURAI, 1990), que estabelece uma relação entre mídia, gênero e subjetividade.

O uso de redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp* são estratégias que permitem a delimitação de significados e sentidos nos âmbitos *off-line* e *online*. O espaço da internet é potente, principalmente nas fases iniciais de transição, uma vez que se caracteriza como espaço fechado e protegido. É uma ferramenta que propicia autoidentificação e troca de experiências, permitindo a expressão de medos, incertezas e desabafos sobre violência transfóbica (MONTEIRO, 2017). *Sites, blogs* e canais do *YouTube* são espaços onde é permitido aos homens trans acompanhar sua transição e mostrar resultados de cirurgias, assim como o crescimento de barba e pelos e modificações na voz e no corpo. É o que Campbell (2017) chama de ‘caráter pedagógico’, fundamental de narrativas que se apresentam como exemplos para outros homens trans. Ao mesmo tempo, uma das razões do uso desse espaço é a tendência ao isolamento no próprio quarto devido, via de regra, a conflitos familiares (NERY; MARANHÃO, 2013).

Campbell (2017) constata a existência de maior autonomia corporal dos homens em relação às mulheres trans e travestis nesse espaço, pois é permitido, por exemplo, mostrar o resultado de uma cirurgia. Já para as mulheres trans ou travestis, tal exposição é censurada. A autora alerta para a importância do debate sobre formas de ser e estar no mundo atravessadas pelo *wi-fi*, já que a internet ocupa uma posição central nos processos de identificação dos homens trans.

A temática da transexualidade masculina não é muito estudada, o que coloca grandes desafios para os/as pesquisadores/as da área (NERY; MARANHÃO, 2013). Tal invisibilidade acontece por não se considerar a possibilidade de transição do feminino para o masculino, ignorando a condição de homem trans em decorrência do olhar falocêntrico da masculinidade, como se comportamentos e representações “emanassem necessariamente da presença material original do pênis” (ALMEIDA, 2012, p. 519).

O rápido alcance das características masculinas decorrente do uso de testosterona também faz com que os homens trans sejam invisibilizados, interpretado por Almeida (2012) como uma trégua da batalha por respeito. O autor fica em dúvidas sobre o desejo dos homens trans em agrupar-se politicamente, ou em comunidades, sugerindo que talvez o desejo seja sumir de fato na multidão de modo que se tornem indiferentes.

Em consonância, Preciado (2011) afirma que os estudos trans⁷ já formam uma considerável área de pesquisa no âmbito internacional e brasileiro. No entanto, os trabalhos se

⁷ Utilizarei ‘estudos trans’ para me referir àqueles não inseridos no campo da cisgenderidade, englobando transexualidade, travestilidade, transgenderismo e qualquer outra posição.

concentram nas temáticas de mulheres transexuais e travestis, havendo uma multidão *queer* que não tem sido contemplada em termos teóricos e, por conseguinte, por políticas públicas. Lima e Cruz (2016) afirmam que, no contexto acadêmico brasileiro, essa discussão é recente, voltada mais para mulheres transexuais e travestis. Porém, sublinham o crescimento e a participação dos homens trans no cenário social bem como o número de teses e dissertações sobre as transmasculinidades. Dessa forma, o volume de estudos voltados para homens transexuais nos leva a pensar na necessidade de construir mais conhecimentos sobre o tema.

No que se refere às estratégias adotadas para a busca de referências no campo das transmasculinidades, prospectei com algumas pessoas que fazem parte do meu círculo social e se autoidentificam como homens trans e que me indicaram pesquisadores, artigos científicos e uma revista internacional não científica especializada em sexualidade transmasculina chamada DUDE (disponível em <https://dudemagazine.wordpress.com/>).

Para o levantamento da temática, realizei uma busca nas principais bases de dados, a saber: *Google Scholar*, *Scielo*, BVS e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Neste último, foram encontradas 144 publicações com o descritor transexualidade, ao passo que dessas, apenas oito tratavam sobre estudos transmasculinos ou transexualidade masculina. A busca sobre o tema oferece um nível de análise descritivo e outro analítico. No primeiro, encontrei vinte publicações brasileiras sobre transmasculinidades: quatro teses de doutorado; cinco dissertações de mestrado; um trabalho de conclusão de curso; oito artigos científicos e duas autobiografias. As temáticas se concentram em três grandes eixos. O primeiro, que corresponde a pouco mais da metade dos trabalhos, versa sobre processos identificatórios nos quais pudemos encontrar uma relativa repetição dos seguintes termos em resumos e palavras-chaves: processos identificatórios, reconhecimento, transmasculinidade como categoria emergente, sujeitos trans não binários, *genderqueer* não binários, identificações, identidades. O segundo eixo de trabalhos se concentra no campo da saúde e tem como temáticas a despatologização das identidades trans e o uso de hormônios. Este bloco corresponde a pouco mais de 20% das publicações. O terceiro eixo, quase 30%, versa sobre a transexualidade no âmbito da internet, pseudo-hermafroditismo, artes e uma única tese de doutorado que versa sobre aspectos conjugais, orientação sexual e experiência erótica, de modo que a experiência erótica entra nesse trabalho como um subitem de uma discussão mais ampla.

No decorrer da busca, pude perceber que, na grande parte dos trabalhos fundamentados nas teorias psicanalíticas, o uso do termo transexualidade masculina se refere ao oposto do pretendido neste projeto. Esses trabalhos conservam o gênero assignado ao nascimento, o que

reforça um olhar binário sobre sexualidade e gênero. Outras discussões também vão se apresentando em outras áreas (artes, sexologia) à medida em que se percorre a busca.

O termo transexperiência masculina é usado para se referir ao estudo de pessoas identificadas como transhomens, privilegiando a ideia de experiência em contraposição à formulação médica (ÁVILA, 2014). Judith Halberstam (1998) nos ensina que a masculinidade não pertence nem se restringe aos corpos anatomicamente tidos como homens, assim como se dá com a feminilidade. Fato que nos leva a pensar numa masculinidade feminina e sem homens.

O conceito de masculinidade hegemônica foi cunhado por Connell (2013), no final de 1970, na Austrália, para compreender como determinados padrões e práticas culturais e históricas se constituem como preponderantes diante de outras (as masculinidades subordinadas e as subalternas). Contudo, essa reflexão nos mostra que não há uma forma homogênea de masculinidade, mas que se trata de uma normativa, uma vez que corporifica a forma mais ‘honrada’ de ser homem, fazendo com que todos homens se posicionem em relação a ela, legitimando a subordinação das mulheres.

As masculinidades também se baseiam na matriz heterossexual, que estabelece padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, fornece as pautas para sua transgressão, produzindo corpos conformados à regra e os que a subvertem (LOURO, 2008). Nessa mesma direção, Monteiro (2017) diz que a masculinidade não é exclusividade da cisgeneridade. Assim, homens trans reinventam-se nas formas de ser homem e de construir suas masculinidades (LIMA, 2014).

No que se refere às questões sobre estética, a hipertrofia muscular pode ser interpretada como uma cirurgia simbólica para assimilação da masculinidade, uma vez que culturalmente ela está associada a signos de força e virilidade (REGO, 2014). No entanto, existem outras formas de masculinização: roupas e acessórios masculinos; uso de *binders*; uso de *packers*; prática de *pump*; ingestão de fármacos à base de testosterona (que produzem barba, alteram a voz, a massa corporal, interrompem a menstruação); e intervenções cirúrgicas, como a mamoplastia masculinizadora (MONTEIRO, 2017).

Freitas (2014) mostrou em sua pesquisa que a masculinidade é incorporada de várias formas. Todavia, a transexualidade aparece quando nenhuma das formas anteriores se tornam mais suficientes, de maneira que “para muitos transhomens então é fora da designação mulher que encontrarão uma experiência possível” (FREITAS, 2014, p. 23).

Assim, haveria quatro sujeitos: mulheres masculinizadas; homens trans que não se modificam; não binários; e os que desejam tudo. Alguns grupos de indivíduos que foram

assignados como femininos, mas que se opõem a essa designação, foram descritos por Guilherme Almeida (2012): o primeiro se refere às pessoas que não querem completo descolamento do feminino, permanecendo como mulheres por diversos motivos, o que não impede que utilizem signos de masculinidade na sua intimidade. O segundo, é por homens que não se modificam, mas usam os signos dos recursos culturais masculinos. O terceiro grupo é formado por aqueles sujeitos que, insatisfeitos com os binarismos, misturam as performances de gênero influenciados pela ideologia igualitarista, desnaturalizando a noção da identidade, e que se encontram em consonância com as teorias de Butler, Preciado e Heilborn.

Nery e Maranhão (2013) associam as trans subjetividades com aquelas pessoas que “ultrapassam o binarismo esperado, fissuram a heteronorma da sexualidade e negam que a anatomia dos corpos possa ser tomada como único destino possível” (p. 400). Os autores citam autodenominações em que o termo trans não é utilizado, em oposição aos termos guri, menino, *man*, garoto, e interpretam que o não uso significa uma compreensão da transexualidade como algo transitório, que redundará na identidade adequada ao final do processo. Ao mesmo tempo, há pessoas que fazem o movimento contrário para demarcar a existência trans a fim de alcançar visibilidade e reconhecimento no espaço político, como coloca João Nery. Dessa forma, afirmam os autores que as transexperiências são distintas, pessoais e únicas (NERY; MARANHÃO, 2013) e desenvolvem a categoria denominada ‘entregêneros’ para qualificar a experiência trans.

Por terem um gênero atribuído/designado na gestação e/ou nascimento que não as contemplam (feminino/masculino) e se identificarem com o gênero distinto, vivenciam experiências entre gêneros. Estão entre o gênero de atribuição e aquele o qual se identificam e/ou se expressam. Há também as pessoas que se encontram entre o gênero de designação e os dois outros gêneros, com os quais se expressam e/ou identificam (como ocorre com pessoas que se identificam bigêneras ou pangêneras) (NERY & MARANHÃO, 2013, 401).

Outro aspecto importante nas transexperiências é o uso de hormônios. Freitas (2014) nos fala que a história dos hormônios guardou interesse também pelos comportamentos, notadamente pela relação entre feminilidade, útero e hormônios. Mesmo que tenham se interessado por estética ou reprodução, tais interesses nos corpos sempre atuaram para garantir o lugar de mulher. Lima e Cruz (2016) nos ensinam que a endocrinologia é uma área do campo da medicina que nasce tardiamente, mas que tem um papel importante para a construção da visão da medicina no campo anatomofisiológico – relacionando as secreções às questões subjetivas de personalidade e comportamento.

No âmbito do SUS, a distribuição de hormônios não acontece de forma regulamentada, tampouco de modo universal, equânime e integral (como rege os princípios do Sistema), o que contribui para o processo de automedicação desses pacientes que, via de regra, chegam nos consultórios já com histórico de uso. Isso figura como uma contraposição ao sistema burocrático de distribuição limitada. Em vista disso, a situação dos homens trans é ainda pior do que a situação das mulheres transexuais e travestis, apontando para um nó crítico sobre a hormonização que perpassa a falta de regulamentação, o cuidado nas prescrições e o uso e acompanhamento dos usuários. Outro aspecto que ocorre em paralelo é a ausência da hormonização na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais – RENAME –, assim como na Relação Municipal de Medicamentos Essenciais – REMUME –. Essas ausências indicam que se faz necessário ampliar a transexualidade para além dos limites ambulatoriais e hospitalares, implicando numa ideia de cuidado que consiste no reconhecimento e encontro com a diferença (LIMA; CRUZ, 2016).

Ávila (2014) demonstrou em sua pesquisa que a testosterona aumenta a libido e a agressividade, o crescimento de pelos, engrossa a voz, diminui a gordura corporal e desenvolve músculos, atributos masculinos que dão muito orgulho aos homens trans, funcionando como uma chave de acesso ao ‘mundo masculino’. Sobre a importância do uso de hormônios

[...] por transexuais masculinos encontra-se no âmbito desta maquinaria, na qual a administração hormonal passou a ser uma condição *sine qua non* nos processos de construção das masculinidades transexuais, procedimento este que acaba por romper as fronteiras dos serviços de saúde especializados, transformando-se num potente dispositivo de medicalização, de farmacologização e de construção de processos de subjetivação (LIMA; CRUZ, 2016, p. 169).

Dessa maneira, esta discussão se insere no âmbito da biopolítica e do biocapitalismo, pois refere-se a uma gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade e governamentalidade, aquilo que nos ensina Preciado (2002) sobre a sexopolítica, ou seja, uma forma de dominação biopolítica do capitalismo em que sexo, órgãos sexuais, práticas e códigos de masculinidade e feminilidade são utilizados no cálculo do poder, de modo que discursos produzem normas que permitem estabelecer o controle sobre a vida.

Uma das possibilidades de pesquisa futura no campo, apontada por Ávila (2014), se refere ao âmbito das relações afetivas, sexuais e conjugais. Nas sociedades ocidentais, coexistem modelos tradicionais e libertários de compreensão sobre o erótico em que se observa um paradoxo que promove e nega tais vivências. Isso tem influência na forma como as pessoas o vivenciam, mas também em como pesquisadores pensam seus objetos de pesquisa, de modo que os resultados desses trabalhos não podem ser pensados fora de marcos conceituais e,

portanto, “não podem ser tratados como meros resultados de uma investigação desinteressada, mas representam atos morais e políticos em dramas mais amplos de liberação e repressão” (GAGNON, 2006, p. 171).

As pesquisas de Ávila (2014), Lomando (2014) e Duque (2013) apontam como vivências eróticas articulam os vários âmbitos da vida dos sujeitos, estando atreladas ao conjunto de valores e significados sobre o ideal de masculinidade e ‘lugar sexual’⁸ e como isso se reflete na noção de corpo. Corpo como sujeito de dinâmicas sociais, como local de articulação de relações e de legitimação de princípios sociais. A autora descreve que pode haver pessoas que se identificam como heterossexuais, *gays* ou pansexuais relacionando-se com mulheres e homens cis e transexuais. Aqueles que não realizam a histerectomia podem engravidar na ausência do uso de testosterona ou na interrupção da reposição hormonal e também aqueles que não usam contraceptivos e que o desejam.

Ávila (2014) reforça tal ideia ao demonstrar em seus relatos que há uma hipervalorização do corpo sarado e desqualificação do oposto, de modo que os que não se encaixam no primeiro modelo são excluídos e permanecem na invisibilidade. A autora verificou que, quanto à vida afetiva e sexual dos transhomens, as dificuldades em se relacionar estavam atreladas ao ideal de masculinidade, que os levam a preferir ter relações quando estiverem mais seguros de sua masculinidade. Isso expressa uma preferência e desejo por corpos masculinos por parte de parceiras/os afetivo/sexuais, embora alguns(as) os acompanhem desde antes e até depois da transição.

Lomando (2014) lembra ainda que a vida dessas pessoas é marcada pela luta social de autoafirmação, ou o que os autores chamaram de ‘batalha ontológica’, iniciada no núcleo familiar e de redes sociais mais próximas, a exemplo da história de João W. Nery, que era obrigado a usar vestido e lacinho na cabeça. Isso significa dizer que suas vidas são marcadas por uma referência identitária de gênero, designada no nascimento e materializada em nome civil, e pela construção da própria identidade (LOMANDO, 2014). Dessa forma, a passabilidade parece ser objetivo almejado, dando lugar social e sexual e os protegendo da transfobia.

A passabilidade é uma temática bastante importante na construção da masculinidade e do erotismo para as pessoas trans. ‘Passar por’ é situado por Tiago Duque (2016) enquanto uma

⁸ Falo em lugar sexual para me distanciar da ideia de papel sexual como algo fixo. Lugar sexual está mais atrelado ao âmbito da possibilidade de práticas eróticas e uso dos corpos sem compromisso com uma definição prévia inteligível. O lugar pode mudar como muda-se uma paisagem em que novos elementos são apresentados e novas experiências são possibilitadas.

categoria êmica, tratando-se de uma experiência, intencional ou não, de passar pelo outro sexo. Trata-se daquilo que as pessoas buscam, escondem, conhecem, constroem, desconstroem e expressam em termos de sexo. Halberstam (2008) informa que é o processo de transformar o eu em outro com ‘êxito’, ‘converter-se em’. Almeida (2012) diz que a busca do ‘passar por’ se dá também pelo desejo de sumir na multidão, de ter ‘direito a indiferença’, onde essa experiência permite alcançar o que o autor chama de ‘agradável momento de trégua’ quanto à violência e ao autoritarismo com as diferenças. Isso pode explicar o que constata Ávila quando percebe que havia nos seus interlocutores “uma preocupação muito maior com a presença dos seios do que com a falta de pênis” (ÁVILA, 2014, p. 100).

Corpo e performatividade são elementos que compõem a passabilidade e o resultado dessa interação se engaja na aproximação do ideal de beleza hegemônico. Assim sendo, o modelo de beleza é decisivo, mesmo quando o ‘passar por’ não se mantém, de modo que a valorização da beleza é fundamental. Alcançar parte das expectativas garante proteção a agressões e rechaços.

[...] modelo de beleza é decisivo em processos nos quais se relativiza as experiências sociais em termos de sexo-gênero e desejo, mesmo quando o passar por não é mantido, isto é, quando se descobre que o que se tem ali é um corpo reconhecido anteriormente como sendo do “outro sexo” (DUQUE, 2016).

O autor problematiza que se trata de um processo de escritos de si, onde a inteligibilidade em deixar de ser feminino para ser masculino implica um corpo com pelos, ausência de cólicas e menstruação, forte odor, urina escura, aumento do desejo sexual, espinhas e voz. Dessa forma, o sexo não é apenas aquilo que uma pessoa tem ou uma descrição estática, mas normas que tornam sujeitos viáveis, que qualificam o corpo em uma vida interior dentro de uma inteligibilidade cultural (BUTLER, 2001).

Os primeiros trabalhos que abordaram a transexualidade masculina já indicaram a necessidade de outras pesquisas relacionadas a questões afetivosexuais (ÁVILA, 2010). Dentre os motivos, a presença de um silêncio com relação às práticas sexuais dessas pessoas (BENTO, 2012; FREITAS, 2014) decorrente da associação dos homens trans com processos de monstrificação e pressupostos que os localizam como mulheres heterossexuais distantes do desejo, assim como ausência de sexo na relação lésbica (BENTO, 2012 apud FREITAS, 2014) como corpos que se localizam fora do desejo (FREITAS, 2014). Entretanto, a sexualidade dos homens trans é assunto que gera curiosidade dentro da comunidade transexual (BORBA, 2015).

A transmasculinidade pode também se constituir como categoria inventora de potência de vida com relação ao sistema sexo-gênero a partir de referenciais pós-estruturalistas e da

teoria *queer*, além da contraproduktividade foucaultiana como estratégia de resistência (PAMPLONA, 2017).

Para pensar a heteronormatividade, Butler a caracteriza como um sistema de normas que dão inteligibilidade a sexo, gênero, desejo e práticas sexuais. Expectativas sociais se localizam no corpo sobre cada uma delas em termos de pressuposição, exigência e indução à heterossexualidade. É a partir dessa ideia em Butler que Ribeiro (2018) se questiona se a heteronormatividade produz a norma e comportamentos individuais pela intervenção da social, da família e pessoas que estão em interação constante com, esta não seria também uma forma de deslocar o desejo e produzir subjetividades?

Nesse sentido, a autora arrisca responder que assumir uma determinada performance e, em seguida, uma posição em termos de sexualidade, permite o amadurecimento de outros sentidos de si (RIBEIRO, 2018). As maneiras de falar sexualmente sobre alguém, os trejeitos gestuais, os termos de linguagem, bem como os diferentes sujeitos, são posicionados por quem relata. Em contexto de pares engendra-se, de certo modo e tipo de sensação, sentimentos de pertença e engajamento dados pela relação a um outro oposicional. Trata-se de uma

[...] sensação provocada ao estar com outros homens, ao partilhar de uma atmosfera que está sendo instituída coletivamente. Talvez a sua vontade esteja ligada mesmo à sensação de compartilhar de uma posição masculina (RIBEIRO, 2018, p. 133).

Talvez seja também por esse motivo que, por muitas vezes, as narrativas encontradas nos estudos sobre transmasculinidades superam, mas também reiteram, os binarismos de modo que uma nova posição social coloca os homens trans em outras hierarquias da masculinidade, inclusive de expressões de sexualidade (FREITAS, 2014). Contudo, partilhar de uma determinada norma implica na assimilação de seus códigos e expectativas sociais, o que tem consequências diretas no modo de pensar, sentir e agir para respondê-las e que passam por um modelo de corpo masculino.

Uma expectativa de corpo construída pela mídia internacional, que veicula corpos de homens transexuais vistos como atrativos por serem musculosos (AMORIM, 2016), masculinos, definidos, e viris (LEITE JR; SILVA; SILVA, 2018) corresponde ao padrão de beleza dos homens *gays* cisgêneros, além das normas de masculinidade hegemônica que reproduzem uma matriz de aprendizado sobre o que é ser homem, ou seja, ser garanhão, pegador, machão, caçador ativo, uma verdadeira ditadura da masculinidade viril (PAMPLONA, 2018).

Se na sociedade heterocentrada, ser homem é ser amado e desejado pelas mulheres, ter a sensação que seu corpo, pênis, comportamento, ou postura masculina não cumpre os protocolos anunciados pelas diferentes instituições sociais é motivo de pânico e sofrimento (PAMPLONA, 2018, p. 179).

A autora entende que essa expressão hegemônica também se constitui a partir do medo e da angústia que surgem em decorrência de estigmas já vivenciados em relação à subversão biológica dos gêneros. É nesse sentido que a produção heteronormativa reforça conflitos no sentido de se reconhecer, muitas vezes, como monstruosidades e aberrações - conflitos que ultrapassam o âmbito individual, mas refletem nas relações interpessoais. “Se estar só perante o espelho se constitui um desafio, despir-se perante outra pessoa é assumir um corpo temido, rejeitado, execrado” (PAMPLONA, 2018, p. 233). Dificuldades de ordem afetivosexuais e relativas a idealizações de corpos masculinos interferem diretamente no sentimento de segurança (ÁVILA, 2014). Sentimentos de confiança e tranquilidade sobre as mudanças do corpo se relacionam também com as mudanças do desejo. Ao provocar um deslocamento do gênero, as mudanças corporais terminam por conferir maior confiança e sentimentos de tranquilidade, mas podem produzir também o deslocamento do desejo de modo que “gênero, corpo e desejo se mostram, então, como esferas da existência intrinsecamente imbricadas” (RIBEIRO, 2018, p. 304).

Sentimentos de insegurança também aparecem no contexto de contato inicial, em que precisam contar sua história à/ao companheira(o) e/ou à sua família, o que dificulta o encontro de parceiros amorosos (AMORIM, 2016). Assim, a espera pode entrar como estratégia para adquirir tais características masculinas e maior sentimento de segurança (AMORIM, 2016), bem como aceitação por parte de companheiros (LEITE JR; SILVA; SILVA, 2018). Entretanto, essa espera aponta para uma questão de temporalidade do corpo que se desdobra também em uma questão geracional.

Em um recorte geracional, existem algumas recorrências: liberdade na infância; adolescência vivenciada como período conturbado; experiência como mulher lésbica colocada como uma vivência anterior. A infância aparece como um momento de liberdade de experimentação entre gêneros. Até uns sete ou oito anos, há maior circulação entre gêneros, mas há o início do cultivo das sensibilidades corporais. Após o sétimo ano, as interdições passam a ser mais claras quando adentram espaços de coletividade, como o escolar. Existe uma temporalidade do corpo em que a interdição está regulada pelo tempo de modo que “quanto menos desenvolvido o corpo, menor as interdições. Quanto mais as diferenças anatômicas se tornam visíveis, maior as interdições” (RIBEIRO, 2018, p. 309). Entre os nove e quatorze anos, aumentam as feminilizações em decorrência do desenvolvimento do corpo e aumento da

afinidade com o gênero masculino. Signos corporais que os posicionam como mulheres (menstruação e seios) passam a ser rechaçados fazendo com que muitos homens trans não tenham fotos dessa época porque não gostavam da imagem de si, o que marca a adolescência como um período conturbado. Espera-se que sejam naturalmente femininas, passivas e delicadas se interessarem por outros rapazes, principalmente com o aparecimento dos seios e das curvas, o que marca a regulação do gênero feminino. As roupas são estratégias para fazer com que os ‘intrusos’ desapareçam, pois os “seios não são um elemento possível para o masculino” (FREITAS, 2014, p. 102). Posteriormente, a mastectomia gera satisfação (BARBOSA, 2015) à medida em que, para alguns transexuais masculinos, os seios são a parte do corpo que pode interditar as carícias. Já entre quatorze e quinze anos, pode haver presença de uma aparência feminina que, somada ao desenvolvimento do corpo, os posicionem como mulheres. Por consequência, surge um período de buscas de entendimento e de consciência de que não querem essa posição. Isso os leva a determinadas ações como raspar cabeça até se reconhecerem como homens trans. É a descoberta do ‘sentimento de masculinidade’ que não depende da genitália. Sentimento aqui pensado por Whitehead (1985) como vetor que possui uma direção. Nunca encerrado na interioridade do ser, mas que coexiste com outros sujeitos, que corresponde a uma direção que constitui a masculinidade tanto de homens cisgêneros como de homens transgêneros. Ribeiro (2018) arrisca dizer que “é só após a puberdade que, diante do desenvolvimento corporal, podem surgir pessoas que são capazes de lastrear sua autopercepção em um órgão genital” (RIBEIRO, 2018, p. 284) cis ou trans.

Gerações de homens trans mais velhos, assim como diferentes localizações geográficas, também podem interferir no modo como homens trans pensam suas práticas sexuais com normas menos ou mais rígidas. A possibilidade de ser homossexual, ser penetrado pela vagina e querer engravidar é narrada por homens trans mais novos e que moram em capitais (BORBA, 2015) de modo que ser confundido com homem *gay* moderno, urbano, jovial e de classe-média não parece ser problema (FREITAS, 2014).

De modo geral, a orientação sexual dos homens trans é vista como um grande espectro de possibilidades fluídas (FREITAS, 2014; AMORIM, 2016; CORDEIRO, 2016; LEITE JR; SILVA; SILVA, 2018; PAMPLONA, 2018). O papel sexual em termos de penetrabilidade é diversificado, de modo a fugir dessa linearidade (AMORIM, 2016), entretanto guarda negociação com a identidade lésbica (CORDEIRO, 2016; FREITAS, 2014). Para alguns homens trans, a vivência lésbica, ou a percepção de uma tomada de consciência que passa pela

experiência sexual como lésbica masculinizada (RIBEIRO, 2018), pode ser entendida como uma fase para chegar à identidade dos homens trans, contudo, para outras, não.

Na pesquisa de Rafaela Vasconcelos Freitas (2014), todos interlocutores experimentavam lesbiandade como processo de se encontrar, embora ela não tenha sido centrada apenas no desejo por mulheres. O sexo sem genitália masculina figura como elemento comum ao sexo lésbico e, em algum momento da vida, a lesbiandade parecia ser a única forma de exercer a masculinidade nos corpos que habitavam (FREITAS, 2014).

A pesquisa de Ana Carolina Cordeiro (2016) mostrou que é possível haver o reconhecimento como lésbica, mas há os que não se identificam. Sobre posição sexual, podem responder que são ‘ativos’ ou ‘ativas’ sem usar categorias identitárias, geralmente utilizadas nos movimentos sociais. O termo *boy* pode ser usado para designação de michês e lésbicas ultramasculinas na definição do seu interlocutor, ou seja, pessoa que se identifica como homem, embora seja designado como feminino, podendo ou não se identificar como lésbica. Ser ativo não necessariamente se relaciona com questões de gênero. A posição pode mudar como ativo ou ativa e podem ser chamados de lésbicas (CORDEIRO, 2016). Embora não seja regra, a penetração pode ser pensada como signo de masculinidade e orientação sexual (BORBA, 2015).

Halberstam (2008) diz que, por vezes, essas distinções são difusas e, por isso, não é possível manter definidas essas distinções entre lésbicas e transexuais. Contudo, Cordeiro (2016) entende que, frente a esta ideia, não há respeito à identidade de gênero dos homens trans, optando por uma ideia de diversidade de experiências e que essa consideração deveria ser previsível frente à complexidade que compõe a sexualidade humana.

Na pesquisa de Andressa de Freitas Ribeiro (2018), as vivências como homossexual desses sujeitos muitas vezes passam pelo reforço de uma atitude masculinizada, em termos de postura, estilo e corpo, havendo diálogo entre essas esferas. Nesse sentido, a autora arrisca dizer que o gênero desloca o desejo assim como o desejo desloca o gênero, o que torna difícil pensar esses aspectos como fronteiras/separações incomunicáveis entre elas (RIBEIRO, 2018). Seu estudo mostrou ainda que a identidade como um jogo de imagens precisa da confirmação do outro para se estabelecer, e a relação sexual se configura em um desses momentos. A existência de uma subjetividade e de performances vinculadas ao gênero identificado poderia ‘cair por terra’ se o parceiro(a) visse e/ou tocasse suas genitálias, além de ser apontado como um teste para o parceiro(a) em casos de relações heterossexuais. Caso houvesse interesse pelas genitálias, colocar-se-ia em dúvida a masculinidade/feminilidade do outro (BENTO, 2006).

A genitalização entra como um ponto de tensão em que as diferenças sexuais não podem ser usadas como o aspecto de definição do humano, sob pena de continuar a se relegar a algo marginal (FREITAS, 2014). As tensões também ocorrem com relação à nomenclatura dos genitais e aparelhos reprodutivos (BORBA, 2015). Não há consenso entre o uso dos termos. Entretanto vagina, micropênis, clitóris e pênis são nomenclaturas possíveis (BORBA, 2015). No âmbito dos movimentos sociais, também se observam tensões entre lésbicas masculinizadas e homens trans em que elas acusam eles de traição do movimento, e eles as acusam de não respeitarem a identidade de gênero. Machismo/cissexismo/misoginia atravessam a formação dos homens trans (CORDEIRO, 2016).

A cirurgia de transgenitalização não é uma necessidade para a construção da ideia de homem para todos (BORBA, 2015). As técnicas de constituição peniana aparecem como algo importante, mas, em decorrência da sua funcionalidade, acaba-se por relativizar a ideia de homem com pênis de modo que a nomeação do órgão como vagina pode assumir função política (BORBA, 2015). Embora a genitalização da experiência na transexualidade seja vista como negativa, o prazer genital entra como fator importante (BORBA, 2015).

Usar os sentidos corresponde à estratégia de desvincular a sexualidade da genitalização envolvendo uma infinidade de fatores para além dos corpos biológicos que são significados. Alguns objetos utilizados na cena sexual, como as próteses penianas, podem ser percebidos como ameaças em alguns momentos. Em determinados contextos, podem gerar angústia quanto à percepção sobre o efeito que tais materiais produzem em suas companheiras e podem ser vistos como deficiência não possível de ser suplantada, apurando um sentimento de ser diminuído e de não virilidade (PAMPLONA, 2018).

Recusar usar prótese pode figurar como uma forma de não se sentir diminuído por algo que não tem. Entretanto essa postura confere poder patriarcal do falo e domínio do corpo masculino pelo modelo econômico de Estado ou pelo religioso (PAMPLONA, 2018). Os incômodos com o próprio corpo são relativos ao descompasso entre a percepção de si – fruto da relação simbiótica entre corpo, gênero e desejo – e a percepção do outro.

A relação permeável entre essas dimensões que engaja uma imagem corporal, um sentido de si, e que nos dá, portanto, um corpo. Ainda afirmo que sustentar uma separação entre elas é também sustentar uma perspectiva indexal e cartesiana da experiência (RIBEIRO, 2018, p. 319).

A autora fecha a discussão dizendo que aquilo que funda a experiência trans é o mesmo que funda a experiência cis. Significa que a formação de um sentimento de si ocorre pela relação

simbiótica entre corpo, gênero e desejo, esferas que supõem caráter de mobilidade e deslocamento, definindo gênero como:

Espécie de modulação da frequência vibracional do corpo que faz o desejo vibrar de uma determinada maneira. Esta modulação, que tende a dar uma direção para o desejo, estaria associada a uma gestão corporal do prazer, instaurada coletivamente, e que se dá, sobretudo, ritmicamente. Nesta concepção de gênero, procuro levar em consideração tanto a dimensão corporal quanto a dimensão do desejo e os possíveis agenciamentos entre estas três esferas (RIBEIRO, 2018, p. 319).

Existem para Ribeiro (2018) dois registros do corpo: um perceptual, correspondente a como se sente o próprio corpo; e um indicial, de como ele é lido coletivamente. A distância entre esses dois registros produz o desconforto corporal vivenciado pelos homens trans. “A percepção do outro não é algo que está distante e fora, mas compõe e povoa mesmo nossa autopercepção” (RIBEIRO, 2018, p. 284) que está sempre por fazer e refazer, não apenas atrelada a memórias e percepções imediatas, mas que implica no engajamento tanto dessa percepção como da memória.

As modificações de sentidos sobre os corpos podem ter, por consequência, a ampliação do repertório de práticas sexuais e a presença da ‘intenção’ de dar prazer ao outro. Determinadas formas de sentir prazer mudam mediante desmistificação das interdições. Por vezes, sentir-se homem está relacionado a proporcionar prazer e satisfação sexual ao outro. “O desejo, como algo subjetivo, que acontece internamente, mas não é produzido individualmente/isoladamente, sendo construído a partir das produções, naturalizações e imposições sócio-cultural-históricas” (CORDEIRO, 2016, p. 81).

A transição, em alguns casos, se relaciona com a conquista de prazer sexual, mas tais descobertas, via de regra, ocorrem tanto antes quanto depois da transição, havendo uma descoberta do sexo sem a genitália masculina, comum em experiência com lésbicas (FREITAS, 2014). A vagina é possibilidade de obtenção de prazer sexual, tocada por outrem ou com autoestímulos. Em outros casos, a vagina se torna zona proibida de toque. A descoberta do prazer está relacionada à afirmação da posição de homem sem ser determinada pela genitália. Isso relativiza o paradigma indexal, em que “o sentido de um corpo é determinado, previamente, por uma genitália específica” (RIBEIRO, 2018, p. 314).

Dessa forma, a orientação sexual se constitui para além de questões singulares ou inconscientes, mas também em processos coletivos conscientes que possibilitam mudar práticas preestabelecidas. A autora ainda afirma que a orientação sexual não se produz exclusivamente de modo singular, mas socialmente (CORDEIRO, 2016).

Ribeiro traz a ideia de coito perceptivo, o que corresponde à consonância entre autopercepção como homem e percepção do outro com relação a esse. Isso ocorre por meio de um engajamento perceptivo e imagético de “excitação sensória do corpo em consonância com sua imaginação” (RIBEIRO, 2018, p. 289). A imaginação se torna um recurso importante na cena sexual. Sobre isso, seus interlocutores frisam a importância da imaginação a ponto de causar uma espécie de ‘gozo psicológico’.

Existe uma modulação da vibração corporal que se tece na coexistência com outros sujeitos, humanos e não humanos, produzindo modos de estar encarnados para homens e mulheres. Essa modulação se expressa nas maneiras de beijar e ser beijado, tocar e ser tocado, sentir o próprio corpo e o corpo do outro. A autora ressalva que não se trata de uma armadura, mas de uma tendência construída coletivamente. O gênero viabiliza desejo de modo que, para haver um ou outro, há a necessidade de reconhecimento (RIBEIRO, 2018).

A autora argumenta que validar a sexualidade passa pelo deslocamento da posição. Entra em debate, então, a questão do desejo de ter e desejo de ser: primeiro, os homens trans *gays* apontam que gênero e sexualidade seriam coisas distintas; entretanto, em segundo, desejam ter relação íntima, já que a possibilidade de interação sexual passa pelo reconhecimento e pela validação da masculinidade, portanto se estabelece o deslocamento da posição. Desejar e interagir sexualmente estão atrelados umbilicalmente à convicção de ser desejado pelo outro.

A possibilidade de desejar um homem e entrar em uma interação sexual com ele está intimamente relacionada, portanto, a convicção de que este outro homem o deseja enquanto homem, quer dizer, o desejo depende da validação do seu gênero pelo outro (RIBEIRO, 2018, p. 304).

As relações afetivosexuais envolvem também vivências de desejo atreladas à construção do sentimento de ser homem como uma experiência comum e importante como base da formação identitária do homem trans. Questões de signos corporais e comportamentais interagem com marcadores sociais de etnia, classe e orientação sexual. Já saúde e direitos se comunicam com as relações afetivosexuais (FREITAS, 2014; CORDEIRO, 2016; PIMENTEL, 2018).

Mudanças e transições afetam também quem está ao seu entorno (FREITAS, 2014) e modificam a identidade sexual dos casais. Quando a transição é acompanhada por um parceiro(a), há relatos de tensão relacionados ao entendimento da posição sociosexual antes (lésbica cisgênera) e depois (transgênero heterossexual), havendo possibilidade de haver identificação com a bissexualidade pós-transição homossexual (CORDEIRO, 2016). Aqui, as origens das tensões se localizam no desconhecimento, preconceito, transfobia e cissexismo

(CORDEIRO, 2016), “o que há é menos um corpo errado ou uma separação entre corpo e ser do que uma sensação de desconforto causada pelo descompasso entre autopercepção e percepção do outro” (RIBEIRO, 2018, p. 317).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Escolher uma metodologia de pesquisa implica tomar um posicionamento sobre o que se entende por conhecimento. O modo como se constrói seu caminho corresponde a uma forma de olhar o mundo. Esta escolha expressa as opções filosóficas que o pesquisador considera mais adequadas para a compreensão da realidade em termos teóricos e metodológicos. O método corresponde ao caminho (TURATO, 2008), o encadeamento de passos para construir o conhecimento, ao passo que a metodologia se refere ao campo epistêmico, às opções filosóficas em que se situa a discussão (FERREIRA NETO, 2008). Desse modo, o método envolve uma discussão ética e a relação com o pesquisador.

Este trabalho, portanto, se inscreve em uma perspectiva de conhecimento que assume seu caráter posicionado expresso nas escolhas filosóficas e metodológicas sem o objetivo de produção de leis universais, mas sim de narrativas que refletem a experiência singular inscrita em um campo maior. Assim sendo, falar da singularidade dos sujeitos e do contexto tem o efeito de produzir discursos e sujeitos, sejam eles os participantes ou o próprio pesquisador.

Aqui, pautarei minhas discussões no pressuposto filosófico de que a produção de saberes não é a expressão de uma generalidade sobre aquilo que se estuda, uma ideia de ciência neutra com pretensões de verdades universais sobre os fatos. Trata-se de narrativas singulares e localizadas que constroem uma versão teórica sobre determinada discussão (HARAWAY, 1995). Os saberes são construídos por meio da análise das relações de poder e seus efeitos, ou seja, são entendidos como relações nas quais tanto o pesquisador(a) como o pesquisado(a) (e/ou aquilo que se pesquisa) são efeitos discursivos de regimes de verdades atravessados por implicações históricas, culturais, políticas e sociais que tomam os sujeitos como participantes dessa produção (ADRIÃO; FINE, 2015).

Nesta perspectiva, apropriei-me dos estudos sobre arquivo (VAL, 2018; OLEGÁRIO, 2018; RIBEIRO, 2019) que trazem a ideia de arquivo como um saber que retrata algo antigo, mas que guarda uma perspectiva possível de projetar o futuro e olhar o presente (AQUINO, 2019). Essa metodologia tem se colocado como uma forma fértil e criativa de produzir saberes, uma vez que, a cada retorno ao arquivo, é possível construir novas leituras (AIUB, 2012) que permitem trabalhar com uma espécie de licença poética, sem perder o rigor (CORAZZA, 2019).

Para FOUCAULT (2008), o arquivo seria

[...] um conjunto de discursos efetivamente pronunciados [...] não somente como um conjunto de acontecimentos que teriam ocorrido uma vez por todas e que permaneceriam em suspenso, nos limbos ou no purgatório da história, mas também como um conjunto que continua a funcionar, a se transformar

através da história, possibilitando o surgimento de outros discursos (FOUCAULT, 2008, p. 145).

Sendo assim, o(a) leitor(a) acostumado(a) com uma narrativa em que ‘corroborados’, ‘valida hipóteses’ ou ‘refuta teorias’ perceberá que o caminho dessa tese é bem diferente, pois realizei um gesto arquivístico (AQUINO, 2019) de imaginação-montagem de tratamento das fontes, uma ‘reflexão sobre o material bruto’ ou uma retomada crítica da primeira versão (AQUINO; VAL, 2018).

Para arquivar o conjunto dos discursos que emergem na história, alinho-me às reflexões de Aquino e Val (2018) sobre alguns cuidados com a pesquisa foucaultiana. Para os autores, há o risco do uso instrumentista do material empírico quando há um processo de construção teórica que se baseia no confronto entre conceitos e material empírico. Essa evocação apologética pode assumir um uso instrumentista da obra foucaultiana, reduzindo a criação intelectual a uma apropriação hermeneutizante.

Nesse modo de pesquisar, o(a) leitor(a) encontrará o resultado (capítulos 3 e 4) de um processo de imaginação-montagem do arquivo (gesto arquivístico), ou seja, encontrará um esforço de composição adicional de vida que inunda o arquivo, pois ele é o excesso de sentido que lhe afeta (AQUINO, 2019). Trata-se de uma recomposição tradutória que não se confunde com transposição automática, mas sim de uma “operação recriadora da realidade documentada [...] doravante imaginada” (AQUINO; VAL, 2018, p. 45). O que poderá ser percebido como ‘descrição’ do campo – caracterização dos sujeitos, do ambiente e transcrição de falas – é decorrência da operacionalização conceitual que impulsionou a composição de um arquivo dessa maneira e não de outra.

Assim sendo, o leitor encontrará uma composição narrativa formada a partir do modo como os operadores conceituais se apresentavam dentro do campo empírico: vídeos do *YouTube* de homens transexuais que falam das suas práticas sexuais. É esse modo de apresentar o material empírico que demonstra aquilo que o arquivo ‘é’ - vídeos do *YouTube* - *YT* (com narrativas de homens trans) - e aquilo que o arquivo ‘faz’ - discursos sobre práticas sexuais dos homens trans.

Aquilo que se nomeia comumente de ‘confronto do material empírico com a teoria’ funciona de um modo um pouco distinto neste trabalho. O uso dos operadores conceituais está disponível para a afirmação do saber localizado naquela superfície de aparição (vídeos). Nessa perspectiva, os saberes localizados no *YT* não falam ‘sobre os discursos’ das práticas sexuais dos homens trans, mas ‘dos discursos’ sobre as práticas sexuais dos homens trans, uma vez que quem fala sobre esse assunto são os próprios homens trans, enquanto que o papel do pesquisador

reside em reproduzir o que eles falam. Com efeito, o que emerge no arquivo dos vídeos do YT não será usado para corroborar uma metanarrativa.

A partir disso, essa tese foi composta por três eixos: conceitual, metodológico e empírico. Cabe notar que nessa perspectiva os trabalhos teóricos, metodológicos e empíricos se confundem. Isso significa dizer que o olhar para o material empírico será de modo conceitual. Quando se olha para um determinado arquivo, se olha com intencionalidade, e aqui eu olho (com intencionalidade) para os discursos sobre as práticas sexuais dos homens trans. Este olhar é um procedimento analítico e faz com que a divisão dessa tese expresse apenas o modo como eu, pesquisador, conduzo minhas atividades, mas não retrata um arquivamento *per se*. Sua formação é o modo como eu a compus, não significando que outros arquivamentos ocorram do mesmo modo.

3.1 Natureza e sujeito da pesquisa

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, entendida como aquela que se ocupa de estudos voltados para os aspectos simbólicos e subjetivos, dedicada à análise dos significados que os sujeitos dão às suas ações dentro de um contexto específico, bem como por meio das relações que as mesmas estabelecem (MINAYO; SANCHES, 1993; CHIZZOTTI, 2000; VICTORA et.al., 2000). É uma abordagem feita para se ter uma visão êmica, ou seja, relativa ao grupo escolhido conforme os objetivos que buscam construir um conhecimento aprofundado sobre um pequeno grupo em que o processo de coleta supõe uma relação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados (VICTORA et.al., 2000). Tal escolha metodológica se justifica quando meu interesse se volta para os significados construídos sobre a sexualidade dos homens transexuais a partir da construção das histórias das suas práticas (sexuais) enquanto sujeitos sócio-históricos que emergem como efeito de relações de poder (FOUCAULT, 1988).

Assim, não se trata de descobrir dados, mas de produzir perguntas e reflexões de modo que haja o reconhecimento da aproximação entre sujeito e objeto envolvendo sempre significados, intenções, valores, motivos e atitudes, aspectos dificilmente quantificáveis (MINAYO, 2009). Desta forma, o registro detalhado de observações, informações e entrevistas servem para a interpretação dos eventos (VICTORA et.al., 2000), tal como os escritos etnográficos, que são falas das falas de outras pessoas. O que precisamos entender sobre determinado acontecimento aparece como pano de fundo dos aspectos observados isoladamente – rituais, gestos, ideia, costume, processo de decifrar códigos (GEERTZ, 1989). Por isso, foi seguida uma proposta teórica que desloca a noção de um sujeito pré-discursivo para outro que

emerge das condições sócio históricas produzido como efeito de linguagem, ou seja, um sujeito contingencial (FOUCAULT, 2008; HALL, 2006).

Sabemos que para Foucault existem duas noções de sujeito: um sujeito natural e anterior a realidade social; e o sujeito tomado como consequência – causa/efeito – ou seja, um sujeito facilmente manipulável. O autor trabalhou primeiro com os saberes (arqueologia), com o saber e o poder (genealogia) e depois com os sujeitos (ética e cuidado de si, uma estética da existência), de modo que cabe pensar se existe uma noção básica de sujeito para ele. Havendo, seria um sujeito descentrado de origem ou substância natural, não preexistente ao mundo social e tampouco causa do meio social. No entanto, o objetivo de Foucault foi de compreender os diferentes modos de como os seres humanos se tornam sujeitos, o que acontece por meio dos modos de subjetivação, isto é, maneiras em que os seres humanos se tornam sujeitos localizados em um contexto histórico, dentro de jogos de verdade e saber/poder, e relações complexas não causais (VEIGA-NETO, 2011).

Na interpretação de Araújo (2008), o objeto de Foucault foi o discurso e como ele participa na formação dos sujeitos, ou seja, questões que sustentam a questão central de sua obra: como nos tornamos o que somos. Esta lógica discursiva não trata de interioridade nem de essência, mas de um conjunto de elementos que conversam entre si produzindo modos singulares de existência na qual a subjetividade é entendida como causa e efeito de relações de poder.

Para Lima (2015), todavia, existem duas significações de sujeitos em Foucault. Uma que se inscreve em uma ideia de assujeitamento ao outro, pautada por relações de controle e dependência, e outra inscrita na ideia de identidade, caracterizada por uma noção de si mesmo constituída pelo autoconhecimento. Há em ambos os casos poder de subjugação que objetiva. Há um processo que deixa a ideia de sujeito para a noção de processos de subjetivação, o que leva Foucault olhar para a história das práticas.

Quem produz vídeos para o YT produz para este tipo de mídia interferindo profundamente na forma como o arquivo será desenvolvido. Podemos pensar no objetivo que o sujeito possui e como essa mídia produz determinados tipos de narrativas. É possível que se encontre modos de subjetividades nessa mídia e no canal. Há neste substrato a possibilidade de produção de conteúdo com forte componente democrático, uma vez que qualquer pessoa pode tornar-se *youtuber* e produzir conteúdo do modo que lhe convier. Em suma, o YT acaba se caracterizando como um espaço de articulação muito profícuo para traduzir diferentes formas de ser e popularizar determinadas discussões.

3.2 (Contra) Procedimentos de análise: arquivamento e arquivização

Buscarei refletir sobre o material a partir das contribuições de Foucault no que se refere aos processos discursivos e tomando como referência as regularidades discursivas, as discontinuidades e rupturas para que possamos compreender como elas emergem. Entende-se que o discurso não se dá aleatoriamente, mas sim como efeito de uma regulação em que é ao mesmo tempo barrado, estimulado, silenciado e organizado. A produção discursiva nos auxilia na compreensão de que o sujeito se constitui como efeito dos jogos discursivos (FOUCAULT, 2012).

Fisher (2012) complementa que contribuições foucaultianas para o processo de construção de conhecimento funcionam como atitudes metodológicas que implicam em compreender que há presença de lutas discursivas que se relacionam com a linguagem e permitem ir para além das coisas dadas, uma vez que fatos e enunciados não são óbvios e dizem respeito às palavras e coisas. Lembrando que as práticas podem ser discursivas e não discursivas, e dizem respeito às relações de poder que fazem aparecer a multiplicidade complexa dos fatos e das coisas revelando o regime de verdade localizado espaço temporalmente (FISHER, 2012).

A autora acrescenta ainda que a formação discursiva é um “feixe complexo de relações que faz com que algumas coisas possam ser ditas (e tomadas como verdadeiras) num certo momento e num lugar” (FISHER, 2012, p. 101). Assim, o desafio seria descrever o que é dito, quem diz, em que circunstância, frases e enunciados e realizar exercício de dúvida permanente, pois determinadas nomeações são tão reificadas que passam a ser tomadas como naturalizadas.

Observa-se quanto ao contexto de enunciação sua regularidade, suas transformações históricas e econômicas, aproximações e distanciamentos entre discursos e formações de silêncios (FOUCAULT, 2012). Moraes (2010) fala que a unidade em Foucault não se trata de coerência visível e horizontal entre os objetos, mas de um sistema mais amplo que a torna possível, de modo que a impressão de uma unidade discursiva já é parte dos efeitos dos jogos de poder em que os enunciados são elementos internos aos discursos que têm sentidos comuns que formam, nessa convergência, os discursos. O lugar da enunciação define o sentido que o discurso irá tomar.

Também não se buscará identificar o que está por trás dos enunciados, nem a intenção e nem os aspectos inconscientes, mas trabalhar na aparição escrita entendida como o conjunto de enunciados que possuem sentidos convergentes. Tampouco se trata de um discurso narrativo

de estrutura frasal com proposições, sujeitos e predicados uma vez que, se colocado em contextos diferentes, assume sentidos diferentes. Procurou-se, sim, entender como o contexto e as contingências históricas produzem determinados conteúdos e não outros, e quais regras que determinam “onde os objetos se perfilam e se transformam” (CASTRO, 2016, p. 177).

Deste modo, a pesquisa passa por descrever os enunciados que aparecem como objetos, conceitos e estratégias. As frases produzidas são as interpretações dos enunciados, mas não se confundem com eles. O ato ilocutório se produz “pelo próprio fato de ter sido enunciado” (FOUCAULT, 2009, p. 94). Os critérios utilizados para a individualização de cada um são os mesmos, entretanto é necessário mais que um enunciado para a realização de um ato de fala ou ato ilocutório (juramento, prece, contrato, promessa). Existem fórmulas distintas ou frases separadas. Os atos se constituem pela série de enunciados ou soma de enunciados por necessária justaposição. O autor alerta ainda que “língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência” (FOUCAULT, 2009, p. 96), não se confundem com frases, proposições ou fala, no entanto são indispensáveis para que estas últimas existam em termo de aceitabilidade e interpretabilidade.

Não é necessário que se persiga uma unidade curta ou longa de enunciado, ou mesmo forte, deliberada, mas ela deve ser tomada como outra dentro de um nexos lógico entre os aspectos gramatical e locutório. Mais que um elemento ou recorte demarcável, o ato ilocutório é uma ‘função’ exercida de forma vertical relacionada a diversas unidades que permite dizer se elas (unidades) estão ali (FOUCAULT, 2009).

Assim sendo, nos ocuparemos de compreender as relações discursivas entre os três campos heterogêneos descritos abaixo:

1. Quais são as superfícies de emergência, ou seja, onde o discurso sobre a experiência erótica dos homens trans emerge (blogs, fotoblogs e videologs etc.) (FRAGOSO, 2011);
2. Quais instâncias buscam delimitar essas experiências, ou seja, que procuram designar, nomear ou instaurar discursos sobre as práticas sexuais dos homens trans (sexologia, psiquiatria, etc.);
3. Que grades de especificação são organizadas por tais discursos, ou seja, os sistemas de oposição, separação e reorganização que se constroem em relação às práticas sexuais dos homens trans (sexo/gênero; atividade/passividade; cisgeneridade/transgeneridade; amor/sexo; orgasmo/ejaculação/gozo).

3.3 O Arquivo “Como fazer sexo com homens trans” no *YouTube*

A pesquisa buscou compreender a sexualidade dos homens trans *youtubers* tomando como base os seus discursos no espaço público da internet. É necessário considerar que meu principal interesse não se dirige para a produção e narrativas midiáticas (cinema e televisão), mas sim para a produção discursiva que encontro a partir da produção desses arquivos.

Cabe ressaltar que a produção científica sobre esta plataforma é extensa e que produz modos específicos de subjetivação. Quero dizer com isso que, embora eu esteja trabalhando com uma transcrição feita a partir de um material audiovisual, o *YouTube* tem particularidades que influenciam na forma dos *youtubers* se exporem.

Criado em 2005 para aumentar a capacidade de compartilhamento de conteúdo audiovisual na internet, o YT permite sem complexidades que o usuário realize *upload* para publicar e assistir vídeos, sem limitação de número de vídeos, permitindo que se estabeleça contato com outros usuários e amigos, e é de fácil incorporação em outros *sites*. Trata-se de uma rede com alta capacidade de distribuição e popularização de qualquer conteúdo produzido (BURGESS; GREEN, 2009) com finalidades diversas em que o público (fãs de um canal ou consumidores de um produto) é convidado a participar do processo de criação e de circulação do conteúdo (BURGESS; GREEN, 2009).

Para alcançar a audiência, é necessário que o *youtuber* tenha uma compreensão do funcionamento da rede. Para tornar-se ‘usuário’, a pessoa deve efetuar um *login* por meio de um cadastro disponibilizado no *site*. A partir daí o usuário poderá construir o que se chama de ‘canal’, ou seja, território virtual onde o usuário passa a ter domínio após ter se cadastrado. O *youtuber* corresponde ao sujeito que produz o vídeo. A coleção de vídeos gerados é submetida a dois processos formativos: o informacional e o comunicacional. O primeiro corresponde à apropriação das técnicas necessárias para aceder ao ciberespaço, produzir a imagem digital, realizar o seu tratamento (edição) e produzir um arquivo compatível com a arquitetura do sistema de informação onde vídeo será disponibilizado. O processo comunicacional corresponde ao desenvolvimento da capacidade de interagir com o público, o que implica na criação de estratégias de divulgação e de agregar valor ao conteúdo (SANTANA, 2012).

Realizei o arquivamento (AQUINO; VAL, 2018) de vídeos publicados entre os anos de 2016 e 2019 na plataforma do YT a fim de entender quais são as estratégias utilizadas para a obtenção do prazer sexual e o lugar das materialidades neste contexto.

Dados estes aspectos, busquei compreender a relação que apresentam para formar aquilo que Foucault define como relações discursivas a partir das contribuições do autor no que se refere aos discursos, que podem ser verificados a partir de regularidades, descontinuidades e

rupturas de enunciados de modo que possamos compreender como ocorre a relação entre narrativa e contexto. Dessa forma, o discurso para Foucault, não é entendido como um

[...] conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Entende-se que o discurso não se dá aleatoriamente, mas sim como efeito de uma regulação em que é, ao mesmo tempo, barrado, estimulado, silenciado e organizado. Nessa direção, a análise discursiva nos auxilia a perceber de que modo o sujeito se constitui como efeito de jogos discursivos (FOUCAULT, 2012). Para isso, observa-se as regularidades, as transformações históricas e econômicas, as aproximações e distanciamentos entre discursos e formações de silêncios (FOUCAULT, 2012), os quais podem ser analisados por meio de unidades discursivas. De acordo com Moraes (2010), a unidade discursiva para Foucault não é uma coerência visível e horizontal entre os objetos, mas um sistema mais amplo que a torna possível. A impressão de uma unidade já é parte dos efeitos dos jogos de poder, nos quais há enunciados que funcionam como elementos internos aos discursos.

O lugar dos enunciados define o sentido que o discurso irá tomar. Por isso, o presente estudo não tem o objetivo de identificar o que está por trás dos enunciados, nem a intenção e nem os aspectos inconscientes, mas trabalhar com o conteúdo na sua externalidade, na aparição escrita, entendido como o conjunto de enunciações que possuem sentidos convergentes. Tampouco se trata de um discurso narrativo de estrutura frasal com preposições, sujeitos e predicados uma vez que, se colocadas em contextos diferentes, assumem sentidos diferentes. Mas se trata de entender como o contexto, como as contingências históricas produzem determinados conteúdos e não outros, quais regras determinam “onde os objetos se perfilam e se transformam” (CASTRO, 2016, p. 177).

Os enunciados não são palavras, frases ou proposições, mas formações que apenas se destacam de seus *corpus* quando os sujeitos da frase, os objetos da proposição, os significados das palavras mudam de natureza, tomando lugar no dizer-se, distribuindo-se, dispersando-se na espessura da linguagem (DELEUZE, 1991, p. 29).

Os enunciados que foram analisados compõem um *corpus* que, neste trabalho, foi construído e trabalhado a partir de um processo de arquivamento e arquivização, conforme Groppa Aquino e Val (2018). Os autores se basearam em Bellotto (2006), para quem a arquivologia clássica define como “domínio receptor que agrupa conjuntos de documentos de caráter pessoal ou institucional, reunidos seguindo sua origem e função” (AQUINO; VAL,

2018, p. 45). O arquivo tem caráter patrimonial, de identidade cultural e de memória: instituições de guarda e textos selecionados, organizados e preservados conforme uma lógica veridictória. Lógica clássica que não pretendo utilizar nesse trabalho, mas sim dentro de uma lógica foucaultiana de pensar o arquivo que se caracteriza como um conjunto de discursos pronunciados que continua a funcionar e que se transforma por meio da história, possibilitando a emergência de outros discursos (FOUCAULT, 2008). Se trata das disposições que regem o espaço temporalmente nos limites do dizível.

O arquivo é, de início, **a lei do que pode ser dito**, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa (FOUCAULT, 2008, p. 147, grifo nosso).

O arquivo situa o limite entre o pensável e o impensável dentro de uma sociedade e de uma época. Ele aparece como práticas dos discursos com regras e condições de formação. Caracteriza-se como uma positividade, ou seja, ele é produtivo. O arquivo se constitui como uma materialidade: ao mesmo tempo que ele ‘é’, ele ‘faz’, o que significa dizer que também produz efeitos a partir das discursividades que carrega. O seu princípio organizador faculta e tolhe os meios de reprodução e de circulação, difusão e uso fazendo algo para além da mera conservação da ‘massa documental’ por si.

Pode-se dizer que a sistematização textual, em sua própria enunciabilidade, define o arquivo. Tal sistema de enunciados não é a soma de todos os textos, mas aquilo que faz com que tantas coisas ditas tenham surgido não apenas a reboque das leis do pensamento ou do jogo das circunstâncias. Antes, elas perduram graças a todo um jogo de relações e de regularidades específicas que caracterizam particularmente o nível discursivo. O “arquivo” aparece, então, como uma espécie de grande prática dos discursos, prática que tem suas regras, suas condições, seu funcionamento (FOUCAULT, 2007, p. 52).

Groppa Aquino e Val (2018) dizem que o termo montagem define a tarefa que é realizada no procedimento do arquivamento usando a figura do quebra-cabeça e do caleidoscópio como metáfora. A montagem se caracteriza a partir de algumas etapas: manuseio de um espectro amplo de fontes; fontes selecionadas de acordo com a classificação de seus enunciados; demarcação de peças-chave e elementos adjacentes; e, por fim, a construção de um mapa de discursos possíveis em local e época (AQUINO; VAL, 2018). Os autores dizem que as temáticas, tomadas inicialmente como isoladas e autônomas, terminam quase sempre por miscigenar-se, desviar-se, proliferar-se frente à dispersão do pesquisador sobre fontes menores ou mais canônicas, múltiplas e heterogêneas em que se debruça. O arquivo delimita qual será o

caminho investigativo, assim, acontece o que os autores chamam de uma deambulação atenta lançada em torno do que se passa com relação ao dito e visto.

Referente à arquivização, Groppa Aquino e Do Val (2018) trabalham a ideia de imaginação e montagem. Fazendo a analogia de um *thriller*, as evidências não são ocultas, embora aparentes, para quem as vê. Elas oscilam entre uma perscrutação serial e acontecimental. O modo serial permite uma visão ampla das fontes, dentro de um recorte temporal que permite ter visão de escala junto ao uso de documentos tangenciais que singularizam silêncios de outras séries. O acontecimental se caracteriza como inversão de força, conforme Foucault (2008), como uma superfície documental em que se incide a investigação e os acontecimentos com cortes e desvios.

Arquivamento e arquivização são, portanto, processos que devem ocorrer simultaneamente, de modo que seja possível realizar uma remontagem do arquivo, o que permite a apresentação de conflitos, paradoxos e choques (AQUINO; VAL, 2018).

3.4 Ferramentas digitais ou sobre *packer*⁹ ar os vídeos

Os vídeos passaram por um processo de transcrição das falas dos *youtubers* a partir das quais foi possível desenvolver a análise discursiva tomando esses substratos como narrativa textual. Para explorar aspectos relacionados à imagem foram realizadas captura de tela por meio da obtenção de um fotograma feito a partir de pausas das imagens por meio da ferramenta *print screen* para a leitura e seleção de trechos da transcrição dos vídeos. O fotograma é a imagem unitária de filme, tal como registrada sobre a película; há, em regra geral e desde a padronização do cinema falado, 24 fotogramas por segundo de filme. Cada fotograma é uma fotografia, tirada a uma velocidade relativamente lenta correspondendo ao tempo de exposição da película a cada parada de seu avanço na câmera (mais ou menos 1/50 de segundo); por isso os movimentos rápidos se traduzem por imagens desfocadas (AUMONT; MARIE, 2003).

O texto em tela está dividido em duas partes. A primeira apresenta como foi construída a metodologia para acessar os canais do *YouTube* e, ainda, a descrição do número de participantes, quantos vídeos foram utilizados, quantos apresentam conteúdos que

⁹ *Packer* é a prótese utilizada pelos homens transexuais, mas ‘paker-ar’ aqui se transforma em um verbo. O modo como eles utilizam este objeto (colocar a cinta, ajeitar ele dentro da cueca, fazer o volume) e as funções que ele permite fazer (volume, urinar, fazer sexo, masturbar-se, dar prazer para outra pessoa etc.) corresponde ao verbo que utilizo para realizar o procedimento de análise: buscar um *packer* na internet – revisão da literatura; testar o *packer* – visualizar os vídeos; usá-los em determinadas situações – construir a análise.

correspondem aos objetivos e o processo de sistematização dentro de um quadro sinóptico por canal. A segunda parte analisa como os enunciados que circulam nos canais se encontram com cada um dos objetivos. Por fim, realizo uma análise global da sistematização das falas nesses materiais videográficos e proponho dois eixos de discussão: um relativo às práticas eróticas dos homens trans e outro de análise das materialidades, capítulos 3 e 4, respectivamente.

Inicialmente, falarei sobre três aspectos fundamentais para entender as superfícies em que os discursos dos homens transexuais emergem no âmbito da internet, ou seja, como os discursos públicos sobre a experiência erótica dos homens trans emergem no *YouTube*. Veremos também que as instâncias de delimitação dessas experiências ou condições que designam, nomeiam e instauram enunciados sobre as práticas sexuais dos homens trans estão perpassadas também pela psiquiatria e a sexologia, atravessadas pelas grades de especificação que organizam esses discursos pelos sistemas de oposição, separação e reorganização construídos em relação às práticas. Há também um impulso no sentido de protagonismo que revela como um sujeito sexual, além de ensinar coisas novas em termos da sexualidade humana, parece lembrar outras tantas que estariam banalizadas.

Realizei o processo de montagem em quatro etapas: primeira, levantamento dos vídeos; segunda, visualização e triagem segundo os critérios de exclusão e de seleção descritos; terceira, transcrição das falas; quarta e última etapa, análise do material.

a. Etapa exploratória: acessar o material disponível no espaço público da internet. Essa etapa se divide em três procedimentos:

1. Indicação de vídeos por meio de rede de contatos: embora os conteúdos da web sejam de caráter público, entendi inicialmente que a indicação de vídeos feita pelos próprios homens transexuais que estão em minhas redes sociais tem a possibilidade de direcionar o conteúdo considerando o lugar dos sujeitos que os produzem. Assim, acessei minha rede de contatos com transexuais (principalmente homens trans) no meu perfil do Facebook. Apresentei os objetivos do estudo a eles a fim de que me indicassem possíveis canais nos quais pudesse encontrar os conteúdos que estava procurando para a pesquisa. O primeiro canal indicado foi o “Dash Ka”, de autoria de Kaito Felipe.
2. Aceitação da indicação automática de vídeos relacionados à busca inicial da plataforma do *YouTube*: a partir desse canal, a própria plataforma do *YouTube* passou a me sugerir outros canais que foram incorporados na busca, o que caracterizou o segundo procedimento.

3. Busca direcionada: na própria plataforma de canais construídos por outros homens trans. Aqui foram colocadas palavras-chave no campo ‘busca’ do *YouTube* e escolhidos de acordo com os objetivos específicos, mas também conforme iam se desdobrando narrativas. Foram utilizadas as seguintes palavras de busca: sexo e homens trans. Essa ação complementou as anteriores. Como uma busca simples de vídeos no *YouTube* apresenta uma quantidade muito alta de vídeos e de canais, estabeleci dois critérios de exclusão: canais internacionais¹⁰ e aqueles que tivessem um título indicando temáticas distantes do que proponho neste trabalho, por exemplo, relações familiares, alimentação e nome social.

Nesta primeira triagem, encontrei doze (12) canais, sendo que em alguns eu já estava inscrito. Em seguida, estabeleci um critério de inclusão: a presença de títulos que remetessem a questões relacionadas a sexualidade, materialidades e relações com homens gays cisgêneros¹¹, principalmente com aqueles que tivessem relação com os objetivos específicos. Desse processo, obteve-se um total inicial de oitenta vídeos que foram salvos para visualização, transcrição e análise.

Cabe ressaltar que, para chegar nesses oitenta vídeos, a escolha se deu por uma análise qualitativa dos títulos e também de descrições presentes em um quadro localizado logo abaixo do quadro principal dos vídeos. Nesse espaço, os *youtubers* podem escrever algumas linhas como a função de descrever brevemente o assunto que será tratado no vídeo, chamado de descrição.

Ainda no decorrer da triagem, observei pelo menos três classes de vídeos que se caracterizam pelo modo como foram construídos: individual, em dupla de pessoas transexuais e junto às pessoas cisgênero. A primeira, encontrei maior volume de conteúdo, tempo, diversidade de assuntos e número de postagens. São vídeos realizados por pessoas de forma individual, ou seja, quando o *youtuber* realiza todo o processo de produção e edição. Nesses canais, há um forte tom biográfico em que narram como determinadas temáticas chegam ao seu cotidiano trazendo exemplos de como se relacionam com elas e compartilhando *expertises*. Por esse motivo, utilizei justamente estes vídeos durante as minhas análises.

¹⁰ Vídeos internacionais foram excluídos porque o foco do trabalho é o público brasileiro de homens transexuais e a compreensão da produção de seus discursos. Ademais, é preciso considerar que é possível que parte dessa comunidade não fala outro idioma que não o português e os vídeos produzidos em outros países nem sempre contam com o instrumento do *closed caption* como legenda.

¹¹ Posteriormente, essa relação com os homens gays cisgêneros foi excluída do trabalho em decorrência de uma transformação dos objetivos de investigação apresentados no exame de qualificação.

Em relação à segunda classe de vídeos, as temáticas são discutidas em *lives* realizadas em parceria com outros *youtubers* ou em entrevistas em canais com propósitos diferentes. Nesses vídeos, os participantes são transexuais. Já na terceira classe, pessoas não transexuais participam das discussões, seja como parceiros afetivos, seja como entrevistadores cisgêneros.

O arquivamento sobre as práticas eróticas dos homens transexuais se produz como um novo arquivo que, em termos foucaultianos, corresponde “a lei do que pode ser dito” (FOUCAULT, 2007, p. 147). Assim, temos uma discursividade que vem sendo tecida pelos próprios homens trans à medida em que o arquivo “Como fazer sexo com homens trans” se constitui e o processo vai sendo realizado (processo de arquivização em que se inscrevem as práticas eróticas dos homens transexuais descritas pelos próprios homens trans).

3.5 Visualização do material (arquivo faz)

Para cada canal foi gerada uma pasta de armazenamento dos vídeos e de um arquivo de edição (arquivo doc.) que foi salva em meu disco rígido (HD) pessoal e na nuvem. No documento de edição de texto, contendo um cabeçalho (ou ficha técnica), foram identificadas, por meio de uma tabela, as seguintes informações: nome do *youtuber*; nome do canal; título do vídeo; tempo de duração; e, número de inscritos.

À medida que assistia aos vídeos, pude aprofundar meu olhar sobre a correspondência entre objetivos e enunciados, o que me permitiu um aprofundamento das respostas de acordo com cada objetivo demarcado.

Cabe notar que, do montante inicial dos oitenta vídeos que foram selecionados, houve uma redução considerável pelo fato de que a temática explícita (sexo com homens trans) nos títulos não foi encontrada em muitos vídeos – total de 6;

3.6 Análise das transcrições

O procedimento foi realizado a partir das transcrições dos vídeos selecionados anteriormente sob a luz dos objetivos. Foi realizada uma análise de enunciados em três partes: tabulação (agrupamento de fragmentos das narrativas que demonstram ditos relacionados aos objetivos realizado a partir dos vídeos); unitarização (construção das unidades discursivas de análise a partir de sua recorrência e diversidade); e descrição (descrição global das unidades).

Dentre os oitenta vídeos, foram escolhidos e transcritos seis com o critério de que tivessem sido produzidos exclusivamente sobre a sexualidade dos homens transexuais. O

quadro seguinte é o resultado da busca, que visou selecionar os vídeos a partir do objetivo geral, dispostos em ordem alfabética.

Quadro 1 – vídeos sobre sexualidade dos homens trans¹²		
1	COMO TRANSAR COM UM HOMEM TRANS?	Bruno Alves
2	COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS?!	Gabriel Viana
3	COMO UM HOMEM TRANS FAZ SEXO?	Kaito Felipe
4	COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS	Lucca Scarpelli
5	COMO SE RELACIONAR COM QUEM TEM VAGINA	Társio Benício
6	(+18) COMO TRANSAR COM UM HOMEM TRANS - vídeo p/ meus <i>crushes</i>	Thiago Peniche

Fonte: Produzido pelo pesquisador, 2020.

Ressalta-se que os vídeos foram realizados com o intuito primeiro de falar exclusivamente como se faz sexo com homens trans, de modo que alguns até repetiram o título ou tiveram uma pequena variação. Também é importante notar que, embora eles tenham sido produzidos com a mesma temática expressa pelos títulos, o conteúdo abordado foi diferente.

3.7 A entrada nos arquivos

O modo que utilizei para *entrar* no arquivo não se confunde com o modo de acessar seus elementos físicos, o que seria a ação de assistir aos vídeos disponibilizados na plataforma, ler os comentários do público que visualiza os vídeos, analisar as imagens das capturas de *frames* e de trechos, a leitura e reflexão sobre os textos das transcrições ou a organização da pasta de cada um dos canais trabalhados. A ação de ‘entrar no arquivo’ que me refiro diz respeito ao modo como faço para organizar e apresentar a narrativa sobre a temática ao leitor, ou seja, como as experiências sexuais dos homens trans se colocam enquanto “lei do que pode ser dito” (FOUCAULT, 2008, p. 147) sobre a corporosexualidade dos homens trans a partir das narrativas e formações discursivas deles próprios.

O leitor verá que a temática disforia e sexualidade apareceu com muita força como um assunto preliminar na narrativa de Luca Scarpelli, muito embora não tenha sido o primeiro vídeo a ser visualizado. O modo como a disforia apareceu em Luca foi suficiente para dar conta

¹² No dia 28 de novembro de 2019, Luca Scarpelli postou o vídeo “SEXO CASUAL SENDO TRANS”. Embora ele tenha conteúdo diretamente relacionado a essa tese, não foi possível incluí-lo nas análises desse momento. Entretanto é importante marcar que no período realizado, sete vídeos falam sobre a sua sexualidade.

do cruzamento entre essa questão e sua relação com a sexualidade, fato que me permitiu explorar mais o tema no seu vídeo e não nos demais. Entretanto se perceberá também que, em alguns momentos, falas de outros *youtubers* são apresentadas para convergir com a formação discursiva que se está trabalhando, de modo que o texto não está completamente dividido por canal, vídeo ou *youtuber*.

Assim como a narrativa de Luca contempla mais questões ‘preliminares’ sobre a sexualidade de homens trans, a narrativa de Thiago Peniche e de Társio Benício possuem maior ênfase nas práticas sexuais propriamente ditas. Mesmo assim, as materialidades aparecem com mais força no vídeo de Kaito Felipe.

Outro critério de análise foi a temática sexualidade dos homens transexuais. Tomarei a discussão como um tema comum para inicialmente analisar as aproximações e distanciamentos entre os vídeos. Não se trata de uma análise de mídia que toma como objeto o *YouTube*, entretanto é necessário colocar cada um desses sujeitos em perspectiva para melhor visualizar de onde eles falam, o que eles falam e que características estão presentes em cada um desses vídeos a fim de ter um panorama geral sobre o que homens transexuais falam sobre a suas práticas sexuais.

Neste tópico, abordarei cada elemento que aparece no vídeo: contexto em que é realizado; características do canal (como número de vídeos produzidos); número de inscritos; número de visualizações e comentários; características do sujeito, sejam elas físicas, gestuais ou léxicas. Trata-se, portanto, de um conjunto de características que compõem a performatividade de cada um desses sujeitos, o que ajudará a compreender como performam uma masculinidade, um sujeito erótico e um sujeito sexual individualmente.

Entretanto, considero relevante realizar uma pequena reflexão sobre o conteúdo presente nos títulos dos vídeos selecionados que podem dar muitas pistas em relação a questões importantes sobre sujeitos, temáticas, formas e lugares de fala.

Embora tenha escolhido aqueles vídeos em que cada um deles trabalha questões relacionadas à sexualidade, informações complementares foram retiradas de outros vídeos, não necessariamente produzidos para abordar essa temática, mas que serão devidamente indicados em nota de rodapé.

Segue uma breve descrição do perfil dos seis *youtubers* que tiveram seus vídeos analisados.

3.7.1 *Bruno Alves*

O canal leva o seu nome, ‘Bruno Alves’, possui cinco mil e quatrocentos e noventa inscritos (5.490) e está no ar desde 29/10/2017. O vídeo trabalhado ‘COMO TRANSAR COM UM HOMEM TRANS?’¹³, postado em 27/01/2019, não é o mais visualizado do seu canal, mas constam quatorze mil (14.000) visualizações e noventa e nove (99) comentários. Segue *frame* e chamada do vídeo (ver imagem 1).

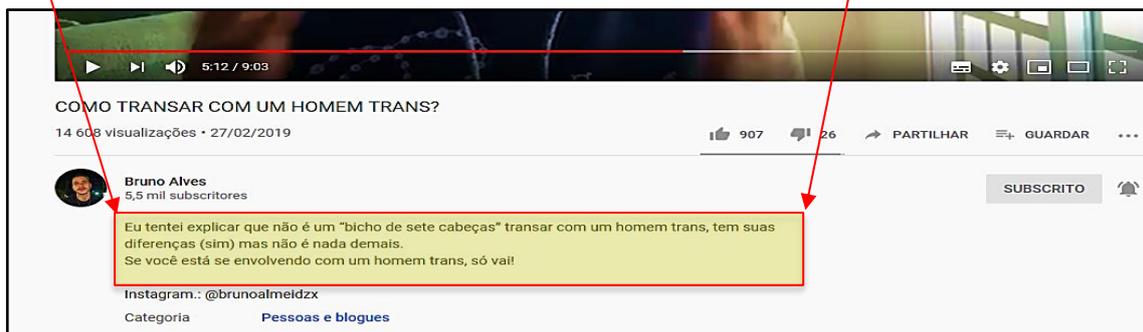
Bruno performa uma masculinidade correspondente a um ideal de padrões socialmente valorizados, o que lhe confere um alto grau de passabilidade. No vídeo, ele veste um colete de moletom preto de capuz com cordão branco que faz contraste com o tecido preto e o detalhe em branco do resto da peça.

Usa cabelo platinado branco e barba com aspecto por fazer há alguns dias. Exibe os bíceps desenvolvidos e tatuados com figuras coloridas estilo *old school* que contrastam com sua pele branca também tatuada nos antebraços e pescoço. Usa *piercing* na lateral de sua narina levemente aberta, brinco de argola pequena e grossa, e na outra orelha um pequeno pingente em cruz que sai de um ponto. Usa um relógio digital com pulseira de metal estilo antigo que confere aspecto de tribo cosmopolita roqueiro.

Em ambiente visivelmente doméstico, é possível visualizar do lado esquerdo da tela uma parede branca com um sofá baixo verde musgo com um rasgo no meio na altura que fica na borda do encosto. Há um colchão branco escorado entre o sofá e a parede e, do lado deles, uma estante com três potes de flores não muito viçosas. Acima do sofá, tem um quadro fixado na parede estilo loja de departamento. O ângulo da filmagem parece um pouco desenquadrado do resto do cenário, contexto que parece combinar com o estilo roqueiro e despojado que ele transmite e que também é expresso nos bocejos espontâneos, pois tinha acabado de acordar.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iu2QpC2GysM&t=214s>. Acesso em: 11 out. 2019.

Imagem 1 - Bruno Alves



Fonte: *YouTube*. Captura de tela realizada pelo autor, 2019 (primeira imagem) e captura de *frame* (segunda imagem).

3.7.2 Gabriel Viana

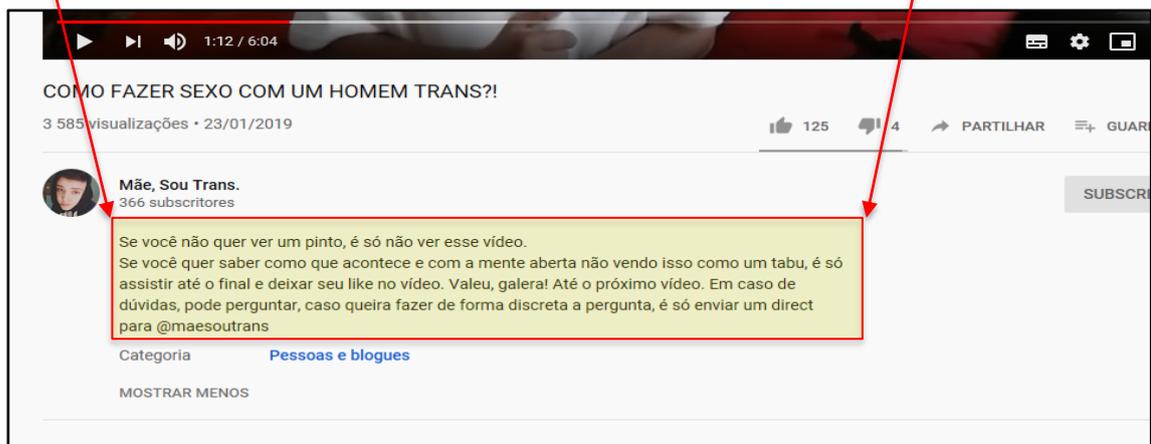
O canal de Gabriel é o 'Mãe, Sou Trans?!', aberto em 12/04/2017. Tem trezentas e sessenta e seis (366) subscrições e dez (10) vídeos produzidos. O vídeo selecionado para este trabalho foi 'COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS?!'¹⁴, com três mil e quinhentos e sessenta e quatro (3564) visualizações e trinta e um (31) comentários até

¹⁴Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hirlozXWbB4&t=3s>. Acesso em: 03 out. 2019.

23/01/2019. Seu vídeo mais visualizado é aquele em que fala sobre os objetos (*packer*, cuecas, cintas), sua origem e lojas de *sex shop* e de roupa íntima.

Na chamada temos o seguinte texto:

Imagem 2 - Gabriel Viana



Fonte: *YouTube*. Captura de tela realizada pelo autor, 2019 (primeira imagem) e captura de frame (segunda imagem).

No vídeo, ele está usando um boné de aba chapada que está afundado na parte traseira da sua cabeça deixando aparecer a aba quase na horizontal com iconografia da bandeira dos Estados Unidos. O cabelo, embora curto e cacheado, sai debaixo do boné. Usa uma camisa branca apenas com o símbolo na lateral esquerda de três rosas vermelhas com folhas verdes e,

por cima dela, exibe um cordão de metal no pescoço com um pingente que aparenta ser a parte da frente de um escapulário.

É um rapaz magro com olhos amendoados e cara de adolescente. Na parte de baixo do rosto, a barba fechada é rente ao formato do queixo. Tem pelos castanhos escuros, tanto a barba como as suas sobrancelhas grossas. Parece ter pele clara e meio parda, mais puxada para clara. Também usa um alargador em uma das orelhas. Unhas curtas e quadradas parecem fazer combinação com uma pequena tatuagem no pulso que dá a impressão de ser veias do braço. Gabriel lembra a figura de um *rapper*, sobretudo na foto da vinheta de abertura em que aparece fazendo um gesto com a mão posicionada com as costas e os dedos polegar, mindinho e apontador espalmados para frente, o superior e médio dobrados, ou seja, mão que performa a identidade de um “mano”. De fala mansa e voz levemente desafinada, tem-se a impressão que está em transição da adolescência para idade adulta.

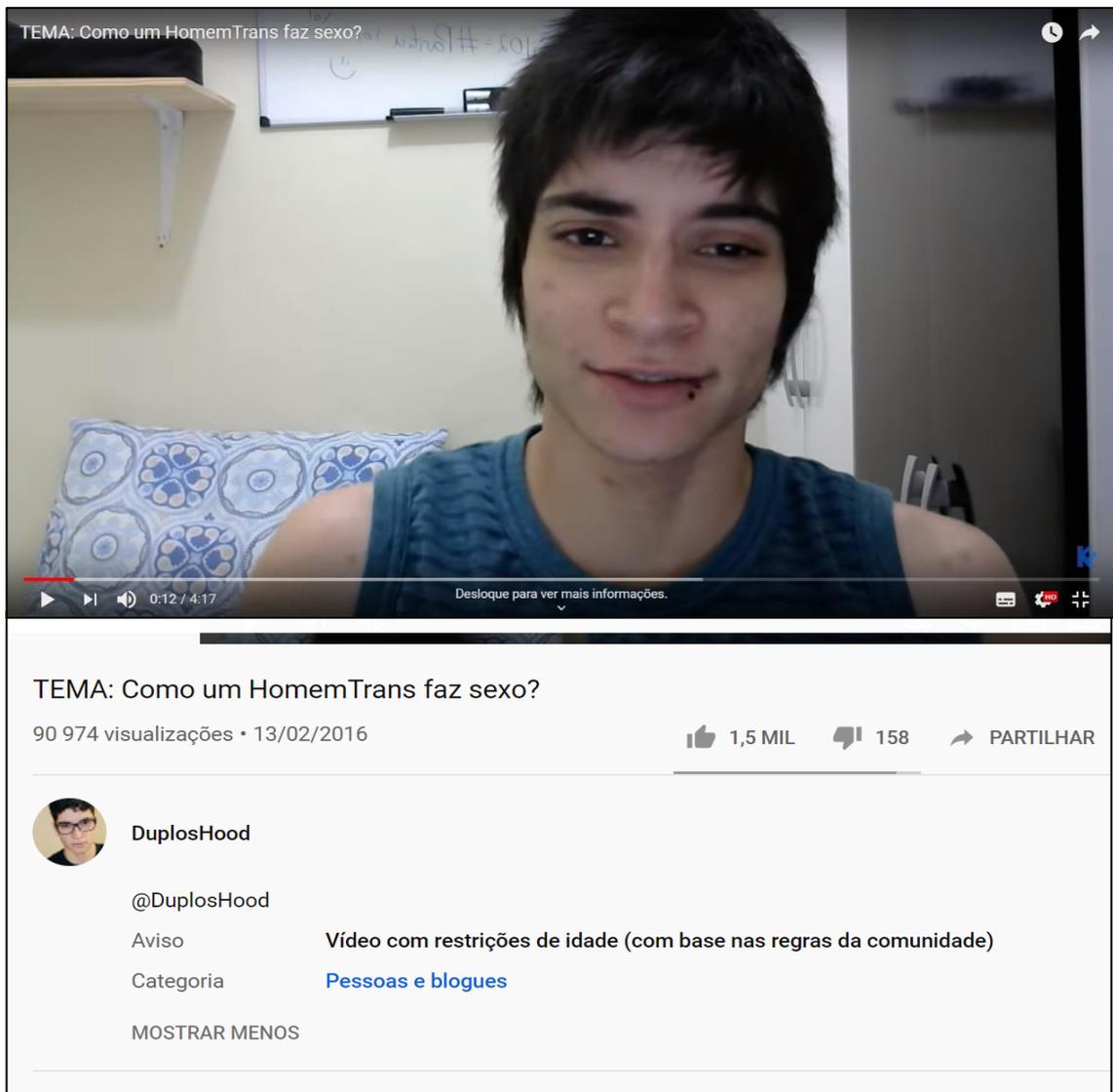
Também filmado em recinto doméstico, não se consegue identificar se é sala ou quarto, existe uma parede branca atrás dele, que está posicionado à frente de um sofá marrom de dois lugares com um manto que cobre uma pequena parte da sua quina superior, com detalhes em marrom claro, branco e bege. Também se visualizam duas almofadas vermelhas e um gatinho deitado na parte superior do encosto. Não consegui identificar um objeto na lateral do sofá, mas percebi que era plástica vermelha na parte inferior e branca na parte superior, lembrando um *cooler* de bebidas.

3.7.3 Kaito Felipe

O canal administrado por Kaito Felipe inicialmente se denominava ‘DashKa’, mas foi deixado de lado e ele abriu um novo canal renomeado de ‘DuplosHood’. No canal anterior havia cerca de setenta (70) vídeos sobre as mais diversas temáticas. No atual, estão disponibilizados apenas seis (06) vídeos, por isso o canal a ser referido será o DuplosHood cuja adesão é de 27/04/2012. Não há número de inscrições. O título do vídeo selecionado é ‘Como um Homem Trans faz sexo?’¹⁵, que tem duração de 04min17seg e foi publicado em 13/02/2016. Conta com noventa mil novecentos e setenta e quatro (90.974) visualizações e cento e oito (108) comentários até meados de 2019. Na descrição do vídeo consta apenas um *link* que redireciona para a política de segurança do *YouTube*.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L6XN1qB0Ju4&t=32s>. Acesso em: 11 out. 2019.

Imagem 3 – Kaito Felipe



Fonte: *YouTube*. Captura de tela realizada pelo autor, 2019 (primeira imagem) e captura de frame (segunda imagem).

Kaito Felipe é um homem trans *gay*, residente na cidade de Curitiba. Tem características físicas de uma pessoa de ascendência oriental. No vídeo, aparece com cabelo preto, liso, desfiado e cheio, olhos grandes castanhos amendoados e usa sobrancelhas grossas. Tem lábios grossos, dentes brancos e alinhados. Um leve pomo de adão aparece na altura superior do pescoço, que tem pequenas marcas avermelhadas. Sua voz é baixa, constante e com uma leve rouquidão.

Usa um *piercing* preto modelo *circular barbel* (ferradura) no lábio inferior e três brincos em sequência em apenas uma das orelhas em argola *capitive*. Aos 37 segundos do vídeo, visualiza-se o contorno de uma tatuagem na parte superior das costas, perto do ombro, que

lembra a ponta de uma asa saindo da manga da camiseta regata azul-marinho com sutil estampa listrada, horizontal e preta.

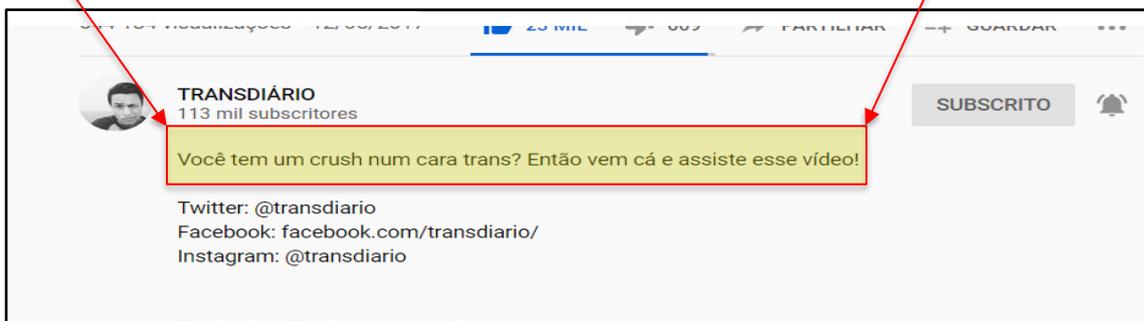
No ambiente, vê-se ao fundo de uma parede creme um pequeno quadro branco com alguns recados e lembretes escritos, um apagador com dois marcadores de quadro branco, preto e azul e um terceiro preto na base do quadro. Há também uma prateleira em mão francesa e chapa de madeira clara em cima da qual parece ter algum objeto de tecido como uma pasta escolar ou uma bolsa, tudo situado no segundo quadrante do vídeo. No terceiro, aparece um travesseiro com estampa de mandalas em diferentes gradações de azul e alguns detalhes em amarelo. Na lateral direita do vídeo, um roupeiro de quatro portas.

3.7.4 *Luca Scarpelli*

O nome do canal de Luca Scarpelli se chama “Transdiário”, contando com cento e um mil (101.000) inscritos. Há setenta e nove (79) vídeos postados até 19/07/2019. O que foi escolhido para este estudo tem o título de ‘COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS’¹⁶ e possui mil e trinta e seis (1.036) comentários e, até as datas indicadas nesta tese, o número de visualizações é de seiscentos e dezesseis mil e trinta e dois (616.032).

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0KLhZ5ndfvk> acesso em 03/10/2019).

Imagem 4 - Luca Scarpelli



Fonte: *YouTube*. Captura de tela realizada pelo autor, 2019 (primeira imagem) e captura de frame (segunda imagem).

Luca tem rosto oblongo, nariz alongado e pele branca que parece caracterizar sinais de uma ascendência europeia, especificamente italiana. Cabelo castanho arrumado para o lado, nem muito despojado, mas também nem excessivamente arrumado a ponto de performar um ‘mauricinho’. Está usando uma camisa de botão com estampa floral escura de tonalidade preta e verde-escuro com algumas araras de asas abertas, mas que não dão um tom extravagante, manga dobrada até metade do braço. Tem um ar cosmopolita. Usa brincos de argola de aro médio prateados nas orelhas e um *piercing* de argola, também prateado, no nariz que combina

com as argolas dos brincos. Aparece seu pomo de adão à medida em que fala. Seus dentes são grandes, brancos e bem cuidados. Tem uma voz agudizada e constante.

Luca é um jovem adulto, independente e aparece em outros vídeos no exterior, o que leva a crer que é um rapaz de classe média para alta. Seu gestual parece ser suficientemente controlado para apresentar um vídeo, não saindo do campo de visão centralizado do vídeo que está bem enquadrado no cenário.

O ambiente em que ele realiza o vídeo é uma sala de estar onde ele aparece centralizado, perto da câmera, em uma posição que mira o fundo do cômodo em perspectiva. Na lateral esquerda, podemos ver uma televisão em cima de um móvel que parece ser um aparador, com uma porta-retratos branco, abajur branco e uma luminária em forma da palavra ‘Hello’ com pequenas lâmpadas dentro. Seguindo um olhar horizontal em sentido horário, vê-se uma janela estreita que ultrapassa o limite superior do vídeo. Na lateral direita, aparece o encosto de um sofá cor de creme e uma almofada malhada em dourado pastel estampada de folhas finas.

3.7.5 Társio Benício

Társio Benício nasceu em Olinda, região metropolitana de Pernambuco, mas se reivindica recifense de criação, pois lá reside. Tem trinta e seis (36) anos, é técnico em Edificações pelo Instituto Federal de Pernambuco – IFPE – e atualmente universitário do curso de Fisioterapia. Homem trans heterossexual, alega gostar de mulheres independentemente de sua identidade de gênero, sejam elas cisgêneras, transexuais ou travestis. Mórmon praticante, é ativista LGBTI+ com atuação local e nacional. Essas informações foram encontradas em outro vídeo intitulado ‘Társio Benício homem trans e mórmon’ e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5A1W1wxUPEw&t=5s>.

Seu canal se chama ‘Do Bem’ e contém cinco (5) vídeos desde 22/09/2015, não sendo possível visualizar o número de inscrições. O vídeo que vamos trabalhar aqui é denominado ‘Como se relacionar com quem tem vagina’¹⁷, com cento e trinta e sete (137) visualizações até 20/08/2019 e não contém nenhum comentário.

¹⁷ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=l-UKqQ_I4g&t=1s. Acesso em: 03 out. 2019.

Imagem 5 - Társio Benício



Fonte: *YouTube*. Captura de tela realizada pelo autor, 2019 (primeira imagem) e captura de frame (segunda imagem).

Társio aparece com uma camiseta de regata branca com borda azul marinho. Seu cabelo é preto com um corte moicano. Usa um *piercing* de argola com bola nas pontas que ficam para fora do nariz. Olhos castanhos escuros, possui uma barba mansa, mas visível, que acompanha as laterais do rosto levemente arredondado. Lábios e sobrancelhas grossos e dentes brancos levemente separados. Usa na orelha direita uma argola e, na esquerda, um ponto, uma corrente prateada com um pingente em formato de machadinha dupla. Se vê uma tatuagem arredondada no seu braço direito, anel largo no dedo superior da mão direita, todos adornos prateados, exceto uma pulseira de contas marrom. Társio é um pouco mais gordinho.

O ambiente onde ele produziu o vídeo parece algum recinto de sua casa, dando a impressão de que está em um corredor cujas paredes laterais vão se afunilando em perspectiva, como se o espaço fosse ficando cada vez mais estreito. Atrás dele é possível ver um arranjo de plantas ornamentais com folhagem larga balançando com o vento. O espaço parece um local adaptado para estudo, mas que não tinha essa função anteriormente.

3.7.6 *Tiago Peniche*

Thiago Peniche é homem trans *gay*, mora atualmente no Rio de Janeiro. Seu canal leva o próprio nome, ‘Thiago Peniche’. Apresenta vinte e três (23) vídeos produzidos até 2019 e conta com quatorze mil e trezentos (14.300) inscritos. O vídeo¹⁸ selecionado para esse trabalho é ‘(+18)¹⁹ COMO TRANSAR COM UM HOMEM TRANS – vídeo p/meus crushes^{20,21} somando seis mil duzentos e setenta e quatro (6. 274) visualizações até o dia 05/12/2019 e cinquenta e quatro (54) comentários.

Em uma entrevista concedida a outro canal do *YouTube*²² ele foi apresentado como professor de inglês e músico e revelou que já foi Henrique, Ângelo, Pedro, Vítor, Artur e, finalmente, Thiago. Denomina-se como um homem que gosta de outros homens. Desde muito pequeno se identificava como homem até chegar em Thiago, aos oito (8) anos, em 2008. É originário de uma família evangélica.

¹⁸ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YrwyhmGl_Q&t=2s. Acesso em: 10 jul. 2019.

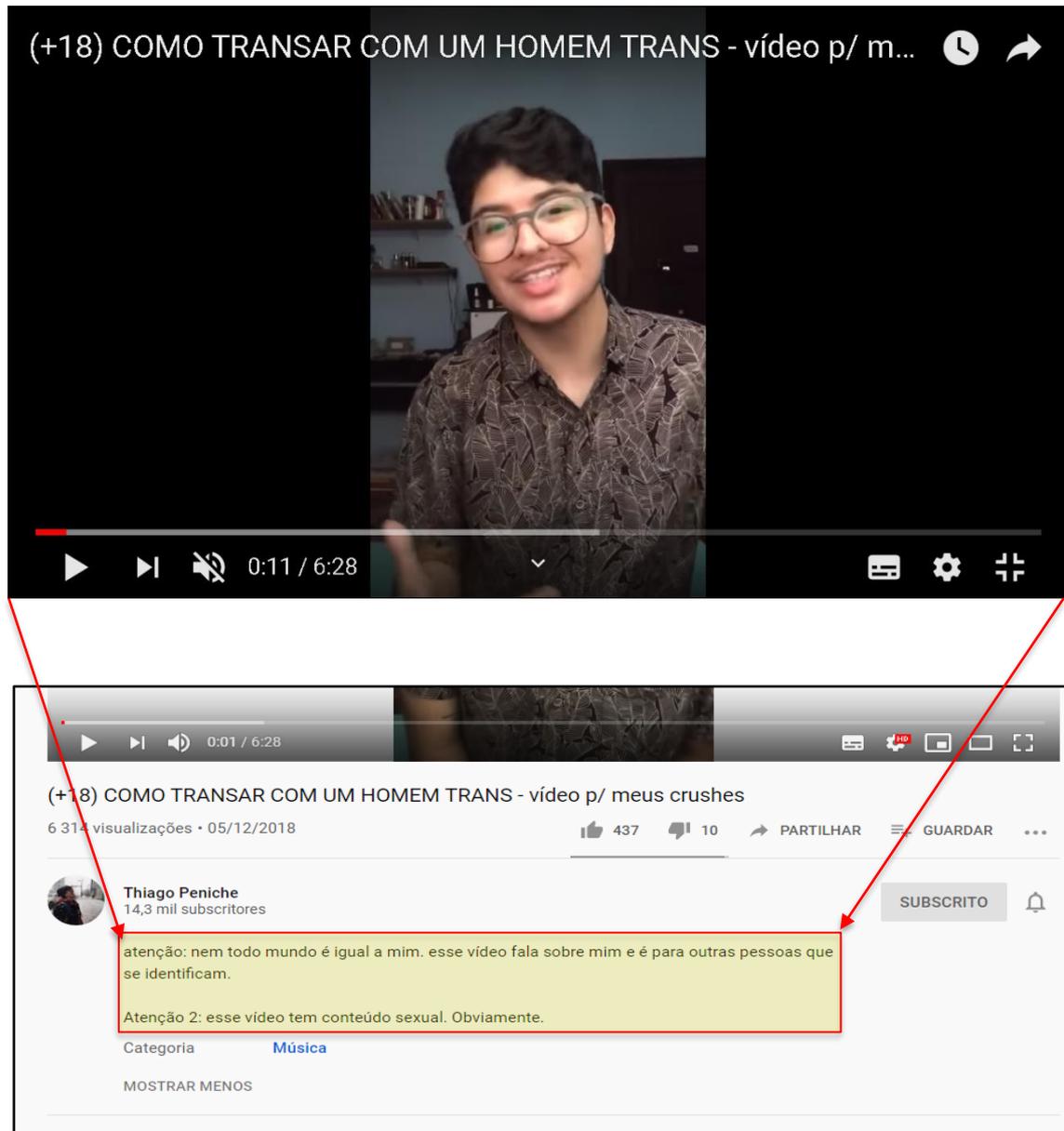
¹⁹ O ícone numérico ‘(+18)’ no início do título do vídeo já apresenta uma pista que permite deduzir que o que está falando é assunto para pessoas maiores de 18 anos, segundo o debate, ou seja, ‘COMO TRANSAR COM TOMENS TRANS’. O subtítulo demonstra um endereçamento para uma parcela do seu público, ou seja, seus *crushes*.

²⁰ Encontramos no Dictionary Cambridge (<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/crush?q=crush>). Acesso em: 09 jul. 2019) a tradução desta palavra como esmagar, triturar, picar, moer. Embora seja de origem inglesa, a palavra foi amplamente utilizada em seu sentido figurado por jovens brasileiros, que tem um significado de paquera, pretendente ou pessoa que possui algum sentimento de paixão, ‘queda’, ‘paixonite’ (<https://www.significados.com.br/crush/>).

²¹ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YrwyhmGl_Q. Acesso em: 03 out. 2019.

²² Retirado do vídeo ‘#ORGULHOLGBTQI: THIAGO PENICHE É HOMEM, TRANS E BI!’. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uIebsZk4wKs&t=544s>. Acesso em: 04 out. 2019.

Imagem 6 - Tiago Peniche



Fonte: *YouTube*. Captura de tela realizada pelo autor, 2019 (primeira imagem) e captura de frame (segunda imagem).

No vídeo analisado, Thiago aparece de cabelo curto e cheio em sua parte superior, olhos castanhos escuros quase pretos, pestanas grossas, um bigode leve que acompanha o lábio superior lembrando um menino adolescente. O rosto ligeiramente redondo para oblongo, tem pele clara, mas não é branco. As características fenotípicas lembram o de uma pessoa com descendência latina ou árabe. No vídeo, usa óculos com armação de coloração entre cinza para marrom, uma camisa de botão em estampa de traçados finos com cores orgânicas de tonalidades também marrom escuro com detalhes finos em branco e preto.

O ambiente em que Thiago se encontra parece ser o interior de uma residência, possivelmente da sua casa ou de seu quarto. Vemos uma porta de almofadas em madeira cor de mogno, mas não é possível identificar se é uma porta de roupeiro embutido ou uma porta de acesso para outro cômodo. Thiago gravou sentado em um móvel que parece ser um sofá de encostos baixos com forro azul claro. Todos os elementos do vídeo (cenário, figurino, personagem) seguem uma harmonia estética.

3.8 Panorama de arquivamento

Neste tópico, apresento uma caracterização social, de uso de adornos, dos ambientes, dos canais e dos vídeos, assim como uma caracterização sobre as materialidades que são apresentadas nos vídeos.

A caracterização social²³ se trata do perfil que construí a partir de elementos encontrados não apenas nos vídeos temáticos, mas também em outros vídeos. Desta forma, pude caracterizar orientação sexual, origem e escolaridade a partir de informações encontradas nos vídeos e em falas dentro de outros.

Quadro 2. Caracterização social dos Homens Trans Youtubers

Homens Trans Youtubers	Bruno	Gabriel	Kaito	Luca	Társio	Thiago	Marcador social de diferença
Orientação sexual evidenciada	Não define	Hétero	Gay	Hétero	Hétero	Gay	3HT, 1 não definido, 1, mas poc, 1 gay
Origem	MG – Belo Horizonte	RJ – Capital	PR – Curitiba	PR – Curitiba	PE – Recife	SP – Capital	capitais brasileiras
Escolaridade	Médio	-----	---	Sup. compl.	Sup. inc.	-----	1 com Ensino Médio; 1 Sup. Inc. e 1 Sup.

Fonte: produzida pelo pesquisador, 2020.

O uso de adornos também se mesclou com os caracteres corporais, uma vez que os próprios adornos provocam modificações no corpo. Assim, descrevo o uso de *piercing* em lábios, nariz e orelha, o uso de brincos nas orelhas, a espessura da sobrancelha, o corte de cabelo, tatuagens, o tipo de camisa e correntes. Com relação ao canal, caracterizei a data de

²³ Embora marcadores sociais de raça e classe se apresentaram (características dos próprios, decoração do espaço em que filmavam e mesmo localização geográfica) optei por não desenvolver essas questões neste trabalho. Entretanto seria possível desenvolvê-las em outra proposta de debate.

adesão, número de seguidores, números de vídeos até 2019. Com relação ao vídeo, foram caracterizados com data de postagem, duração, número de visualizações e número de comentários.

Quadro 3. Caracteres corporais dos Homens Trans Youtubers

Homens Trans Youtubers	Bruno	Gabriel	Kaito	Luca	Társio	Thiago
Piercing	Nariz	Nariz	Lábio	Nariz	Nariz	---
Alargador orelha	----	Direita	---	---	Direita	---
Brinco	Aro grosso chato um com pingente cruz	---	Três em sequência numa orelha	Aro grosso duas orelhas	Aro grosso	----
Sobrancelha	Grossa	Grossa	Grossa	Grossa	Grossa	Grossa
Cabelo	Curto platinado	Curto despojado	Curto desfiado	Curto social	Curto moicano	Curto social
Tatuagem	Braços e pescoço	Pulso Parece veia	Superior ombro – asa	Braço	Braço Grande	Braço
Camisa	Regata moletom	Camiseta de manga	Regata	Social	Regata	Social
Corrente pescoço	---	Cordão metal escapulário	---	---	Corrente pingente de machadinha	---

Fonte: produzida pelo pesquisador, 2020.

A mais importante característica que encontrei entre os *youtubers* pesquisados corresponde à sua orientação sexual. Encontrei indícios de que Luca, Gabriel e Társio performam a heterossexualidade. Além deles, Bruno também se enquadra nessa performatividade, entretanto ele faz questão de dizer que está aberto para uma relação com outros homens. Thiago se apresenta como bissexual e no próprio vídeo temático se apresenta como ‘*poc*’, performatividade de homens *gays* com características femininas. Kaito, embora não estejam mais disponíveis, possui vídeos em que se apresenta como homem trans e *gay*. Lembro que não interessa, neste momento, a autoidentificação, mas a caracterização de elementos que performam a orientação sexual atravessada pela identidade de gênero.

Luca performa de maneira que sugere ser de classe média alta, o que está sugerido pelo ambiente em que ele grava seus vídeos (que ocorrem, inclusive, em outros países). Thiago, Gabriel, Társio, Kaito e Bruno têm uma performance de classe média trabalhadora.

A classificação racial aqui não foi algo que o próprio *youtuber* declarou em algum vídeo, trata-se de características que eu, como pesquisador, atribuí aos sujeitos. Como o objetivo deste trabalho não é buscar uma identificação com o atravessamento de raça, realizei a caracterização dos mesmos conforme pistas dadas pelos próprios sujeitos e pela minha descrição, o que pode não corresponder necessariamente à autoidentificação deles. Isto posto, caracterizo Luca,

Thiago, Gabriel e Bruno como homens brancos. Bruno, embora tenha pele clara, o que remete à branquitude, possui características negroides, como os lábios grossos e nariz alargado. Társio é negro escuro, mas não retinto. Kaito poderia ser classificado como amarelo coreano. A classificação desses quatro homens brancos não foi a primeira que realizei, inicialmente tive a impressão de que era apenas Luca a performar uma branquitude.

Com relação à orientação sexual e seu caráter performativo, classifiquei a partir de falas autorreferenciadas encontradas em outros vídeos. Dos seis sujeitos, quatro deles performam heterossexualidade. Destes quatro, Bruno, embora performe também uma heterossexualidade, diz estar aberto para relacionar-se com qualquer pessoa, incluindo homens. Dois deles performam uma homossexualidade *gay, poc*. Thiago, embora se qualifique como bissexual, no vídeo aqui analisado se diz *poc*. Já Kaito fez um vídeo em que se apresenta como homem *gay*.

Do ponto de vista de localização geográfica, é possível identificar que são todos moradores de capitais ou áreas metropolitanas de diferentes estados brasileiros: Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro. Mais importante do que afirmar que sejam residentes de capitais, importa dizer que eles não são moradores de cidades pequenas, o que pode ser um dado relevante.

Os adornos são descritos a partir de seu uso e da sua relação com o corpo, que também teve uma descrição. Com relação ao uso de *piercing*, apenas Thiago não utiliza, ao mesmo tempo que é o único a usar óculos. Luca, Gabriel, Társio e Bruno aparecem com *piercing* no nariz e Kaito, no lábio. Társio e Gabriel aparecem usando alargador na orelha direita e usam correntes no pescoço.

Brincos aparecem de modo curioso. Apenas Luca usa um par deles nas duas orelhas, embora sejam brincos grossos. Thiago e Gabriel não os utilizam. Társio utiliza um com aro grosso, Bruno tem em uma orelha um brinco de aro grosso e chato, e na outra, um brinco com um pingente em cruz. Kaito utiliza uma sequência de três argolas finas em uma orelha.

A sobancelha grossa e os cabelos curtos são usados por todos. A variação do cabelo parece estar relacionada à performatividade racial e de gênero. Luca e Thiago usam corte de cabelo social, performando garotos comportados. Gabriel utiliza cabelo em estilo despojado que interage com o boné. Társio usa um moicano, que lembra o personagem BA da série americana ‘Esquadrão Classe A’. Kaito e Bruno fazem intervenções mais ousadas em seus cabelos. Bruno tem cabelo descolorido e percebe-se que modifica muito a sua coloração assistindo a outros vídeos seus. Kaito tem cabelo preto e desfiado como os personagens de *mangá*. Nenhum dos sujeitos tem cabelo comprido e apenas dois têm cortes mais

característicos, mas que performam masculinidades relacionadas a performatividades masculinas específicas.

O uso de tatuagens também é unânime e se espalham pelos corpos desses sujeitos de formas diferentes. Luca, Thiago, Tárσιο e Bruno tem tatuagens nos braços, em partes distintas, que de certa forma performam masculinidades específicas. Chamou minha atenção a tatuagem no pulso de Gabriel que, embora suave, desenhou uma veia de braço, signo de masculinidade. Kaito e sua asa que saía para fora da camisa sinaliza simpatia por personagens de *cartoon* oriental.

As vestimentas se apresentam variando entre camisetas e camisas sociais de botões com manga e regatas. Luca e Thiago usam camisa social de botão, performando uma masculinidade inspirada em alfaiataria. Camisas, regatas e moletoms são vestidas pelos outros quatro sujeitos. Gabriel usa camisa de algodão que compõe com o boné, ao passo que Tárσιο, Bruno e Kaito exibem ombros em suas peças regatas. Embora a camiseta de algodão de gola redonda componha com o boné, camisa social e regatas constituem uma regularidade na performatividade masculina nas roupas usadas pelos rapazes.

Passo agora para a visualização do panorama do vídeo temático e do canal para compreender mais sobre o seu contexto de produção. O período de adesão, ou seja, a época em que os sujeitos aderem à plataforma para gerar conteúdo, data de abril de 2012 a setembro de 2017. Kaito foi o primeiro a começar a produção em 2012, seguido de Tárσιο, em 2015, Thiago e Luca, em 2016, e Gabriel e Bruno, em 2017. O maior período de entrada para a produção de vídeos é entre o tempo de Kaito e Tárσιο. Nos anos de 2016 e 2017 os dois abrem canal. Estou aqui colocando a data de adesão daqueles *youtubers* que produziram conteúdo com a temática sexo com homens trans. Depois de Kaito em 2012, outros aderem anualmente entre 2015 e 2017, sendo uma adesão em 2015 e duas em 2016 e 2017, o que demonstra uma determinada ascensão com relação a esse período.

Nos canais de Kaito e Tárσιο não encontrei o número de seguidores. Kaito é sem sombra de dúvida o *youtuber* que mais produziu conteúdo entre os seis, entretanto os vídeos não estão disponíveis na plataforma. Luca vem em primeiro lugar com cento e quatorze mil (114.000) seguidores, destoando dos outros como, por exemplo, Thiago quatorze mil (14.000), Bruno cinco mil, quinhentos e trinta (5.530) e Gabriel trezentos e sessenta e nove (369). Certamente o número de seguidores de Kaito está no mesmo nível de Luca, entretanto é uma informação indisponível.

Os vídeos tratam mais sobre a temática sexo e homens trans. O primeiro aspecto a ser analisado é a postagem. A primeira postagem é de Kaito e data de 10/2016, já a última é de Tárσιο, em 02/08/2019, período de dois anos e dez meses em que se observa um crescente e que demonstra produção anual: um vídeo por ano entre 2016 e 2018. Entretanto essa produção triplica em 2019, ou seja, metade deles são produzidos em 2019. Da primeira postagem, de Kaito, para a segunda, de Luca, se observa um intervalo de sete meses. Da segunda para a terceira (Luca para Thiago) se observa um período de um ano e sete meses. Da terceira postagem, de Thiago, para a quarta, de Gabriel, há um intervalo de um mês e dezessete dias. Da quarta postagem (Gabriel) para a quinta (Bruno), um mês e quatro dias. Por fim, da quinta para a sexta postagem, de Bruno para Tárσιο, foram cinco meses e quatro dias. São os quatro últimos sujeitos nos dois últimos anos que mais produziram vídeos sobre essa temática entre o período de 12/2018 e 08/2019, menos de 9 meses. Então, temos as duas primeiras postagens com espaço de tempo bastante considerável entre um e outro se comparados com os quatro últimos que têm um curto espaço de tempo entre eles.

Com o intuito de caracterizar as materialidades em relação ao modo como apareciam, realizei a seguinte classificação: demonstradas (M) e/ou faladas (F). Em relação a suas origens, efetuei a seguinte distribuição: corporais orgânicas (CORG), corporais externas não orgânicas (CENO) e figurativas (FIG).

As materialidades corporais orgânicas (CORG) são aquelas que fazem parte ou são produzidas pelo corpo. Elas foram subdivididas entre móveis (MO) e integradas ao corpo (IC). As materialidades móveis (MO) são aquelas que se separam do corpo, mas que foram produzidas pelo corpo ‘orgânico’, tais como sêmen, saliva e muco vaginal. Importante frisar que não as compreendo dentro de uma polaridade em que elas se inscrevem em uma ‘natureza’ em detrimento de uma materialidade artificial. Desta forma, a referida subdivisão se apresenta de forma borrada. Em relação às integradas ao corpo (IC), não me preocupei em inventariar as possíveis nomeações das partes dos corpos sexuados dos homens transexuais, mas sim apresentar como aparecem nos vídeos e se articulam com as suas práticas sexuais e seus efeitos. Logicamente tais materialidades surgem numa gramática grupal e se relacionam com o modo que cada um as nomeia, compreende e explica seu corpo.

Quadro 4. Materialidades corporais orgânicas enunciadas.

MATERIALIDADES CORPORAIS ORGÂNICAS - CORG	Kaito	Luca	Thiago	Gabriel	Bruno	Társio	SUBDIVISÃO	Nº
Vulva	MF						IC	1
Clitóris	F				F		IC	2
Vagina	MF						IC	1
Glândula de Bartholin	MF						IC	1
Fluido sexual						F	MO	1
Peito/peitoral		F			F		IC	2
Barriguinha					F		IC	1

Legenda: M: demonstradas; F: faladas; MO: móveis; IC: integradas.

Fonte: produzido pelo pesquisador, 2020.

As materialidades corporais externas não orgânicas (CENO) são aquelas que possuem uma base material de origem não corporal, que funcionam como uma acoplagem e contribuem para performar o corpo sexuado e são utilizadas em sua superfície externa durante a cena sexual. Elas estão subdivididas em quatro categorias: as que mimetizam (MI), como os *packers*; as que homologizam (HO) o pênis, como os dildos e próteses menos realistas.; as que alçam (AL) o corpo do sujeito, como cuecas e cintas; e as que planificam a região dorso-peitoral (PDP) como os *binders*, *strapeless* e camisetas.

Quadro 5 – Materialidades corporais externas não orgânicas enunciadas.

MATERIALIDADES CORPORAIS EXTERNAS NÃO ORGÂNICAS - CENO		Kai to	Luc a	Thia go	Gabr iel	Bruno	Társio	SUBDIVISÃO	Nº
1	Brinquedinho/acessórios/outros acessórios	M	F					--	2
2	Vibradores		F					HO	1
3	Pequena prótese	M						HO	1
4	Prótese	M			F			HO	2
5	Prótese peniana	M			F		F	HO	3
6	Packer/Prótese peniana para homens trans			F	FM	F	F	MI	4
7	Vértebra				M			--	1
8	Dildo	M		F				HO	1
9	Cinta (de couro e poliéster)	M	F		M			AL	3
10	Cueca box				M			AL	1
11	Anel peniano	F						AL	1
12	Cueca cavada (slip)				F			AL	1
13	Binder ou strapless	F				F		PDP	2
14	Camiseta		F			F		PDP	2

Legenda: M: demonstradas; F: faladas; MI: mimetizam pênis; HO: homologizam pênis; AL: alçam objeto (dildo/packer/prótese) externo ao corpo; PDP: planificam região dorso-peitoral.

Fonte: produzido pelo pesquisador, 2020.

As materialidades figurativas (FIG) correspondem àquelas que apareceram nas falas dos *youtubers* e são apenas enunciadas e utilizadas como metáfora para apresentar alguma situação, a exemplo da ‘tela azul’ que não aparece como objeto – tela de computador em pane na cor azul – mas como metáfora para expressar a reação de não saber o que fazer frente a uma situação desconhecida. Da mesma forma, o ‘balde de água fria’ não comparece como materialidade – recipiente contendo água em baixa temperatura – mas para designar o efeito que ocorre dentro de uma circunstância, a exemplo de quando os signos de disforia são acionados nesse contexto.

Quadro 6. Materialidades figurativas enunciadas.

	MATERIALIDADES FIGURATIVAS	Kaito	Luca	Thiago	Gabriel	Bruno	Társio	Nº
1	Balde de água fria		F					1
2	Tela azul		F					1

Legenda: M: demonstradas; F: faladas.

Fonte: produzida pelo pesquisador, 2020.

4 DAS PRÁTICAS SEXUAIS DE HOMENS TRANS

Neste capítulo, analisei as estratégias que possibilitam as práticas sexuais dos homens trans. Para tanto, apresentarei as principais estratégias por eles utilizadas considerando a questão da disforia de gênero e as concepções pré-estabelecidas de corpo, orientação sexual e posição sexual.

A cena sexual se constitui de aspectos da experiência individual (sensações, movimentos, toques, fricções, excitações) e aspectos simbólicos (história, cultura). Sem buscar uma verdade do sexo, assistimos à produção de diferentes culturas sexuais (SOUZA NETO; RIOS, 2015) que produzem diferentes subjetividades e modos de sentir, pensar e agir, e vão compondo um capital erótico (PESTANA, 2015). Falas, toques e ações podem favorecer a obtenção de prazer no contexto das práticas sexuais, mas podem também fazer o contrário. Falar sobre prazer sexual para os homens transexuais remete ao desprazer relacionado aos modos de pensar corpo e sexualidade pautados exclusivamente pela matriz cisheteronormativa (VERGUEIRO, 2015).

A prática sexual de homens trans interessa pelo fato de se relacionar com suas condições de existência em uma sociedade marcada pela cisheteronormatividade e toda a gama de preconceitos que surgem de padrões identitários que pressionam a constituição dos homens trans enquanto sujeitos no mundo. Com a finalidade de dimensionar esse debate, sob o enfoque das análises produzidas na tese, o presente capítulo se secciona em três partes.

Na primeira, será abordada a disforia sexual com o intento de contextualizá-la no debate sobre perspectivas que erroneamente patologizaram a não correspondência entre sexo biológico e gênero. Para tanto, me reportarei aos relatos de Luca Scarpelli (canal 'Transdiário'), Gabriel Vianna (canal 'Mãe sou Trans') e Társio Benício (canal 'Do Bem'). Na segunda, serão abordadas questões relacionadas às estratégias tecnológicas utilizadas na construção de um corpo sexuado. Nessa perspectiva, remeto-me aos relatos de Thiago Peniche (canal 'Thiago Peniche'), Társio Benício e Bruno Alves (canal 'Bruno Alves - brunoffz').

A terceira parte aborda como a orientação sexual e os papéis sexuais são reconfigurados pelos homens trans frente às interações interpessoais marcadas pela lógica cisnormativa. Para isso, considero os relatos de Thiago Peniche, Társio Benício e de Luca Scarpelli.

Os três aspectos (disforia, corpo sexuado e papel/orientação sexual) compõem uma determinada ordem ontológica de corpo sexuado. Essa ordem ontológica (natureza, cultura, tecnologia) busca um determinado modelo (sexo único/dois sexos; cisgênero/transgênero;

identidade/orientação sexual; natural/cultural; passivo/ativo) dos corpos sexuados e evidencia seus limites em termos de possibilidade de inventividade de sujeitos.

4.1 O lugar da disforia na cena sexual

Os relatos coletados através de conteúdo audiovisual foram determinantes para o desenvolvimento da análise, culminando com a apresentação de uma ideia que poderá se tornar futura investigação sobre uma forma de se conceber a cartografia da sexualidade: a representação da disforia de gênero dentro de um mapa da sexualidade que permita superar a preponderante (des)orientação baseada no modelo cisgênero e na heteronormatividade. Desta forma, apresento as principais considerações críticas a respeito da disforia como ponte para a autogestão corporal do prazer e, assim, superarmos a condição do sujeito disfórico para o eufórico (LIMA, 2014) com sua sexualidade, seu corpo, suas práticas sociais, enfim, sua identidade.

Pela psiquiatria, houve muitas apropriações desse termo ao longo dos anos. Caracterizou-se a disforia como o sentimento de não pertencimento ao sexo anatômico, sem ser confundido com algum distúrbio delirante, tampouco com alguma desordem orgânica como no caso de ambiguidade de gênero (CASTEL, 2001). A disforia de gênero é uma categoria nosográfica que caracteriza a transexualidade no rol de doenças psiquiátricas e é acionada dentro de um uso êmico na cena sexual dos homens trans. O termo se transforma desde a década de 1980 e volta em 2013 com adendo de que não é em si desordem mental, sendo o elemento central o sofrimento psíquico (ÁVILA, 2014). Ser diagnosticado com disforia de gênero, CID F64, é critério para acesso a procedimentos hospitalares e ambulatoriais que estão subordinados à realização por uma equipe de profissionais. As principais problematizações com relação a esse diagnóstico passam pela autonomia dos sujeitos em definir a própria identidade e não um grupo de profissionais de saúde. Para além disso, a ausência do reconhecimento social desses sujeitos como responsáveis pelos seus corpos é outro aspecto que tolhe a dignidade das pessoas trans (AMARAL, 2011).

Aqui, os homens trans falam do sentimento de a disforia se manifestar em termos de relações com os corpos, com tipos de práticas e com as nomenclaturas e terminologias sobre o corpo sexuado que provocam prazer e desprazer sexual. Desenvolvo a noção de mapa sexual para olhar a presença de elementos não vistos no âmbito da sexualidade humana e tomar a disforia como parte desse mapa. O primeiro canal escolhido para abordarmos a temática da disforia foi o *Transdiário*, iniciado em 01 de outubro de 2016 e produzido pelo *youtuber* Luca

Scarpelli, homem trans, branco e heterossexual. No vídeo ‘Como fazer sexo com um homem trans’ é demonstrado como proporcionar uma atmosfera de conforto no contexto das suas práticas sexuais. [Luca]: “cê tem um *crush* num cara trans. Tá ali ó, falta um pouquinho para vocês fazerem sexo. Como proceder? Como fazer para a situação ficar mais confortável possível para as duas pessoas?”.

Quanto aos outros *youtubers*, Gabriel Viana tece comentários na primeira parte do seu vídeo, e Társio Benício e Bruno Alves fazem comentários que servirão para endossar essa discussão. Acompanhe:

[Gabriel] **não, vale como um todo** o que eu vou falar, eu digo mais por mim. Porque eu, por exemplo, tenho disforia com algumas partes do meu corpo, mas tem homens trans que não têm essa disforia. [...] é, então **alguns, por exemplo, pode não ter problema algum na penetração** nele, eu, por exemplo tenho aversão, não tenho condições.

[Bruno] muitos caras trans têm a disforia com o próprio corpo, né. Que não se aceita com o próprio corpo. E, claro, eu sou assim em relação a quê? **Em relação à mastectomia**, que eu ainda não fiz. Então, eu não gosto de tirar a camiseta, ou de tirar o *binder*²⁴. Normalmente eu fico com o *binder*. E também eu sou meio chato em relação a ter uma barriguinha aqui. Então, mas eu não ligo pra isso não. Porque a única coisa que a pessoa não vai estar prestando atenção neste momento é na minha barriguinha! Que eu imagino, mas enfim. Então, eu acho que é isso, só que eu acho que precisa respeitar cada disforia que cada cara tem.

[Társio] se você vai se relacionar com alguém que tem vulva e acha que vai fazer um oral e vai ficar sem estar com a sua boquinha meladinha, então não vai se relacionar nunca. A não ser que essa pessoa tenha, não goste de oral, ou tenha **vários problemas com a sua genitália**. Sem ser isto, sinto muito. Vá assistir “lalá” de Karol Conka que é ótimo, dá ótimas dicas de como fazer oral bem gostoso.

Para as ciências médicas e psiquiátricas, a principal característica da transexualidade reside numa suposta discordância entre o genital assinalado ao nascimento e a experiência de gênero, compreendido pela presença de um provável conflito com as normas de gênero (BENTO, 2008). Há perspectivas que patologizam os processos e têm origem em disputas histórico-culturais, uma vez que localizam no sujeito mazelas que, a nosso ver, situam-se no campo social a despeito da incoerência entre sexo e gênero (ARÁN, 2006).

Procedimentos hospitalares podem ser realizados no âmbito do SUS, mediante um laudo psiquiátrico que confirme o diagnóstico de ‘Disforia de Gênero’ (APA, 2013) ou ‘Transexualismo’ (OMS, 1996), conforme portaria nº 2803 de 2013. Ao mesmo tempo, trabalhos apontam que a principal fonte de sofrimento é oriunda de dificuldades no campo

²⁴ Geralmente usado como uma faixa elástica, ou mesmo de tecido, que tem função de planificar a região do peitoral. Esta materialidade será tratada no capítulo seguinte.

social, provenientes da transfobia institucionalizada (BENTO 2008; 2006; LIONÇO, 2009; PERES, 2011), uma vez que tais sujeitos não se consideram doentes, e sua percepção sobre a identidade de gênero é da ordem da experiência e não da patologia (ARAÚJO; VIEIRA, 2010).

Assim, atrelar as transexualidades ao sofrimento psíquico e corporal produz um processo de patologização à medida que se busca encontrar aquilo que Hary Benjamim descreveu como o transexual verdadeiro (AMARAL, 2011). Ao mesmo tempo, a presença de sofrimento em sujeitos transexuais ocorre não apenas por não pertencerem ao sexo biológico, mas sobretudo pela precarização social e dificuldade proveniente da não aceitação pela norma vigente, como preconceito e rechaço, nome social, direitos violados, negação da participação em determinadas provas esportivas, dentre outras (ARÁN, 2006).

Não obstante o acesso ao serviço de saúde, a necessidade de patologização amplia as fronteiras entre o que se entende por normal e patológico (CANGUILHEM, 2011) na medida em que coloca o diagnóstico como porta de entrada para saúde, confundindo diferença com doença mental (ARAÚJO; VIEIRA, 2010). O desafio está em pensar a diferença de gênero não como fundamento do sujeito, mas como um dos aspectos que o constitui. O sexo seria contingente à história de experiência singular, descontínuo e performativo, abrindo a possibilidade de inúmeras formas de se produzirem as relações entre sexo, gênero e desejo em que a transexualidade se afirma como uma expressão da experiência de vida reconhecidamente humana. Na mesma direção está o posicionamento dos movimentos sociais que defendem a retirada do Transtorno de Identidade de Gênero – TIG – do DSM-V e do CID-11; a menção de sexo em documentos; tratamentos de normalização binária às pessoas intersexo; acesso aos tratamentos hormonais e às cirurgias de forma livre, sem que haja tutela psiquiátrica; e a luta contra a transfobia, propiciando a educação e a inserção social e laboral das pessoas transexuais (BENTO; PELÚCIO, 2012). Embora essa discussão tenha alcançado dimensões intercontinentais e, em alguns países, já não haja a obrigatoriedade de uso do diagnóstico, a regulação interna do SUS continua pautada na patologização. O termo disforia está ancorado no discurso médico-psiquiátrico funcionando como um ordenador subjetivo (LIONÇO, 2008) de modo que ele passa a ser um jargão amplamente utilizado com conotações diversas pelas próprias pessoas trans. Segundo Luca, o primeiro aspecto que uma pessoa deve considerar para ter relações sexuais com um homem trans é compreender a questão da disforia:

[Luca] eu acho que **a primeira coisa que você precisa levar em consideração se você vai se relacionar com um cara trans é a disforia**. [...] muitos caras trans têm a disforia em relação ao próprio corpo. O que é isso? **É um sentimento de repúdio sobre alguma parte do corpo, aquela parte que a pessoa não gosta, não acha que faz sentido com o corpo que ela queria,**

deseja. Para umas pessoas, a disforia é maior, para outra, é menor, para outras, é até inexistente [...] também uma coisa importante de ver é como a pessoa lida com a própria disforia, por exemplo, sei lá, se a pessoa não fez a mastectomia e sente muita disforia com o **peitoral**. Às vezes ele prefere fazer sexo usando uma camiseta. Bom, isso é uma coisa importante, porque, imagina, está lá naquele *streap-tease caliente*, vai lá tirar a camiseta da pessoa e às vezes ela prefere ficar com.

É importante salientar que a disforia não será por nós operada como uma categoria nosográfica que produz um sujeito disfórico, mas, sim, como uma categoria êmica²⁵ utilizada pelos homens trans. Explico-me: para eles, a ‘disforia’ ou o estar ‘disfórico’ funciona como uma categoria êmica na medida em que se apropriam dela para designar não apenas uma descrição nosográfica, mas também uma experiência identitária que transborda o diagnóstico, expressando estados momentâneos, situações de vida e experiências de dificuldades que não estão restritas à expressão de uma experiência de foro íntimo. Em outros termos, a descrição nosográfica da disforia comparece como um jogo de verdade (FOUCAULT, 2010) uma vez que delimita um saber específico sobre a vivência transexual, descrito cientificamente pelos manuais de saúde mental (CID E DSM). Ao mesmo tempo, preserva as singularidades de suas existências quando demarca que ela não funciona de modo idêntico para todos os homens trans.

Nesse sentido, o diagnóstico de disforia é dobrado à medida em que não homogeneiza (maior para uns, para outros menor ou inexistente) e não internaliza (ROSE, 2011) a vivência da disforia para os homens trans da mesma forma, mas demarca um modo histórico de subjetivação. Este modo traz os signos que constituem os contornos da experiência transexual. É histórico porque há uma localização temporal – quando o termo nasce em 1949 (LIMA; CRUZ, 2016) definindo uma certa história de indivíduos, pessoas trans, e assumindo distintos significados ao longo dos anos –, e subjetivo, presente na constituição de uma ética de si (FOUCAULT, 2008).

²⁵ Embora eu não esteja buscando desenvolver o significado do termo ‘êmico’ ou de ‘categoria êmica’, cabe notar que se trata de um jargão amplamente utilizado na antropologia cultural (MALINOWSKI, 1978). Larissa Pelúcio (2007) traz o termo em sua pesquisa para definir uma classe de termos utilizados por determinado grupo para indicar suas posições sociais, territórios, pertencimentos: um vocabulário nativo em que os sujeitos classificam os outros e se autotransclassificam conforme sua experiência. De fato, corresponde a um léxico utilizado para que as pessoas classifiquem elas próprias (as ‘mães’, que correspondem a travesti, que transforma o ‘gayzinho’, menino homossexual, que almeja ser travesti), classifiquem as outras pessoas com que se relacionam (‘namorados/marido’ e ‘clientes’), os espaços que ocupam ou não (‘avenida’ que classifica espaço de prostituição na rua), suas experiências que vivenciam (‘tops’, ‘europeias’, ‘ninfetas’ e ‘veteranas’). Se trata também de uma perspectiva que localiza sujeitos, a perspectiva êmica (do pesquisado) e a perspectiva ética (do pesquisador) (FLORES-PEREIRA e CAVEDON, 2009).

Sobre a cena sexual, conforme dito anteriormente, Scarpelli descreve uma regra inicial de empenhar-se para fazer com que a pessoa se sinta confortável, ou seja, manter um cuidado para que o homem trans não se sinta disfórico. Embora não descreva quais seriam as palavras e os toques corporais que acionariam a disforia, ele os qualifica como ‘balde de água fria’ para expressar o desconforto que geram. Luca narra em terceira pessoa uma pergunta dirigida a ele por outra pessoa que não sabe o que é disforia, sobre a necessidade de se conversar sobre a temática na cena sexual, ou melhor, antes da cena.

[Luca] *mas, oh, Luca, por que é importante discutir isso antes de ir pra cama? Isso pode ser um balde de água fria. [...] Para mim, pelo menos, balde de água fria é eu tô lá (sic) no rala e rola, e a pessoa faz alguma coisa que eu acho muito foda de lidar, para mim é “o” balde de água fria. Tipo, acabou com qualquer tesão naquele momento.*

[Bruno] *se você não der um sinal que está de boa, acontecer os negócio (sic), ele não vai fazer porra nenhuma. Eu sou assim. Não vou fazer porra nenhuma! Por quê? Porque eu sou um monte de bosta, eu sou bem tranquilo, na minha, entendeu?*

Bruno também confirma seu incômodo quando algum signo de disforia está presente. Portanto, é necessário questionar quando se deve ou não conversar sobre o que dispara a experiência da disforia para aquela pessoa. A pergunta sobre a importância de se falar sobre disforia antes da cena sexual, feita pelas outras pessoas, foi narrada no vídeo de Luca em preto e branco, com a voz retorcida, representando um recurso filmográfico de ironia. No vídeo, a ironia serviu para demonstrar o sentimento de prostração que é gerado frente à pergunta, e ao mesmo tempo para demarcar uma relação de poder na medida em que existe um saber biopolítico que prevê, descreve e regula (FOUCAULT, 2004) o saber científico sobre a disforia de gênero (OMS, 1996; APA, 2013), do qual o outro não possui domínio. Embora esse tipo de conversa possa ser avaliado por outras pessoas como algo que pode minar a cena sexual, Luca afirma que é condição para a existência da sua relação sexual.

Uma das formas de naturalizar o sexo é presumir que não se trata de um ‘assunto’ a ser conversado, mas primordialmente uma prática que acontece de forma autônoma. Por ser uma ‘prática natural’, a lógica seria deixar que o desejo tomasse conta e conduzisse o curso das atividades, o que deve acontecer e como deve acontecer. Trata-se de uma ‘fantasia de piloto automático’, em que o corpo seria esse piloto que em busca de chegar ao seu destino, ou seja, o prazer sexual, o orgasmo etc. Le Breton (2012) relatou a lógica social, cultural e técnica do corpo. A fantasia de piloto automático reside em tomar a técnica (ações, sequências, sincronias) de modo naturalizado. A pergunta sobre a necessidade de conversar sobre a disforia parece guardar essa naturalização de um aspecto técnico em detrimento da lógica social e cultural que

a disforia ocupa na vida dos homens trans. No entanto, na experiência de Scarpelli, para o momento sexual existir é necessário que haja condições prévias porque determinadas falas, práticas e percepções podem minar esse processo, colocando a conversa sobre disforia como condição para a realização da prática sexual.

[Luca] tem alguns caras que são extremamente disfóricos com relação à penetração, ou seja, eles não querem ser penetrados, e tem alguns caras que curtem. Então, assim, (é) outra coisa que **vocês têm que conversar sobre**.

[Bruno] **existem** homens trans que **talvez gostem de penetração, ou não**, gostam de como acontecia de quando ficavam com meninos, porque normalmente o homem trans se descobre lésbica primeiro.

Mesmo que esteja atrelado à presença de algum nível de sofrimento, proveniente dos manuais diagnósticos psiquiátricos e psicanalíticos, o uso do discurso êmico da disforia parece confirmar a identidade transexual masculina. O sofrimento aparece como mediador identitário, mas também baliza os tipos de práticas sexuais – alguns são disfóricos com penetração – e, por que não dizer, com relação à orientação sexual.

Ainda, chama atenção como Scarpelli usa o termo ‘disfóricos’, pois a expressão aparenta estar em um lugar identitário, que passa pelas práticas sexuais, uma vez que a palavra dita pode acionar um mecanismo de sofrimento e gerar consequências. Como dito, disforia tem maior, menor ou nenhuma influência a partir de como se chama, é feito ou são tratados os órgãos sexuais. Nessa perspectiva, ressalta-se que o modo de acessar e compreender cada sujeito será por meio do diálogo.

[Luca] Eu queria que a pessoa me perguntasse como é que eu me relaciono com o meu corpo e com a minha sexualidade, e que ela me perguntasse também o que é que me excita, o que é que me brocha, o que é que são as coisas “proibidas” e permitidas, por exemplo: **se eu te perguntar tal coisa, você vai se sentir disfórico? Ou, você prefere que eu faça tal coisa dessa forma para você não se sentir disfórico?** Isso são coisas muito importantes de serem discutidas antes de irem para o próximo passo.

[Bruno] **E isso você pode perguntar antes de acontecer: o que ele gosta e o que ele não gosta?** Pronto! **Ou** na hora você pode **perceber** também, porque normalmente a gente percebe na hora: **se eu não tirei a camiseta** é porque eu **não estou afim** de tirar a camiseta, pronto, acabou.

Em resumo, a disforia se apresenta como uma categoria êmica e também funciona como (des)articuladora do prazer sexual e da performatividade de gênero. O sentimento de disforia pode acontecer também quando determinado signo é colocado em funcionamento ao longo de uma prática sexual. Contudo, cada indivíduo vivencia a disforia de forma idiossincrática, uma vez que ela pode ser acionada de várias formas (desconforto com partes do corpo, tipos de

práticas, determinadas palavras) e que varia também de sujeito para sujeito de acordo com a experiência particular de cada pessoa.

O signo da disforia pode possuir caráter morfológico (em relação a partes ou estatura do corpo) ou caráter praxiológico (quando tipos específicos de práticas produzem desconforto) e tem, como dito, maior, menor ou nenhuma influência a partir do que se nomeia, se faz ou como são tratados os órgãos sexuais. De fato, a disforia parece alertar que determinadas práticas sexuais presumidas e comuns em um determinado contexto podem se tornar violentas em outros.

O corpo, morfológicamente, pode ser pensado como uma materialidade, que imprime signos de existência, ou seja, não funciona como uma matéria solta. Peito, bunda, pau, pelos, culotes, formato de rosto, tom vocal, tamanhos dos pés e das mãos, estatura, largura do pescoço etc, não são apenas matérias soltas; são, pelo contrário, história coletiva e singular que atualizam vivências de exclusão e preconceitos que podem significar opressão, machismo, fobia. Um peito não é apenas um peito, uma culote não é apenas uma culote, um rosto redondo não é apenas um rosto redondo. Todos esses elementos compõem o ser homem: prazer, sexo, desconforto e disforia.

Gostaria de falar um pouco sobre a ideia de mapa sexual, mas não quero com isso criar um novo enquadramento conceitual com a finalidade de encaixe de todos os seres sexuais ou assexuais. Falar em um mapa sexual só tem sentido enquanto auxílio, do contrário, não teríamos motivo para trazer à baila um termo novo ou uma outra categoria para o debate. O mapa sexual toma o erótico como circuito quando se articula com outros sistemas (gênero, sexualidade) negociando hierarquias e estando atrelado à cultura de um determinado grupo (PARKER, 1991). Tomando a ideia de que a norma do erotismo é a busca do prazer sexual pelo corpo, esse corpo não está despido das lógicas sociais e culturais (LE BRETON, 2012) e técnicas da experiência. Situa-se em uma experiência que define determinada cultura (trans), saberes (disforia), normativas e subjetividades. Assim, quero usar a metáfora de um mapa como uma possibilidade de reflexão sobre a sexualidade e demonstrar um pouco o que os homens trans nos ensinam no sentido êmico da palavra disforia.

Para que serve um mapa? Por que motivo buscamos um mapa? Como ele se constrói? Quais são os elementos presentes dentro de um mapa? A pergunta começa a ser respondida quando vamos caracterizando esse objeto a partir de seus elementos: título, orientações, legenda, escala e projeção cartográfica.

Tomemos a sexualidade como um aspecto humano a ser mapeado. Podemos pensar na ideia de orientação utilizando a rosa dos ventos e teremos as múltiplas orientações sexuais: graysexual, litosexual, demisexual, bissexual, homossexual, heterossexual. O título de um mapa caracteriza os aspectos que serão trabalhados, suas temáticas mais amplas (a sexualidade como um todo) e suas especificações (o recorte da transexualidade e das práticas eróticas). Porém, o problemático é quando o norte da rosa dos ventos pode ser o modelo colonial cisgênero, heterossexual, branco, classe média burguesa e ocidental, direção do olhar que hierarquiza e silencia as subjetividades subalternas (VERGUEIRO, 2015), e de um modelo sexopolítico em que há um cálculo de poder onde discursos (de classe, sexualidade, identidade) estão no cálculo biopolítico de controle da vida (PRECIADO, 2002).

As legendas podem ser caracterizadas como o vocabulário êmico desse grupo de sujeitos que estamos construindo o mapa sexual, os termos próprios daquele grupo, suas gírias, suas expressões, a linguagem local que os distingue de outros grupos. A escala pode ser interpretada como a magnitude em termos de alcance populacional, ou mesmo a região em que tal grupo está concentrado, dando uma visão do todo. A prospecção cartográfica, elaboração das plantas, croquis, cartas gráficas, se caracteriza pelas práticas em si (FOUCAULT, 1984), as possibilidades de experimentações e produção de práticas sexuais fora do marco cisheteronormativo, mas também as regras que compõem os territórios da sexualidade humana, que não estão restritos aos corpos dos sujeitos, mas ao contexto local, regional, histórico e cultural sobre a sexualidade desses sujeitos.

Além disso, buscamos mapas para conhecer algum território que não conhecemos ainda. Trata-se de algo já elaborado por uma pessoa ou um grupo, ou seja, alguém elaborou, vivenciou, pesquisou, tirou conclusões e, neste momento, tem uma noção a partir de suas experiências e de outras pessoas. Por exemplo, pensemos na necessidade de reconhecimento dos sujeitos que fazem parte de uma multidão *queer*, mas, que não é capturada pelas políticas públicas (PRECIADO, 2011) e, conseqüentemente, pela biopolítica. Nesse sentido, o mapa sexual poderia representar algo que, embora possamos ter noção do que se trata, (sexo com um ‘outro’ *queer*), não temos conhecimento de seus detalhes, suas regras, suas características. Presumir se faz uma ação bastante arriscada, com possibilidade para resultados negativos. O mesmo ocorre no âmbito da sexualidade. Portanto, seria necessário passar da ação de presumir para a de efetivamente localizar esses sujeitos, reconhecê-los no espaço, no tempo, na sua performatividade.

Quando o título do nosso mapa é “Como fazer sexo com homens trans”, buscamos cartografar essa experiência a partir das histórias dos sujeitos, da produção das diferentes culturas sexuais e de como elas se inserem dentro de uma cultura ampla que segue modelos cisheteronormativos a partir das forças que preservam tais modelos. Também cartografamos a partir dos pontos de resistência para a criação de novas experiências e novas representações a serem inseridas dentro desse mapa, que não é estático.

No caso dos homens transexuais, penso que o conceito de disforia acaba sendo um elemento (quem sabe um elemento representado nesse mapa?) para localizar possibilidades de prazer sexual, mas também de desprazer. À medida em que o mapa geral da sexualidade humana vai sendo devidamente conhecido em suas especificidades, o mapa da sexualidade dos homens trans também vai sendo traçado através do reconhecimento de suas vivências, bem como onde os signos da disforia se localizam.

Prazer e desprazer são componentes presentes no mapa sexual. Mas seriam apenas essas as emoções que emanam em termos de práticas sexuais? Saindo dessa polaridade, pode-se pensar também em uma posição intermediária, a que se configura em lugar de ‘neutralidade’ ou indiferença, ou algo nem pensado, sentido e praticado.

A indiferença pode acontecer perante uma prática, uma fala, um território corporal, quando os signos da disforia são percebidos de forma neutra por quem não é afetado por eles (tanto pessoas transgêneras quanto cisgêneras). Em outras palavras: a indiferença pode acontecer quando os signos não são percebidos como negativos e desconfortantes, assim como quando não são percebidos como produtores de um intenso prazer sexual.

A indiferença também pode ser uma reação não esperada, pois está no campo do não acionável e não figura como algo importante. Por tentativa e erro, aprendemos o que pode dar mais e menos prazer sexual. É nesse processo de escrever-se que construímos o que Ribeiro (2018) chama de uma gestão corporal do prazer. Entretanto essa gestão se produz de modo coletivo, o que se refere aos outros elementos desse mapa. Usamos diferentes materiais até encontrarmos aqueles que produzem melhor adaptação em nossos corpos. Materiais não possuem uma essência (M’CHARREK, 2010), mas entram na interação que realizamos com seu uso e ganham determinados significados. Assim, eles existem a partir da prática realizada de modo coordenado com o corpo. Nesse sentido, a prática que nos propomos a fazer com

determinado objeto lhe confere existência (MOL, 2002). Esses materiais²⁶ podem ser substituídos por outros, de acordo também com os nossos corpos.

Exigências corporais se transformam. Aquilo que era muito bom e dava muito prazer pode cair em indiferença, assim como aquilo que era indiferente pode ser percebido/migrado à outra dimensão do que dá ou não prazer. Entretanto, tais questões não estão tão bem separadas. Suas fronteiras podem ser borradas. Usar um modelo ternário prazer-indiferença-desprazer como algo puro pode gerar um essencialismo que decreta que determinadas ações (falas, atitudes e toques) sejam consideradas puramente e sempre como disfóricas, e que outras sejam sempre produtoras de prazer, de desprazer ou sempre neutras.

Uso o termo ternário em alusão ao modelo binário de demarcação de fronteiras de pensamentos e saberes que identificam sujeitos, experiências, corpos e subjetividades de modo idêntico a si mesmo, universal e previsível. Esse modelo ternário, assim como o modelo binário de fronteiras entre humano e não humano (HARAWAY, 1995), e o tecnológico orgânico (PRECIADO, 2014), não estão tão demarcados assim. Eles se multiplicam à medida em que se interseccionam com marcadores sociais de diferença (NOGUEIRA, 2011).

O aspecto indiferente desse modelo pode ser interessante no sentido de que não existe por hora um valor atribuído, tanto de positividade como de desconforto. O indiferente, aquilo que não está marcado ou percebido, no entanto, não é algo que se preserva por muito tempo, mas tende a pender para um julgo quando percebido. Penso que isso pode acontecer com o prazer sexual.

A indiferença pode se manter sem um toque de prazer reflexionado. Reflexionar é trazer o sexo/prática sexual ao debate. Se, ao mesmo tempo, o sexo foi transformado em uma categoria menos importante que a sexualidade, suas possibilidades também são tolhidas ao hierarquizá-las como alto e baixo debate ou, até mesmo, antes de hierarquizá-las, simplesmente silenciá-las. De fato, o sexo foi banalizado e colocado em um regime discursivo que perpetua relações de poder/prazer/saber. O exemplo se coloca no discurso sexológico de tipificação das práticas sexuais ou, como no dizer de Kinsey, de comportamento sexual, ciclo da resposta sexual em Masters e Johnson e até os tipos de orgasmos descritos por Hite (GIAMI, 1999).

O segundo canal escolhido para abordar a temática da disforia foi o ‘Mãe, Sou Trans?!’, iniciado em 12 de abril de 2017 e produzido pelo youtuber Gabriel Vianna, homem trans,

²⁶ Preservativos podem dar maior ou menor prazer, assim como os *packers*, materialidade prostética que mimetiza um órgão sexual masculino cisgênero, conhecido também como prótese peniana para homens trans. Assim como a espessura de um preservativo (49, 52 ou 55mm), ou mesmo sua composição (látex, poliuretano, resina AT-10 ou poliisopropeno), o *packer* se adapta ao corpo dos sujeitos, mas os corpos dos sujeitos também se adaptam aos objetos materiais, como os *packers*.

branco. Heterossexual e de classe média, morador da capital do Rio de Janeiro. No vídeo ‘COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS?!’²⁷, ele apresenta dois aspectos: o primeiro, ele nomeia como a ‘parte psicológica’ da sexualidade, ou seja, a disforia; o segundo, diz respeito às materialidades por ele utilizadas, tema que será trabalhado no capítulo quatro.

Gabriel fala sobre a questão da disforia e do que nomeia de ‘parte psicológica’, que se refere à conversa sobre a transexualidade e suas implicações.

[Gabriel] Alguns, por exemplo, podem não ter problema algum na penetração. Eu, por exemplo, tenho aversão, não tenho condições. Então, eu acho que o principal para o sexo rolar é ter essa conversa com a pessoa, deixar tudo bem claro: **o que gosta, te dá tesão, o que não te dá nenhum pouco de tesão**, o que vai (pausa), né? E além dessa conversa, eu, por exemplo, não consigo sair tendo relação por aí. Então, tem que rolar **além dessa conversa de esclarecimento uma energia muito grande com a pessoa para conseguir, enfim. [...]** é, e essa é mais a **parte psicológica**.

Ele assume ter disforia com algumas partes do corpo, mas apenas especifica a prática da penetração como produtora de um sentimento de aversão. Salienta que, para que o sexo aconteça, é necessário haver ‘aquela conversa’, que não se trata de uma conversa simples ou de uma conversa que precede à cena sexual quando dois sujeitos sexuais estão entrando em um acordo para levá-la a cabo. É uma conversa que fala de um entendimento dessa condição do outro enquanto sujeito passível de ter disforia esclarecendo sobre suas preferências sexuais.

Para Gabriel, existem outras coisas que vão para além da conversa inicial, que passam por um encontro anterior. Conversar, esclarecer, haver energia, tentar fazer para conseguir, para se chegar numa troca, foram apresentadas como questões de ordem psicológica. Eu diria que não apenas psicológicas, mas também sociais, o que se expressa na ideia de encontro.

Dentro da noção de sujeito como dobra (ROSE, 2011), o aspecto ‘psicológico’ é um componente dessa dobra, ou seja, as fronteiras entre os aspectos psicológicos e sociais não são tão delimitadas. Falar sobre a presença da disforia nas práticas sexuais de homens transexuais é evocar as problemáticas que constituem a experiência transexual, como a exclusão social que se materializa nas dificuldades de acesso a emprego e renda, atenção à saúde e procedimentos hospitalares e ambulatoriais que intervêm diretamente na constituição de seus corpos e, conseqüentemente, no seu corpo sexuado.

Em suma, a disforia entrou na cena sexual fazendo parte de uma gestão corporal do prazer sexual que coloca como primeira regra não sentir desprazer. Os vídeos de Luca e Gabriel protagonizaram esse debate. Ambos dizem que diálogo anterior é condição de possibilidade

²⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hirlozXWbB4&t=3s>. Acesso em 03 out. 2019.

para executar a cena sexual. Apenas Kaito Felipe e Thiago Peniche não enunciaram a disforia como elemento a ser cuidado no curso da cena sexual nos vídeos selecionados.

Sendo a disforia relacionada ao desconforto com algum signo corporal, a conversa de entendimento sobre esse aspecto aparece como condição de possibilidade e pode ter um efeito de despatologização quando houver abertura para escutar sobre, falar sobre, perguntar sobre. Com essa postura, há respeito e reconhecimento dessas idiossincrasias. Contudo, a conversa que acontece pré-cena sexual não é necessariamente o que vai surtir o efeito de despatologização, mas, quando essa conversa é realizada desde o âmbito das relações interpessoais e se amplia socialmente, então, pode resultar em uma política pública à medida em que produz subsídios de um discurso local que se configura como saber: escala do cotidiano, contato interpessoal e de relacionamento. O movimento se amplia quando acontece a mobilização da temática até se transformar numa questão maior onde as áreas dos saberes (psicologia, medicina, educação) tratarão essa questão a partir desses referenciais de diferenças que devem ser considerados.

A disforia aparece com o campo discursivo que joga com a verdade científica e que legitima um lugar de suposto saber. Ao relatar o que é disforia, os homens trans constroem uma normatividade sobre a prática sexual. Há necessidades de saberes, psiquiátricos, os quais eles estão autorizados a narrar uma vez que fazem parte do grupo. Suas experiências sexuais vão se constituindo também a partir das suas vivências como sujeitos que possuem um lugar de resistência.

O estatuto da ‘disforia’ vem marcado pela falta de gênero e de corpo, que foi inicialmente genitalizado dentro de um marco cisnormativo. Para resolver tal aspecto, é necessário a desgenitalização do sujeito, ou seja, retirar o mesmo do marco genital cisnormativo. Aqui temos o corpo sexuado e territorializado pelas normas cisheterossexuais. Uma ‘euforia’ (LIMA, 2014) viria a ser marcada pelo excesso de gênero em um corpo que reclama ser desgenitalizado. A ‘aforia’ seria uma indiferença de gênero, mas que pode querer regenitalizar o corpo sexuado dos homens trans, ou seja, uma territorialidade genital que deve ser inicialmente desterritorializada para uma possível reterritorialização da vida sexo genital. Desse modo, os trinômios disforia/euforia/aforia seriam correligionários de um processo de genitalização/desgenitalização/regenitalização.

Entretanto, a genitalização a que eles se referem é um tipo de genitalização cisnormativa. O que parece é que estão solicitando inicialmente um processo nem disfórico nem eufórico, mas afórico em relação à lógica cisnormativa, para se produzirem como sujeitos.

O discurso científico é apropriado para uma versão êmica que demarca a singularidade dos sujeitos sem os totalizar. Existe um caráter singular de experimentação da disforia que se expressa nos diversos modos como ela se apresenta. Assim sendo, disforia aparece em termos de intensidade (muita, pouca ou nenhuma); práticas sexuais, como ser penetrado; aspecto ‘corporo-material’ (peito, genitália); toques; palavras e termos podem ativar a disforia.

Se a ideia de corpo sexuado está relacionada ao signo de prazer e a disforia comparece como signo de desprazer sexual – objetivo oposto relatado por eles, e não como signo de dor (que é bem-vinda na cena sexual das práticas BDSM, por exemplo) então existe no corpo sexuado a possibilidade da presença de desprazer ao ser suplantado o prazer. Com relação a isso, penso na ideia de ‘de-sexuação’. A fim de suplantar a de-sexuação, os homens trans recorrem a tecnologias discursivas (se valem de saberes constituídos e presentes no campo científico) e simbólicas (conta com o deslocamento do olhar do outro). É uma nova ordem de corpo sexuado, pois ele se constitui dos signos sociais (a exemplo da disforia, do corpo não estático) e paisagísticos (com territórios definidos e indefinidos – campo de interações desses signos) que estão presentes no contexto de suas experiências como pessoa trans –. Assim, a disforia se apresenta como um alçapão que traga o erotismo dos homens trans.

4.2 Reinventando corpos

Neste setor, discorro como os modelos de corpo sexuado vão sendo reinventados pelos homens trans na medida em que se diferenciam de um natural ou cultural, efeito de um processo tecnológico que reorienta a ordem ontológica de corpo sexuado (PRECIADO, 2002).

Sobre corpo, Laqueur (2001) apresenta dois modelos utilizados para diferenciar corpos masculinos e femininos do período dos gregos ao de Freud. 1) Modelo do sexo único: o corpo da mulher é entendido como fase de desenvolvimento que não alcançou o corpo do homem – imagem e semelhança de Deus – modelo hierárquico e vertical; 2) Modelo dos dois sexos: relação já horizontal, mas dada pela essência masculina e feminina.

O corpo também assume uma dimensão social, cultural, linguística, técnica e simbólica que se articula de forma mútua (LE BRETON, 2012; BOURDIEU, 2007). A dimensão erótica do corpo sexuado o concebe como substrato e objeto de desejo com objetivo de obtenção do prazer sexual e que se articula em rede com outros circuitos sociais (BATAILLE, 1987; PARKER, 1991; SHON, 2008; GIAMI, 1999; RIOS, 2003).

Por fim, a perspectiva contrassexual de corpo (PRECIADO, 2014) demarca o conflito das normas, construindo uma contranormatividade que abandona a lógica binária que a

reciprocidade desta mesma norma produziria. Essas questões são articuladas com os discursos sobre o corpo sexuado do homem que o próprio constrói. Corpo aqui é tomado como uma materialidade que não se define pela separação entre orgânico e não orgânico, mas se faz a partir do seu uso a fim de ser corpo sexuado.

Os vídeos escolhidos para aprofundar a temática sobre corpo sexuado são os de Thiago Peniche, Bruno Alves e Társio Benício. Os vídeos de Luca Scarpelli, e Gabriel Vianna funcionam como coadjuvantes.

O primeiro vídeo selecionado foi o de Thiago Peniche e está no canal ‘Thiago Peniche. O vídeo foi publicado em 05 de dezembro de 2018. Thiago é um homem trans, *gay*, branco, de classe média alta, que mora na cidade de São Paulo. Não encontrei informação relacionada à sua escolaridade. O nome do vídeo é ‘(+18) COMO TRANSAR COM UM HOMEM TRANS - vídeo p/ meus crushes’ em que explica aspectos relacionados ao corpo sexuado do homem trans a partir de sua própria experiência. O segundo vídeo utilizado para abordar essa temática foi o de Bruno Alves, que não define sua orientação sexual. Homem branco com traços negroides, aparenta ser de classe média, vive em Belo Horizonte e tem ensino médio completo. O nome do seu canal também se chama ‘Bruno Alves’. O seu vídeo ‘COMO TRANSAR COM UM HOMEM TRANS?’ foi publicado no dia 27 de fevereiro de 2019. O terceiro vídeo, de Társio Benício, tem o título ‘Como se relacionar com quem tem vagina’ e foi publicado em 02 de agosto de 2019 no canal chamado ‘Do Bem’. Társio é um homem trans, negro escuro, classe média, com nível superior incompleto e mora em Recife.

Para iniciar um deslocamento da noção de corpo, Thiago utiliza estratégias ‘pedagógicas’ para ajudar o(a) espectador(a) a realizar o seu próprio processo de mudança do imaginário pautado na lógica cisnormativa.

[Thiago] **pensa que** ser **homem trans** é só uma característica, como você ser um **homem** com olhos azuis ou um **homem** com cabelo loiro, sabe?

No ato ilocutório ‘*pensa que*’, encontramos uma proposta ‘pedagógica’ que nos convida a olhar diferentemente. Este olhar diferente parece estar relacionado à validação do corpo e da sexualidade dos homens trans atrelada a um deslocamento de posição quanto ao ser (homem; homem trans) e ter (relação íntima) (RIBEIRO, 2018). Isso leva ao deslocamento do olhar para o corpo de um homem trans introduzindo-o para os(as) aprendizes, o que Vergueiro (2015) denomina de corpos variantes, ou seja, a variação possível que foge à cisgeneridade. Além disso, ao destacar que se trata de um **homem**, parece promover uma interpretação de que ele não corresponde àquilo que se considera, via de regra, como homem.

Thiago situa a transexualidade em um marcador social que se define pelas características fenotípicas no âmbito das diferenças humanas. Os estudos sobre raça (GUIMARÃES, 2003; 1999), livres de uma versão biológica e genética, propõem que as variações físicas sejam olhadas como problemas atribuídos pelos valores sociais. Em outras palavras, como um “conjunto de relações sociais que permitem situar os indivíduos e os grupos e determinar vários atributos e competências com base em aspectos biologicamente fundamentados” (GIDDENS, 2005, p. 24).

Em seguida, Thiago demarca o caráter singular do corpo trans apontando as transformações como idiosincrasias. A ideia também converge com a de Bruno.

[Thiago] Não é para você olhar para aquele corpo e pensar “oh, meu deus, é um alienígena!”. A segunda coisa que a gente tem que pensar é que aquele é **um outro corpo, é um corpo trans, não é um corpo feminino**, não tem nada a ver com o corpo feminino, **especialmente se você está em testosterona**, porque muitas coisas crescem. **O clitóris cresce bastante, então não tem nada a ver com uma vagina**²⁸, sabe? Fica uma coisa diferente.

[Bruno] **O que é que mudou? O meu clitóris**, clitóris, não sei como fala, eu sempre confundo, é um pouquinho maior, mais ou menos desse tamanho aqui ó. Entendeu? É isso. Acabou. **Não tem mais nada de diferença nisso** aqui, gente, mais nada.

Estar em testosterona é diferente, pois se distancia do corpo feminino dado ao aumento do clitóris, que parece corresponder a ‘um passo a mais’ na construção da identidade de gênero e sexualidade de Thiago. Com efeito, ele afirma sua autodenominação de homem trans como também alega que interveio na materialidade de seu corpo lhe trazendo novos significados. A tarefa contrassexual de transformação tecnológica do corpo generificado (homem trans) e sexuado se opera pelo uso da substância que aumenta o tamanho do clitóris diferenciando-o de uma vagina restituindo uma construção psicológica e sociológica, pois não se trata de uma imagem alienígena. Embora esse corpo se transforme, ele não se diferencia ontologicamente de outros corpos de homem.

²⁸ Captura de *frame* (CF) 1. Neste momento (2m:29s) aparece o letreiro escrito “TÊM HOMENS TRANS QUE SE VEEM COM UMA PPK (ñ é meu caso)”.

Imagem 7: Captura de frame 1: Thiago Peniche.



CF1. Fonte: *YouTube*.

O *frame* capturado permitiu vislumbrar como ele vê o seu órgão sexual, já que o termo PPK corresponde ao apelido da vagina. Nele, Thiago traz à baila a discussão sobre a nomenclatura do órgão sexual que não é estática, que não foge dos signos da sexualidade humana. “Tem homens trans que se veem com uma PPK (n é o meu caso)” corrobora com Borba (2015) sobre a ideia de não haver consenso com relação à nomenclatura sobre os órgãos genitais.

O significado a respeito de corpo apresentado por Thiago questiona os modelos de sexo único e de sexo duplo desenvolvidos por Laqueur (2001). Se torna um pouco anacrônico pela distância temporal em que tais modos de pensar o corpo foram construídos. Por isso, não se torna viável pensar o motivo pelo qual todos princípios (homem humano perfeito; semelhantes que gostam de semelhantes; variações do gênero como variações de um só sexo; homem responsável único pela reprodução por ter sêmen; concepção sem participação da mulher; homem como representante único de civilização) de constituição do sexo único são desconstruídos frente ao modelo ontológico trazido nas falas dos homens trans (LAQUEUR, 2001). Entretanto, alguns deles podem ser úteis para a reflexão sobre uma outra ontologia do corpo sexuado.

Iniciando pelo princípio de perfeição do homem em relação à mulher, o modelo de sexo único é desconstruído quando o corpo é tomado como uma diferença que demarca apenas uma

característica corporal - cor de cabelo, cor dos olhos. O princípio de que a variação de gênero é variação de um só sexo nunca seria possível em qualquer homem trans, porque eles sempre dizem que estão falando por si próprios, e não generalizam, não há um modelo único para falar de qualquer questão relacionada ao corpo sexuado. Aspecto que confirma que em termo de sentidos sobre o corpo, este tem um caráter plural, e isso parece ser unânime nas falas de todos os homens trans quando falam sobre sua sexualidade. Da mesma forma, o princípio de que seres semelhantes gostam de seres semelhantes se desfaz mediante à diversidade de posições que eles assumem quando falam sobre corpo sexuado:

[Bruno] [...] **vai de cara para cara.** Não tem como eu generalizar as pessoas, generalizar pessoas, generalizar os outros homens trans, não tem como eu fazer isso. Então eu vou falar como é para mim.

[Thiago] **eu vou falar** especificamente **sobre mim** [...]

[Gabriel] não vale como um todo o que eu vou falar, eu digo mais por mim.

[Luca] eu não quero falar em nome de toda a comunidade, **eu vou falar o que eu acho importante**, quais são as minhas inseguranças.

Com relação ao modelo do sexo duplo, toma-se como princípio a horizontalidade das relações, a oposição sobre os corpos e sua descontinuidade, em que a reprodução e o coito ou prazer, assim como mente e corpo, binarizam-se.

Para lograr tais princípios, a diferença teve de ser compreendida enquanto essência. Contudo, a diferença entre os aparatos sexuais também serve para justificar as desigualdades. Modelo que também não funciona para explicar uma ontologia do corpo sexuado dos homens trans. Thiago passa pelo modelo binário de corpo sexuado desconstruindo o significado de pênis.

[Thiago] por que as pessoas acham que, primeiro, para você ser ativo você precisa ter um pênis; segundo, **quem te disse que eu não tenho um pênis?**

[Bruno] eu não sei o que é que vocês imaginam que é **o negócio aqui!** Entendeu? Eu não sei. Porque **não tem nada de mais**, não tem **nada diferente. Um pouquinho diferente, mas** assim, **não é muita coisa.**

Quando ele fala que é diferente, mas é igual, inaugura uma outra ontologia sobre o corpo sexuado em que está presente nela o que Preciado (2002) considera como proclame de equivalência, ou seja, corpo sexuado do homem trans não demanda igualdade, mas sim uma equivalência, sobretudo de um ‘corpo-sujeito-falante’, e eu acrescentaria o termo ‘sexuado’ nesta composição. Diz ainda Preciado que esse corpo se dedica à busca de saber-prazer produzindo formas alternativas de saberes sobre a sexualidade moderna ao mesmo tempo em que funciona como tecnologia de resistência de disciplina contrassexual (PRECIADO, 2002).

A disciplina contrassexual se apresenta como ontologia em que a possibilidade de sentido sobre o corpo em um outro registro é a representação contrassexual do corpo sexuado.

[Thiago] **eu não gosto de ser tocado como se eu tivesse uma vagina**, [...] eu *me reconheço psicologicamente* com um pênis. Então, **na hora que você for me chupar** (risos), na hora que você for chupar um homem trans e for um homem trans que se parece um pouco comigo, que se reconhece com um pinto e tudo mais, **é importante você chupar como se fosse um pinto, né?** Então, fazer aqueles movimentos assim (pausa para imitação - lálálálá²⁹), não funciona.

Imagem 8: Captura de frame 2: Thiago Peniche.



CF2. Fonte: *YouTube*.

Gostaria de salientar que a questão do artifício imaginativo apontado por Thiago, caso percorresse um caminho baseado no imaginário e inteligibilidade cisgêneros, provavelmente traria problemas na cena sexual. Então, o convite aos(às) possíveis parceiros(as) é que desconstruam seus olhares pré-estabelecidos embaralhando as fronteiras entre corpos cisgêneros e transgêneros, rompendo, assim, com a relação naturalizada entre o aparato anátomo-biológico e a identidade de gênero.

Desta forma, "**eu não gosto de ser tocado como se eu tivesse uma vagina**" e "**é importante você chupar como se fosse um pinto**" funcionam como um percurso para a desconstrução de um pensamento cisnormativo sobre identidade de gênero, sexualidade e

²⁹CF 2 e 3: (3:28) com a mão direita espalmada na frente do rosto, como se simulasse espaldar uma cavidade sexual, faz movimento com a língua (palheta de ar condicionado) em 45°.

práticas sexuais. É importante observar que há diferentes modos de se chupar um homem trans, cuja autopercepção sobre o corpo e a ação do parceiro ou parceira codesignam os órgãos sexuais – perspectiva indicial e sensitiva (RIBEIRO, 2018) –.

Morland apresenta, a partir de Berlant e Warner, um estudo que descreve uma cena pública em que uma atriz realiza uma performance de vômito erótico, concluindo que, por motivo de sua interação, todos da plateia seriam afetados pela cena e esse contexto produziu uma comunidade *queer* conectada como um grupo compacto e íntimo em relação aos *performers*. Trata-se de sensações que se constituem enquanto resistência à sociedade convencional, de modo que guardam uma força contracultural. Tal mudança em Dinshaw (MORLAND, 2013) não se alcança apenas pelo toque, mas também pela ‘sensação *queer* do toque’: “a força desencantadora (...) estremece com seu toque o edifício heterocultural” (DINSHAW, 1995 apud MORLAND, 2013, p 27). Morland sugere que, no argumento de Dinshaw, a simultaneidade entre toque e taticidade³⁰ provocam uma viragem perceptual e consequentes respostas corporais naqueles que são tocados através das sensações *queer* que se chega à mudança cultural (MORLAND, 2013). Sobre o *queer*, não se trata de articular coisas, mas das relações que se articulam a partir de estruturas de poder.

Thiago também traz a necessidade de haver uma modulação do gesto que direciona desejo dentro daquilo que Ribeiro (2018) define como gestão corporal do prazer. A autora fala de uma modulação da frequência vibracional para ilustrar como gênero, sexo e desejo não podem ser pensados como incomunicáveis e separados. Ser penetrado como se tivesse uma vagina não necessariamente conduz a uma desqualificação dessa materialidade. Mais do que isso, evidencia o distanciamento entre o registro indicial – percepção como o corpo desse sujeito é lido coletivamente, ou seja, dentro de uma matriz cisgênera – e sensitivo – a percepção que o próprio sujeito tem de si (RIBEIRO, 2018), funcionando como uma possibilidade de aproximação entre esses dois registros.

Torna-se evidente que Thiago utiliza a noção de ‘vagina’ como signo distinto daquele que atribui ao seu próprio órgão sexual. Vale destacar que nada disso ocorre sem o ‘reconhecimento psicológico’ da performatividade de gênero diferente da designada ao nascer. Esse reconhecimento não reduz ao concreto e material, ou seja, dialoga com o reconhecimento dos próprios homens trans que se relacionam com a sua autoimagem e o modo como se definem e reconhecem o seu corpo.

³⁰ Minha tradução do espanhol ‘*tacticidad*’.

Butler (2016) denominou de fantasia literalizante a ideia de que a fusão entre desejo e ‘realidade’ resulta do pressuposto de que existe um ‘pênis literal’ e uma ‘vagina literal’. No processo de tornar-se gênero, há um trabalhoso percurso de naturalização que requer a diferenciação de prazeres e partes do corpo. Assim, “algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico” (BUTLER, 2016, p. 127). Deste modo, os prazeres são determinados por uma experiência melancólica do gênero que é vivificada ou amortecida de acordo com a matriz normativa de gênero.

As pessoas trans experienciam uma descontinuidade entre prazeres sexuais e partes do corpo. Há uma participação imaginária como apêndices e orifícios em que “o prazer pode requerer que se imagine um conjunto exagerado ou diminuído de partes” (BUTLER, 2016, p. 128). De fato, o corpo enquanto signo da cultura não está livre de uma construção imaginária, de modo que um corpo fantasiado não poderia ser compreendido em relação a um corpo real, mas à outra fantasia cultural instituída que constitui o ‘literal’ e o ‘real’. O marco da heterossexualidade naturalizada dos corpos ocasiona desejos como efeito de sua fisicalidade. Contudo, Butler (2016), ao falar sobre reconhecimento, traz que a relação ‘eu’ versus ‘outros’ não serve para entender a vida social. Para isso, é necessário conhecer o conjunto de normas que permitem construir a reconhecibilidade. Thiago destaca um caminho para se alcançar tal reconhecibilidade através da seguinte fala:

[Thiago] Cara, a primeira coisa que você tem que fazer é agir com naturalidade, sabe? Tem que **entender que aquele ali é outro corpo e que você quer dar prazer para aquele corpo e acabou**. Sabe? [...] então é importante você pegar! Entendeu? Tipo, **realmente chupar e tal**, sei o que, sei lá, fazendo aqueles movimentos assim³¹, né? Entendeu? Isso é importante, **você perceber o corpo de homem trans como sendo corpo de homem, independentemente se teve cirurgia ou não**. Porque, pensa, **você está ali para fazer sexo**, ou seja, **para dar prazer para outra pessoa, é uma troca**, sacou?

Thiago demarca o potencial existente no aspecto simbólico das práticas sexuais, tratado por alguns autores sobre a dimensão perceptual (RIBEIRO, 2018) e o papel dos sentidos (PAMPLONA, 2018). Assim, a modificação dos sentidos, ou os processos de deslocamentos da percepção (RIBEIRO, 2018), permitem a ampliação dos repertórios sexuais enquanto há intenção de dar prazer para o outro. Desse modo, o componente da intencionalidade se

³¹Aqui ele está falando como seria uma boa pegada, ou seja, que não é uma pegada como se estivesse chupando uma vagina.

caracteriza como elemento que possibilita a modificação do desejo (CORDEIRO, 2016), caráter trazido em sua fala.

A ideia de ‘agir com naturalidade’ não estaria dentro de uma ação atrelada a uma natureza inerente, ou seja, aqueles fundamentos que Preciado nomeou de contrato social chamado Natureza, cuja consequência permitiria o subjugamento de um corpo sobre o outro (PRECIADO, 2002). Há de se realizar uma análise crítica de que as diferenças de sexo e gênero são produzidas de forma heterocentrada, cujas performatividades normativas têm se inscrito nos corpos de modo a serem pensadas como verdades biológicas (BUTLER, 2001). Perceber e tocar passam por experiências não apenas corporais, mas também por uma construção social que reflete no sensível e que tem por função específica a troca, implicando dar prazer ao outro.

Quando Thiago fala que é importante perceber o corpo ‘trans’, ele aponta para um debate sobre transexualidades/cisgeneridades. A psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus define o termo ‘cisgênero’ a partir de seu alinhamento, ou não, entre a identidade de gênero autodeclarada e o sexo atribuído ao nascer. Portanto, chama-se de pessoa cisgênera aquela que apresenta concordância entre esses dois elementos, ou seja, pessoa não transgênera (JESUS, 2012; 2013).

Nos estudos de Viviane Vergueiro (2015), a ideia é de que são construídos gêneros demarcáveis e não demarcáveis, com a capacidade de naturalizar a cisgeneridade dentro de um silêncio descritivo que, somado à coerência, à inteligibilidade e às interdições, termina por fundá-la como natural. Tal caráter natural da cisgeneridade é correligionário da heteronormatividade, termo cunhado por Cathy J. Cohen (1997), definida como um processo de legitimação e de privilégio da heterossexualidade. Seja no nível relacional das práticas heterossexuais, seja no nível das instituições, elas são sempre tomadas como fundamentais e naturais.

Amara Moira (2017) aponta o reducionismo do termo de modo que a nomeação trans implica em construir a ideia de não trans. Morelli (2018) complementa que a defesa da criação do termo não se orienta para legitimar o binarismo, mas para evidenciá-lo, pois funciona como uma tecnologia de descrição e de localização de enunciados, considerando os aspectos políticos e recursivos que os gêneros fazem uso, assim como a capacidade de “tornar certos lugares como não marcáveis por se posicionarem em posições não privilegiadas” (MORELLI, 2018, p. 404).

Dessa forma, Thiago parece fissurar o binarismo em que a percepção cisgênera está para a masculinidade assim como a percepção transgênera está para a feminilidade. Essa percepção não depende do grau de intervenção corporal a que o sujeito trans tenha se submetido. Mesmo

que o sujeito não tenha realizado uma cirurgia de redesignação sexual, mastectomia ou qualquer outra intervenção corporal que lhe afere maior passabilidade, é importante que haja aquilo que Thiago vem chamando de ‘reconhecimento psicológico’.

‘Tocar diferente’ (tocar, pegar, chupar) o corpo trans corresponde a preservar um ‘reconhecimento psicológico’ do sujeito no gênero que se sente confortável. Não acredito que exista algo que tipifique um toque trans ou um toque cis, mas a subversão das práticas sexuais permite articular, ou desarticular, lógicas baseadas em normatizações de orientação sexual e identidade de gênero, e, por fim, amplia as possibilidades de uso dos prazeres sexuais que podem ser pensados como “reverso das formações institucionais da sexualidade” (MORLAND, 2009, p. 9) para além de uma genitalização. Também penso tratar-se do reconhecimento de alteridade em sua performatividade. Isso implica na desconstrução do outro, mas também do lugar cisgênero como modelo para pensar a alteridade trans.

Do tato ao toque, temos uma distância que permite realizar algumas reflexões. Sem buscar realizar uma revisão exaustiva sobre onde começa um e onde termina o outro, quero abordar o toque no que concerne à questão da disforia. De uma forma bastante ‘pedagógica’, o toque está performando, enquanto no tato não haveria um compromisso com os signos presentes nessas práticas. O toque corresponde a uma prática que envolve o encontro entre um corpo com outras materialidades e outros corpos. Ele aciona memórias afetivas e histórias vivenciadas pelos sujeitos, uma prática que nunca deixamos de realizar.

O toque poderia ser pensado também como a forma simbólica do tato? ‘Com tacto’ que é necessário, mas não se resume ao efeito de um mecanismo fisiológico, principalmente quando há cruzamento entre identidade de gênero e orientação sexual. Penso o toque como uma forma de contato, que se realiza a partir dos significados experimentados pelos sujeitos. Tais significados, táteis, se colocam e produzem sentidos para os sujeitos e terão um significado importante no que concerne à produção do prazer sexual. Nesse sentido, o contato é uma comunicação de “corpos-sujeitos-*sexuais* falantes” (PRECIADO, 2002) e sexuados, porque tem por objetivo produzir prazer sexual através do corpo. Assim sendo, o sexo também é construído, pois funciona como aparelho de produção pelo qual a materialidade vivenciada se estabelece como pré-discursiva. Estilização repetida do corpo ou atos que, preservados no tempo, dão aparência de substância natural. Atos e gestos que dão efeito de substâncias são performáticos e intencionais (BUTLER, 2003)

O rechaço por uma determinada parte do corpo ou por uma prática, como disforia em relação à penetração, por exemplo, se relacionaria com o processo de internalização de

significados de dor e sofrimento sobre o corpo material e social do sujeito. Se, em uma lógica falocêntrica cisnormativa, um homem *gay* teria aversão à vagina, como tal questão se resolveria quando homens *gays* se sentem atraídos por homens transexuais?

O toque não seria, então, apenas um interruptor, encontro entre materialidades indiciais (RIBEIRO, 2018) ou literais (BUTLER, 2015), mas metáfora de um mecanismo/objeto cuja função será sempre a mesma, o que não ocorre com o tato, no qual parece haver uma maleabilidade. Um interruptor não mudaria o significado da ação, enquanto o toque, por envolver sujeitos deste toque, é prática tátil significada e performada.

Desta forma, o toque que aciona signos de disforia nunca será apenas tátil. Ele estará sempre impregnado dos significados que acionam memórias de dor, não necessariamente uma dor oriunda de um processo interno, psicopatológico, mas de um processo social, de adoecimentos provocados por uma condição social que cerceia as possibilidades de expressão das subjetividades.

Poderíamos pensar em efeito da norma, que acontece pela sua interiorização e conseqüente negação da parte que corresponde ao que o sujeito não gosta ou que provoca efeito disfórico. Como cuidar destas questões: pensar que há possibilidade de duplicação do problema; pensar quais os contextos que geram tais problemas; buscar com os próprios sujeitos as soluções.

O toque, então, será um elemento importante a ser explorado. Explorar o toque pelo menos em dois sentidos: o primeiro, no que se refere ao que é possível extrair de prazer sexual do corpo, corpo dildotópico passível de ser pensado/sentido como erótico: braço que goza; joelho que goza; tecidos que são elevados ao erótico; o tateamento físico, material (PRECIADO, 2014). Outro modo de explorar as possibilidades de toque está na conversa que os sujeitos podem estabelecer, nos acordos firmados, nas reflexões possíveis de serem realizadas junto aos sujeitos sexuais.

Társio Benício, no vídeo intitulado ‘Como se relacionar com quem tem vagina’, traz uma narrativa que aponta para dois aspectos importantes em nosso debate. O primeiro, corresponde ao caráter material do corpo. O segundo aspecto, corresponde a como essa materialidade, a corpo/vagina, que tem características próprias, entra nas práticas sexuais dos homens transexuais. Társio descreve e compara as materialidades sexuais sem acoplá-las a um corpo, mas trazendo a ideia de que pênis e vagina são características que podem estar presentes em determinados corpos sexuados, independentemente de sua autodefinição.

Na segunda questão, aponta para como essas materialidades corporais se articulam com as práticas sexuais. Prazer, gozo e felicidade estão relacionados a como os sujeitos interpretam as materialidades. Mostra que nem toda materialidade é o que parece, o que está presente é a coordenada linguística (LE BRETON, 2012). A noção de ‘fluido sexual’ entra como um coringa que pode enganar desavisados naquilo que Társio define como a ‘arte (erótica) de excitar’. Tal arte, como veremos, se concretiza a partir da articulação da parte (órgão sexual) com o todo (sujeito).

A noção de corpo sexuado apresentada nesse vídeo de Társio desarticula as definições presumidas de coextensão entre sexo, corpo, desejo, performatividade de gênero e práticas sexuais. Tal desarticulação vai sendo realizada à medida em que ele lança a seguinte pergunta: ‘como se relacionar com quem tem vagina?’. A pergunta não está definindo se o corpo que abriga essa vagina é um corpo de homem ou um corpo de mulher. O sujeito do ‘quem’ (tem vagina) pode ser qualquer sujeito que possui uma determinada característica material, no caso uma ‘vagina’. Corpo aqui é percebido como contrassexual, pois não há reconhecimento do corpo enquanto homem ou mulher (**quem tem**), nem masculino ou feminino (PRECIADO, 2002). Também é notável que Társio não se refere aos termos ‘vagina’ e ‘vulva’ como órgãos sexuais femininos ou masculinos desconstruindo o caráter essencialista estrutural e invariante (PRECIADO, 2014) e o modelo dual (LAQUEUR, 2001) de corpo sexuado.

Ele segue dizendo qual vai ser o foco da sua apresentação no vídeo: [Társio] “Hoje a gente vai falar aqui um pouquinho sobre ‘vulva’ e como se relacionar com quem tem vulva”. Mais que ‘a vulva’, ele quer debater sobre ‘quem’ tem vulva, essa pessoa, esse sujeito que existe e deve ser considerado como um todo, assim como constrói aquilo que se chama de sujeito sexual.

Rios (2012) toma de empréstimo a ideia de ‘sujeitos sexuais’ de Paiva (2000; 2008) definida como o processo de mobilização das pessoas no engajamento com a mudança cultural por meio da participação política e solidária. Penso que este sujeito também se constitui como o que faz dobra na medida que não se totaliza tampouco internaliza (ROSE, 2011) o uso dos prazeres (FOUCAUT, 2007) de modo a produzir uma contrassexualidade (PRECIADO 2001).

[Társio] E aí, talvez, você esteja se perguntando: vulva e vagina não é a mesma coisa? **Parece, né? Mas não é bem assim, não! A vagina é uma parte da vulva. A vulva é o todo.** Envolve lá todas as partes. A vagina vem do latim, quer dizer bainha, embaiar, espada. E aí a vulva, vos apresento, vem aqui, tem o clitóris, que é aqui a glândula, aqui a gente tem a uretra, a gente tem a entrada

da vagina, o canal vaginal, e a famosa glândula de Bartholin³². E é sobre ela que eu quero falar principalmente: a sagrada glândula de Bartholin.

Társio apresenta termos científicos: vulva, vagina, clitóris, uretra, glândula de Bartholin, uma decomposição do órgão sexual em termos de características morfológicas e fisiológicas. Discurso anatômico-científico sobre o corpo sexuado, mas que subverte seu sentido. Essa decomposição anatômica não se confunde com o que realizou Colombus Renaldus, ao dissecar a anatomia do clitóris como suposto segundo pênis, que estava dentro de um modelo de sexo único (LAQUEUR, 2001). Trata-se de uma recomposição ontológica que recria a vagina como materialidade do corpo sexuado masculino.

Nota-se que Társio se vale de seu lugar de fala em termos de formação acadêmica, uma vez que é estudante universitário do curso de fisioterapia, além de ser coautor de um manual distribuído pelo Ministério da Saúde sobre saúde dos homens transexuais. Isso significa dizer ele não está falando de qualquer lugar, mas do lugar de um homem transexual inserido no universo acadêmico e tem a prerrogativa de falar para além da sua experiência pessoal, mas também a partir do campo científico.

Embora traga uma definição de sua estrutura morfológica, Társio pensa a vagina como um todo, utilizando como estratégia ‘sair’ da vagina para dizer que o sujeito social vem junto a ela, ou seja, uma decomposição em que as partes não se resumem apenas ao órgão sexual, o que se configuraria em genitalização, mas também a questões sociológicas e experienciais em termos de sujeito sexual, aquele ou aquela que tem vagina. A genitalização funciona como efeito de uma norma cisheteronormativa que presume sexo, gênero, desejo e papéis sexuais. Nesse sentido, genitalizar implica na redução de determinado sujeito, pertencente a um grupo social, a suas características corporais, ou seja, as genitálias, evidenciando algo extraordinário ou ruim sobre ele. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - às vezes, é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 1988, p. 12).

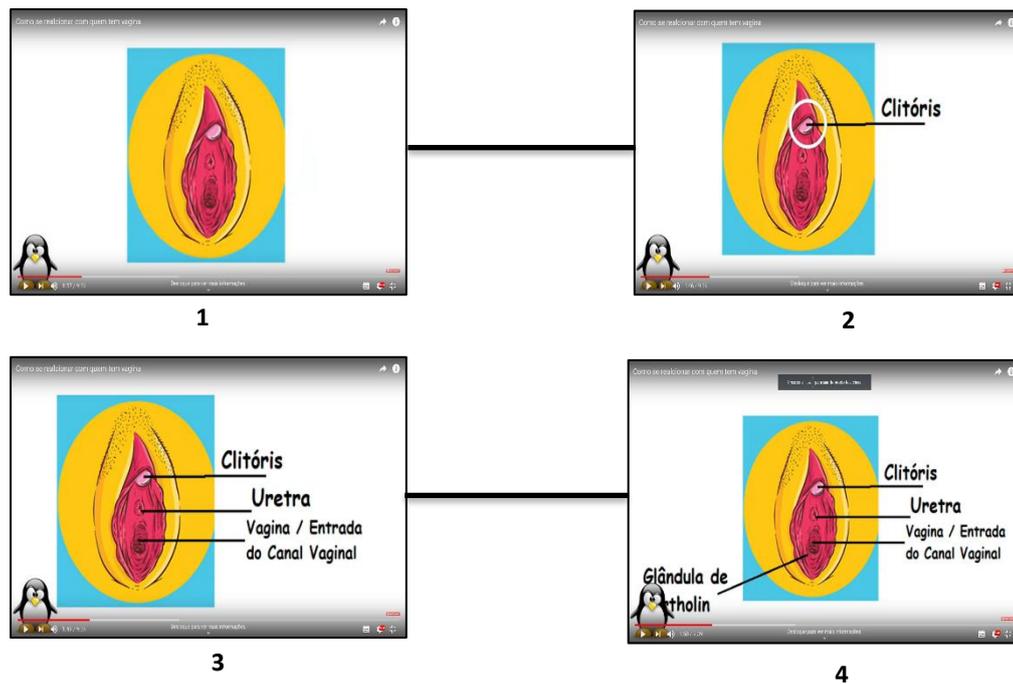
Társio utiliza o adjetivo ‘sagrada’ para caracterizar a glândula de Bartholin. O termo remete a uma referência transcendental, mas que está relacionada a uma experiência corporal que retoma o discurso biomédico da glândula. Curioso é que ela pode ser sagrada, transcendental e científica ao mesmo tempo. Isso aponta para a presença de um campo que se

³² Kasper Bartholin, médico anatomista dinamarquês que viveu entre 1655 e 1738, descreveu as glândulas vestibulares maiores que levaram seu nome (BEZERRA e BEZERRA, 2000).

soma à narrativa biológica, já de seu domínio, e que abriga questões de experimentação corporal e prazer sexual.

Na captura de *frame* abaixo, ele apresenta a sequência: vulva, clitóris, uretra, vagina e entrada do canal vaginal.

Imagem 9: Sequência de captura de frame – vulva.

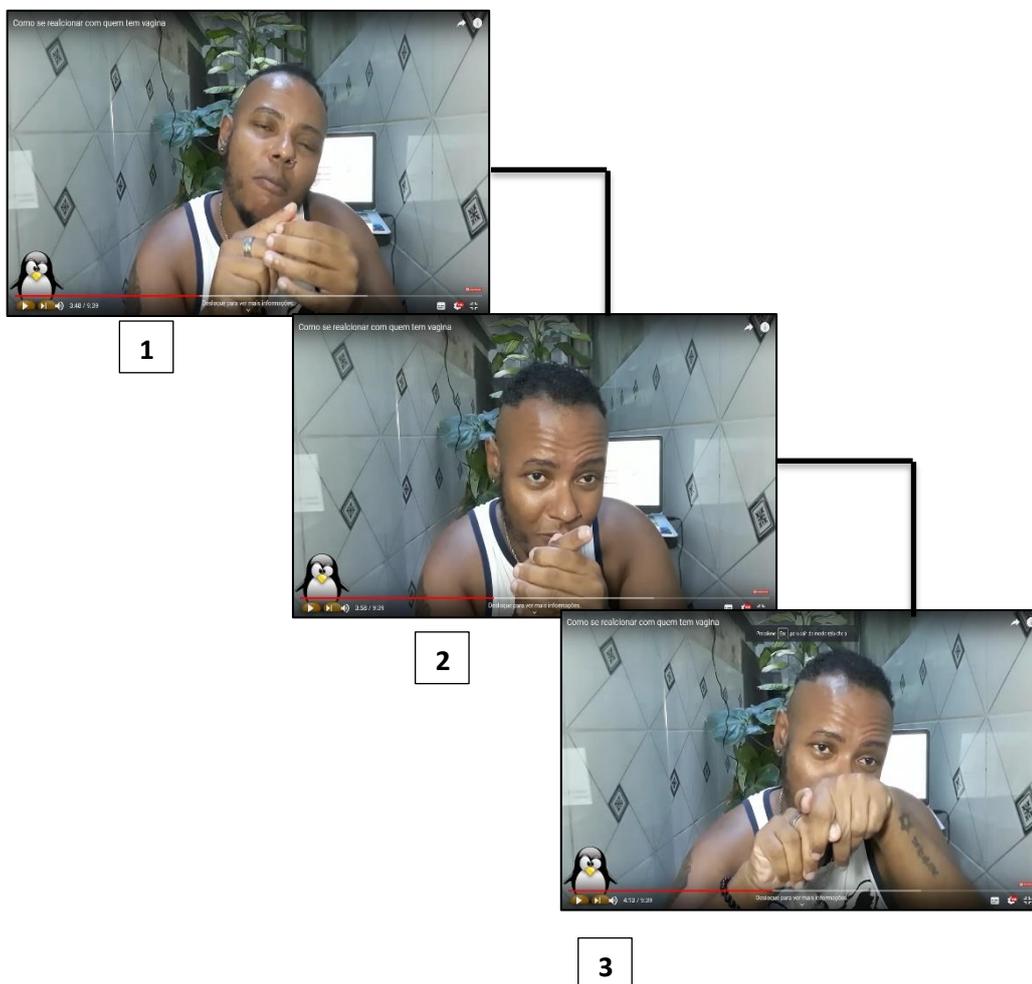


CF3. Fonte: YouTube. Layout: KICH; SOUZA, 2020.

No momento em que fala do clitóris, o círculo vai inscrevendo a parte do órgão sexual, que ele chama de glânde. A última figura, na CF3, é a imagem que fica exposta na tela do *notebook* localizada atrás dele. Entretanto, essa morfologia vai sendo transformada conforme as pessoas vão utilizando hormônios.

[Társio] O clitóris, assim como o pênis, ele fica ereto, ele fica extremamente sensível. Daí ele fica lá, só que como tem uma pelezinha aqui que envolve o prepúcio do clitóris, faz com que ele não tenha ereção para frente, ele tenha ereção para baixo. Fica mais sensível com ereção para baixo.

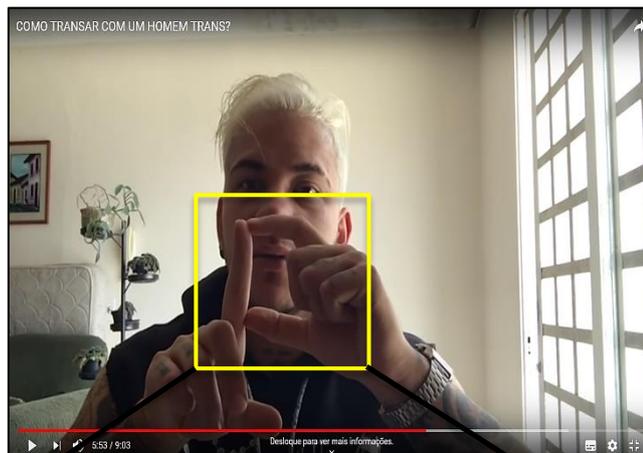
Imagem 10: Társo Benício fala sobre o clitóris.



CF4. Fonte: YouTube. Layout: KICH; SOUZA, 2020.

[Bruno] O que é que mudou? O meu clitóris, clítoris, não sei como fala, eu sempre confundo, é um pouquinho maior, mais ou menos desse tamanho aqui ó. Entendeu? É isso. Acabou. Não tem mais nada de diferença nisso aqui gente, mais nada.

Imagem 11: Bruno Alves fala sobre crescimento do clitóris.



CF 4 – mostra o tamanho do seu clitóris comparando com seu dedo. Com a mão direita, o indicador para cima e com a esquerda em um formato côncavo, mostra um comprimento que se inicia antes de começar a primeira falange do indicador e vai até a sua ponta.

Fonte: YouTube. Org.: KICH; Layout: SOUZA, 2020.

Não nos interessa aqui descrever em termos morfológicos as diferenças anatômicas entre um clitóris e um pênis, o que se resolveria com uma visada nos manuais de anatomia humana, mas, sim, compreender como Társo produz tal narrativa e o seu significado em termos de singularidades.

O enunciado ‘assim como o pênis’ funciona como um recurso linguístico que mostra uma relação de aproximação entre os órgãos sexuais. Não parece que ele queira dizer que é a mesma coisa, mas que uma suposta similaridade pode representar uma outra versão de órgão sexual. É uma aproximação que, se colocarmos uma lupa, conseguiremos ver tecidos que ficam excitados e inflados, que ficam altamente sensíveis, que são feitos do mesmo material, tarefa contrassexual de proclame de equivalência e não de igualdade com relação ao corpo sexuado (PRECIADO, 2002), no caso, o corpo cisgênero.

Construí o quadro abaixo a partir das definições que Társo oferece ao longo de sua narrativa. Parece ser uma aproximação, melhor dizendo, de uma equivalência dada pelas similitudes materiais, mas que se dá também pelo significado atribuído pelos sujeitos, ao mesmo tempo que permite vislumbrar uma mudança ontológica de corpo sexuado.

Quadro 07 – Semelhanças materiais clitoris-pênis.

Clitóris	Pênis
Fica ereto – volume	Fica ereto – volume
Direcionado para baixo	Direcionado para frente
Fica extremamente sensível	Fica extremamente sensível
Tem prepúcio do clitóris	Tem prepúcio
Presença de glândula	Presença de glândula
Goza depois da presença do fluido – se define por sensação	Goza com presença de fluido – constatação física
Função exclusiva de ter prazer	Tem função de prazer
Lubrificação enquanto líquido sexual – sinônimo de prazer	Líquido sexual – gozo finalizado

Fonte: produzido pelo pesquisador, 2019.

Colombo Renaldus comparando o clitóris, plantou a ideia de que a mulher teria dois pênis. O silenciamento deste processo levou Laqueur (2001) a constatar que o significado sobre as diferenças corporais entre homens e mulheres (que atravessam os órgãos genitais) não eram passíveis de resposta, mas, conforme a história da anatomia renascentista sugere, dependem mais de uma política cultural de representação do que a evidência da materialidade dos órgãos: “nenhuma imagem, verbal ou visual, dos ‘fatos da diferença sexual’ existe independentemente das alegações anteriores sobre o significado dessas distinções” (LAQUEUR, 2001, p. 92). Neste modelo, em que a vagina foi considerada um pênis invertido e a descoberta do clitóris, ser homem trans poderia ser considerado uma afronta à medida em que tendo vagina, considerada como pênis invertido, clitóris, pequeno pênis descoberto por Renaldus e as próteses penianas, como o *packer*, esse conjunto de características conferiria, portanto, ao homem trans um caráter do corpo supra-humano de masculinidade. No modelo do sexo único, o homem trans teria, então, três ou mais pênis. Pode ser uma análise anacrônica, mas se fosse possível utilizar o *packer* nessa época, se atribuiria um caráter de corpo supra masculino do homem trans.

O fluido sexual é importante na cena sexual, mas tem significados diferentes conforme sua origem, ou seja, o sujeito cujo corpo o produz. Ele tem a capacidade de produzir significados sobre o corpo sexuado e sobre o sujeito.

[Társio] algumas pessoas, quando passam a tomar hormônios, no caso os homens trans, ou pessoas que tomam bomba na academia, algumas meninas bombadas de academia, acontece da **lubrificação ficar mais espessa, aí acham que diminui a lubrificação. Mas não diminui**, é que fica mais espessa, mais grossa, mais viscosa, alguns aumentam a lubrificação. E acontece um fenômeno que a gente chama de clitoromegalia, ou seja, **o aumento do clitóris**. Tipo, o clitóris é assim tímidozinho, de repente ele faz isso. Porque existe uma degradação da testosterona chamada de dehidrotestosterona dentro do organismo, que dá o aumento do clitóris, volume, e isso faz com que os corpos cavernosos aumentem, e isso dando maior volume ao clitóris. Dá mais sensibilidade.

Entretanto, como no modelo de um mapa não estático, mas dinâmico, a presença de fluidos a partir de uma pessoa que tem vulva não representa a mesma coisa que o fluido sexual apresentado por uma pessoa que possui pênis.

[Társio] se você se envolve com alguém ou se você tem vagina ou vulva, “pela mãe de guarda!”, não caia na besteira de achar que quando essa pessoa está molhadinha, lubrificada, essa pessoa já gozou. Essa pessoa ainda, provavelmente, não gozou, ela ainda está no meio do caminho, porque esta pessoa está excitada. Quem goza (desse jeito) é pênis, quando está já molhado.

O fluido sexual é uma materialidade quando, coordenado dentro de um contexto de prática sexual a outros corpos e outras materialidades, preserva sua relação de conjunto, ou seja, sua função (MOL, 2002), no caso, proporcionar prazer sexual em um modelo de relações sexuais expandido, ou seja, em que os sujeitos envolvidos na paisagem sexual gozam do prazer erótico.

[Társio] porque gozo pra uma pessoa que tem vulva, é sensação, não é um estado físico normalmente. Não é uma constatação física como é para quem tem pênis.

Para Társio, o gozo não se trata de uma constatação física, mas tem a ver com a sensação que está embaixo da pele. Sensação que pode ser ativada independente de ter sinais físicos. Pergunto-me se as pessoas com pênis sempre gozam ao terem uma ejaculação, ao passo que estar molhado não corresponde ao gozo. A sensação e o estado físico são colocados como idiosincrasias que caracterizam possibilidades de diferenças entre sujeitos, pois até mesmo quem tem vulva pode ter ejaculação. Mas na sua fala, Társio está sinalizando que outras pessoas não têm essa mesma capacidade, que é uma capacidade de equiparação entre corpos que ejaculam.

Essa questão abre um debate interessante sobre se quem tem pênis goza quando sai o fluido seminal. É interessante ver essa discussão dentro do campo da sexologia e como ela pensa os processos de construção da cena sexual a partir de fases, como demonstrado por Masters e Johnson (GIAMI, 1999). Porém, o que Társio está alertando não é que as aparências podem enganar, mas que o sujeito que introduz (pessoas que possuem pênis) é alguém que goza diferente, ou seja, são sujeitos que ao expelirem o fluido sexual alcançam o prazer com a ejaculação.

[Társio] essas glândulas ali, aqui no lado, perto da entrada do canal vaginal, vêm de lá também. E aí essa pessoa tem uma dificuldade de lubrificação, ou às vezes com a questão, né, de por ter ficado muito espesso (sic) a lubrificação, ou essa pessoa já tinha pouca lubrificação mesmo, até antes da hormonização. Então, aí pode acontecer essas questões, mas fora isso, meu, na boa, para de assistir filme pornô e para de achar que é meter, cuspir, meter pra dentro.

Provocar o fluido de uma pessoa que tem vulva não se confunde com o toque nas glândulas de Bartholin como se fosse um interruptor de luz que, ao ser acionado, executa sua função. Tampouco lubrificar com cuspe, ou mesmo com qualquer outro produto, terá o mesmo resultado. A lubrificação aqui parece trazer um componente temporal, conseqüentemente, de significado de uma alteridade. É temporal pelo simples motivo de que pode ser necessário mais tempo para gozar, e de significado, conforme a letra da música interpretada por Karol Conka: [Társio] “Esses caras ainda não aprenderam que dez (10) minutos é desfeita”. Desfeita no sentido de descaso com um corpo que possui uma fisiologia distinta que não é olhada como merecedora de prazer sexual.

Quem seriam as pessoas que podem gozar? Pessoas com pênis? Podem ser homens cisgêneros, mulheres travestis, homens trans. Társio não está querendo dizer que apenas quem goza é o pênis, mas para quem goza desse jeito implica numa materialidade que vem do fluido sexual. Nesse sentido, as materialidades têm funções diferentes para cada sujeito.

As partes desse todo podem ter várias naturezas: um todo morfológico local, ou ‘genital’, em que o órgão sexual é decomposto em suas partes – vagina, vulva, clitóris, pequenos e grandes lábios, reto, glândula de Bartholin; e um todo fisiológico, que está relacionado à produção de fluido e sua relação com a ejaculação, espesso ou não, de modo que o pênis é diferente da vagina. Enquanto aquele goza quando sai o fluido, esta não goza se sair o fluido, há uma outra temporalidade, um todo que vai para o social, em ‘quem’ abriga aquele órgão sexual e subjetiva uma dimensão da experiência corporal – o corpo que goza, que sente prazer e dá prazer ao outro

No início do vídeo, Társio diz que tem um caminho. Utilizando o mesmo procedimento de decomposição que ele realiza com a vulva e com os sujeitos que a tem, é possível pensar sobre as outras partes de um caminho. [Társio] “esta pessoa provavelmente ainda não gozou, ela está no meio do caminho porque ela está excitada!”. O reconhecimento desse caminho é necessário para que os sujeitos consigam caminhar do início, passando pelo meio do caminho, e cheguem ao final, ao gozo, juntas:

[Társio] aqueles que ficam assistindo filme pornô e acham que tem meter cuspe pra meter alguma coisa, é porque é incompetente na arte de excitar. Porque quem excita não precisa meter cuspe. [...] meu, na boa, para de assistir filme pornô e para de achar que é meter, cuspir, meter pra dentro.

Aqui ele coloca uma regra de interdição: parar de assistir a filmes pornográficos, que não seriam, em sua concepção, adequados para a realização da prática sexual. Essa questão pode parecer um pouco contraditória, porque ele mesmo faz uma pornologia ao descrever

maneiras mais interessantes do fazer sexual do que apenas ‘assistir, cuspir e meter para dentro’. Mas é possível pensar nesse ‘pare’ com relação à banalização da sexualidade do outro. Não seria propriamente uma censura ao consumo da pornografia, mas uma sinalização de que há de se conhecer e refletir sobre o sexo e o gozo do outro. Existem coisas que dão prazer e coisas que dão desprazer: ‘assistir/cuspir/meter para dentro’, o que denota uma prática que se localiza no órgão sexual, que fica restrito aos genitais e não ao corpo e existência, desprezando o que vem junto aos genitais.

[Társio] mais uma dica que eu dou antes de qualquer coisa, independente de você ser trans, **independente de você ser um transmasculino, independente de você ser cis**, o que seja: **olhe** o seu corpo, **conheça** o seu corpo, **toque** o seu corpo, se olhe no espelho.

Se olhar, se conhecer, se tocar faz com que o próprio sujeito tenha um conhecimento sobre si que permite conduzir pedagogicamente o outro a uma forma de dar prazer. O agente externo, que seria aquele que não tem domínio sobre o corpo desse sujeito e que não sabe ou que, de certa forma, pode agredir, é um sujeito que deve ser conduzido, que deve ser ensinado, que não sabe como se comportar sexualmente com o outro que possui um corpo variante. Aqui, emerge um sujeito capaz de aprender, capaz de não desrespeitar, de chegar em um lugar de aprendizado que permita gozar junto. Ou seja, recado para os homens: vocês são capazes de aprendizado, nem tudo está perdido, não sejam incompetentes na arte de excitar (o outro no caso).

[Társio] então vamos nos descobrir, vamos nos permitir, e uma grande dica é: se você vai se relacionar com alguém que tem vulva, e acha que vai fazer um oral e vai ficar sem estar com a sua boquinha meladinha, então não vai se relacionar nunca. A não ser que essa pessoa tenha, não goste de oral, ou tenha vários problemas com a sua genitália. Sem ser isto, sinto muito. Vá assistir “lalá” de Karol Conka que é ótimo, dá ótimas dicas de como fazer oral bem gostoso. [...] E oral não é só concentração no clitóris não, tem toda uma vulva ali para explorar. Bora brincar porque oral é bom, oral faz bem e é uma delícia. E vamos gozar.

A partir da leitura da narrativa de Társio, proponho a noção de de-genitalização, que consiste na reflexão que sai da parte para o todo, mas sem anular essa parte. Nesse caso, ela se aplica para pensar a sexualidade e os órgãos sexuais à medida em que mostra os problemas da parte quando não olhada, quando negligenciada, quando separada do seu contexto, sem negar a sua importância.

Por meio de uma grafia pornológica, o sujeito se constitui sujeito contraerótico em decorrência da contranormatividade (PRECIADO, 2002) que desenvolve a partir de uma escrita de si como prática de liberdade (FOUCAULT, 2008).

O termo pornografia aparece, em 1864, através do historiador de arte alemão C.O Müller, significando pintura ou escrita das vidas das prostitutas – etimologicamente porno-grafei –. Também designava técnicas de gestão do espaço público, de controle do olhar, da vigilância dos corpos excitados ou excitáveis durante as décadas de 1940-50 e está relacionada à constituição das metrópoles modernas. Será por via do higienismo que se definirá a ideia de pornógrafo, como gestão da prostituição e construção de bordéis estatais. Havia uma regulação das atividades sexuais urbanas, dos animais mortos, das carniças, do lixo e das mulheres solteiras. A pornografia também aparece nos tratados médico-administrativos. Como categoria higienista, é a gestão dos corpos das mulheres fora do espaço institucional do matrimônio e da família, uma técnica de vigilância e domesticação. Ela nomeia o conjunto de medidas higiênicas implantadas por urbanistas e pelas forças policiais e sanitárias para gerir a atividade sexual no espaço público, regulando a oferta de serviços sexuais e “a presença de mulheres solitárias” (PRECIADO, 2017, p. 28), mas também “o lixo, os animais mortos ou outras carniças” (PRECIADO, 2017, p. 28) nas ruas das cidades de Paris e Londres.

A pornografia parece não ter sido positivada ao mesmo tempo que temos muitos motivos para falar de sexo e descrever diferentes modos de sexualidade. Ao contrário desse movimento, penso uma pornologia, ou seja, uma pintura ou escrita de si, como uma gestão das práticas sexuais (RIBEIRO, 2018) com vistas à ampliação da liberdade do sujeito em relação ao Estado. Assim, não há sentido haver um pornógrafo, mas, sim, um pornólogo, estudo do próprio processo de sexualização – corporal, social, subjetivo, técnico – de construção da sexualidade como objeto de transformação social.

Há também uma decomposição que se constitui como o inverso definido em Goffman (1988), o que seria a preservação do sujeito íntegro e de elevação das características corporais dos homens trans como ordinárias e possíveis, potentes e completas. Há um efeito de acreditação em que identidades sociais e virtuais estão em plena comunicação.

Entre pornografia e corpo sexuado, passa-se para uma ideia de pornologia que atravessa significados de afirmação da vida, motivos que demarcam a necessidade de narrar o próprio sexo e de se (de) escrever em diferentes modos de (contra)sexualidade tomando tal descrição como diferentes modos de (re)existência, possibilidades de reflexões e de (re)existências potenciais. Esse processo de positivação pornológica da experiência constitui aquilo que chamo de sujeito sexual e erótico.

Társio realiza seu empoderamento nesse lugar de sujeito sexual pelo processo de decomposição (das partes para serem analisadas em suas especificidades, funções e relações

com o todo) e de recomposição (de realocação dessas partes, que não se localizam mais em decorrência de sua funcionalidade, mas do significado e do uso que os sujeitos atribuem para seus órgãos sexuais, e o que eles constroem sobre eles). É o processo de genitalização com deslocamento de sua função e significado.

[Társio] Caso queira mais umas diquinhas, aqui a gente tem. Eu fui um dos coautores dessa cartilhinha: “Homens trans: vamos falar sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis” do ministério da Saúde. A gente começou esse trabalho em 2017, 2018 foi lançado, porém vou deixar aqui o link embaixo da versão completa, ok? E vamos fazer sexo com responsabilidade pra gente gozar gostoso por muito tempo e com saúde.

No final, Társio não está definindo um corpo que nasceu com vagina, pois fala também que gosta de mulheres, sejam elas transexuais, travestis, cisgêneras, sem necessariamente definir a presença ou ausência de vagina presumidamente. Quem tem medo de vulva?

A narrativa produzida por ele conduz uma ampliação da categoria de sujeito para pessoa que tem vagina, o que inclui os homens transexuais. Ele diseca a vagina apresentando suas partes (clitóris, vulva, uretra, vagina, canal vaginal, glândulas de Bartholin). Ele usa o termo ‘assim como’ como um recurso linguístico de aproximação entre clitóris e pênis, apresentando como aquele se aproxima deste, principalmente como ele se transforma mediante o uso da testosterona.

O fluido sexual possui significado diferente se for produzido por um pênis ou por uma vagina, de modo que o gozo ocorre no primeiro de forma constativa e, na segunda, constativa e sensitiva. Nesse sentido, ele diz que a presença de fluido não implica em passar cuspe ou gel. Ele orienta a não assistir filmes pornográficos para não haver tal confusão. Com relação aos papéis sexuais, a ideia de passividade parece não existir, uma vez que na cena sexual todos os personagens teriam agência sexual.

Em suma, uma ontologia sobre corpo sexuado a partir dessas práticas toma em consideração os significados apresentados por Thiago, Társio e Bruno. Se corpo em Preciado tem caráter movente, então o corpo sexuado também é movente. No contexto da prática sexual, o corpo trans deve ser tocado e olhado como uma categoria social como cor dos olhos, cabelos, pele, ou seja, questões que envolvem aspectos sociais. Sua qualidade de categoria social, portanto, deve funcionar como tensor libidinal.

Assim, prazer sexual se faz também pelo deslocamento dos sentidos. Como esse deslocamento ocorre? Ele ocorre pelo uso de tecnologias discursivas que se relacionam aos saberes acionados para dar inteligibilidade (sexologia, psiquiatria, medicina, psicologia), mas também pelo deslocamento das lógicas simbólicas da cultura sexual que definem cisgeneridade

e transgeneridade. São recursos pela equivalência, o que traz aspectos corporais eróticos comuns (clitóris e pênis), mas diferentes (o trans). Os vídeos de Kaito Felipe não estão presentes nesta discussão porque falam sobre outros aspectos do corpo sexuado que são tratados posteriormente.

4.3 Orientação sexual e posições sexuais: um convite à desconstrução

Analiso aqui como as questões relacionadas à orientação sexual e posições sexuais são negociadas. A orientação sexual e os papéis sexuais dos homens trans se apresentam de forma diversa e fluída, assim como questões sobre penetrabilidade que fogem de uma perspectiva linear e são narradas como possibilidades para homens trans jovens (BARBOSA, 2015; FREITAS, 2014).

Embora a penetração figure como signo de masculinidade e orientação sexual (BORBA, 2015), a vivência sexual muitas vezes confirma a masculinidade, o que leva a uma dinâmica em que gênero desloca desejo e desejo desloca gênero (RIBEIRO, 2018). A orientação sexual dos homens trans trouxe, para além das singularidades e inconsciências, aspectos conscientes e coletivos de produção (CORDEIRO, 2016).

Com relação às nomeações das posições, os homens trans podem mudar (ativo/ativa) e se autoidentificar ainda como lésbicas (CORDEIRO, 2016), fronteiras por vezes difusas (HALBERSTAM, 2008), pois a vivência lésbica anterior ao processo de transgeneridade aparece na grande maioria dos relatos, uma vez que podem ser tratadas como a primeira forma de acessar a masculinidade (FREITAS, 2014; CORDEIRO, 2016).

A genitalização é algo que gera tensões (FREITAS, 2014; BORBA, 2015), embora o prazer genital seja narrado como algo importante, sendo a cirurgia de transgenitalização algo não almejado por todos (BORBA, 2015). Desse modo, os sentidos são estratégicos para a realização da prática sexual (PAMPLONA, 2018). As modificações permitem a ampliação dos repertórios sexuais (CORDEIRO, 2016). Embora a descoberta do prazer esteja atrelada à afirmação como homem, ela não está centrada na genitália. ‘Coito perceptivo’ e ‘gozo psicológico’ demarcam o aspecto simbólico das práticas que ocorrem quando há consonância entre excitação sensorial do corpo e a sua imaginação, modulação da vibração corporal (RIBEIRO, 2018).

Para realizar esse debate, utilizo grande parte do vídeo de Thiago Peniche. Társo Benício, Luca Scarpelli e Bruno Alves, todos apresentados anteriormente, exceto Bruno Alves, comparecem de modo não menos importante, mas para endossar os relatos.

A primeira coisa relatada por Thiago Peniche é que muitas pessoas o fazem a seguinte pergunta: ‘Como é ser homem trans e gostar de outros homens?’. Ele mesmo responde utilizando um recurso de diversidade, atribuindo para a transexualidade um caráter de diversidade que se encontra em qualquer outra pessoa, ou seja, um marcador social de diferença. Entretanto de diferença com relação às características fenotípicas e quanto à orientação sexual.

[Thiago] Cara, é uma coisa normal. Pensa que ser homem trans é só uma característica, como você ser um homem com olhos azuis ou um homem com cabelo loiro, sabe? Da mesma forma que um homem com cabelo loiro pode ser *gay*, ou *bi*, um homem trans também pode ser *gay* ou *bi*.

A transexualidade é demarcada como um signo corporal e comportamental que funciona, portanto, como um marcador social de diferença (FREITAS, 2014; CORDEIRO, 2016; LEITE JR; SILVA; SILVA, 2018; PIMENTEL, 2018). Importante lembrar que marcadores sociais de diferença como raça, classe e gênero funcionam como tensores libidinais e podem produzir prazer sexual (PERLONGHER, 2008).

Outro aspecto problematizado aparece quando Thiago fala da sua experiência no aplicativo *Grindr*³³ que possibilita encontros afetivo/sexuais entre pessoas transgêneras e cisgêneras. Dessa experiência, ele relata que já é impelido a colocar em funcionamento o que Lomando (2014) definiu como ‘batalha ontológica’, ou seja, luta por autoafirmação e reconhecimento, neste caso nas redes sociais.

[Thiago] Por exemplo, quando eu baixo o *Grindr*, ou quando baixo o *Tinder*, tipo, sei lá, 90% das pessoas que dão *match* em mim e me perguntam “**como assim?**”, “**o que você está fazendo aqui?**” (risos). E eu confesso que às vezes **eu fico um pouco incomodado**, porque **eu respondo isso tanto, tanto, tanto que às vezes eu vou lá e apago o *Grindr*, apago o *Tinder***. Aí passa uma semana eu baixo de novo (risos) porque, ah, eu sou muito poc³⁴, enfim.

As perguntas ‘como assim?’, ‘o que você está fazendo aqui?’ revelam uma compreensão sobre o debate de performatividade de gênero e orientação sexual em que as posições sexuais (atividade/passividade) se apresentam atreladas à presença/ausência de pênis. Essa percepção está diretamente ligada ao que Butler (2003) traz sobre a noção de efeito de substância natural da performatividade produzido nos corpos sexuados. A dúvida se dá enquanto essa ideia de

³³ Trata-se de um aplicativo de busca inventado em 2009 com objetivo de mediação afetivo/sexual desenvolvido para homens *gays*. Atrelado a um mecanismo de geolocalização, o aplicativo pode ser utilizado em *smarthphones* e *tablets* de modo que é possível saber a distância de um determinado número de usuários que se configuram como potenciais parceiros, de modo que é possível a troca de mensagens e fotos (MISKOLCI, 2014).

³⁴ Nomenclatura utilizada para atribuição identitária de grupo de meninos *gays*. A onomatopeia poc-poc indica interseccionalidade entre classe e identidade de gênero. De gênero por se tratar de menino *gay* que usa tamanco, calçado feminino. Classe pelo fato de reproduzir o som emitido pelo impacto no chão, ou seja, pessoa que para transitar depende dos próprios pés, ou também do transporte público (ALONSO, 2005).

substância da sexualidade não se desloca fixando a referência de identidade (de Thiago) atrelada ao seu nascimento (LOMANDO, 2014).

Nesse sentido, a atividade (sexo insertivo) ocorreria somente quando houvesse um orifício que deve ser sempre penetrado (sexo receptivo). Sendo assim, seria incompatível ser trans ativo, expresso pelo que vou chamar neste trabalho de ‘mito de passividade plena’, ou seja, a ideia de que homens transexuais não possuem pênis, portanto, sempre serão passivos. Motivo pelo qual e que, na maioria das vezes (ele arrisca dizer que se trata de 90%), não são compreendidas as características inerentes aos signos da transexualidade.

[Thiago] Então, são coisas totalmente diferentes, sabe? E agora que você já entendeu que a minha condição de gênero não impede de eu gostar de outros homens, que não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu vou te explicar como é que funciona quando eu estou com um homem. Então, funciona assim: geralmente eu levo ele em um restaurante, a gente senta, a gente conversa, a gente vai, anda pela rua, aí rola um beijinho! Não sei o que, não sei o que lá.

Ao longo da narrativa, percebe-se que a sátira é bastante utilizada nos seus comentários, ele explora bastante o recurso do humor para ilustrar cenas do cotidiano que exemplificam as questões que o deixam aborrecido quando se trata da vida sexual dos homens trans. Levar ao restaurante, sentar e conversar funciona como um prelúdio a uma *ars amandi*, prática que situa posição de amante, escolhas de parceiros e possibilidades e duração dentro de um contexto de troca (LE BRETON, 2012). Algo que parece óbvio e frustra qualquer expectativa de quem gostaria que fossem apresentados elementos de *freak show*.

Thiago sabe muito bem que também há uma curiosidade que os objetifica disso, e se vale da ironia para não entregar de bandeja aquilo que seu público está solicitando, ou seja, saber como se faz sexo com homens trans como uma curiosidade fútil que o retira do lugar de humano. Neste sentido, a ironia parece funcionar como um cuidado ético para falar sobre essas temáticas, haja vista que podem existir dificuldades vivenciadas pelas pessoas transexuais que não são vivenciadas pelas pessoas cissexuais, e vice-versa, com a genitalização da sexualidade. Nesta dinâmica da genitalização, a ironia funciona para se pensar em uma sexualidade que está para além de órgãos e práticas isoladas.

[Thiago] Tá, beleza, mas **essa coisa de chupar ainda está muito superficial**, né? Vamos falar um pouco sobre **preferências sexuais**: como eu falei antes, *todos os homens trans, todas as pessoas trans se relacionam de uma forma diferente com seus corpos*. Eu vou falar especificamente sobre mim, **sou um homem trans que me relaciono com outros homens**, como eu já falei antes e vocês já perceberam, porque **eu sou uma pockezinha** (riso).

Cabe notar que quando ele fala que todas as pessoas trans se relacionam de modo diferente com os seus corpos, não parece estar fornecendo matéria-prima para a regulação

sexopolítica (PRECIADO, 2014). Mais que isso, trata de não se colocar curvado à biopolítica. Isso vai acontecendo à medida em que ele e os demais homens trans que foram debatidos até aqui modificam o estatuto ontológico do corpo sexuado. Mas, ao mesmo tempo, ele diz ser uma “pokezinha”. Isso o caracteriza numa posição específica no contexto das nomeações de lugar social entre homens *gays*. Muito embora a posição sexual no âmbito das transmasculinidades não esteja relacionada necessariamente a uma posição identitária (CORDEIRO, 2016), a penetração pode ser pensada como signo de orientação sexual e masculinidade (BORBA, 2015). Ser uma “pokezinha” não o faz passivo ou ativo.

[Thiago] E **eu sou homem trans** que sou, **preferencialmente**, eu sou **ativo**. Tá “como assim você é ativo, como assim?” Isso pode mudar, ok? Dependendo da pessoa, enfim, tudo muda, dependendo de quantas cervejas você bebeu. [...] então quando eu baixo o *Grindr* e coloco lá que sou ativo, as pessoas ficam tipo: “como assim?”. Ninguém entende muito bem, sabe?

[Bruno] **Existem homens trans que talvez gostem de penetração ou, não**, gostam de como acontecia de quando ficavam com meninos, porque **normalmente o homem trans se descobre lésbica primeiro**.

[Luca] **não é porque o cara é trans** que ele **não sente prazer com penetração**, por exemplo. Tem **alguns** caras que são extremamente disfóricos com relação à penetração, ou seja, eles **não querem** ser penetrados, e **tem alguns caras que curtem**.

Como observado nas transcrições acima, a orientação sexual para os homens trans é vista como grande espectro de possibilidades fluídas (FREITAS, 2014; AMORIM, 2016; CORDEIRO, 2016; LEITE JR; SILVA; SILVA, 2018; PAMPLONA, 2018) em que se diversificam os papéis sexuais (AMORIM, 2016), entretanto tais vivências afetivosexuais estão diretamente relacionadas ao sentimento de ser reconhecido como homem.

Rios (2012) fala que o processo de **se tornar humano** ocorre pelo trânsito em diversos grupos e contextos de desenvolvimento nos quais somos socializados, de modo que, nesses contextos, aprendemos modos de interação com outras pessoas, inclusive sexualmente. Nesse sentido, é necessário compreender as lógicas que irão organizar a sexualidade nesses contextos e entender as dinâmicas de constituição da vulnerabilidade nesses âmbitos. Assim, a experimentação como lésbica, recorrência evidenciada nos relatos em estudos dos homens trans (FREITAS, 2014; CORDEIRO, 2016), faz com que o sexo sem a genitália masculina atravesse ambas comunidades, lésbicas e de homens trans. Entretanto são culturas sexuais que não podem ser confundidas, pois “é preciso entender como cada comunidade em foco constitui sua cultura sexual, para que através dela possamos mobilizar reflexões que possibilitem a autonomia desejada” (RIOS, 2012, p. 190).

[Bruno] **Se você está namorando um cara gay, você conversa com ele quem que vai penetrar, quem que não vai, se ele é ativo, se ele é passivo. Beleza. Se você está namorando com uma menina hétero, uma menina bi, uma menina lésbica [...] se ela está com você é porque ela gosta de você, e acabou. Isso não vai mudar nada, a opção sexual dela.**

[Thiago] **“Como assim você é um homem trans e é ativo?”. Porque as pessoas acham que: primeiro, para você ser ativo você precisa ter um pênis; segundo, quem te disse que eu não tenho um pênis?**

Tanto Thiago quanto Bruno dizem que não é a materialidade que define a prática. A pergunta ‘quem te disse que eu não tenho um pênis?’ aponta para a capacidade, em relações práticas, de haver um pênis que não precisa ser um *packer*, nem um pênis de carne, nem mesmo um pênis trans. Trata-se de uma relativização sobre o órgão sexual. Deste modo, parece que Thiago começa a dinamitar o ‘pênis’ cisgênero como origem de desejo e matéria-prima do sexo retirando a centralidade privilegiada em que se encontram prazer e reprodução (PRECIADO, 2004).

Por ser um recurso sensitivo, a relativização do órgão sexual também muda de situação para situação, de pessoa para pessoa, e ajuda a desgenitalizar a sexualidade (PAMPLONA, 2018). Até o momento dessa pergunta, Thiago não define se o que está chamando de pênis se trata de um *packer*, um neofalo, uma prótese, um clitóris desenvolvido, um micropênis, um pênis faloplástico, o que desarticula o órgão sexual enquanto origem natural do prazer sexual, pois retira dele (pênis ‘natura’) sua função ontológica (PRECIADO, 2004).

Assim, Thiago parece estar falando mais de um corpo erótico e de um prazer tecnológico, ou seja, um corpo que não se define pelas oposições orgânico-natural, mas por seu caráter técnico pós-humano em que qualquer um dos exemplos de pênis colocados anteriormente são possíveis. Falamos de um corpo erótico pós-humano quando a tecnologia (toque anatômico do *packer*, cirurgia faloplástica, efeito hormonal – por que não colocar o viagra?) suplementa funções tidas como naturais, uma vez que não se trata de substituição, mas de modificação e transformação de órgão vivo com auxílio de recurso tecnológico (*packer*, neofalo, testosterona, citrato de sildenafil) (PRECIADO, 2014).

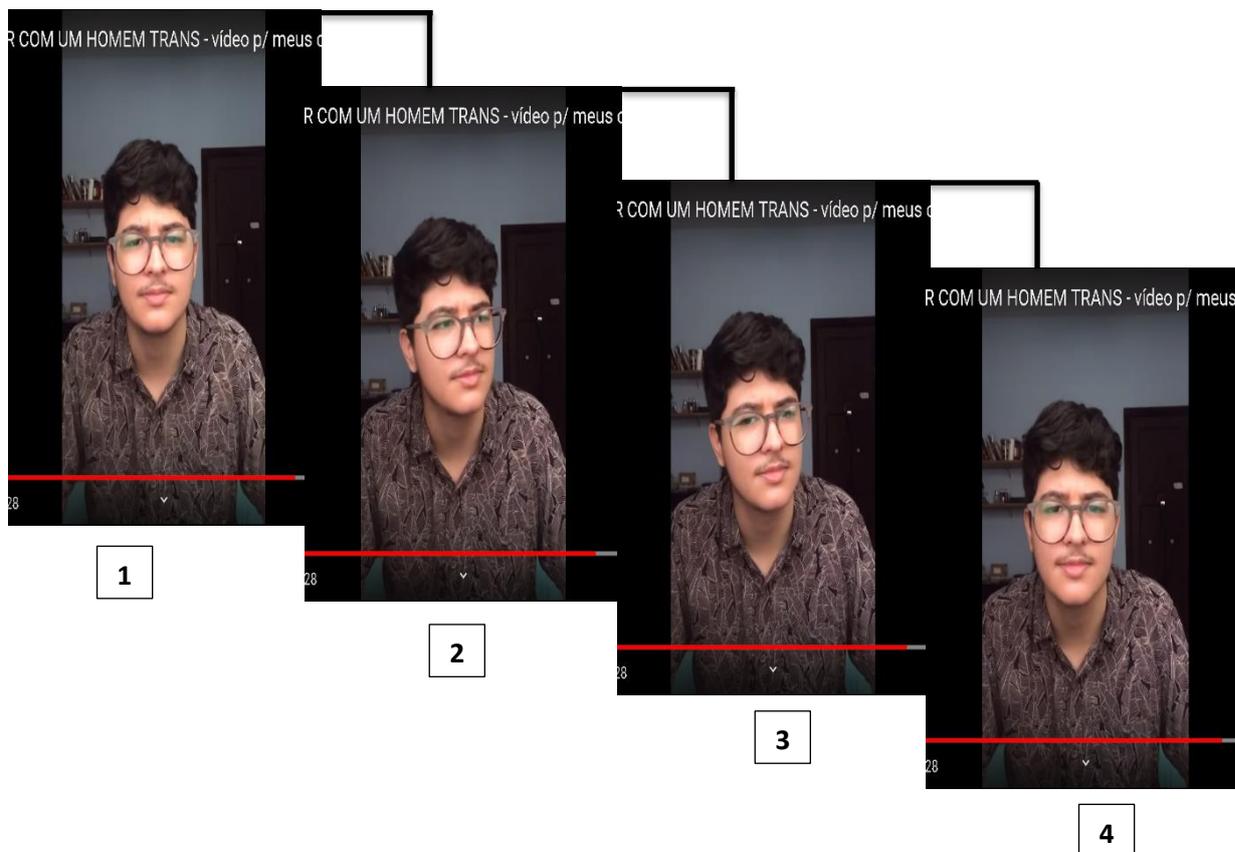
Nos trechos destacados, percebe-se um grau de importância com relação aos tipos de práticas sexuais expressas pela ideia de que uma é mais superficial (‘chupar’) e outras que teriam um maior aprofundamento, como no caso da posição sexual de ativo. A penetração passa a ser o cerne da discussão que ele trava com homens *gays* cisgêneros encontrados no aplicativo. Dentro de um circuito erótico, em que as normas de sexualidade são negociadas (RIOS, 2008; PARKER, 1991), a posição passiva é negativada (SOUZA NETO; RIOS, 2015).

A partir dos estudos das práticas eróticas na Grécia antiga, Foucault (1984) nos apresenta a ideia dos *aphrodisias*, aqueles que buscavam prazer em atos, atitudes e contatos que proporcionavam um determinado tipo de prazer. Um *aphrodisia* ativo já ‘gozava’ de privilégios em relação a outras formas de prazer à medida em que ele se constituía como ativo na relação entre cidadãos e súditos. Os estudos de Foucault nos mostram como a ideia de uma ‘passividade’, entendida como uma prática sexual receptiva, guarda significados históricos de subalternidade. Embora sejam categorias que não se produzem como consequência uma da outra, há de se pensar na possibilidade das performatividades produzirem prazer sexual.

Conforme Souza Neto e Rios (2015), leituras de gênero são realizadas a partir de dimensões corporais dos que terminam por defini-los como masculino ou feminino. Duas dimensões são descritas pelo autor com relação ao agenciamento do sotaque dos gestos e adereços: a partir das fontes de prazer sexual privilegiadas pelos sujeitos (pênis/ânus/boca); e pelas posições sexuais (ativo/passivo). Elas estão inseridas naquilo que Rios chama de economia política do corpo, interação que se baseia em uma gramática onde prazeres, poderes e valores são negociados. Um aspecto dessa gramática, que compõe uma imagem de eroticidade, é a valorização positiva do tamanho do pênis para pessoas e produtos. Assim, a posição passiva (receber o pênis) é sinônimo de desconstrução da masculinidade, colocada na esfera do feminino e a inferiorizando.

Quando Thiago diz que é ativo, ele utiliza o recurso que abre uma outra temporalidade no vídeo, em que interpreta o modo como uma pessoa, supostamente do outro lado da tela, processaria essa informação de que ele é homem trans e ativo. Em uma sequência de olhar, ele direciona do alinhamento frontal para a lateral direita e retorna para o alinhamento frontal conforme a CF que segue.

Imagem 12: Thiago Peniche fala sobre sua orientação sexual.



Fonte: YouTube. Layout: KICH; SOUZA, 2020.

Neste caso, ele confirma que as pessoas não entendem muito bem o que isso significa, retrato de um imaginário cisnormativo insertivo-cêntrico em que, para existir a prática sexual, é necessária a presença de penetração. Ter pênis é condição *sine qua non* para a realização da prática sexual. Eu crio o termo insertivo-cêntrico para me referir à prática sexual centrada na ideia de posições sexuais. Ao pé da letra, não poderia se confundir com a ideia de falocentrismo, pois se refere ao âmbito da representação do corpo e, conseqüentemente, da performatividade de gênero, ou seja, se refere ao pênis e suas representações. Há de se pensar em um termo para se referir à centralidade da prática sexual na penetração em que são conseqüentemente produzidos os sujeitos. Uma manifestação de resistência pode ser observada no movimento *gouinage* em que se realiza sexo sem penetração.

Todavia, Thiago busca desconstruir essa ideia devolvendo duas questões: a primeira, relacionada ao fato de que as pessoas acreditam que para haver penetração é necessário ter um pênis, o que ele confirma que não precisa.

[Thiago] “É, **como é que eu faço penetração?**” Beleza, depende. Depende do que a outra pessoa curte primeiramente falando. Pode ser **com o dedo**, pode ser **com a língua**, pode ser **com o meu pau** que na verdade é um *packer*.

A segunda, que adentra o campo/caráter ontológico das materialidades: ele desconstrói questionando que, se por algum motivo, pensar que para haver a penetração é necessário ter um pênis, o que faz os sujeitos pensarem que ele não tem? Penso que isso se responde, em certa medida, com relação ao tipo de pênis, mas também a suspensão (desconstrução da naturalização de práticas e sistemas de gênero) do seu caráter natural tomando a sexualidade como uma tecnologia.

Társio parece aprofundar o estatuto sobre a noção de papéis sexuais.

[Társio] E outra coisa: não acho que existe ativo-passivo no sexo. Não existe essa questão, porque **só existe passivo se a pessoa for morta** [...] E cada um vai querer sexo de uma maneira. Um homem trans ou transmasculino vai querer de uma maneira, e vai ter aqueles que são fálicos [...] que só vão aceitar ter relação sexual se ele tiver usando um *packer* [...] Se ele não tiver, não vai ter sexo.

A passividade como algo que desqualifica os sujeitos pode assumir outro aspecto nessa fala. Penso que a orientação sexual aqui está atrelada a um agenciamento do desejo, ou seja, se trata de práticas sexuais que estarão sempre dentro de uma economia política do desejo. O mito da passividade plena é decomposto à medida em que o sexo é percebido como uma agência, ou seja, possui uma dimensão volitiva e política e também de uma forma de desessencializar a orientação sexual, uma vez que:

[...] se admitirmos as essencializações e o reconhecimento de uma “gênese específica” (biológica, psicológica ou outra) para o desejo sexual que não se admite politizar e se não o situamos no campo das escolhas livres, das liberdades, indubitavelmente estaremos alimentando o preconceito e o conservadorismo social (SOUSA FILHO, 2011, p. 8).

Társio parece estar problematizando uma lógica cisheteronormativa, ou seja, que pessoas que tem vagina são sempre passivas. A ideia de passividade desqualificada traz sentido de impotência, nulidade, e essa pessoa que tem sexo receptivo não necessariamente se localiza neste lugar. Entretanto, as pessoas transexuais também não se constroem fora do imaginário cisheteronormativo, de modo que ambas se fundam pelas mesmas normas (RIBEIRO, 2018). Estudos demonstram relatos de uma vivência de interpelação para que se adequem aos parâmetros cisgêneros, motivo pelo qual se originam discordâncias relacionadas à performatividade de gênero, relação com o corpo e lugar social, o que atualiza expectativas sociais de um modelo de masculinidade hegemônica (machão, ativo, garanhão) e de uma ditadura da masculinidade viril apresentada nos estudos sobre transmasculinidades (PAMPLONA, 2018). Contudo, tal modelo é referência para a vivência cisheteronormativa (RIBEIRO, 2018; ÁVILA, 2014).

O ‘pensa que’ e o ‘como se fosse’ são estratégias didáticas que os homens trans utilizam para retirar as pessoas da presunção cisheteronormativa. ‘Como se’ é um jogo que se utiliza quando

há um conhecimento sobre o significado de algo onde joga-se com a linguagem acionando um imaginário anterior que presume a existência de pênis. ‘Pensar que’ opera a partir do conjunto de significados (cisnormativos) que o outro opera para, a partir disso, estabelecer um outro caminho de inteligibilidade que permite ampliar os significados sobre determinada existência.

Quem diz o que pensa para outros sujeitos está em um lugar de superioridade, investido de uma possibilidade de ser o sujeito que produz o discurso. Constitui-se, assim, dois sujeitos, o que fala e o que escuta; o que ensina e o que aprende. Ao discorrer sobre a ‘ars erótica’ como discursividade própria de povos orientais e alguns países ocidentais, Foucault (2007) demonstra que nela a verdade é extraída do próprio prazer entendido como prática e fonte de experiência. Não se trata da produção de uma lei de proibições e permissões, nem utilidade, mas uma verdade sobre o próprio prazer em que se constrói um saber em relação à sua intensidade, finalidade, duração e reverberação, potencializando seus efeitos na vida dos sujeitos (FOUCAULT, 2007 [1984]).

Mas, o ‘pensa que’ ultrapassa essa questão, pois seus efeitos passam pela construção da possibilidade de diferentes formas de existir. No entanto, a possibilidade de existência do diferente (não inato, nada natural) supõe também a desconstrução do corpo cisgênero, da orientação sexual e dos papéis sexuais.

Cruzando essas questões com as práticas sexuais, temos a desconstrução da ideia de orientação sexual e do desejo da homo, da bi, mas também da heterossexualidade. Desconstruir a heterossexualidade é algo que apavora. Esses estudos (FRY; MACRAE, 1991; GIAMI, 1999; FILHO, 2009; RIBEIRO, 2018) dizem que uma ideia de heterossexualidade pura é frágil. Na sociedade (ocidental e moderna) não temos a experiência da ausência da norma heterossexual cisgênera e, de outro modo, nossa sociedade é marcada por ela. Entretendo, as dissidências a relativizam, expressas pelas outras experiências como homo, bi e a pansexualidade.

Em artigo sobre a teoria *queer* e pessoas intersexuais, Morland (2013) abre uma discussão que passa pela relação corpo-prazer, vergonha-toque *queer*. Para ele, considerar o prazer sexual como apenas a capacidade que um sujeito tem de extrair satisfação sexual dos órgãos genitais é uma visão sexológica de fases previsíveis da cena sexual. Ele argumenta que atos sexuais são significantes de prazer e não de identidades sexuais, portanto podem ser ressignificados em um discurso *queer* do prazer. Portanto, “a crença nas diferenças sexuais e sua dependência para o prazer é a perversão mais comum” (MORLAND, 2013, p. 11). O sexo heterossexual seria motivado pela identidade heterossexual, mas seria mais uma perversão que

se projeta ao prazer sobreposto a privilégios. Ao serem colocados como qualquer outro, os seus privilégios são postos em xeque.

Bersani (1988) nos ensinou que o prazer e a vergonha *queer* não se apresentam necessariamente como oposições por serem sensações de “*minoridad*”. No entanto, eles possuem uma posição de externalidade frente ao social, pois ambos se encontram no corpo: “*las sensaciones queer son externas a lo social en tanto lo social ha definido por la cultura occidental hegemónica, debido a que estas sensaciones son cultivadas a lo largo de una participación encarnada en comunidades queer*” (MORLAND, 2013, p. 31).

É um recurso de linguagem que envolve uma inteligibilidade sobre as formas de obtenção de prazer, tanto do sujeito individual como do outro, com o qual terá uma relação sexual. Como qualquer outro sujeito, os homens trans, ao dizer que estão nos ‘aplicativos de pegação’, revelam que também querem transar com homens cisgêneros, mas querem transar como homens.

Transar como homem pode ser interpretado como algo machista quando resulta numa relação hierárquica, quando o desejo de um prevalece sobre o desejo do outro, quando há uma relação de desigualdade propositada. Por outro lado, transar como homem, e como homem trans é se despojar daquilo que era o ‘como se fosse’, requer a gramática (RIOS, 2015) anterior presumida sobre modos de pensar, agir e sentir o prazer sexual, tanto de pessoas transgêneras como de pessoas cisgêneras. Transar como homem é não transar como homem cisgênero.

Thiago também apresenta dois modelos de prática sexual. O primeiro corresponde à ideia de reciprocidade de querer dar/obter prazer; o segundo, um modelo pautado na unilateralidade abjeta.

A expressão ‘na hora H, tipo meu deus!’, faz pensar que: implica em reconhecer que tem algo não conhecido que pode ser pensado como se fosse usando uma classe de ideias que existe e que dá origem a mais uma outra; pode ser uma normalização, embora pareça ser estratégico:

[Bruno] Porque sexo, para mim, é uma coisa muito tranquila, entendeu? É uma coisa que tem que acontecer muito de boa, muito tranquilo, tipo não é uma coisa cheia de regras.

Parece que se trata de uma estratégia didática, pois o ‘como se fosse’ pressupõe uma referência (correlato de ‘pensa que’). Estou tratando, fundamentalmente, de uma variação das características corporais, que junto a elas estão outro corpo para o qual existe o desejo de dar prazer:

[Thiago] Tem que entender que aquele ali é outro corpo e que **você quer dar prazer para aquele corpo e acabou.**

[Bruno] Então até onde eu estou **sentindo prazer, até onde a pessoa está sentindo prazer**, está tranquilo para mim. [...] Se é para sentir prazer, então nós vamos sentir prazer.

[Luca] Tendo tudo isso em mente, conversa sobre todos esses assuntos **para vocês dois terem bastante prazer** na hora porque afinal, **ninguém é de ferro né!**

O corpo não alienígena, apenas uma variação corporal que está naquela classe de características possíveis, está dentro das humanidades, porém com idiossincrasias que o torna ‘diferente’ (diferença não abjeta, mas possível):

[Thiago] Não é para você olhar para aquele corpo e pensar “oh meu deus, é um **alienígena!**”. Não, é só um outro corpo humano.

[Bruno] Se é um **bicho de sete cabeças?** Porque não é isso.

Se expressa por meio de diferentes materialidades - clitóris que cresce e que é diferente de uma vagina. Podemos pensar, segundo o que ele provoca, que nem todas as pessoas que fazem sexo estão preocupadas ou querem dar prazer para as outras. No entanto, para Thiago e Luca, fazer sexo com homens trans é ‘querer dar prazer para o outro’. Mas, aí nos perguntamos: que novidade tem nessa afirmação, a de que fazer sexo é querer dar prazer ao outro?

Encontramos em muitos manuais essa afirmação, em falas de vários profissionais de sexologia e de outras áreas. É uma afirmação torpe? Pode não ser. Quando se coloca o atravessamento performático da transexualidade, podemos ver que, com tudo o que se falou sobre sexualidade, mesmo com tanto debate, o conteúdo que foi disseminado não foi o suficiente para colocar a transexualidade como possibilidade de existência erótica, fora do registro da sacralização ou da monstrificação.

Os homens transexuais se disponibilizam a fazer um passo a passo sobre as questões que são importantes para eles na prática sexual e passam a lembrar daquilo que foi colocado como importante, mesmo que por meio de uma matriz naturalmente cisgênera. A penetração não acontece de uma forma apenas, a penetração com o pênis é apenas uma. Existem formas diferentes de se realizar a penetração: língua, dedos, pênis de carne, *packers*, queixo, nariz. Kaito Felipe e Gabriel Vianna não teceram comentários a respeito de posições e orientações sexuais nestes vídeos.

Em suma, os homens usam marcadores sociais de diferença para entender sua sexualidade. Uma das formas de acesso pode ser o uso de recursos simbólicos (ironia, ou o próprio sistema cis/trans) como estratégia para trazer a questão para o cotidiano como qualquer outro marcador social de diferença. Eles o fazem porque perdura uma batalha ontológica de convencimento de seu lugar como homem. Há necessidade de desconstruir esse essencialismo,

uma vez que as pessoas olham para eles a partir do modelo do sexo duplo. Entretanto não deixam de demarcar as idiossincrasias de que o corpo com o qual se relacionam de fato é diferente e isso interfere nas relações sexuais com outra pessoa.

Ensinam, por fim, que a relação entre materialidade e papel sexual tem a ver com materialidade, não com morfologia. Ter ou não pênis – embora alguns gostem de ser penetrados – corrobora a diversidade encontrada na literatura. Penetração ou não é algo que se conversa e se define em relação e não pelas morfologias. Ter pênis diz respeito à materialidade e não à morfologia. O acesso ao mundo simbólico é o recurso para sair da abjeção. Haver penetração depende de várias questões (do gosto do outro – modelo da relação estendida) e também da materialidade possível ou que o sujeito avalie adequada a penetração.

O binômio passivo/ativo é uma construção simbólica, uma vez que se trata de um agenciamento performativo, do seu lugar de sujeito sexual – caso contrário é essencializada. Existem alguns pontos cegos também, um saber que normatiza. Alguns usam o modelo da cisgeneridade, modelo dual de corpo, para ampliar a cisgeneridade e dizer que não é monstrificação – alienígena ou bicho de 7 cabeças.

5 AS MATERIALIDADES NÃO ORGÂNICAS NA CENA SEXUAL DOS HOMENS TRANS

Neste capítulo investigamos o lugar ocupado pelas materialidades não orgânicas na prática sexual de homens trans *youtubers*, considerando suas características físicas e utilização.

O capítulo aprofunda o debate em torno dos vídeos de Kaito Felipe e Gabriel Vianna. O vídeo de Kaito Felipe chamado ‘COMO UM HOMEM TRANS FAZ SEXO?’ publicado em 13 de fevereiro de 2016 se encontra disponível (canal ‘DuplosHood’). Kaito é um homem trans *gay*, amarelo coreano, classe média e mora em Curitiba. Não encontrei em seus vídeos referenciais sobre grau de escolaridade. Gabriel Vianna homem trans, branco e heterossexual de classe média, morador da capital do Rio de Janeiro. Seu vídeo ‘COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS?!’ (canal ‘Mãe, Sou Trans?!’). Relatos de Luca Scarpeli, Társio Benício, Thiago Peniche e Bruno Alves foram utilizados de forma complementar e todos eles já foram apresentados no capítulo anterior. Como algumas materialidades foram mais demonstradas no vídeo fisicamente e menos narradas pelos *youtubers*, como no caso do vídeo de Kaito, houve a necessidade de aprofundar sua descrição, diferente dos vídeos anteriores em que a fala, propriamente dita, pode ser mais explorada.

Conforme apresentado no segundo capítulo, classifiquei como materialidades corporais externas não orgânicas (CENO) aquelas lidas como de origem não corporal que funcionam nos atores com significados e usos que, ao serem acopladas, contribuem para performar (BUTLER, 2003) o corpo sexuado dos homens trans durante a cena sexual. Elas são subdivididas em quatro categorias: as que homologizam o pênis, (dildos e brinquedinhos); as que mimetizam a materialidade do corpo lido como orgânico (*packers*); as que alçam ou acoplam os objetos prostéticos ao corpo dos homens trans (cuecas e cintas); e as que planificam a região dorso-peitoral do corpo dos homens trans (*binders* e camisetas).

Cabe frisar que não existe uma essência dos objetos e que é na dimensão das práticas que as materialidades existem. Elas se dão por arranjos coordenados que acoplam determinados objetos a outros de modo que nos interessa saber como se dão tais conexões (locais e parciais). Isso significa dizer que não há verdade interior contida nelas, mas é preciso compreender como se dão as relações de contingências com outros objetos e práticas (MOL, 2002). Nesse sentido, há que se demonstrar como ocorre a comunicação entre as materialidades que acontece em rede. É preciso relacionar a capacidade de colocar essas materialidades em comunicação com outras materialidades (lidas como corporais ou não corporais) e com os saberes tecnológicos.

Conforme nos ensina Haraway (1991), a noção de natureza é efeito da negociação das fronteiras entre corpo e máquina e produz o *cyborg*. Um exemplo dessa negociação de fronteiras dá-se pela constituição do corpo do homem trans no uso das próteses (*binders*, “dildos” – prótese peniana; *packers*; outros), materialidades que tem sido feitas e pensadas por e para homens trans. Elas são tecnologicamente desenvolvidas para homens por meio de recursos e saberes (anatomia, química, estética, ergonomia, psicologia, sociologia) que as caracterizam como um órgão. As materialidades prostéticas são feitas de uma tecnologia que envolve saberes tecnológicos. Sua dimensão psicológica, social, cultural, ou seja, dimensão sociopolítica, depende diretamente do modo como os sujeitos (sexuais) irão se apropriar delas para a produção de objetos que permitem realizar uma determinada experiência – sexo com homens trans: vagina que penetra; dorso planificado; vértebra que faz gozar.

Maranhão e Nery (2015) caracterizam estas materialidades como órteses, ou seja, “aparelhos ou dispositivos ortopédicos, de uso provisório ou não, destinados a alinhar, prevenir ou corrigir deformidades ou a melhorar a função das partes móveis do corpo” (p.25). Para chegarem a uma compreensão fenomenológica e existencial dos homens trans, Pimentel, Castro, Miranda (2018) entenderam que a vivência do corpo implica em desvelar o conhecimento das próteses de órgãos sexuais e suas relações com as tecnociências que criam hibridismos entre humanos e máquinas.

Dado o amplo uso de próteses (como as de silicone para mimetizar peitos; as dentárias; os cabelos artificiais; os exoesqueletos para paraplégicos andarem; as lentes de contato; o Botox), Pamplona (2017) interroga sobre os motivos da perplexidade com relação a homens que usam próteses penianas, vistos como menos homens. Ela concorda com Rodrigues (2019) que considera o sistema heterocentrado que exclui vivências e possibilidades de vida e como tal deve ser desmantelado (PAMPLONA, 2017).

O estatuto da prótese se situa no interesse do sujeito em querer incorporar de modo a sentir e agir por si. Isto rompe o caráter mecanicista da relação, de modo que não se consegue localizar com clareza onde termina o orgânico e começa o mecânico. Pertence ao corpo vivo, mas, também é relegada ao caráter de objeto – separável, desenganchável e substituível –. Trata-se de tecnologia que suplementa funções ‘naturais’, as quais inauguram a noção de “pós-humano” (PRECIADO, 2014) e de “pós-natural” (HARAWAY, 1991), pois não se trata apenas de substituição de órgão ausente, mas, modificação e desenvolvimento de órgão vivo com ajuda de um suplemento tecnológico (*packer*, brinquedinhos, dildos).

Neste sentido, o gênero é prostético (PRECIADO, 2002) conceito que complementa a noção de performatividade em Butler e faz considerar que o gênero não é simplesmente performático, mas, prostético. O que significa dizer que se dá nas materialidades corporais. Algo que foge das dicotomias metafísicas de modo que o gênero se parece com o dildo no sentido de que os dois possuem uma plasticidade que desestabiliza a distinção entre o imitador e o imitado (PRECIADO, 2002).

5.1. Dildos e brinquedinhos

A marginalização e invisibilidade do dildo nas discussões teóricas são constantes e generalizadas; as informações se encontram incompletas nas comunidades trans; existe uma timidez teórica com relação ao dildo (PRECIADO, 2002). Ele se insere em diferentes culturas sexuais, no entanto um feminismo mais tradicional e radical sugere que seu uso representa uma reinserção do falocentrismo e do machismo (PRECIADO, 2002). O mesmo se apresentaria nas mudanças que acontecem com as transições e que colocaria em questão uma possível modificação da identidade sexual dos casais (FREITAS, 2014). Em outras palavras, durante o processo de transição são relatadas as tensões sobre o entendimento da posição sócio-sexual: de lésbica para transgênero heterossexual. Tensões apontadas por Cordeiro (2016) como desconhecimento, preconceito, transfobia e cissexismo.

Brinquedinhos e dildos não se trata apenas de pênis de plástico, da mesma forma que o pênis é um dildo de carne. Como teoria do corpo, na contrassexualidade preciadiana, os corpos não se reconhecem entre si como de homens e mulheres, masculino e feminino, homo e hétero, mas fora desses marcos como corpos falantes. Dessa forma o dildo não é somente um pênis de plástico, ao passo que o pênis é um dildo de carne. Corpos falantes se reconhecem como possibilidades de acessar todas as práticas significantes, mas também há a renúncia da identidade sexual, renúncias sociais, jurídicas, econômicas de suas práticas significantes. Por outro lado, goza dos benefícios da naturalização de aspectos sociais. Um corpo falante que reconhece a possibilidade de acessar as práticas significantes.

A expressão que abre o Evangelho de João, ‘No princípio era o verbo’, para retomada da criação do mundo foi reapropriada por Preciado (2002) por uma sátira ontológica, ‘no princípio era o dildo’, a qual remete a antecedência do dildo ao pênis. O autor traz à baila uma discussão psicanalítica em que o cerne está na inveja do pênis e no falo feminino. Para Lacan (apud PRECIADO, 2002), pênis é o órgão masculino, enquanto o falo não é órgão nem objeto, mas significante de poder que introduz à ordem simbólica. Assim, ter ou não ter o falo se situa

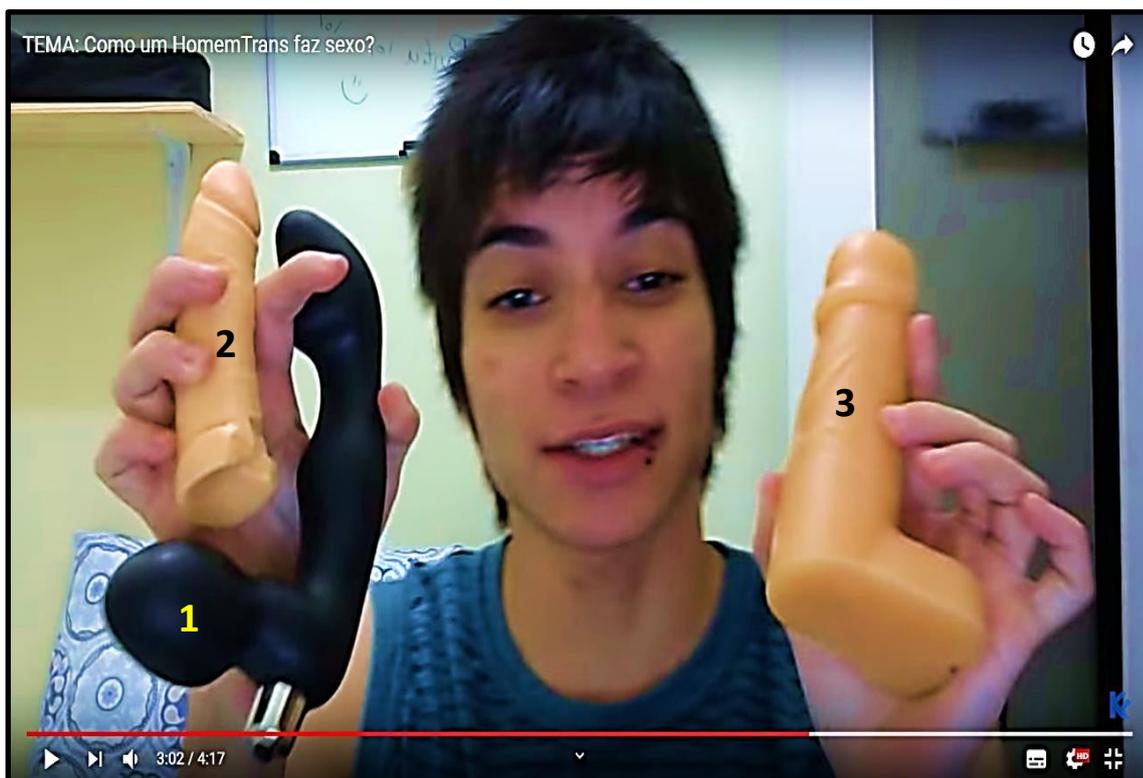
em uma perspectiva heterocentrada onde a reprodução é a norma. O dildo, por sua vez, ocuparia um lugar intermediário entre o pênis e o falo, atuaria como filtro e denunciaria a pretensão do pênis (de carne) se passar por falo. Nesse sentido, Preciado parece nos alertar que o falo não existe, mas representa o pênis ao passo que o dildo não se deixa que ele o represente.

As próteses têm importância na cena sexual de grande parte dos homens trans. Podemos perceber isso no vídeo de Kaito o qual explora as possibilidades de uso de materialidades prostéticas descrevendo suas funções e características físicas.

O título do vídeo de Kaito Felipe, ‘Como um Homem Trans faz sexo?’ é uma pergunta que revela a caracterização do homem trans como sujeito sexual. Assim, ao longo do vídeo, Kaito realiza uma demonstração dos seus objetos apresentando diferentes ‘brinquedos’ sexuais, assim como os encaixes que ocorrem e com quem é mais adequado utilizá-los.

[Kaito] então vamos lá, hã, o pessoal é meio curioso de saber como os homens trans fazem sexo, então decidi juntar aí nesse vídeo. Aliás, já tinha feito esse vídeo no outro canal, mas eu vou refazer. Hã... eu peguei aqui, isso aqui dentro do meu guarda roupa hã... porque tem umas coisinhas meio interessantes no caso das pessoas nunca terem ido em uma *sex shop*.

Imagem 13: Dildos e brinquedinhos de Kaito.



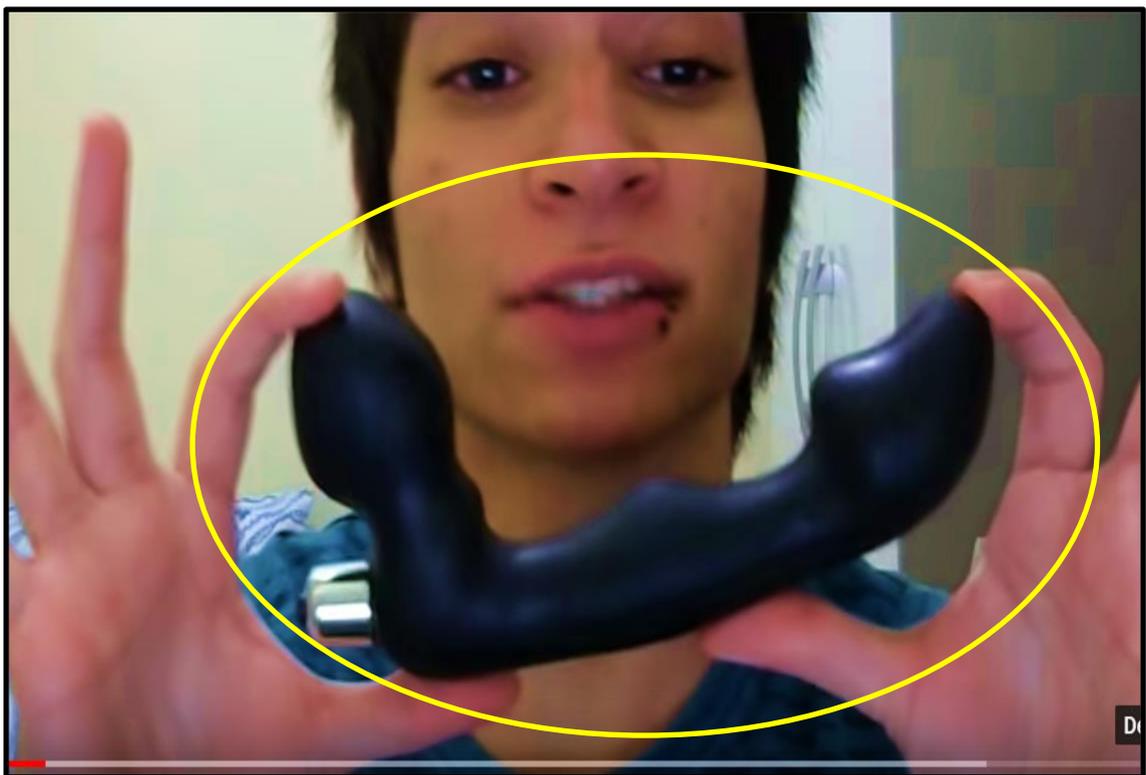
Legenda: Na imagem, destacam-se as materialidades exibidas por ele com os números 1, 2 e 3. Dildos de diferentes formatos e modos de funcionamento que são analisados sob o enfoque teórico desta tese no decorrer do texto.

Fonte: sítio eletrônico *YouTube*.

Kaito estabeleceu que existem determinados tipos de materiais que podem ser adequados a determinados tipos de corpos (cisgêneros e transgêneros) trazendo a diversidade de objetos como parte da cena sexual, menos o *packer*. Ele nomeou as materialidades referindo-se aos três objetos tais como prótese, prótese peniana e cinta. A primeira materialidade apresentada foi um dildo, comercialmente chamado de vibrador com penetrador duplo, como podemos ver na imagem a seguir apresentada por Kaito:

[Kaito] Eu vou mostrar esse aqui, que esse é o que eu **achei mais, sei lá, divertido do que** todos os outros que eu tenho, talvez esse seja tipo o maior de todos.

Imagem 14: Dildo 1 de Kaito.



Legenda: Ele exhibe o objeto que, conforme seu relato, mais lhe agrada. Marcado como de número 1 na imagem anterior, este gera a satisfação de Kaito em função do seu formato e da capsula vibratória. Efetivamente se trata de uma peça que bem representa a constituição *cyborg* do corpo e da sexualidade do Homem Trans, cuja análise leva a pensar na capacidade de transmutação (*trans-mutação*, entendida também como uma palavra que designa a ressignificação do corpo humano no Homem Trans) da energia mecânica em sexual e vice-versa. Trata-se de uma materialidade *cyborg* porque reinventa a hibridação do corpo na paisagem sexual, uma paisagem cada vez mais marcada e marcante pela convivência entre o orgânico e não orgânico.

Fonte: sítio eletrônico *YouTube*.

Para pensar sobre essa diversidade de materialidades usadas na cena sexual, Preciado (2002) tomou o conceito de biopolítica foucaultiano que permite caracterizar o corpo vivo como um bem e uma mercadoria. Há, neste sistema, uma regulação da sexualidade que funciona como modo fundamental de produção sexual da vida. A sexualidade está inserida em um modelo físico de circuito, fluídos e vasos, de modo que ela é uma energia passível de se transformar em força física no caso do trabalho, e força de procriação no caso da heterossexualidade, atividade (hétero) sexual. Qualquer energia mecânica pode ser convertida em energia sexual do mesmo modo. A energia poderá ser di-vertida ou per-vertida, ou seja, ela pode ser direcionada para direções diversas. Sexualidade e trabalho estão sempre inseridos em um mesmo circuito ergonômico (PRECIADO, 2002).

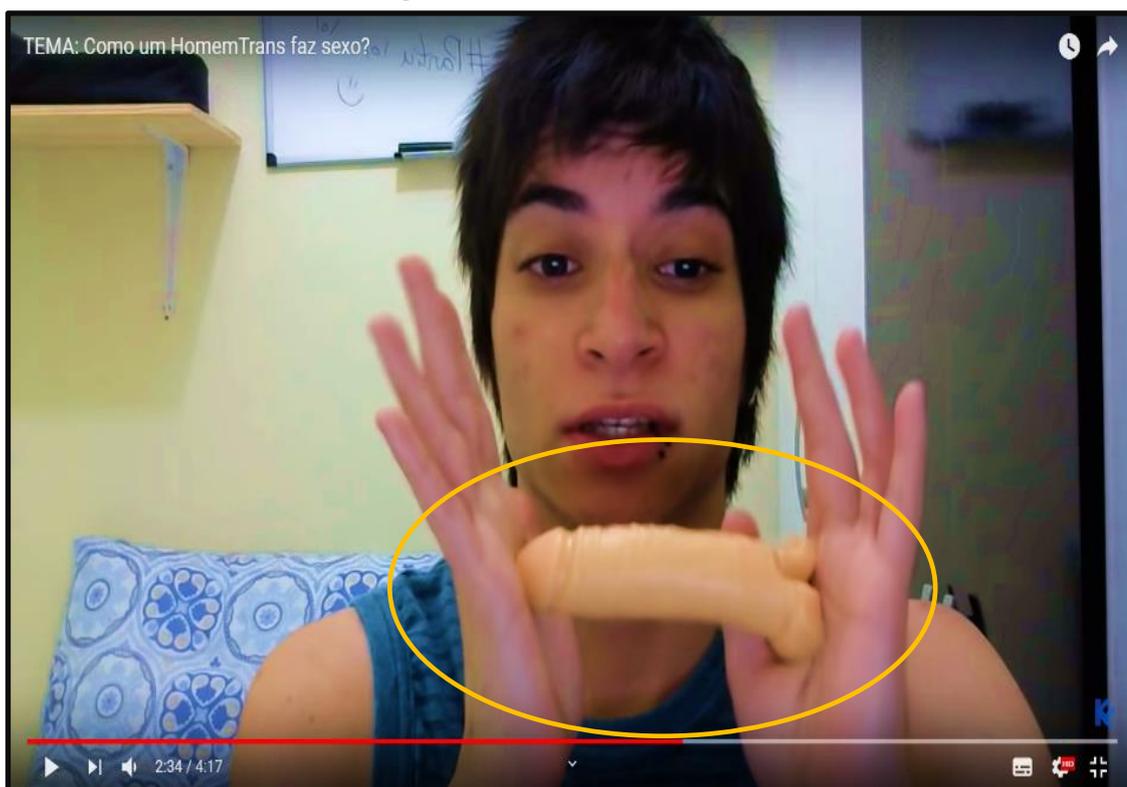
Kaito produz tal agenciamento do prazer na medida em que prefere o material vibratório por ser mais divertido, portanto, di-vertido aludindo às diferentes direções pelas quais vertem a energia. O material vibratório é um exemplo didático de transmutação da energia mecânica em energia sexual e, desta, em energia mecânica, visto que a fricção do objeto provoca a fricção dos corpos, aumento da excitação e prazer e, por fim, a reação orgástica. Nesse sentido, pouco interessa se “no princípio era o dildo” porque não é propriamente o objeto em si o responsável pelo prazer, mas, toda a rede de conexões que estão envolvidas na paisagem erótica. O processo de transmutação da energia mecânica em energia sexual vai além de uma dualidade, pois, ele inaugura um evento posterior à simples relação entre materialidades de naturezas distintas (orgânica e não orgânica). O que ocorre é uma verdadeira fusão de intencionalidades com o propósito de significar a cena sexual através das aspirações existenciais desses sujeitos no mundo. A fusão dos significados da materialidade dos corpos e dos materiais artificiais inaugura o estatuto do híbrido enquanto um novo ente, um novo *ethos*, uma nova ontologia. Então, nesse momento, o *cyborg* deixa de ser uma ficção e se concretiza.

Kaito gosta do dildo 1 por proporcionar uma conexão entre corporeidades na medida em que o bulbo mais curto se encaixa na pessoa trans e o mais comprido na outra pessoa. Assim, ele traz um sentido de sincronicidade entre dois sujeitos que possuem um objeto que os liga sexualmente. Há uma penetração em mão dupla, diferente daquela em que quem penetra não é penetrado. Mas, ocorrendo a sincronicidade entre sujeitos, pode haver também outro efeito, como o desconforto e até mesmo lesão da pessoa que está sendo penetrada pela parte alongada.

O desconforto que pode ser causado por uma materialidade pode ser solucionado com outras materialidades. Nessa direção podemos observar a segunda materialidade apresentada por Kaito:

[Kaito] Pois é, e esse é o menor, então quando eu me relaciono com uma pessoa que não aguenta o tamanho grande, eu já usei esse e daí a pessoa fica de boa.

Imagem 15: Dildo 2 de Kaito.



Legenda: Outra materialidade que permite refletir sobre a capacidade de adaptação que opera como um elemento pós-natural. Se a pessoa com a qual o Homem Trans compartilha da cena sexual não corresponde em desejo e suportabilidade ao comprimento ou largura, ele tem a opção de, simplesmente, mudar o objeto. Contudo, essa mudança é extremamente significativa e, no final das contas, não tem nada de simples, pois, trata-se de um claro exemplo de capacidades de corpos que dialogam consigo, com outros, com as materialidades componentes da cena e redefinem a dialética do sexo e do gênero a partir da fluidez, das diversas possibilidades de troca para compartilhar o prazer e fazer com que ele seja alcançado. Um homem cis não pode trocar o seu pênis, caso a outra pessoa não sinta prazer com ele...
Fonte: sítio eletrônico *YouTube*.

O dildo 2 que Kaito nos mostrou é muito próximo a uma prótese peniana, formado por três partes: a glânde, corpo e base. A glânde é homogênea, com alguns relevos que mimetizam veias, mas a base é diferente (do *packer*) tendo a largura de um dedo, mas que não destoa muito do perímetro da largura do corpo. Percebe-se que ela tem em linha reta um sulco retangular em que suas quinas permitem se encaixar algo como um clitóris desenvolvido, por exemplo: [Kaito]

“Esse é o menor, então, uso quando eu me relaciono com uma pessoa que não aguenta o tamanho grande”.

A função que essa materialidade exerce é a de adaptação ao corpo da outra pessoa que não suporta tamanho maior. Nesse sentido, ele leva em consideração que existem diferentes formas de corpos, e essa seria uma das vantagens dessas materialidades: a possibilidade de ter maiores e menores tamanhos, o que pode se adaptar ao corpo do parceiro ou parceira. O que se pretende fazer com o corpo da outra pessoa, ou o tipo de sensação que se pretende proporcionar, está em jogo no que se refere ao comprimento, espessura, superfície tátil, realismo e não realismo.

Novamente somos remetidos ao *cyborg* e, desta vez, não apenas à sua dimensão ontológica. Este exemplo também nos permite repensar a teleologia do *cyborg*, que está ligada à busca pela melhor funcionalidade como possibilidade de superar a disfuncionalidade humana. A figura do híbrido sempre encantou a humanidade e os exemplos disso são vários: as esfinges, os semideuses, a mistura entre o elemento humano e animal ou espiritual (SOUZA, 2018). Esse encantamento com o híbrido, verificado na história da humanidade, tem base no intento humano em se ser mais funcional do que se é: seres humanos não voam, mas se representam com asas; seres humanos não correm como felinos, mas se representam como tais; seres humanos não podem ser deuses, mas, representam deuses com figuras humanas.

Na contemporaneidade, a representação do híbrido se faz baseada nos novos objetos altamente tecnificados, que operam com a seguinte mensagem: não é possível trazer ao corpo humano um certo desempenho sem a técnica. No aspecto teleológico, ou seja, do ponto de vista de seus fins, essas materialidades anunciam o caráter de um novo humano que pode se adaptar a outros novo humanos. Na paisagem sexual dos homens trans, estas técnicas não são meras técnicas, pois, são ‘metabolizadas’ na fricção dos corpos, subjetivadas como artifício e elevadas à concretude do próprio corpo e, para culminar, são extremamente funcionais ao passo que podem atender da melhor maneira ao ato sexual. Comprimento, espessura, textura, vibração, cores, os encaixes todos podem ser melhorados. O desempenho pode ser melhorado. A teleologia do *cyborg* se funda naquilo que a natureza não pode fazer!

A procura para a melhora do corpo nem sempre espelha a materialidade adaptável ao corpo dos homens trans. Podemos observar isso com a terceira materialidade apresentada por Kaito que é uma prótese peniana comum, de cor amarela, e dá a impressão de ser uma imitação grosseira de um pênis. Essa materialidade é feita para ser utilizada com uma cinta. Digo que é uma imitação grosseira pelo fato de ser morfológicamente menos complexa que os outros

objetos. Sua formação é em três partes e forma um L. Kaito apresenta as duas materialidades como interdependentes:

[Kaito] E o mais comum de todos é esse, que a gente usa com uma cinta.

Imagem 16: Dildo 3 e cinta de Kaito.



Legenda: A terceira materialidade apresentada por Kaito em seu vídeo explicativo. Uma materialidade que, em si, já expõe tratar de um conjunto de encaixes para compor a cena sexual. Os objetos 3 A e 3 B só fazem sentido se estão conectados e, por sua vez, acoplados ao corpo de quem irá praticar o sexo insertivo. Interessante destacar que ele é mencionado como o mais comum e, para fins desta análise, considera-se importante levantar a hipótese de que por ele mais se aproximar de uma espécie de pastiche do pênis e todo simbolismo que a cena sexual através dele carrega (ativo/passivo, o que come/o que é comido, dominador/dominado), ou seja, um pastiche de padrão cis normativo, então, por isto, considero esta materialidade seja considerada banal. Fonte: sítio eletrônico *YouTube*.

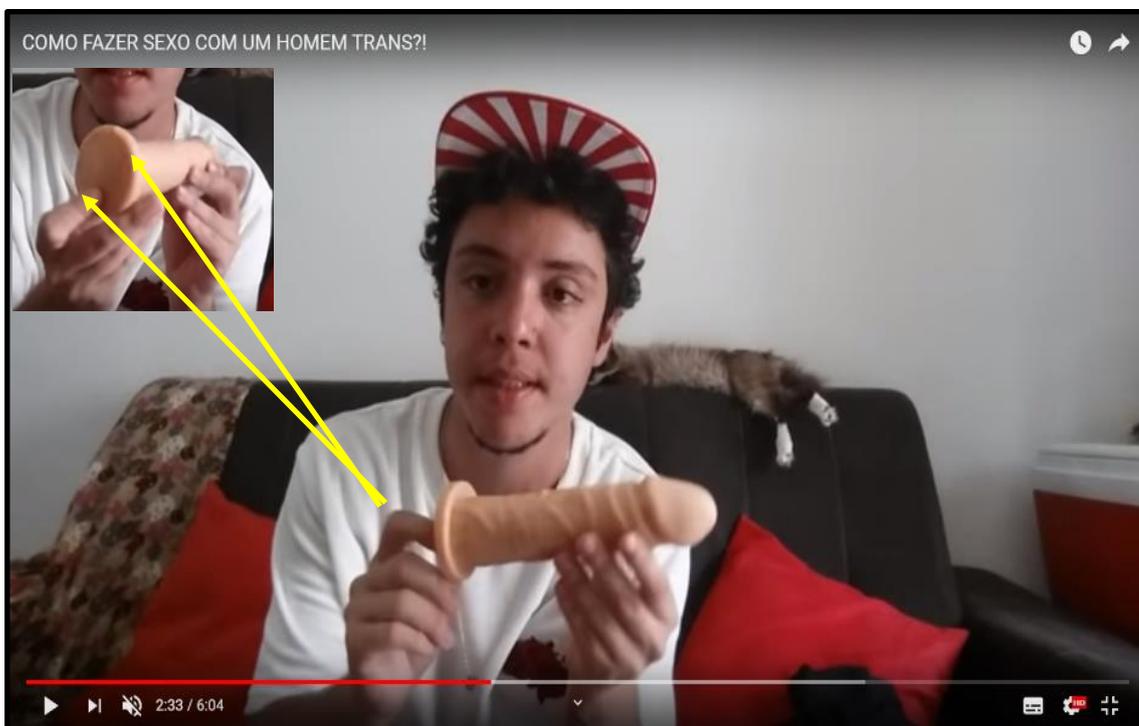
Vemos na extremidade a glândula, no corpo veios, e há uma formação na haste inferior que desce. A materialidade possui uma base reta e deve ser utilizada com uma cinta. A cinta mostrada por Kaito é formada por duas partes, uma quadrangular, com um buraco central que parece ser um material em poliéster. Cada região na extremidade desse quadrante prolonga-se com tiras elásticas pretas e grossas para envolver a cintura e as pernas a fim de se ajustar ao corpo.

Trouxe para o debate a cinta para demarcar a interdependência que a prótese estabelece com ela para se acoplar ao corpo de quem penetra. Não fosse a cinta, a introdução desse objeto seria realizada pela mão do sujeito como qualquer outro objeto cilíndrico. Essa materialidade depende da cinta para performar um ato sexual na lógica heterocisgênera, pois não foi produzida para acoplar-se ao corpo do homem trans, embora seja usada por eles. A cinta opera a lógica biopolítica que é “sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre os corpos, os instrumentos, as máquinas, os usos e os usuários” (PRECIADO, 2004, p. 79). Essa lógica heterossexual é a lógica do dildo quando passa ao órgão sexual a capacidade de diferenciação entre os gêneros e os sexos.

Se o pênis para Preciado (2002) é um dildo, o pênis é uma materialidade cultural, mesmo sendo orgânica, porque cultural, não serve para justificar uma divisão entre cultura e natureza. No momento em que ele é cultural não serve como origem para a diferenciação sexual. Neste sentido o pênis está para a sexualidade assim como Deus está para a natureza, pois “A invenção do dildo supõe o final do pênis como origem e diferenciação sexual” (PRECIADO, 2002, p. 80). O dildo não é só um objeto que substitui a falta, mas uma operação de recorta e cola, um deslocamento. Tudo é dildo, inclusive o pênis.

Ainda assim, as materialidades prostéticas poderiam produzir incômodos em razão do seu tamanho, o que colocaria em risco a integridade corporal do outro. Mas, com essa preocupação em mente, os homens transexuais ensinam que há a necessidade de conhecimento do corpo do outro para usá-las. Vejamos a imagem de Gabriel demonstrando um outro exemplo de prótese peniana que necessita de cinta para ser acoplada ao corpo.

Imagem 17: Prótese de Gabriel.



Legenda: A materialidade apresentada no vídeo do Gabriel Viana é usada da mesma forma conforme apontado pelo Kaito Felipe. Inclusive, observa-se no discurso do Viana elementos que também secundarizam a grau de importância que se dá ao objeto. A sensação de desconforto no próprio corpo e no corpo da outra pessoa é uma preocupação que pode impedir o prazer e o orgasmo. Ao que tudo indica, ele não é mais usado (“eu comecei com esse aqui”, “eu usava ele com”).

Fonte: Fonte: sítio eletrônico *YouTube*.

[Gabriel] Eu comecei com esse aqui que foi comprado em *sex shop*, ele é unicamente para sexo. Ele tem dezoito centímetros. E eu usava ele com essa cinta aqui, né? É, sendo que a cinta me irrita um pouco, tira um pouco do sério e no fim eu acho que pega muito e eu não me sinto confortável. Sabe que eu não uso mais esse, eu comprei no *sex shop*, só não sei se vocês já reparam **ele não chega a ser bem um packer**, tem um outro nome que se dá, eu não lembro agora. Ele não é muito maleável, então a pessoa acaba sofrendo.

A prótese peniana apresentada por Gabriel é uma estrutura maciça de cor bege e textura emborrachada, fosca, que pode ser dividida em três partes: glânde, corpo e base. A glânde é uma ponteira ovalada que serve como aspecto terminal do objeto. Na parte de cima da linha acompanha a circunferência do corpo cilíndrico, juntando a prega a um mesmo ponto na parte de baixo do pênis. Sua superfície lembra uma gema que foi cuidadosamente lapidada. A base da glânde se liga ao corpo. O corpo é uma estrutura cilíndrica com algumas protuberâncias longilíneas que mimetizam artérias que se destacam do corpo tanto no sentido diagonal como

perpendicular. Elas são mais evidentes próximas à glândula e vão suavizando ao chegar mais perto da extremidade em que se observa a base.

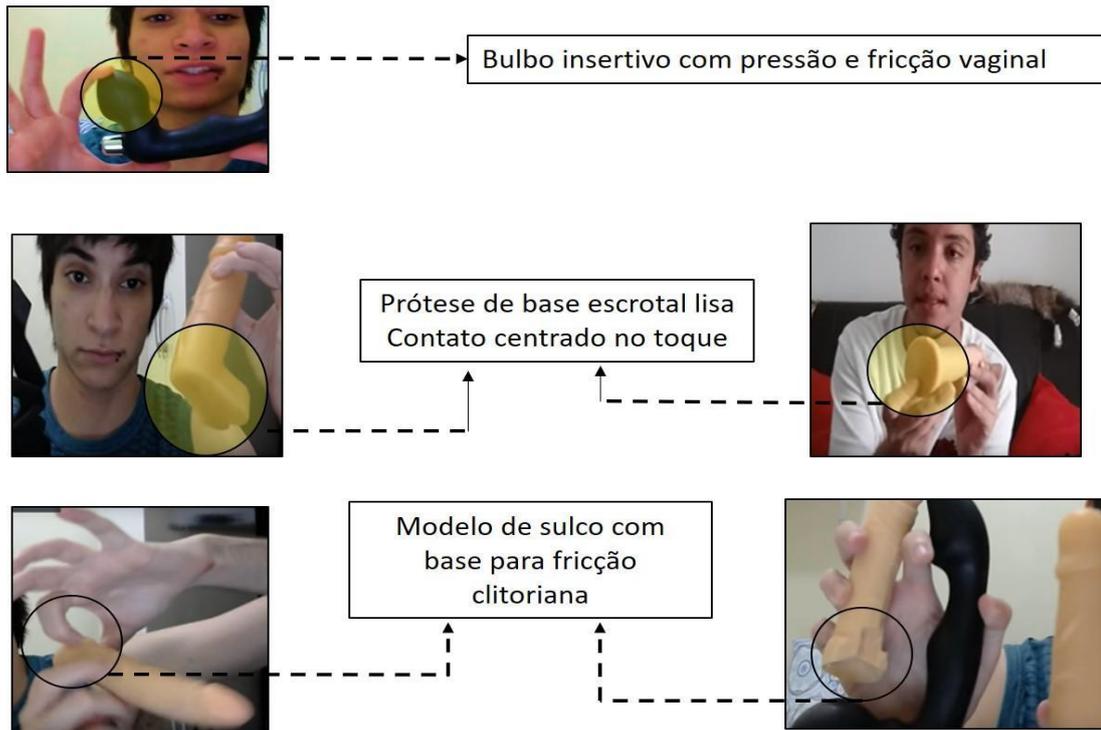
Uma diferença marcante entre as materialidades é a base (detalhe marcado na imagem anterior). No caso dessa materialidade ilustrada acima, a base é redonda e acompanha o formato cilíndrico e também arredondado do corpo, mas não tem nenhuma relação com qualquer tipo de mimese corporal. Se colocada em uma superfície lisa, como uma mesa ou mesmo no chão, a prótese fica de pé. Se colocássemos em 3D, a base seria um círculo com uma pequena altura com a parte externa dessa altura lisa e reta. Além de permitir que esse objeto fique de pé, ele também é utilizado para que seja fixado na abertura circular da cinta. Esse objeto cumpre uma função meramente mimética de um pênis cisgênero, mas não se adapta tão bem à morfologia do corpo do homem transexual. Comprado em *sex shop*, a função desse objeto está restrita a um tipo de prática sexual penetrativa insertiva, em que é possível posicioná-lo em uma base plana e centrar a prática sexual na penetração. Ele depende sempre de algo que, por ser de base plana, ou seja, pode ser recolocado no chão e se, porventura, houver interesse em aproximá-lo de um corpo, será necessário utilizar uma cinta, como foi demonstrado tanto para Gabriel como para Kaito.

Considerando que a base é a superfície de acoplamento das materialidades ao corpo do homem trans e que sua forma interfere diretamente na possibilidade de obtenção de prazer sexual, é salutar compreender como elas se diferenciam de acordo com a sua morfologia.

A primeira acoplamento seria a do dildo preto onde há a introdução do bulbo no órgão sexual do homem trans havendo pressão vaginal. Como já foi apontado anteriormente, é possível notar que o modo de acoplamento dessa base é penetrativa. No quadro seguinte observei três possibilidades de bases, que são as regiões que entram em contato (se acoplam) com o corpo de Kaito e Gabriel, quais sejam:

Imagem 18: Bases de contato periginecomorfa.

Possibilidades de Acoplamento ao Corpo



Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2020. Layout: KICH, SOUZA, 2020.

A primeira seria a do dildo preto onde há a introdução do bulbo no órgão sexual do homem trans havendo pressão vaginal. Como já foi apontado anteriormente, é possível notar que o modo de acoplamento dessa base é penetrativa.

[Kaito] Não sei se dá para notar, mas esse aqui também tipo é o, maior assim, pode não parecer, mas ele tem essas partes aqui, tipo uns quatro centímetros, ou seja, é meio difícil na hora de entrar, mas é divertido. Por que eu gosto desse? Porque essa parte vai, né? Na pessoa trans, e esse aqui não precisa nem explicar, né? Ou seja, qualquer movimento que eu fizer aqui, a pessoa que tiver na ação tardia vai sentir. Então, esse é o que eu acho mais divertido.

Aqui há atores em coordenação (MOL, 2002) na prática sexual: o homem trans; o objeto dildo; o anel peniano que fixa a prótese ao clitóris; e a outra pessoa (presumidamente cisgênero). Coordenação de três caracteres de materiais que é dada pelo próprio corpo, uma vez que o mesmo é encaixado dentro do seu corpo. O objeto tem função penetrativa, entretanto não mimetiza morfologicamente um pênis cisgênero. Não há um compromisso com a estética, uma

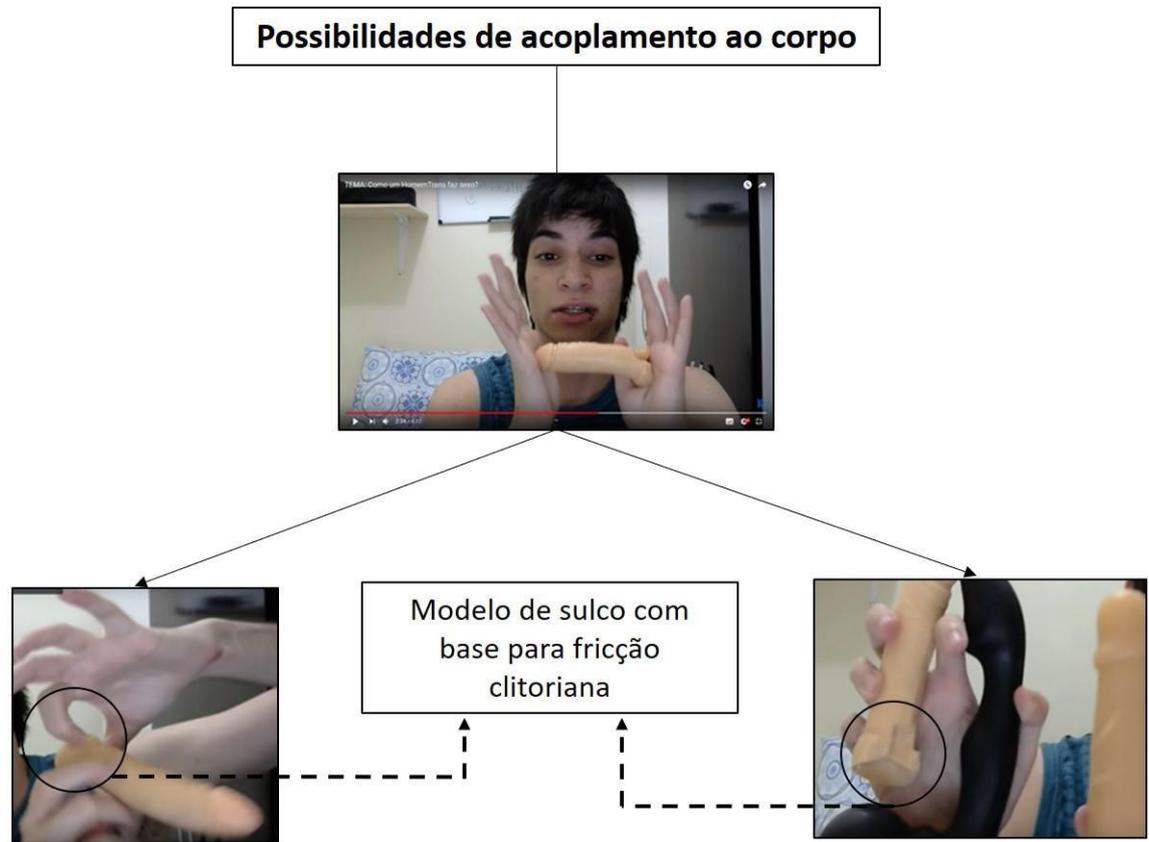
vez que esse objeto não mimetiza de modo pleno a morfologia de um pênis, como seria um *packer*. Mas se inscreve na função de dar prazer em ser penetrado por outrem, sem compromisso com mimese peniana. Outro elemento que coloca por terra a mimese peniana é o fato de que esse objeto gera uma penetração híbrida: quem com ele penetra é com ele também penetrado simultaneamente, ampliando o horizonte do prazer em relação às cintas, por exemplo: dá e sente, não apenas de modo subjetivo, mas, efetivamente friccional. Parece ser o que pensou Jules Amar (apud PRECIADO, 2002) ao tratar sobre as próteses em que se constitui uma masculinidade tecnológica de penetração. Entretanto Jules Amar diferencia amputado, em que teve uma mutilação por conta de algum acidente, de impotente que é incapacitado de reprodução.

Kaito, utilizando essa materialidade, parece dizer que não ocupa nem o lugar de amputado, nem ocupa o lugar de impotente, mas de sujeito (sexual) ampliador e recriador do corpo sexuado com o seu órgão *cyber* sexual. Essa materialidade permite que ele penetre a outra pessoa, produza prazer erótico nela, seja penetrado e sinta prazer sexual ao se tornar um sujeito sexual penetrante/penetrado. Aqui, fronteiras que separam as posições entre sujeitos estão tão fundidas que a própria ideia de posição se esmaece na medida em que na experiência de Kaito o binômio penetrante/penetrado se confunde. Privilégio de prática sexual que só acontece entre pessoas que tem vagina e identidade transgênero, ou seja, nunca um homem cisgênero poderá ter essa experiência, a menos que seja submetido a uma vaginoplastia.

A segunda materialidade apresentada por Kaito (dildo 3) corresponde ao modelo da prótese de base escrotal lisa na qual o contato centra-se no toque. Esse modelo de base também foi demonstrado por Gabriel, e ambas necessitam da cinta para realizar o alçamento ao corpo do sujeito.

E, por fim, Kaito demonstra o dildo 2, modelo de sulco onde parece haver um encaixe para prazer clitoriano.

Imagem 19: Base de acoplamento em sulco.



Fonte: produzida pelo pesquisador, 2020. *Layout:* SOUZA, 2020.

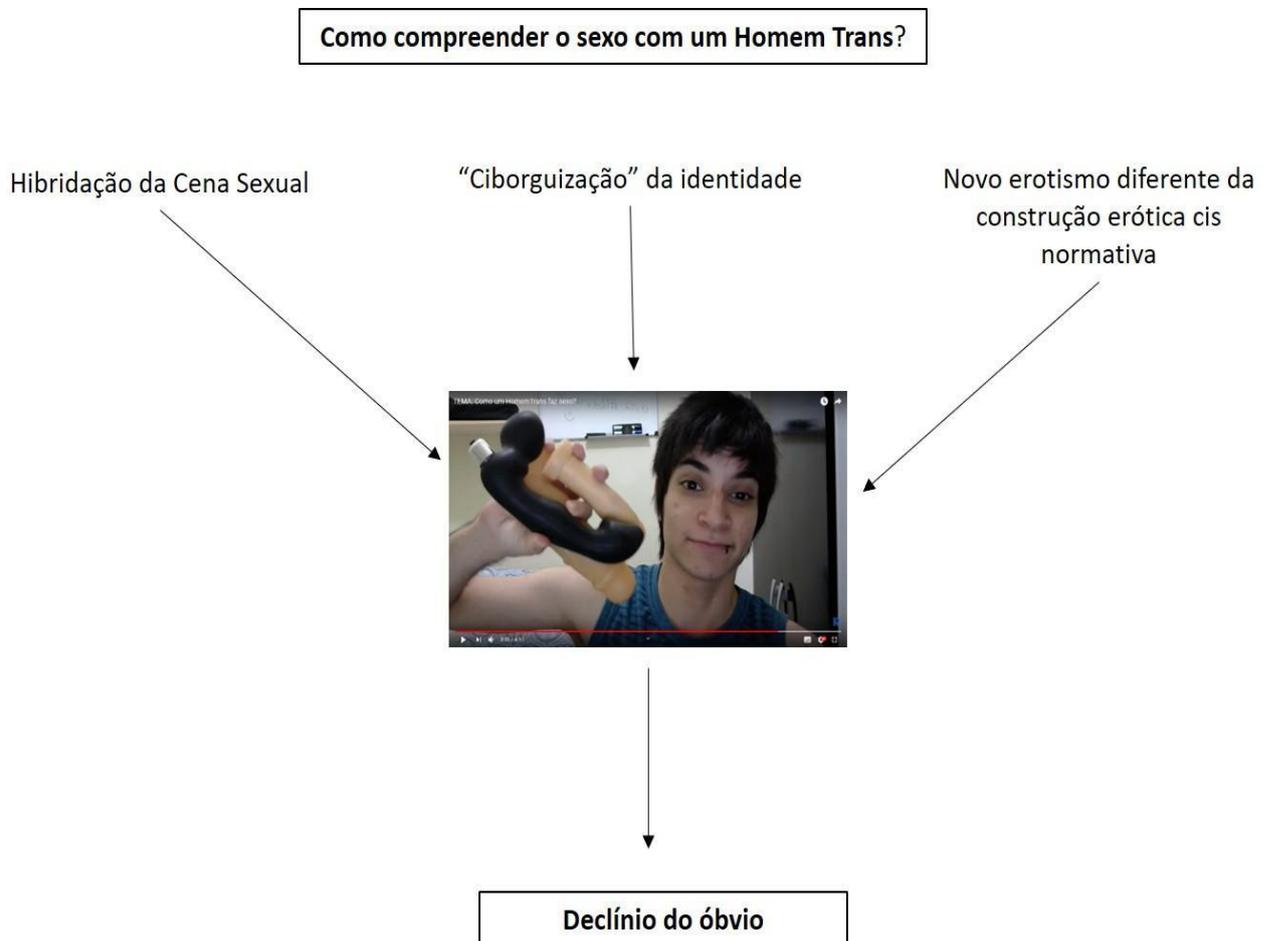
[Kaito] Esse aqui na realidade [...] era aqueles que vem o anel peniano aqui, que é para usar para dois espaços. Ou seja, vocês já podem ter as ideias de vocês, né? Para o que isso serviu ou serve.

Kaito não aprofundou em detalhes como exatamente esta base se encaixa na pessoa, entretanto as imagens mostram a presença do sulco na base, região de encaixe do clitóris, que cresce mediante hormonização, mas demonstrou como ele é enganchado no seu órgão sexual. Entretanto, é possível notar que a questão da sincronicidade aparece quando há uma ligação entre corpos. Um corpo estará em sincronicidade à medida em que consegue manter unicidade corporal e subjetiva. Ele parece dar margem para pensarmos que existe uma sincronicidade que é inicialmente dada pela materialidade externa – *packer* – objeto fora, inorgânico, pensado para o orgânico. Ele é um apetrecho, um algo a mais que poderá ser utilizado para a realização da

prática sexual. Entretanto, essa sincronicidade está em materialidades que não necessariamente estão fora do corpo. A sincronicidade pode estar quando o sujeito utiliza o próprio corpo, nesse sentido um pênis de carne não é um objeto menos passível de sincronicidade do que um *packer* ou uma prótese peniana. Não é necessário o objeto para realização da prática sexual. Assim a sincronicidade ocorreria também quando objetos terceiros não estivessem presentes na cena. Sincronicidade, desse jeito, estaria relacionada à materialidade? Ou a materialidade é algo que está em um âmbito de subjetividade em que não se tem mais uma definição dos limites entre o inanimado e o vivido? Parece que os vivacionismos estão presentes na cena sexual, mas o corpo também se constitui como uma materialidade significada, longe de operar uma natureza dada.

Adaptação, treino e experimentação parecem ser práticas importantes nesse processo de produção do corpo sexuado, aquele que carrega os significados relacionados ao seu lugar social, e sexual, ou seja, o que, com a finalidade da produção de prazer sexual erótico, traz agenciamentos que o constituem como sujeito sexual. Há uma interface material, um ponto específico que deve ser encontrado para ser obtido o prazer sexual. Não será de primeira que se encontrará.

Imagem 20: Múltiplas materialidades de Kaito.



Legenda: Expõe na palma de uma única mão três materialidades que fogem completamente do óbvio. Imediatismo não é efetivamente um procedimento adequado para se compreender a relação que esses sujeitos estabelecem com tais objetos. Há gradações de prazer, de alcance do prazer do outro, do desejo, da satisfação, da plenitude dos indivíduos. O sexo com eles é experimentado de maneira fora daquilo que o padrão cis normativo define como óbvio: pênis que entra, vagina ou ânus que recebe. O declínio dessa obviedade é constatado nos relatos desses *youtubers*.

Fonte da imagem: sítio eletrônico YouTube. Produzida pelo pesquisador, 2020. Layout: SOUZA, 2020.

[Kaito] Esses são os brinquedinhos que muitos meninos trans tem ou que eles muitas vezes tem ou consegue. **Às vezes eles não têm nenhum ou eles não gostam de usar nenhum**, tem muitas vezes que eu também não uso nenhum. Então isso aqui são somente de pessoas para pessoas que tiverem vontade de usar. [...] **tem pessoas que usam prótese**, tem pessoas **não usam prótese**, tem pessoas **que usam os dois**, então é isso.

[Luca]. **Tem alguns homens trans que gostam** de usar *strapon*, ou vibradores, ou **outros acessórios, e tem outros homens trans que não gostam disso**. Então **não leva como uma verdade universal**, pergunta também, conversa sobre isso, o que te dá prazer, o que dá prazer para a pessoa, tenta achar algum tipo de consenso.

Kaito e Luca narram a diversidade presente no uso dos acessórios, de modo que não se faz igual a sua necessidade. Nunca levar como regra universal é ter um cuidado que Luca demarca, assim como as possibilidades de usos descritas por Kaito de usar sempre, nunca usar ou usar de modo intermitente.

Na palma da mão, Kaito consegue colocar as várias formas de fazer sexo ‘com homem trans’. É uma imagem que permite pensar o quanto é possível e variável a prática sexual com homens transexuais. Há possibilidade de uso dos materiais de diversas formas, aparecendo na fala dele classes diferentes de materialidades, objetos morfologicamente distintos. Essa diferenciação e variação das materialidades nas práticas sexuais não acontece do mesmo modo que acontece ao longo do vídeo de Gabriel, cuja narrativa apresenta o *packer*.

Kaito não falou sobre *packer*, mas aprofundou a descrição física e de uso dos seus ‘brinquedinhos’, ou seja, três dildos que podem ser colocados na cena sexual como uma materialidade externa/inorgânica. Nesse sentido sua contribuição foi que seus ‘brinquedos’ trouxeram uma variabilidade de morfologias, ergonômias e efeitos possíveis em um variável número de práticas sexuais, para além da mimese corporal cisgênera do pênis, demonstrando que objetos não miméticos também podem ser utilizados na cena sexual. Todavia dizer que o *packer* é mais uma materialidade dentre as várias que entram na cena sexual não se confunde com ter menos importância, uma vez que no levantamento dos enunciados que nomeiam as materialidades, ele foi o mais recorrente nominado como ‘prótese peniana para homens trans’.

5.2 *Packer*

Neste setor apresento as narrativas sobre *packer*. A temática foi mais aprofundada no vídeo de Gabriel Viana, que o apresentou quanto ao formato, modo de uso, bem como a menção aos tipos de cuecas que se associa para melhor fixação ao corpo. Outros homens também lembram do *packer* como algo importante a exemplo dos vídeos de Társio Benício, Bruno Alves e Thiago35 Peniche.

O autor transexual Shay Lenís de los Santos Rodrigues (2019) nos ensina que *packer* é uma palavra de origem inglesa definida como “próteses penianas produzidas e pensadas para homens trans” (RODRIGUES, 2019, p. 15) e diz ainda que se trata de uma reinvenção da natureza. O *packer* também pode ser pensado como uma órtese em formato de pênis seja em estado rígido ou flácido (MARANHÃO; NERY, 2015). Embora em lojas de *sex-shop* encontre-se muitas variedades de próteses penianas, mesmo sendo também um objeto inspirado em uma mimese peniana, possui características que lhe conferem um caráter morfológico e prostético que produz um grau de acoplagem bem mais adaptado a um corpo orgânico. Os produtos disponibilizados em *sex-shops* geralmente são comercializados por pessoas cisgêneras e sua lucratividade está concentrada em pessoas majoritariamente binárias em termos de sexo e gênero. Geralmente, são homens trans quem os comercializam. *Packers* podem ter significados diferentes para ele. Contudo, outras pessoas que têm vagina (mulheres cisgênero ou trans que tenham realizado vaginoplastia) também contribuem bastante com a compra de *packers* (RODRIGUES, 2019).

Podemos dizer que o *packer* se constitui como uma materialidade morfoprostética que constitui o corpo desses sujeitos, aspecto que leva a pensar que se constitui como uma materialidade que faz o *cyborg*. Sua constituição está diretamente relacionada aos usos. Thiago conceitua o *packer* em termos do uso que realiza com ele. Ele exhibe uma foto sobreposta a filmagem, em que ele fica atrás dela, não completamente tampado. É uma fotografia de um homem trans loiro com tatuagens no braço direito e uma cruz no peito. Visível as cicatrizes de sua mastectomia masculinizadora e usa uma cueca rosa com uma barra com estampa que contrasta preto e branco na parte do elástico. Por baixo da cueca um *packer* de tamanho grande, um pouco desproporcional.

³⁵ A análise de “canais” mostrou que a temática do *packer* é desenvolvida com exclusividade em vídeos específicos que mereceriam um aprofundamento. Entretanto, não foi realizada neste estudo em decorrência de que o critério de escolha se pautou nos vídeos sobre a temática “sexo com homens trans”.

[Thiago] “É, como é que **eu faço penetração?**” beleza. **Depende do que a outra pessoa curte** primeiramente falando. Pode ser com o dedo, pode ser com a língua, pode ser com **o meu pau que na verdade é um packer**. Um *packer* se você não conhece, é uma **prótese peniana para homens trans**. E ele é **maravilhoso** na verdade.

Imagem 21: foto sobreposta ao vídeo de Thiago.



A partir deste volume é possível pensar em elementos existenciais que nos levam para o declínio das obviedades e dos imediatismos. Aqui, dou mais destaque à produção *cyborg* do corpo e da sexualidade do que a qualquer apelo erótico ou falocêntrico.

Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2020. Layout: SOUZA, R.

Embora o packer não seja um artefato utilizado por todos, geralmente ele tem uma importância relevante para a execução da cena sexual dos homens trans. Contudo a importância não é algo igual para todos, na medida em que alguns tem maior e outros menor necessidade de uso, o que demarca o caráter de singularidade.

[Gabriel] Eu tenho **muita necessidade do uso** do packer, que é a prótese para homem trans né? **Nada mais que uma prótese**, na hora do ato sexual.

[Társio] Um homem trans ou transmasculino **vai querer de uma maneira**, e vai ter **aqueles que são fálcos**, ou seja, vai ter aquele homem trans ou transmasculino, **que só vai aceitar ter relação sexual se ele tiver usando um packer**, ou seja, uma prótese peniana. Se ele não tiver, não vai ter sexo.

[Bruno] Então se for par acontecer uma coisa, [...] **esteja com a mente aberta e deixa acontecer**. E **com uma mulher, você ou vai usar o packer, ou não**. **Não é necessariamente**, você, não, você, não precisa usar o *packer*, **não é uma coisa obrigatória**. Ou você usa, ou, você não usa.

Como visto nas falas anteriores, eles estabelecem pelo menos três tipos de relacionamentos possíveis com essas materialidades: aqueles sujeitos que tem necessidade de usar sempre, os quais o seu uso é condição para realizar a cena sexual; aqueles sujeitos que podem usar, mas também podem realizar suas práticas sexuais sem os mesmos; e aqueles sujeitos que não veem necessidade alguma no seu uso. Contudo existe uma série de usos possíveis mediante sua versatilidade em termos de tamanho, colorações e funcionalidades. Vejamos como Gabriel e Thiago os descrevem:

Imagem 22: Gabriel apresentando o *packer*.



Fonte: *YouTube*.

[Gabriel] Esse **aqui é o meu xodó**, é da FTMSStore, eu super indico, é confortável. É para usar na cueca assim, então melhor ainda para quem tem a necessidade do **uso do packer na hora do sexo**. Está vendo, ó. Ah e dá para **urinar** nele também, sendo que, eu uso só para uma coisa específica, eu acho que não fica higiênico.

[Thiago] Tipo, ele **pode ter o tamanho que você quiser**, e serve para você **fazer volume dentro da cueca**, serve para você fazer **xixi**, dá para você **penetrar**. Ele geralmente **fica mole quando está dentro da cueca**, claro. Mas aí **quando você vai transar é só você usar um negocinho que ele fica duro**. Tipo, ele é **muito perfeito**, de verdade. O material dele é perfeito, **parece mesmo uma pele**, sabe, **não é** uma coisa **super artificial como se fosse**, sei lá, **um dildo**. Eu uso ele para penetração, caso a pessoa queira.

Gabriel e Thiago qualificam o *packer* em termos de representação de um valor positivo: ‘meu xodó’ para o primeiro e ‘muito perfeito’ e ‘maravilhoso’ para o segundo. Com relação a sua versatilidade, ela se demonstra em vários aspectos: pode ter o tamanho que o sujeito quiser; propriedades físicas em que fica mole para fazer volume; propriedades mecânicas em que fica duro para relações sexuais; em termos de mimese peniana.

[Gabriel] Eu sou completamente apaixonado nesse aqui, eu acho que ele que me escolheu.

Essa referência afetiva que Gabriel narra é interessante para caracterizar o objeto e a relação que o usuário estabelece com ele. Gabriel atribui um sentido vivencial ao *packer*. Embora haja consciência de que se trata de um objeto inanimado, o atribui uma humanidade. Pensando nas estruturas da frase ‘ele me escolheu’, temos aí um cenário que permite localizar sujeitos, pessoas e ações. Ao que parece, Gabriel, por meio de um jogo semântico, inverte a lógica da relação sujeito-objeto, e traz para o *packer* a possibilidade de ação sobre a sua vida. Quando ele diz que foi escolhido, o coloca no lugar de sujeito de uma ação. Gabriel não está pensando que há uma vida neste objeto, o que atribuiria a ele uma autonomia volitiva. Entretanto, fala da adequação do objeto, que tem características materiais as quais permitem estabelecer uma relação mais humanizada. Pois, o sujeito não apenas realiza sexo com outras pessoas através do *packer*, mas também estabelece uma relação sexual com ele.

Penso que não seria a mesma relação que ele estabelece com outros objetos, como as próteses penianas compradas em *sexshops*. O *packer* foi incorporado em detrimento à prótese. Nesse sentido, percebe-se que a prótese peniana não produziu interesse. Com relação às características físicas, Gabriel fala que o objeto é perfeito por agregar uma série de características: conforto ao fazer sexo, ao urinar e ao se masturbar. O que significa dizer que a prótese peniana, embora possa vir a aparecer na cena sexual, é altamente descartável em decorrência daquilo que ele falou, que ela apresenta falta de maleabilidade, ou que faz machucar a outra pessoa. Eu ainda adicionaria a incongruência com o corpo humano, pois os tamanhos são maiores do que grande parte dos pênis masculinos. Para Rodrigues (2019) há diferenças nas próteses penianas vendidas em *sex-shops* e em lojas virtuais de homens trans. As primeiras são confeccionadas em indústrias, tem textura rígida e uma variedade de tamanhos e colorações que

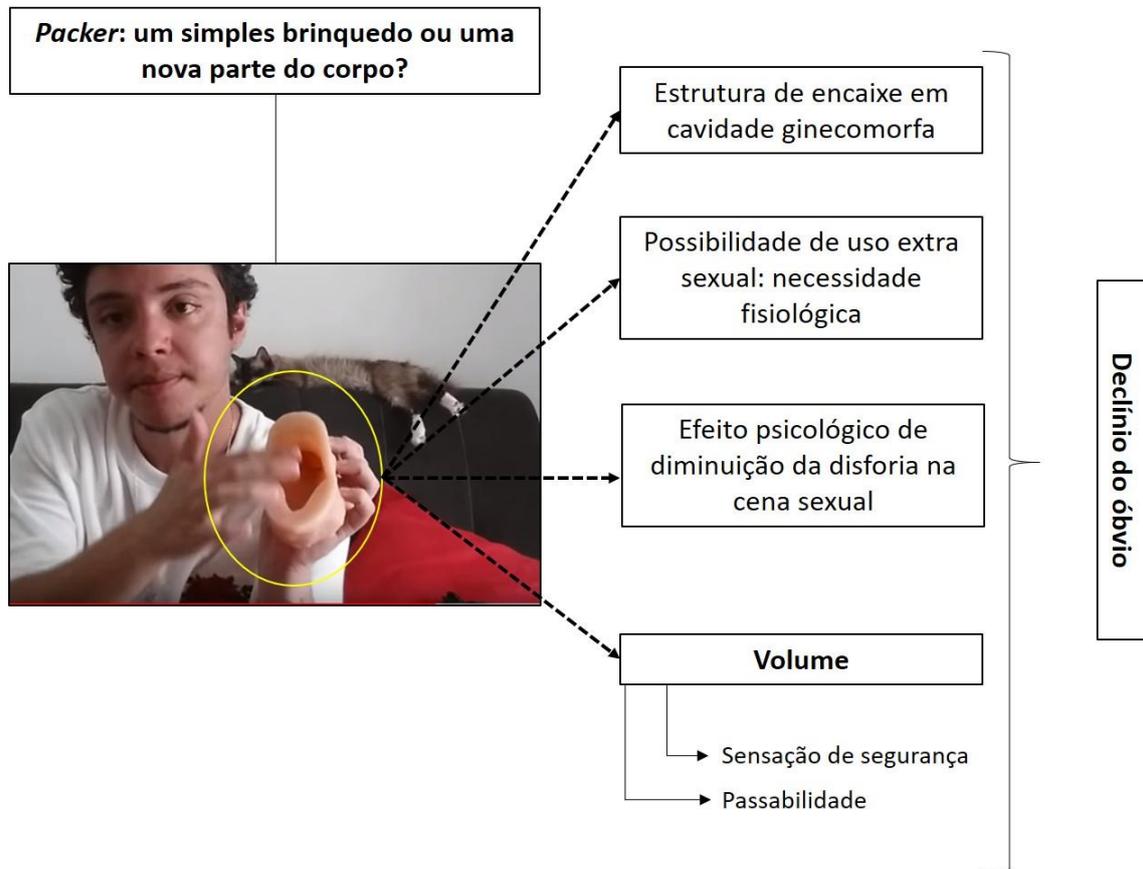
comprometem a aparência de pênis. Elas podem ser confundidas com as próteses comumente vendidas em lojas de *sexshop* pelo fato de representar o pênis do homem cisgênero. Tal confusão reduz o *packer* ao uso exclusivo de produção de prazer sexual, entretanto aponta que há outros significados, como a passabilidade, volume corporal, urinar, penetração para a outra pessoa, auto prazer. Entretanto, o *packer* também pode conferir passabilidade e é importante para a segurança contra violência transfóbica oriunda do cissexismo quando eles estão em espaços públicos (ALMEIDA, 2012).

No vídeo, Gabriel apresenta um também com textura que imita a pele humana, embora seja possível ver que se trata de um material emborrachado. A coloração é suave, conforme Rodrigues (2019) o que confere maior caráter realístico implicando em uma menor variedade de cores artificiais, mas em tonalidades de pele. É uma peça que não tem uma divisão morfológica tão evidente a ponto de se separar em partes como na prótese anterior. Entretanto, é possível visualizar quatro partes (glande, corpo, escroto e base) que se diferenciam entre si em termos de coloração, diâmetro e superfície.

Este packer parece ser mais difícil de ser separado em partes como nas outras próteses. Suas fronteiras físicas não estão plenamente demarcadas. A glande aqui é apresentada como uma parte localizada na extremidade oposta à base. Ela é proporcionalmente menor que o corpo, mantendo o padrão de coloração com o resto do objeto, tendo a mesma coloração da pele de Gabriel. Também apresenta uma formação ovalada com uma entrada na ponta, o que corresponde ao canal da uretra. Os corpos não mantêm uma espessura constante e retilínea, saindo mais fino na ponta e alargando na formação do saco escrotal para depois chegar em uma base de formação côncava. Ao longo do seu corpo, há protuberâncias longilíneas, porém menos destacadas da superfície do corpo, mais suaves. Na vista traseira, é possível perceber que se trata de uma estrutura vazada. A base côncava tem por função se encaixar em uma corporeidade ginecomorfa. A base é uma terminação de bocal com acoplagem côncava e continente. É possível visualizar o limite de borda externa e interna demonstrado por Gabriel:

[Gabriel] Tem essa parte aqui também, pega certinho em mim ou na pessoa, no caso.

Imagem 23: Funções do Packer.



Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2020. Layout: SOUZA, R.

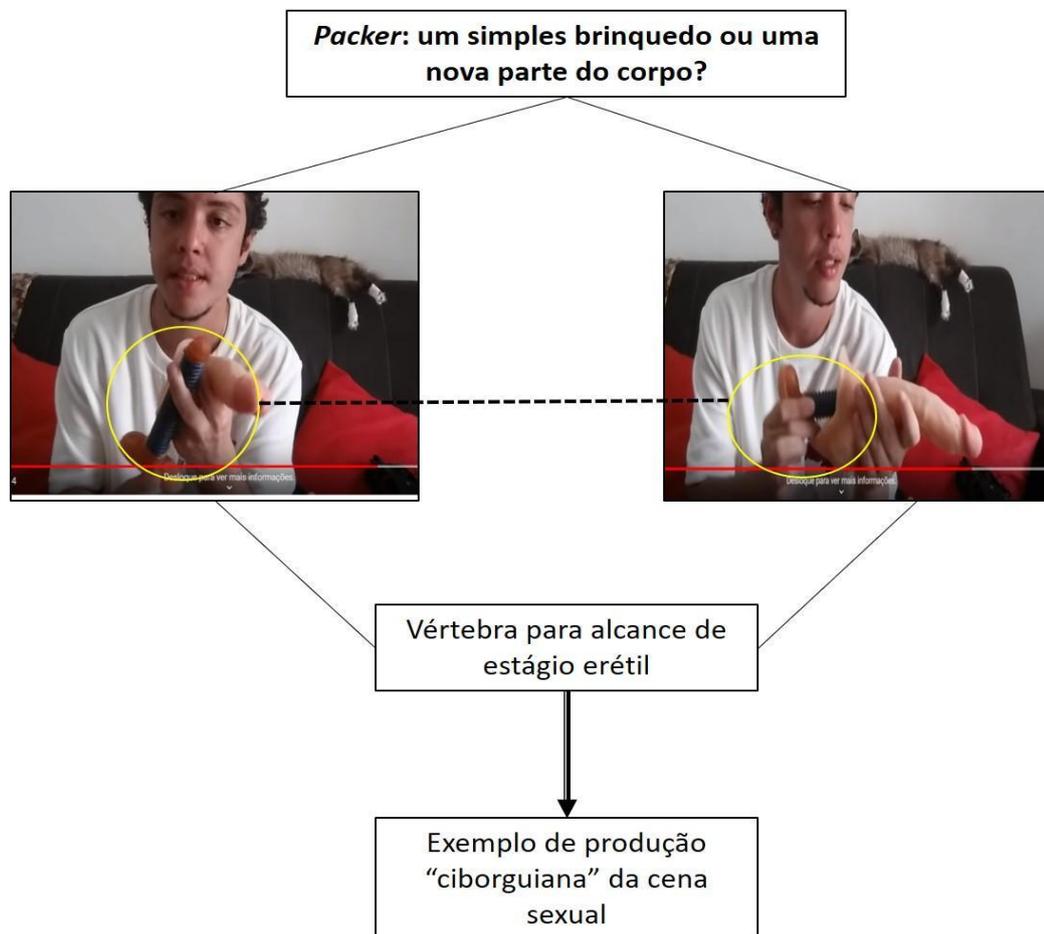
Em recorte traseiro, Gabriel aponta para a parte do *packer* que se encaixa na sua região pélvica, de modo que é construído para o encontro corporal entre o órgão sexual do homem trans com a base da vertebra. A parte das bordas tem uma função de encaixe e permite que o objeto como um todo seja percebido à medida em que constitui a linha de prolongamento corporal do sujeito. Na parte interna da borda se observa um formato perivaginal, o que espelha o órgão sexual do homem trans. É como se fosse um bocal perivaginal. Na parte central, se visualiza o interior vazado do *Packer*. Gabriel não está falando de qualquer tipo de pessoa, mas sim de pessoa trans. Podemos nos perguntar sobre a regionalização do material: foi esse material, ou essa região desse material desenvolvida para uma pessoa trans? Se sim, as idiosincrasias gineco-sexo-corpóreas estão presentes na morfografia deste objeto? Ele está falando de um corpo que não é um corpo cisgênero. Então, se pensarmos naquilo que pode o corpo transgênero, temos aí uma noção comum entre todos os corpos: eles variam! (LEITE JÚNIOR, 2011).

Na demonstração de Gabriel, percebe-se que a parte externa do *packer* é feita de um produto maleável, o que não garantiria a rigidez somente por si. Assim, entra em cena a vértebra, dispositivo que, conforme apontado por ele e corroborado por Thiago, tem função de produzir a ereção e dar prazer ao homem trans.

[Gabriel] E tem a vértebra, que é isso aqui e você bota por dentro, né? Para ele poder ficar ereto certinho.

[Thiago] Mas aí **quando você vai transar** é só você **usar um negocinho que ele fica duro**. Tipo, ele é **muito perfeito**, de verdade.

Imagem 24: Estrutura do Packer.



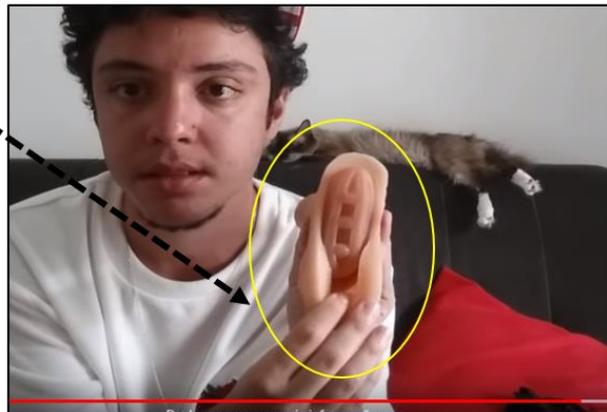
Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2020. Layout: SOUZA, R.

A imagem ilustra que a vértebra é um órgão interno do *Packer*. Separada, pode ser considerada uma peça também dividida em três partes que, nesse caso, é possível destacar, vou chamar de protoglande, corpo articulado e base. A protoglande é uma ponteira ovalada, de material diferente da glande externa, não acompanhando a textura e coloração do material da

glande externa. Sua haste articulável é de uma coloração completamente distinta do resto do material, de cor cinza, e lembra um cano sanfonado de PVC completamente contrastante com a suavidade da superfície externa do *packer*. Nesta região prostética, parece não haver nenhuma correspondência ou compromisso em espelhar uma ‘realidade’ mórfica. Parece um encanamento que fica por dentro de uma estrutura externa. Curioso é que termina na base, formando um ângulo de 45°. A base parece ser do mesmo material da protoglande. Base arredondada, perpendicular ao corpo articulado, tem uma formação elíptica. Na parte terminal desta se observa alguns vazados internos em forma de triângulo na borda superior e dois quadrados no meio com outro na inferior. Entre a base deste e uma parte do quadrado, sai uma boleação que serve para estabelecer contato com o clitóris, o que proporciona prazer, tanto no ato sexual com outras pessoas, como para prazer auto erótico, como masturbação. Gabriel fala como realiza a acoplagem do *packer*, vestido com a cueca de modo que faz com que a base boleada da vertebra se encontre com seu órgão sexual e no outro.

Imagem 25: Base do Packer.

***Packer*: um simples brinquedo ou uma nova parte do corpo?**



[Gabriel] Eu coloco na cueca, tem essa parte aqui também, pega certinho em mim ou na pessoa, no caso. E aí tudo flui naturalmente.

Ela dá sustentação para a glândula externa preenchendo a parte interna e formando a ‘cabeça do pênis’. Uma noção de prazer erótico está em sua forma de produzir o prazer através do corpo (PARKER, 1991). Nesse sentido, a vértebra vem com o *packer*, pois é um componente constitutivo dele quando a questão se refere à prática sexual e condição para dar prazer sexual junto ao *packer*, e não apenas o *packer*. A vértebra é uma materialidade que constitui a prática sexual pois é a zona que estabelece contato com o órgão sexual do homem trans e é o componente que parece ‘excitar’. A vértebra permite a ereção, pois sem ela o *packer* não mantém rigidez para a penetração, e proporcionar prazer sexual para o homem trans e para a pessoa com quem se está fazendo sexo. Cabe lembrar que a masturbação, principal motivo da caça às bruxas no século XVI-XVII (FOUCAULT, 2010), é uma das funções da boleação da vértebra do *packer*, guarda histórico de degeneração. Entretanto ele ainda guarda justificativa social, o que se tece no apelo do seu caráter *cyborg* de saberes instituídos para dar racionalidade, passibilizar, gozar e ser penetrado dentro de um sistema heterocentrado. Se os discursos extrafamiliares desse século contaram com uma educação natural, feita pela família, e uma educação estatal, regulada biopoliticamente, os homens trans pensam uma educação pornológica que, em sua experiência ética, no sentido foucaultiano, constroem uma escrita de si.

Há também uma gestão dos volumes com relação ao uso dos *packers*. Gabriel fala que, na prática sexual, o objeto de dezoito centímetros se torna descartável em comparação ao *packer* de quatorze centímetros que estaria mais adequado ao ato. Gabriel diz que para fazer volume, por sua vez, um *packer* de quatorze centímetros se torna muito grande.

[Gabriel] Eu acho que **quatorze centímetros** é um tamanho bom. [...] (mas) um pouco **grande para usar como volume**.

Assim, o padrão de sexo cóporogenital volumoso, exacerbado, não corresponde ao padrão de órgão sexual que prefere Gabriel, ou seja, um padrão mais realista implica em ser de tamanho entre 10-16 cm em relação a outras próteses que variam de 12-40 cm (RODRIGUES, 2019). Uma materialidade que não estiver adequadamente compatibilizada com o corpo da outra pessoa poderá ter uma função nociva ou fazer sofrer. Não parece que o sentido de sofrimento produzido por essa materialidade seja um sofrimento esperado, ou que faça parte das possibilidades de produção de prazer, algo não incomum. A evidência é que a materialidade sai da cena quando causa desconforto e sofrimento.

Gabriel diz que tem muita necessidade de uso do *packer*, que é a prótese, como ele mesmo falou. Mas, acompanho o debate que diferencia o *packer* de prótese. No momento em que ele diz que o *packer* não é “nada mais que” uma prótese, também entra naquela categoria do ‘como se fosse’, ou seja, o apelo à ideia de prótese é um modo de se valer dos códigos de uma gramática que ele já domina para dar inteligibilidades a uma materialidade que, de algum modo, uma pessoa cisgênera não conseguiria compreender.

Alguns modelos são usados com cinta e outros podem ser usados com cueca *slip* que é a que ‘prende melhor’ por seu corte. Para que haja prazer para as duas pessoas, é necessário que se encontre um tamanho adequado de *packer*, em que seja possível ‘pegar certinho em mim ou na pessoa’. Nesse sentido, uma materialidade entra como possibilidade de dar prazer aos dois participantes da cena sexual. Tudo irá importar quando as materialidades entram em cena. A materialidade produz prazer sexual, mas é uma materialidade regulada por um uso e conhecimento do corpo, segundo as melhores texturas e tamanhos.

Em suma, no que tange as comparações entre *packer* e outras materialidades, *packer* é uma materialidade que se diferencia diametralmente da prótese peniana à medida em que sua estrutura é diferente. Vimos nas imagens que a prótese peniana se constitui como um objeto que mimetiza o órgão sexual masculino. Entretanto não seria a mesma relação que ele estabelece com outros objetos como as próteses penianas compradas em *sex-shops*. Com relação às características físicas, Gabriel fala que o *packer* é perfeito por agregar uma série de características: conforto ao fazer sexo, ao urinar e ao se masturbar. O que significa dizer que a prótese peniana, embora possa vir a aparecer na cena sexual, é para ele descartável em decorrência daquilo que ele falou, que ela apresenta falta de maleabilidade, ou que faz machucar a outra pessoa. Eu ainda adicionaria a incongruência com o corpo humano, pois os tamanhos são maiores do que grande parte dos pênis masculinos.

Em suma, a entrada do *packer* na cena sexual é algo singular: é peça fundamental para alguns homens trans; para outros não; para outros é possível usar assim como não se constitui uma obrigatoriedade. Pelo seu caráter realístico, faz uma mimese que pode ser caracterizada como mais uma componente da passabilidade. Com relação a suas possibilidades de uso, elenco sete: I. auxilia com relação a necessidades fisiológicas – urinar; II. no caráter de passabilidade, ou seja, fazer volume se apresenta com relação ao volume por dentro da calça; III. na passabilidade em espaços públicos, também guarda um componente de segurança contra violência por transfobia; IV. proporciona prazer sexual para quem usa, o próprio homem transexual, ou qualquer pessoa que tenha vagina em decorrência da base da vértebra; V. pode

ser usado como um masturbador; proporciona prazer sexual penetrativo para a/o parceira/o; VI. forma uma barreira material de modo a proteger de possíveis infecções sexualmente transmissíveis; VII. deve ser utilizado com cuidado uma vez que pode provocar lesão na/o parceira/o.

A vertebra se constitui como um objeto importante uma vez que possibilita a ereção e prazer sexual para o homem trans. Com relação ao volume, há também uma gestão que o aproxima de padrões de passabilidade, ou seja, tamanho menor garante maior passabilidade.

5.3 Cuecas e cintas (*strapon*)

Neste item discorro sobre as materialidades que denominei para alçar outras materialidades ao corpo humano, as cintas, *strapon* e cuecas. Nesse sentido, sua função de alçagem faz parte de um conjunto de tecnologia relacionada à produção do prazer sexual, chamada pela sexologia de orgasmo (PRECIADO, 2014). Estas não têm menos importância que as anteriores, mas, atuam de modo menos aparente. Cuecas e cintas sustentam *packers* e outros próstéticos tendo caráter de passabilidade e componente da prática sexual. É importante frisar que a literatura sobre essas materialidades é escassa, o que fez desse setor bastante difícil de ser pensado. Aqui entram os comentários de Gabriel, Kaito e Luca. Os outros *youtubers* não comentaram nada a respeito desse tipo de materialidade.

A cinta, assim como a cueca cumprem uma função de acoplagem (MOL, 2002) de alçamento tecnológico entre corpo do homem trans e as materialidades próstéticas que mimetizam ou homologizam o pênis, ou seja, *packers*, prótese peniana ou qualquer outra nomeação possível. Também pode ser utilizado o termo *strapon*, ou também conhecida como cinta peniana é amarrada ao quadril. Ela permite penetrar outra pessoa e é feita com vários estilos para facilitar a estimulação sexual. Pode ter saliência para penetração na vagina ou massagedor de clitóris de quem penetra. Pode ser utilizada para várias atividades sexuais, como sexo vaginal, anal, oral, masturbação, e tem uso comum entre lésbicas. Tais artefatos são facilmente encontrados na internet e em lojas de sex-shops, e sua materialidade lembra a *leather culture* ou *leather folk*, cultura do couro que começou a reunir apreciadores do motociclismo que gostavam de usar roupas de couro e se encontravam em bares pelos EUA. É a partir dessa cultura que o movimento do sadomasoquismo ganha proeminência e começa a reunir pessoas interessadas nas práticas de ‘radical sex’ nos anos 1970 (GREGORI, 2016). A ideia de uso de cintas, ou do neologismo “cintaralho” são também associadas as práticas sexuais denominadas de *pegging*, ou seja, a prática sexual em que uma mulher penetra o ânus de um homem

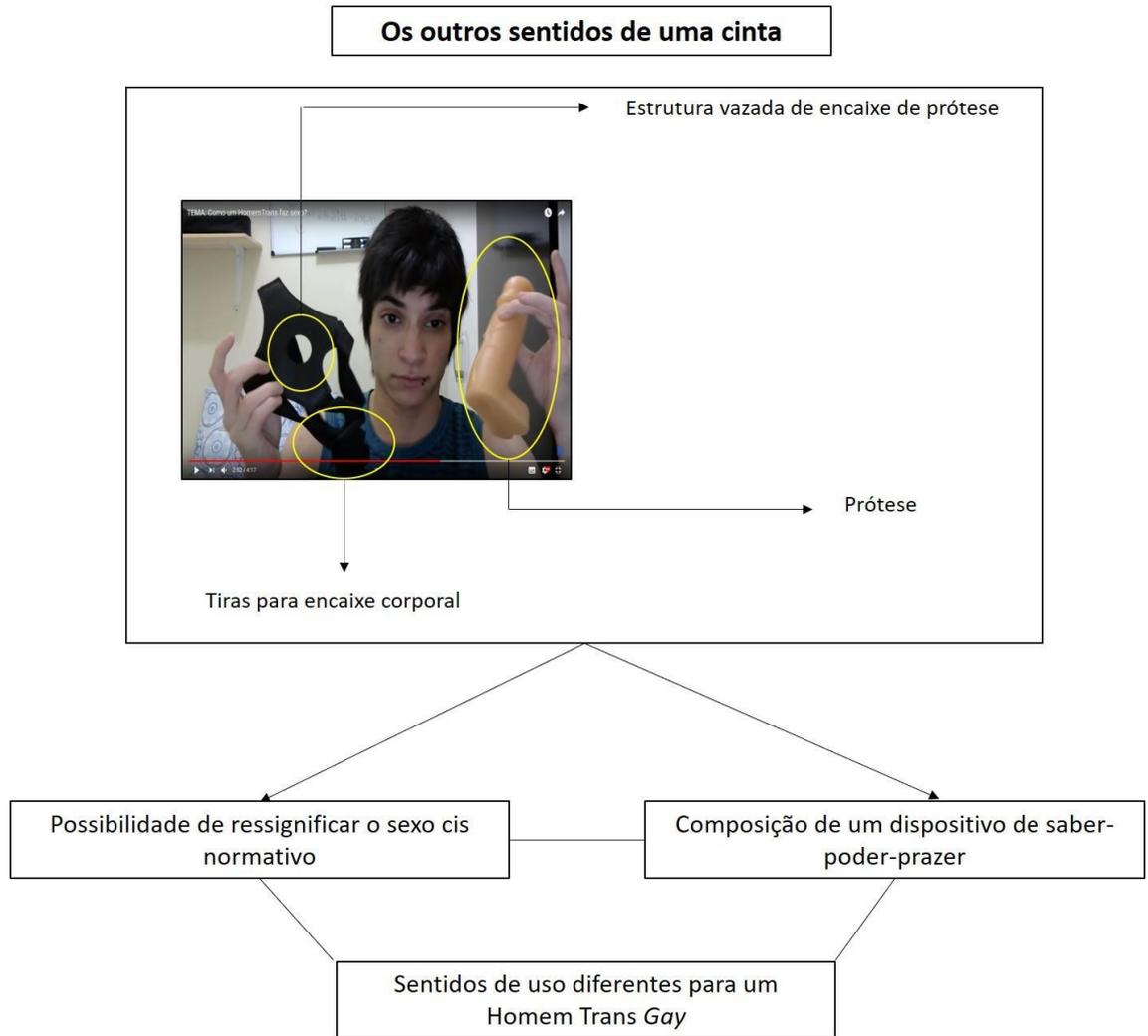
identificado como heterossexual usando um cintaralho, também conhecida como inversão de papéis (LEWIS, 2016).

Tomarei essas materialidades como técnica de constituição de si. Quanto Preciado (2002) caracteriza tecnologia em Foucault – não é apenas um conjunto de objetos, instrumentos, máquinas, mas dispositivos de saber/poder que articulam instrumentos e textos, discursos, regimes do corpo, regras, leis e regulações dos enunciados de verdade. Técnica é micropoder artificial e produtivo que circula institucional e corporalmente em todos os níveis da sociedade. A tecnologia do sexo está nas formas de controle da sexualidade. Nesse sentido, o controle da sexualidade não se opera pela proibição negativa, mas na produção de desejos e prazeres que parecem resultar de disposições naturais (homem/mulher; heterossexual/homossexual) que reificam identidades (trans) sexuais. A melhor forma de controle da sexualidade é a produção de desejos e prazeres. “As técnicas disciplinadoras da sexualidade não são um mecanismo repressivo, e sim estruturas reprodutoras, assim como técnicas de desejo e saber que geram diferentes posições de sujeito e saber-prazer” (PRECIADO, 2002, p.156).

Os exemplos de usos tecnológicos iniciam com os adornos que Kaito descreve: o uso da cinta para acoplagem da prótese peniana comprada em *sex-shop*.

[Kaito] E o mais comum de todos é esse, que a gente usa com uma cinta.

Imagem 26: Os outros sentidos de uma cinta.



Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2020. Layout: SOUZA, R.

A cinta mostrada por Kaito é formada por duas partes, uma quadrangular com um buraco central parece ser um material em poliéster. Cada região de extremidade desse quadrante se prolonga com tiras elásticas pretas e grossas para envolver a cintura e pernas a fim de ajustar com o corpo.

A cinta que Gabriel apresenta é um artefato formado por uma base triangular de couro que acompanha o formato da região pélvica e quatro tiras aparentemente de tecido. A parte frontal é composta por duas folhas de couro, a da frente vazada com um buraco redondo que acompanha um friso de vinil, e uma folha de trás que é inteira. Duas pontas desse triângulo ficam horizontalmente alinhadas na cintura e irão se ligar com as outras duas tiras que

convergem da cintura por trás das pernas para o lado da ponta inferior da base de couro. Por meio da imagem, Gabriel demonstra a cinta peniana e relata também o desconforto que sente em relação a ela. Embora Luca não tenha demonstrado nem aprofundado esta temática em seu vídeo, em uma passagem de sua narrativa sobre o uso de acessórios ele confirma a informação de que, dentre eles, o *strapon* (cinta) não é uma regra para os homens trans:

[Luca] Outra coisa está relacionada a acessórios. Tem **alguns homens trans que gostam de usar *strapon*** , ou vibradores, ou outros acessórios, e **tem outros homens trans que não gostam disso**.

Já para Gabriel:

[Gabriel] E eu usava ele (prótese peniana) com essa cinta aqui, né? É, sendo que a cinta **me irrita um pouco, tira um pouco do sério** e no fim eu acho que pega muito e eu não me sinto confortável.

Imagem 27: Os outros sentidos de uma cinta II.

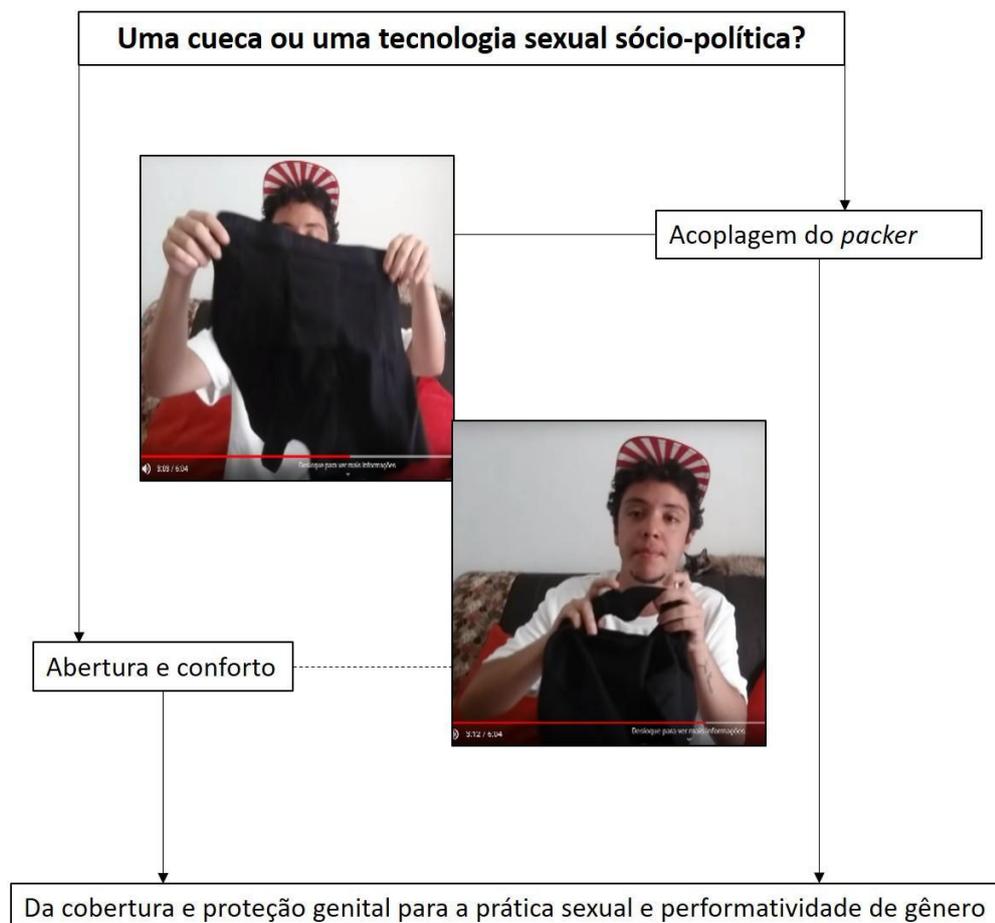


Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2020. Layout: SOUZA, R.

Na abertura redonda do centro dessa base triangular é possível introduzir a prótese por dentro, sendo afixada no ajuste entre a base de couro e o corpo da pessoa e as tiras de tecido prendem a prótese produzindo um efeito mais estético do que produção de um pênis. Esta materialidade, embora pareça produzir um efeito estético eficiente, apresenta indícios de não estar completamente adequada ao corpo do homem trans. A base triangular é um material liso de couro sem nenhuma adequação morfológica em relação ao corpo do homem trans, e por isso foi descartada da cena sexual. A prótese, para fazer parte do corpo do homem transexual, estará sempre atrelada ao uso de uma cinta que, na opinião de Gabriel, é desconfortável.

Em seguida, o Gabriel relata que procurou uma cueca para usar com o *packer*. Trata-se de uma cueca estilo *box* com abertura frontal. A marca Lupo é frisada por ele, de modo que se encontra materialidades mais adequadas às necessidades de homens trans em uma loja de departamento voltada ao público (cis) masculino do que em uma loja especializada em artigos sexuais.

Imagem 28: Cueca e tecnologia.



Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2020. Layout: SOUZA, R.

[Gabriel] então eu passei a usar, o outro modelo eu não achei, mas tem esse modelo que é tipo box, não achei a outra cavada que é a que prefiro. [...] Essa cueca é **superconfortável**, ela é da LUPO e ela é uma cueca com abertura. Você consegue pegar e colocar aqui no meio, coloca em você tranquilo. Ela é **supergostosa**, eu sou apaixonado nessas cuecas da LUPO, tem que ser na loja própria da LUPO, até porque é uma cueca com abertura, então é uma coisa bem específica. Mas é muito confortável, **supergostoso** de usar, **na hora de botar o packer fica bem certinho, dá tudo certo**.

Gabriel fez uma reapropriação da cueca, uma tecnologia sexual sócio-política, porque transforma o corpo (trans) generificado. Ser um homem trans com pênis não foi necessariamente rechaçado, mas restituído com o uso de uma materialidade (cueca que segura/acopla o *packer*) prostética que faz o corpo de Gabriel como um corpo sexuado. Cueca, nesse contexto, faz sentido à medida que ‘segura’ o *packer* e ‘assegura’ o corpo do homem sexuado falante. Esse suporte é o que permite estilizar o corpo sexuado (BUTLER, 2003) na medida que acopla a materialidade prostética (PRECIADO, 2002). O caráter de recriação tecnológica também (PRECIADO, 2014) dá-se à medida em que uma cueca, materialidade que foi designada para uma determinada função, roupa íntima, é utilizada como dispositivo de acoplagem do *packer* ao corpo de Gabriel.

Toda técnica que faz parte de uma prática repressiva é suscetível de ser corada e enxertada em outro conjunto de práticas, reapropriada por diferentes corpos e invertida em diferentes usos, dando lugar para outros prazeres e outras posições de identidade. De fato, em meados do século XX, a maioria dessas técnicas vai se transformar em ritos de iniciação e em práticas que irão constituir sexualidades alternativas na subcultura *gay*, lésbica e S&M (PRECIADO, 2014, p. 108).

Curioso que, em sua fala, a característica da cueca é demarcada de modo acentuado, ou seja, não diz que é confortável, mas que é ‘superconfortável’ e que também tem uma abertura análoga ao buraco na saída da ‘prótese’ anterior. Confortável e gostosa são termos atrelados à ideia de que “o *packer* fica bem certinho, dá tudo certo” [Gabriel]. O tecido da cueca é o que produz maior conforto do que a cinta. Podem ser utilizadas tanto as *boxes* como as cavadas, ou seja, modelo *slip*. Aqui temos dois objetos, cuja primeira função é a de junção com o corpo do sujeito. A cinta também é um artefato que sustenta uma materialidade, porém, tem uma função exclusiva: ajustar o objeto ao corpo do homem transexual para fazer sexo. Ela ajusta, aproxima e sustenta a prótese peniana, podendo ser feita de inúmeros materiais: couro, poliéster, tecido.

Curioso que, no universo *gay*, o couro é bastante utilizado como um signo de práticas sexuais. Kaito é *gay* e não fala em nenhum momento sobre desconforto com a cinta. Gabriel frisa que descartou tais elementos. Kaito não relatou desconforto com o *packer*, tampouco com a cinta, performatividades que podem ser pensadas em suas diferenças. Seria o fato de Kaito

ser *gay* que tal objeto não figura como desconfortável? Gabriel se sentiria mais confortável utilizando um *packer* com uma cueca em decorrência de uma performatividade heterossexual?

Nesse sentido, a ligação (material/corpo) vai garantir que ocorra o prolongamento dessa materialidade como pertencente ao corpo do sujeito. A ligação prótica pode aparecer como maior ampliação e/ou diminuição de fronteiras entre corpo orgânico e não orgânico (HARAWAY, 1991).

A cueca serve para cobrir e proteger os órgãos sexuais masculinos. Aqui, são adicionadas mais duas funcionalidades: a prática sexual e as performatividades de gênero. No que consiste à prática sexual, Gabriel nos ensina que ela serve para fazer essa função de ligamento entre o *packer* e o corpo do homem trans. Prefere a cueca cavada à box, mas é possível utilizar as duas. Entretanto, ela deverá ter uma abertura para que seja colocada a prótese.

A escrita de si (FOUCAULT, 2008) acontece, por exemplo, quando Gabriel explica onde o *packer* pega em seu corpo sexuado, onde a boleação toca no seu clitóris, em coordenação com a cueca. Acontece também quando rejeita a prótese e passa a usar o *packer* quando experimenta o tipo de cueca e define que um dos tipos (slip) é melhor adaptável e ensina que se usa um número menor para fazer sexo, diferente de um uso cotidiano. Os critérios de ser confortável, ter abertura e ser uma loja própria da LUPO fazem contraste com a cinta. Ela é desconfortável e, de certa forma, demonstra a presença de uma materialidade inorgânica. Gabriel é heterossexual. Kaito é *gay*. Penso que a performatividade heterossexual masculina assimilou mais a passabilidade corporal masculina. A função de sustentar a prótese peniana, ligar prótese ao corpo do sujeito e ajudar a penetrar aumenta a passabilidade e faz o *packer* ficar “certinho”. Em alguns casos, a cinta pode irritar e produzir desconforto, mas produz também o corpo (trans) homem *gay*.

Cueca e *packer* não se confundem. Tem caráter ontológico distinto. São tecnologias, mas na ausência da cueca, algo que cole o *packer* ao corpo do homem trans, ele perderia a função material coordenada ao corpo. Funcionalidade é o que faz da cueca um componente que estiliza o corpo sexuado junto ao *packer*. Mas que contribuem para constituir uma “nova condição natural” (PRECIADO, 2014) em que a cueca e a cinta coordenadas permitem que estes materiais trabalhem juntos (MOL, 2002). Novas tecnologias são criadas para suprir determinadas necessidades – uso de próteses pelos homens trans.

Em suma, Gabriel e Kaito falaram de cintas e cuecas; Luca comentou rapidamente sobre *strapon*. Nenhum outro *youtuber* comentou algo sobre essas materialidades. As cintas penianas

estavam disponibilizadas dentro de uma cultura heterossexual, entretanto são reapropriadas pelos homens trans e entram na cena sexual como um suporte para compor seu corpo sexuado. Ambas têm função de alçamento, mas parece que elas se localizam em diferentes culturas sexuais.

Kaito participa de uma cultura *gay* e apresenta a cinta como uma possibilidade desse alçamento. Gabriel participa de uma cultura heterossexual e traz a cueca como uma alternativa que, de forma confortável, contribui para a performance sexual. Entretanto, é necessário que se utilize uma cueca um número menor do que aquela em que ele utilizaria no cotidiano.

Embora as cintas e cuecas não estejam no centro da prática sexual, não são menos importantes pois se tratam de materialidades que viabilizam a cena sexual na medida que acoplam as materialidades prostéticas que mimetizam ou homologizam o pênis ao corpo do sujeito trans.

5.4 Binders e Camisetas

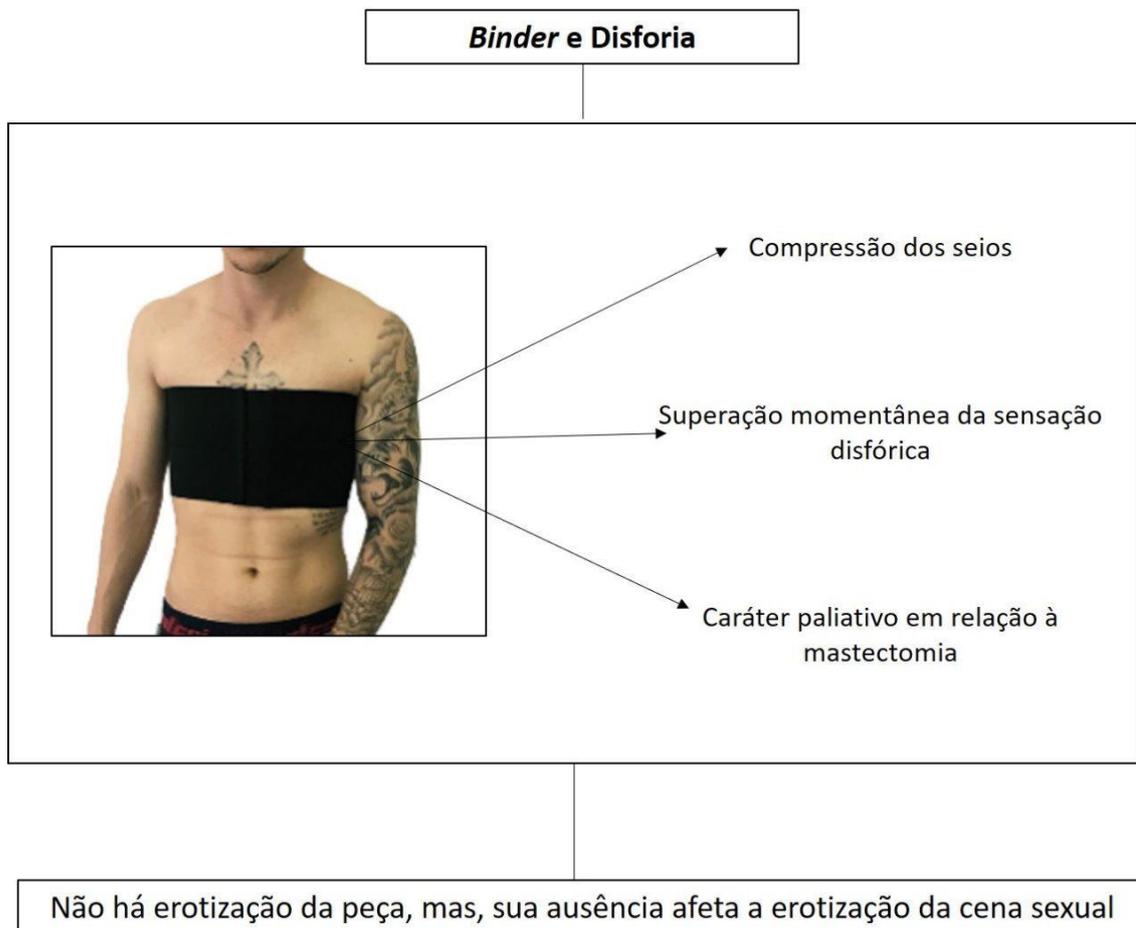
Este setor abre uma discussão sobre o papel dos *binders* e das camisetas na cena sexual dos homens trans. Embora seja um debate que se ligue diretamente à temática da disforia, quero refletir sobre como ele atua na cena sexual dos homens trans como materialidades de uma nudez composta a partir das contribuições de Bruno Alves e Luca Scarpelli.

Também chamados de *chest binder* (ALMEIDA, 2010) o uso dos *binders* está relacionado a transformações corporais (mastectomia) que ainda não aconteceram, e trata-se de coletes e faixas para esconder o volume superior (ÁVILA, 2014). Pedrini (2017) demonstra como o *binder* aparece em espaços de sociabilidade dos homens trans. Descreve inicialmente como uma materialidade caracterizada como “tira elástica colocada no corpo para comprimir os seios”, função de grande importância para eles. Eles realizam uma ressignificação do uso, pois não foi criado para os homens trans, já que, inicialmente, foi projetado para uso breve em pós-operatório em pessoas que tiveram algum trauma na região abdominal. Pedrini (2017) diz que uma relação de amor e ódio se estabelece entre os homens trans e o *binder* em decorrência de sua necessidade (planificação da região dorso peitoral), e o desconforto que o mesmo produz (PEDRINI, 2017, p. 36). A autora diz não saber onde começa e onde termina a relação com o *binder*, resultados e consequências, onde são encontrados ou se vão gostar ou achar desconfortáveis. Sabe-se apenas que eles são refeitos de modo constante e demonstram, ao mesmo tempo, o simples e o complexo dessa relação (PEDRINI, 2017). Pode ser uma espécie de colete elástico ou uma faixa torácica que tem por finalidade minimizar ou esconder o volume

dos seios (MARANHÃO, NERY; 2015; RODRIGUES, 2019). Eles pressionam os seios para simular um tórax masculino, ou seja, um tórax plano (FREITAS, 2014). Também definida como peça de roupa que altera a aparência das mamas, a prática de *binding* deve ser realizada com cuidado pois quando utilizado de forma errônea corre risco de causar danos corporais como sangramentos, provocar nódulos e dores (CORDEIRO, 2016). *Binder* pode ser definido ainda como qualquer tipo de roupa ou tecido que altere ou minimize a aparência dos seios (AMORIM, 2016).

Assim como os *packers*, os *binders* são materialidades que ganham vídeos exclusivos dos homens trans *youtubers*. Contudo, o objetivo será demonstrar como eles entram na cena sexual, e apenas Luca e Bruno trazem esses relatos.

Imagem 29: Binder e disforia.



O uso do *Binder* (também chamado de *Staples*) e camisa parecem figurar como elementos que estão presentes em uma mesma área de significação corporal: o dorso. Seu uso está relacionado à diminuição da disforia e há alguns relatos produzidos em relação ao contexto da cena sexual. Embora Bruno não tenha problemas com toques, ou qualquer outro possível signo de disforia, fala sobre sua preferência em permanecer de camiseta ou *binder*. Em seguida Bruno demarca seu lugar de sujeito sexual na cena.

[Bruno] Eu **não tenho** uma coisa que fala tipo “**não me toque, não gosto disso**” tipo eu não sou assim. [...]. Muitos caras trans têm a disforia com o próprio corpo [...] eu sou assim em relação [...] à mastectomia, que eu ainda não fiz. Então **eu não gosto de tirar a camiseta, ou de tirar o binder**. Normalmente eu fico com o *binder*. [...] Quem vai me forçar a arrancar essa camiseta? Quem que vai me forçar a colocar os peitos pra fora? Ninguém, então pronto. [...] Então, eu acho que é isso, **só que eu acho que precisa respeitar cada disforia** que cada cara tem, que cada homem trans. Que é o que vai importar.

Camisetas também são importantes materialidades que entram na cena sexual quando há presença de disforia com relação ao ‘peito/peitoral’ de alguns homens trans que não realizaram a mastectomia. Além de cumprir uma função de composição do vestuário masculino, soma algo que passa pelo seu uso no curso da cena sexual, na função de encobrir ou ocultar uma parte do corpo para a realização da prática sexual, materialidade que retira do corpo do sujeito algum componente de desconforto. Luca não falou de não tirar a camiseta, mas não abre mão de usar o *binder*. A falta do *binder* acionaria o sentimento de disforia na cena sexual, ao passo que a camiseta, peça masculina, pode participar e, em alguma medida, ser retirada.

Camiseta e *binder* são peças que entram na cena sexual como paliativos para quem não realizou a mastectomia, ou seja, quando ‘peito’ e ‘peitoral’ estão presentes, performando masculinidades à medida em que neutralizam o signo de feminilidade

O modelo de corpo dos homens trans parece articular mente (gozo/parte psicológica), corpo (coito psicológico), *packer* e *binders*, ou seja, é a incorporação de objetos cujas materialidades compõem o modelo *cyborg* (HARAWAY, 1991), de corpo contra sexual (PRECIADO, 2002).

Uma materialidade corporal que esteja investida de um signo de disforia (peitos femininos) não é passível de ser mostrada. O contato visual com alguma parte que o sujeito sinta disforia não é algo que ele queira que ocorra. Como colocado por Bento (2006), o contato visual ou tátil com a genitália que pode gerar incomodo por poder gerar desconfiança com relação à masculinidade.

Quando falam de ‘conversar’, há a exposição do que é disforia e sobre a presença de materialidades significadas como disfóricas. O encobrimento, antes da mastectomia, não seria uma solução completa. Visto que, a solução completa seria não ter peitos femininos. No entanto, o uso da materialidade funciona como uma forma de diminuir o significado feminino nesse corpo. Luca fala da importância em saber como a pessoa se sente em relação à disforia e como isso se apresenta na cena sexual.

[Luca] também uma coisa importante de ver é [...] **se a pessoa não fez a mastectomia e sente muita disforia com o peitoral. Às vezes ela prefere fazer sexo usando uma camiseta.** [...] porque imagina, está lá naquele *strip-tease caliente*, vai lá tirar a camiseta da pessoa e às vezes ela prefere ficar com.

A camisa, que no *strip-tease* é uma materialidade feita para ser retirada, afinal de contas o que importa é o corpo, acaba por ser condição *sine qua non* para a prática sexual. Ela quase ocupa a classe de um elemento corporal como o *packer*, que é colocado para prolongar a corporosexualidade. Contudo, o *binder* e a camiseta servem para abreviar o significado feminino que a materialidade peito/peitoral, não mastectomizada, produz no contexto da cena sexual.

Se o *strip-tease* é uma prática em que vagarosamente a pessoa vai seduzindo, ao dançar, realizando a retirada das roupas para ao final estar nua, aqui temos uma ideia de nudez composta pelo *binder e/ou* camiseta. A sedução está no contexto de ausência da materialidade do “peito/peitoral”. Desse modo, há de se pensar em uma eroticidade que preserve a camiseta em termos de componente córporosexual desse sujeito.

Adornos são utilizados, entretanto não há uma nudez completa do corpo do sujeito. O que Luca e Bruno colocam é que a nudez aqui está composta pela presença de algo que está encobrindo. Não há indícios de que haja uma erotização da camiseta. Entretanto, na presença da mastectomia, ela seria descartada, assim seu uso parece estar como um componente da nudez provisória e se constitui como uma materialidade que diminui a sensação de disforia para os sujeitos. Há também uma questão de perceptividade e observação do comportamento do outro. A prática sexual está atrelada à percepção sobre o que a pessoa gosta ou não de fazer. Percepção é uma classe de sensibilidade que está para além de falar. Se antes foi falado o que produz ou não sensação de disforia, a cena sexual comporta, além da conversa, a necessidade de desenvolvimento da percepção. Conforme Bruno:

[Bruno] Ou na hora você pode perceber também, porque normalmente a gente percebe na hora: **se eu não tirei a camiseta é porque eu não estou a fim de tirar a camiseta**, pronto; acabou. **Quem vai me forçar a arrancar essa camiseta? Quem que vai me forçar a colocar os peitos pra fora? Ninguém, então pronto.**

Tomando a experiência como correlação entre cultura, saberes, normativas e subjetividades, ou seja, forma histórica de subjetivação (FOUCAULT, 2009), o ethos que os homens trans vão construindo como uma forma histórica de subjetivação passa pelos jogos de verdade na medida em que são acionados discursos psiquiátricos para caracterizar a disforia, como o fizeram Luca, Gabriel e Bruno, mas também com a sexologia e anatomia descritiva como Társio, ao dissecar a vulva. Eles entram em um jogo de poder onde os *youtubers*, além de ter o domínio desse saber, também constituem dois lugares: o de quem ensina algo para alguém e o de quem é seguido por alguém, pois acabam sendo referência para inúmeros seguidores. No que concerne à ética, lembrando que o *YouTube* é um arquivo, e arquivo é e faz corpo sexuado de homens trans, então os mesmos acabam escrevendo uma narrativa de si em que se inscrevem, mas, escrevem um modo de sentir pensar e agir que serve de referência para outros homens transexuais, acentuando que se trata sim de um modo voluntário de sentir, pensar e agir, por exemplo, quando Bruno diz que a questão de tirar ou não a camiseta passa pela sua vontade. A atuação do sujeito na cena sexual está atrelada a uma volição, e não tirar a camiseta significa que o sujeito não quer executar a prática do *strip-tease* na sua acepção tradicional. Quando o/a parceiro/a força a ‘colocar os peitos pra fora’ coloca na cena uma materialidade corporal indesejada e esta atitude pode ser interpretada como violência.

Em suma, a investigação sobre o lugar ocupado pelas materialidades na prática sexual de homens trans *youtubers* nos mostrou que elas aparecem em termos de objetos externos que podem mimetizar ou homologizar o pênis. Nesse sentido, as materialidades nos evidenciam o caráter material e prostético da performatividade. A materialidade entra no ajuste da sincronidade entre os corpos, construída a partir de experimentações entre corpo e materiais, o que amplia as possibilidades de práticas sexuais. As bases de contato da materialidade refletem se o material foi feito para ser utilizado pelos homens trans ou não. A acoplagem pode se dar de várias formas – interna, plana e os homens trans podem utilizar de várias formas, não sendo uma regra geral para todos. A materialidade do dildo permite que as posições ativo/passivo se confunda a medida em que a o lugar penetrante-penetrado se confunde. Penetrar é algo que se realiza a partir de uma materialidade (pênis, língua, dedos, dildos, *packers*, clitóris, vagina) e não do seu caráter morfológico.

Outro conjunto de materialidades está relacionado com as alçagens, as quais tem função de sustentação e planificação. A sustentação se apresenta através das cuecas e cintas que podem ser utilizadas pelos homens trans para sustentar próteses penianas, *packers*, outros dildos. Elas não protagonizam a cena sexual, mas dada a sua função – alçar as materialidades aos corpos –

o curso da cena sexual mudaria. As que planificam – camisetas e *binders* – atuam no sentido de minimizar volume dorso peitoral, e, na ausência da mastectomia, entram na cena sexual realizando uma nudez composta – da materialidade *binder* ou camiseta.

6 IMPRESSÕES (E) AFETIVAS: SOBRE CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta tese foi compreender a sexualidade dos homens trans *Youtubers*. Não tenho como me furtar de demarcar o que esse processo de construção de conhecimento representou para a minha vida pessoal em termos subjetivos e em termos políticos. Entrei no doutorado em 2016, em Recife, onde encontrei uma efervescência política de luta contra os ataques à democracia e ascensão de um discurso moralista e conservador marcado por preconceitos e discriminação em diversos aspectos. Nesse contexto, houve uma espécie de renovação das minhas esperanças nas lutas sociais, sobretudo no que se refere às ocupações ocorridas nas escolas e estendidas para as universidades. Entre caminhadas na avenida Conde da Boa Vista, acampamentos na praça do Derby e ocupações na UFPE, tive a oportunidade de confirmar minhas convicções que, de alguma forma, estavam adormecidas em decorrência dos processos de trabalho que acabam capturando nossas energias. Meu doutorado foi um processo vital de restituição das minhas convicções subjetivo/políticas. Sendo assim, o recado que esta tese está buscando transmitir para essa onda de conservadorismo que vem tomando conta do cenário institucional brasileiro é de que continuaremos escrevendo sobre a nossa sexualidade. Tenho lamentado por nós (LGBTQIA+), por eles (homens trans), por mim (gay). Aprendi que o “eu” está em primeira pessoa por uma hierarquia de linguagem colonialista. Precisamos de diferenças, mais do que nunca. Elas são fundamentais essencialmente neste momento.

Uma pequena tristeza volta e meia aflora nesse processo de término de doutorado. Trata-se do fechamento desse ciclo em que eu deixo o lugar de estudante (o fato de ser doutorando e pesquisador não me fez menos estudante e aprendiz). Entre os desafios da escrita e os prazeres que a temática proporciona, construí um debate que, para muitas pessoas, pode não ser interessante, mas para outras, especificamente quem se interessa sobre sexualidade humana, tem a possibilidade de contribuir de algum modo.

A pesquisa não é a mesma desde minha entrada no doutorado. Embora tenha feito uma proposta de pesquisa para a qualificação que almejava trabalhar com entrevistas presenciais e construir biografias, a nova opção pelo *YouTube* foi necessária em decorrência do limite de tempo atrelado ao comitê de ética. Acompanhar os homens trans no *YouTube* e analisar o que eles têm a dizer sobre a própria sexualidade modificaram completamente as perguntas que eu faria em uma pesquisa presencial com entrevistas. Entretanto, o próprio *YouTube* se mostrou como um importante campo de pesquisa.

A tese demonstrou que se forma uma paisagem sexual dos homens trans. Entendo como paisagem sexual, ou paisagem erótica, o conjunto de narrativas produzidas por sujeitos sexuais que vocalizam a existência e as singularidades dessa população. Essa paisagem pode ser um balizador para produção de políticas públicas para esses sujeitos que, via de regra, têm seus direitos violados e são colocados em situação de vulnerabilidade.

Demarcação das singularidades nos vídeos: Em cada um dos seis vídeos os *Youtubers* demarcam singularidades sobre como fazer sexo com homens trans. Essa diferença, penso, se dá pela universalização do acesso a um conteúdo (*YouTube*) que permite que diferentes vozes sejam projetadas (e somadas) trazendo percepções sobre uma mesma temática. Kaito trouxe materialidades homólogas ao pênis (dildos e brinquedinhos) e demonstrou que, por meio do seu uso, elas podem borrar fronteiras dos papéis insertivo/receptivo. Gabriel Viana concentrou sua fala no uso do *packer* e sua relação com a cueca, o que demonstrou o aspecto mimético da materialidade. Lucca Scarpelli aprofundou o aspecto da disforia na cena sexual colocando em pauta que o desprazer também compõe a paisagem sexual humana. Bruno Alves demarca singularidades e aparece em vários vídeos corroborando as falas de seus colegas. Thiago Peniche aprofunda as estratégias “pedagógicas” de linguagem para a subversão da cisgeneridade na realização das práticas sexuais. Társio Benicio demarca a dimensão do corpo e da regenitalização dos órgãos genitais como possibilidade de serem interpretados como vagina, produzindo uma ontologia de corpo sexuado de homem.

Investigando as contribuições contemporâneas que possibilitam a subversão das concepções naturalizadas sobre corpo e sexualidade, Preciado, Foucault, Butler, Morland, Mol e Ribeiro foram de fundamental importância para pensar o corpo sexuado fora do marco cisheteronormativo.

Preciado, ao propor o conceito de contrassexualidade, amplia a compreensão de desejo, excitação sexual e orgasmo para além dos órgãos sexuais vistos como reprodutivos, falando de uma sexualidade que se encontra na totalidade do corpo. As narrativas aqui analisadas reforçam essa ideia quando, por exemplo, Társio explica que ter vagina não está vinculado a um corpo de homem ou de mulher, mantendo relativa autonomia entre corpo sexuado e performatividade de gênero, embora essas instâncias se comuniquem.

Enquanto Butler (2003) desafia o caráter imutável do sexo apontando a disciplinarização dos corpos que produz a falsa estabilidade do gênero e da sexualidade, os homens trans *Youtuber* compõem lugar de sujeito sexual à medida em que provocam uma contraontologia sexual. Seus discursos vão sendo tecidos na interface entre narrativas

científicas e empíricas construindo um lugar de fala em que estratégias contranormativas são acionadas para pensar uma experiência contraerótica possível.

Ao analisar as narrativas, percebi que os homens trans subvertem a sexopolítica por deslocar as verdades preconcebidas ao relativizarem concepções presumidas sobre prática sexual, corpo e desejo. A contrassexualidade compareceu nos discursos sobre a decomposição do corpo, das práticas e da linguagem, mas também na proposta de recomposição e regenitalização de corpo sexuado. A decomposição morfológica, fisiológica, linguística e, na minha opinião, ontológica se dá quando uma “pessoa que tem vagina” não se define como homem ou mulher, cisgênero ou transgênero, mas sujeito sexual

Diante do que foi visto, é importante dizer que um trabalho sobre sexualidade humana deve levar em consideração as singularidades que constituem a “multidão” de sujeitos. Constituir-se como sujeito sexual implica na apropriação de saberes (empíricos e científicos) para vocalizar singularidades e evitar generalizações, mas também para desenvolver e afirmar o processo de sexuação do próprio corpo que passa pela dimensão de saberes e práticas sobre si.

Determinadas práticas identificam os sujeitos como homens, o que gera riscos. Quando a materialidade estabelece esse limite, se busca o reconhecimento psicológico, pois aquilo que está relacionado à autoimagem do sujeito é o que o define enquanto tal, e não a morfologia da materialidade. Entretanto, materialidade e subjetividade andam juntas.

Se fazer sexo é dar prazer ao outro, uma ação “pedagógica” de conversa para esclarecimento da sexualidade do outro é ter domínio dos signos sociais que constituem a experiência desse sujeito. Dessa conversa, decorre a necessidade de entender que há uma evidência material de um corpo sexuado (cis/trans), que transformações corporais estão presentes e materialidades corporais são percebidas de modos distintos.

A tese também buscou compreender as estratégias que possibilitam as práticas sexuais dos homens trans *Youtubers*. Nesse sentido as estratégias de obtenção de prazer sexual perpassam a compreensão da disforia (e conseqüentemente do universo trans) e aprendizagens que fazem um deslocamento da lógica cisgênera para a transgênera.

Foi demonstrado que se há evidência de uma lacuna sobre o tema no próprio meio trans, ela é maior no meio cisgênero, sobretudo pelo modo como os homens trans são olhados em relação ao papel sócio-sexual. Há uma fantasia no imaginário social de que ser ativo está para o sexo insertivo assim como ser passivo está para o sexo receptivo, o que faz com que homens

trans sejam olhados como passivos, constituindo o que eu chamo de “*mito da passividade plena*”, ou seja, percepção indexal e literalizante das práticas sexuais.

No nível corporal, essa desarticulação também é operada quando o recurso linguístico “assim como” é utilizado para uma equiparação dos órgãos sexuais (clitóris e pênis), o que produz uma aproximação ontológica entre corpos variantes, que ao mesmo tempo em que resguarda singularidade (direção da ereção, constatação do gozo e presença de fluídos sexuais) sublinha similaridade (também fica sensível, também tem prepúcio e glande).

Outras questões apontaram o caráter êmico do termo disforia que confere ao corpo uma materialidade significada por uma história coletiva em que estão presentes preconceitos, opressões ou fobias que se atualizam na cena sexual caso determinados toques ou falas sejam realizadas. Usei a metáfora do mapa em que a rosa dos ventos conduz o modo como a cena sexual pode acontecer. Existem regras de territorialidade corporosexuais que podem ser desconhecidas, mas devem ser reconhecidas quando se trata da vida sexual de qualquer pessoa. Esse mapa sexual contém as histórias singulares dos sujeitos, onde prazer e desprazer devem ser localizados.

Materialidades de alçagem permitem que se faça o corpo sexuado do homem, princípio em que a materialidade se constitui como densidade e adesão. Elasticidade, dureza e adesão são utilizados para construir peitoral masculino - elasticidade do *binder* ou tensão nas faixas de tecido; ligação entre o *packer* e o corpo por meio da cinta, a qual não tem maleabilidade, conserva seu caráter de dureza; cueca, que por ter maleabilidade ajusta e se adapta ao corpo.

Se uma noção de corpo sexuado se constitui do substrato orgânico, psicológico, social e cultural, as materialidades entram na cena sexual porque fazem parte do corpo sexuado dos homens trans. O caráter de alçagem permite que se faça o corpo sexuado do homem, através da gestão de suas propriedades: densidade, adesão, elasticidade, dureza. *Binders* e camisetas constituem uma nova noção de nudez do corpo, que é uma nudez composta.

Novas pesquisas podem ser realizadas dentro dessa temática, com os próprios *Youtubers*, ou mesmo com outros homens trans por meio de método que utilize entrevistas e abordagem presencial. No campo da internet buscar os discursos sobre práticas sexuais em outras plataformas. No canal *YouTube* é possível buscar vídeos sobre outras temáticas em que aparecem as questões de materialidades e práticas sexuais.

As limitações vislumbradas a partir dessa abordagem, do ponto de vista metodológico, se apresentaram na medida em que o aprofundamento das questões só foi possível a partir da disponibilidade dos vídeos no *YouTube*. Discussões sobre práticas sexuais têm sido deixadas

de lado pela literatura, especificamente sobre homens trans. Essa realidade de poucas publicações se constituiu como dificuldade para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla Galvão; FINE, Michelle. Feminismo, Psicologia e Justiça Social: um encontro possível? Uma entrevista com Michelle Fine. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 479-493, dez. 2015.

AIUB, Giovani Forgiarini. Arquivo em Análise do Discurso: uma breve discussão sobre a trajetória teórico-metodológica do analista. **Leitura** (UFAL), Maceió, v. 2, n. 50, p. 61-82, jul./dez. 2012.

ALMEIDA, Guilherme. “Homens Trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.513-523, mai./ago. 2012.

ALONSO, Nílton Tadeu de Queiroz. **Do Arouche aos Jardins**: uma gíria da diversidade sexual. Orientador: Dino Fioravante Preti. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

AMARAL, Daniela Murta do. **Os desafios da despatologização da transexualidade**: reflexões sobre a assistência a transexuais no Brasil. 2011. 107 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

AMORIM, Alexandre de Souza. **Homens (In)Visíveis**: A experiência de transhomens brasileiros nas mídias virtuais. 2016. 249 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *In*: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. **Colonial Discourse and Post-Colonial Theory**. New York: Columbia University Press, 1990. p. 324-339. Disponível em: http://www.intcul.tohoku.ac.jp/~holden/MediatedSociety/Readings/2003_04/Appadurai.html. Acesso em: 20 nov. 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

AQUINO, Júlio Groppa. “Poéticas do arquivo”. *In*: **Fórum Nacional Itinerante Arquivo, Pesquisa e Docência**, 1. Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Lajeado-RS, 2019.

AQUINO, Júlio Groppa; VAL, Gisela Maria do. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogía y Saberes**, n. 49, p. 41-53, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0121-24942018000200041&lng=pt&nrm=iso.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

ARAÚJO, Letícia Rezende de; VIEIRA, Luciana Leila Fontes. A Invenção da Transexualidade. *In*: ARAÚJO, Letícia Rezende de. **Transexualidade**: dos transtornos às experiências singulares. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, p. 49-63, jan./jun. 2006.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2003.

ÁVILA, Simone Nunes. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem**: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. Orientadora: Miriam Pillar Grossi. Coorientador: Richard Miskolci. 2014. 241 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Antônio Carlos Viana. L&PM Editores: Porto Alegre, 1987.

BARBOSA, Bruno Cesar. **Imaginando trans**: saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo. 2015. 187 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. FGV: Rio de Janeiro, 2006.

BENTO, Berenice. **A reinvenção corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos; 328).

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, Ago. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 mai. 2018.

BERSANI, Leo. “Is the Rectum a Grave?” In: **AIDS: Cultural Analysis/Cultural Activism**. Ed. Douglas Crimp. Cambridge, MA: MIT Press, 1988. p. 197-98.

BEZERRA, Armando José China; BEZERRA, Ricardo Flávio de Araújo. Epônimos de uso corrente em anatomia humana: um glossário para educadores físicos. *Rev. Brasil. Ciênc. Mov.*, v. 8, n. 3, p. 47-51, jun. 2000.

BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma**: Acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. 1 ed. São Paulo, Edusp; Porto Alegre, Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 30, p. 3-6, 1979.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução: Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

_____. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAMPBELL, Baird. Learning to be Trans on YouTube. **Platypus The Cast Blog**. Disponível em: <http://blog.castac.org/2017/02/trans-on-youtube/>. Acesso em: 07 fev. 2020.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77-111, 2001.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Tradução: Ingrid Müller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CLARKE, A. et al. **Biomedicalization**: technoscience and transformations of health and illness in the U.S. Durham: Duke University Press, 2010.

COHEN, Cathy J. Punks, Bulldaggers, and Welfare Queens: The Radical Potential of Queer Politics?, **GLQ**, v. 3, p. 437-465, 1997.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-274, jan./abr. 2013.

CORDEIRO, Ana Carolina Silva. **Gênero, corpo, saúde e direitos**: experiências e narrativas de homens (trans) e homens (boys) em espaços públicos. 2016. 215 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. Poética e sonho de arquivo: conceitos, sentidos, proposições, teses, escólios, espólios, pólipos, nóculo final. **I Fórum Nacional Itinerante: Arquivo, pesquisa e docência**. Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Lajeado-RS, 2019. Disponível

em:

https://www.academia.edu/39999001/XXII_ARTIGO_UNIVATES_JUNHO_POS_POETIC_A_E_SONHO_DE_ARQUIVO20190802_1763_oj7dyc.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DINSHAW, Carolyn. “Chaucer’s Queer Touches/A Queer Touches Chaucer”, *Exemplaria* 7 (1995): 75- 92. Disponível em <https://doi.org/10.1179/exm.1995.7.1.75> acessado em 15/06/2018.

DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por*. 2013. 218 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

DUDEMAGAZINE **Transmasculinity**. 2019. Disponível em: <https://dudemagazine.wordpress.com/about/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por**. 2013. 218 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

DUQUE, Tiago. “Com esse eu caso”: homens trans, beleza e reconhecimento. *In: COLLING, Leandro (Org.). Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016.

EFRON, Davis. **Gesture, race and culture**. The Hauge/Paris: Mouton, 1972.

FERREIRA NETO, João Leite. A experiência da pesquisa e da orientação: uma análise genealógica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 20, n. 2, p.533-546, jul./dez. 2008.

FILHO, Alípio de Sousa de. A política do conceito: subversiva ou conservadora? - crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. **Revista Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades**, v. 3 n. 4, p. 59-78, jan./jun. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Francis/Downloads/2296-Texto%20do%20artigo-6411-1-10-20121204.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2018.

FISHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

FLORES-PEREIRA, Maria Tereza; CAVEDON, Neusa Rolita. Os bastidores de um estudo etnográfico: trilhando os caminhos teórico-empíricos para desvendar as culturas organizacionais de uma livraria de *shopping center*. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 152-168, mar. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 37-55.

_____. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007 [1988].

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.** 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007 [1984].

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Os anormais: curso no Collège de France (1774-1975).** 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. Genealogia e poder. *In:* FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 27. ed. São Paulo: Graal, 2014.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, Rafaela Vasconcelos. **Homens com T maiúsculo: Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades.** Orientador: Marco Aurélio Máximo Prado. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade.** Tradução: Lúcia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. (Sexualidade, gênero e sociedade).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTD, 1989.

GIAMI, Alain. Cent ans d'hétérosexualité. *In:* **Actes de la recherche em ciencias sociales.** v. 128, pp. 38-45, jun.1999. Acesso em: 12 mai. 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALBERSTAM, Judith. **Female Masculinity.** Durham: Duke University Press, 1998.

_____. **Masculinidad Femenina.** Madrid: Egales, 2008.

HALBERSTAM, Jack (Judith). A homofobia faz parte do estado teocrático. [Entrevista cedida a] Pedro Fernandes. Caderno Muito. **Jornal A Tarde,** Salvador, 19 ago. 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Porto Alegre: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 7-41. 1995.

_____. **Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature**. Londres: Free Association Books Ltd., 1991.

_____. "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century" *In*: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAQUEUR, Tomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LEITE JR, Francisco Francinete; SILVA, Amanda A. B.; SILVA, Isaura C.S. Modos de vida LGBT no Cariri Cearense: os caminhos trilhados da pesquisa. *In*: **Rev. Interfaces**, v. 5, n. 14, p. 15-20, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v5.e14.a2017.pp15-20>. Acesso em: 07 ago. 2019.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam** - a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. São Paulo: Annablume, 2011.

LEWIS, Elisabeth Sara. **Acho que isso foi bastante macho pra ela: Reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de pegging**. 2016. 333 f. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LIMA, Fátima. Manifesto por uma euforia de gênero *In*: LIMA, Fátima (Org.). **Corpos, Gêneros, Sexualidades: Políticas de Subjetivação**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

LIMA, Fátima; CRUZ, Kathleen Tereza da. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. **Sexualidad, Salud y Scoiedad - Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 162-186, ago. 2016.

LIMA, Ricardo Delgado Marques de. **A Experiência de Viver com HIV/Aids, Relações Afetivo-Sexuais e Adesão ao Tratamento**. Orientadoras: Luciana Leila Fontes Vieira e Maria Cristina L. de A. Amazonas. 2015. 176 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

LIONÇO, T. **Bioética e sexualidade: o desafio para a superação de práticas correcionais na atenção à saúde de travestis e transexuais**. **Série Anis**, Brasília, n. 54, p. 1-6, 2008.

_____. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 43-63, 2009.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312009000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 mai. 2018.

LOMANDO, Eduardo Mardoni. **Processos, desafios, tensões e criatividade nas conjugalidades de homens e mulheres transexuais**. Orientador: Henrique Cartano Nardi. 2014. 136 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque; NERY, João Walter. Trans-homens: a distopia nos tecno-homens. *In*: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília - DF: Ministério da Saúde, 2015.

MAUSS, M. As técnicas corporais. **Sociologia e Antropologia**. Tradução: Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEDEIROS, Ettore; PINHEIRO, Paula; MACEDO, Carolina. Transvestilidades à Brasileira, Hábitos e Experiência Colateral: a semiose que envolve o consumo de pornografia *Shemale* e os assassinatos de pessoas travestis e transexuais. *In*: Congresso Mundos de Mulheres, 13.; Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2018. Tema: Transformações, Conexões, Deslocamentos.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOL, Annemarie. **The body multiple: Ontology in medical practice**. Duke University Press, 2002.

MONTEIRO, Anne Alencar. Pedagogias trans* no ciberespaço: o uso das mídias sociais como ferramenta metodológica na pesquisa de campo. *In*: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017, Salvador. **Anais [...]** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.

_____. Cavalos-marinhos: gestação e masculinidades trans. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade, 5., Salvador, 2017. **Anais [...]**. Salvador: Realize Eventos & Editora, 2017. Tema: Sexualidades e relações de gênero: produção e gestão do conhecimento.

MORAES, Ângela Teixeira de. O discurso em Foucault: noções para uma prática jornalística. *In*: Congresso de Comunicação da Região Centro-Oeste, 12., Goiânia, 2010. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2010. Tema: Comunicação, Cultura e Juventude.

MORLAND, Iain. Qué puede hacer la teoria queer por lo intersex? Tradução livre: Morgan Ztardust. **A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 15, n. 2, 2009, p. 285-312. Disponível em:

<file:///C:/Users/Francis/Desktop/SAlvar/Sanduiche%20UFRGS/Morland%202013%20Qué%20Opuede%20hacer%20la%20teoría%20queer%20por%201%20s%20intersex.pdf>.

MORELLI, Fabio. Os CISTemas das mídias digitais: notas sobre a perspectiva de um homem trans sobre os aplicativos voltados ao público gay. **Periódicus**, Salvador, n. 9, v. 1, mai./out. 2018. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>.

NERY, João Walter; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral. João W. Nery – A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista. **Periódicus**, v. 1, n. 4, p. 169-178, nov. 2015/abr. 2016.

NERY, João Walter; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Abulquerque. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. **História Agora**, v. 16, n. 2, p. 139-165, 2013.

NOGUEIRA, Conceição. Introdução à Teoria da Interseccionalidade nos Estudos de Género. In: NEVES, Sofia (Coord.). **Gênero e Ciências Sociais**. Maia: Edições ISMAI, 2011. p. 67-78.

NOVAIS, Flávia Luciana Magalhães. “**Não tem como chegar à perfeição**”: As múltiplas performatividades da testosterona a partir da praxiografia de Annemarie Mol. Orientadora: Paula Sandrine Machado. Co-orientador: Luis Artur Costa. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

OLEGÁRIO, Fabiane. **Jogo com Arquivos**: procedimentos didáticos tradutórios. 2018. 244 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10**. 10 rev. Tradução: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 3 ed. São Paulo: EDUSP; 1996.

PAMPLONA, Renata Silva. **Pedagogias de Gênero em Narrativas sobre transmasculinidades**. 2017. 336 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017

PARKER, R. **Corpos, Prazeres e Paixões**: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PEDRINI, Mateus Dias. **Homens Trans(bordados)**: Experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PELÚCIO SILVA, Larissa Maués. **Nos nervos, na carne, na pele**: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids. 2007. 313 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PESTAÑA, José Luis Moreno. Qué nos enseña el capital cultural para pensar el capital erótico. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 161-179, jan./mar., 2015.

PERES, William Siqueira; TOLEDO, Livia Gonsalves. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Rev. Psicol. Polít.**, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 261-277, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2011000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 mai. 2020.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p.329-343, mai./ago. 2006.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? *In*: ALGRANTI, Leila Mezan (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. 1. ed. v. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002. p. 7-42.

PIMENTEL, Adelmá S. G.; CASTRO, Ewerton H. B.; MIRANDA Davi M. Compreensão fenomenológica existencial da identidade de homens trans. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, ano 8, v. 2, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2855/1562>. Acesso em: 28 mar. 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contra-sexual**. Madrid: Ed. Opera Prima, 2002.

_____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, jan./abr. 2011.

_____. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

_____. **Testo yonki**. Madrid: Espasa, 2008.

_____. Museu, lixo urbano e pornografia. **Revista Periódicus**, v.1, n. 8, 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23686>. Acesso em: mar. 2019.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. Hipertrofia muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: masculinidades e ética antropológica. Reunião Brasileira de Antropologia, 29., Natal, 2014. **Anais [...]**. Natal: ABA, 2014.

RIOS, Luís Felipe. Fara Logun: a pesquisa formativa e a implementação de um projeto de prevenção para homens jovens com práticas homossexuais no candomblé. *In*: PAIVA, Vera; PUPO, Ligia Rivero; SEFFNER, Fernando (Orgs.). **Vulnerabilidade em direitos humanos: Promoção e Prevenção da Saúde**. v. 2. Curitiba: Jurá, 2012. p. 183-224. (Coleção Pluralidade de Vozes, Inovações de Práticas).

_____. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública** (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, v. 19, n. supl. 2, p. 223-232, 2003.

_____. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do centro do Rio de Janeiro. **Ciência e Saúde Coletiva** (Impresso), v. 13, p. 465-475, 2008.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Experiências transmasculinas: o limiar entre corpo, gênero e desejo na constituição de um sentido de si**. 2018, 333 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RIBEIRO, Inauã Weirich. **Práticas de Gênero no Currículo da Univates: uma perspectiva arquivística e imoralista**. 2019. 243 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2019.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs: Psicologia, Poder e Subjetividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Por que o homem é mais homem que o homem? **Revista de Arqueologia Pública**, v.13, n. 1, Campinas, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Francis/Desktop/SAIvar/youtubers/Artigos%20transexualidade%20masculina/RODRIGUEZ%20Shay%20de%20los%20Santos%20Por%20que%20o%20homem%20é%20mais%20homem%20que%20o%20homem%202019.pdf> Acesso em: 16 ago. 2017.

RUBIN, Gayle. "L'économie politique du sexe: transactions sur les femmes et systèmes de sexe/genre". **Cahier d'Études Feministes**, Paris, n. 7, p. 4-75, 1998.

SANTANA, L. S. **A autoria no YouTube: Um processo formativo contemporâneo**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2012.

SCOTT, Joan. Experiência. Tradução: Ana Cecília Adoli Lima. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Falas de gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.

SOHN, Anne-Marie. "O corpo sexuado". In: CORBIN, Alain; COUTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo: as mutações do olhar – o século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SHAH, N. Playblog, Performance and Cyberspace. **Cut-Up Magazine**, India, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/566219/PlayBlog_Pornography_performance_and_cyberspace. Acesso em: 08 fev. 2019.

SILVA, Larissa Maués Pelúcio. **Nos Nervos, na Carne, na Pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids**. Orientadora: Marina Denise Cardoso. 2007. 312 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

SOUZA, Reginaldo José. **Paisagem e Socionatureza: olhares geográfico-filosóficos**. Chapecó: Editora da Universidade Federal da Fronteira Sul, 2018.

SOUZA NETO, E. N.; RIOS, L. F. Apontamentos para uma economia política do cu entre trabalhadores sexuais. **Psicologia & Sociedade** (ONLINE), v. 27, p. 579-586, 2015.

TEYSSOT, Georges. "**Body Building**". n. 94. Veneza: Editoriale Lotus, 1997.

TURATO, Egberto Ribeiro. Seguindo um fio condutor para a concepção de projetos nas pesquisas qualitativas com o ser humano. *In*: TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 149-22.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

VERGUEIRO, Viviane Simakawa. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Orientadora: Djalma Thürler. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VICTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As Múltiplas Faces da Homossexualidade na obra freudiana. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 2, jun. 2009. p. 487-525.

WHITEHEAD, Alfred North. **Process and Reality**. New York: The Free Press, 1985.